

ELIZABETH ROSS

BELLE EPOQUE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ELIZABETH ROSS

BELLE EPOQUE

Tradução Jorge Ritter



Editora: Raïssa Castro
Coordenadora editorial: Ana Paula Gomes
Copidesque: Maria Lúcia A. Maier e Cleide Salme
Revisão: Renata Coppola Fichtler
Diagramação: DPG Editora Ltda.
Capa e projeto gráfico: André S. Tavares da Silva
Foto da capa: © Kelly Miller, 2013
Título original: *Belle Époque: A Novel of Beauty and Betrayal*

ISBN: 978-85-7686-355-7

Copyright © Elizabeth Ross, 2013
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2014

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R738b

Ross, Elizabeth
Belle Époque [recurso eletrônico] / Elizabeth Ross ; tradução Jorge Ritter. - Campinas,
SP : Verus, 2014.
recurso digital.
Tradução de: Belle Époque: A Novel of Beauty and Betrayal
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-355-7 (recurso eletrônico)
1. Romance infantojuvenil escocês. 2. Livros eletrônicos. I. Ritter, Jorge. II. Título.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

*Há duas maneiras de espalhar a luz:
ser a vela ou o espelho que a reflete.*

— Edith Wharton

Agradecimentos

Gostaria primeiramente de agradecer à minha editora, a sensacional Krista Marino — seu talento, sua paixão e seu direcionamento tornaram este sonho uma realidade. Agradeço enormemente a Beverly Horowitz, que, como colega francófila, compartilhou a fé de Krista neste livro. Agradeço a toda a equipe da editora Delacorte, à designer Stephanie Moss e à editora de texto Colleen Fellingham.

Minha agente, Brenda Bowen, é a mulher mais educada que conheço no mercado editorial, e tenho muita sorte de contar com sua vasta experiência e seu excelente gosto orientando a minha carreira.

Beth Ann Bauman foi uma das primeiras defensoras da jornada de Maude, e me beneficieei de seu incomparável conhecimento a respeito do desenvolvimento de uma história e do ofício de escrever.

Tenho uma dívida enorme com meu grupo de crítica por seu tempo e apoio. Em particular, sou grata a Hilary Hattenbach e Lilliam Rivera, escritoras talentosas e queridas amigas. Também gostaria de agradecer à organização estelar SCBWI, especialmente a Kim Turrisi, que ajudou a fazer com que meu manuscrito chegasse às mãos certas.

Merci a Laura Davies por ser minha guia de Paris durante a viagem de pesquisa. Obrigada a Jennifer Côté pela foto de autora fabulosa.

Obrigada à minha família e a meus amigos, especialmente a meus pais. A paixão de meu pai por histórias, tanto na literatura quanto em filmes, e o gosto de minha mãe pela língua e pela cultura francesas foram dádivas invisíveis que colhi sem perceber.

Por fim, obrigada ao meu marido, Shane... Nada disso seria possível sem você.



1

— Perfeita, simplesmente perfeita — diz o homem robusto.

Metido em um terno que aperta seu torso rotundo, ele me examina minuciosamente, então presumo que seja monsieur Durandeu, porém ele não se apresenta. Em vez disso, caminha à minha volta em círculos, enquanto eu fico parada e sem jeito no meio da sala de estar. Um perfume indistinto paira no ar.

Perfeita. Ninguém jamais havia me descrito assim antes.

Olho de relance para minha bainha encardida e minhas botas gastas. O que vejo é uma garota perdida, uma fugitiva — apenas mais uma abandonada nas ruas de Paris.

Um homem mais jovem, alto e bonito, com queixo quadrado e cabelo castanho ondulado, coloca a cabeça no vão da porta.

— Laurent, entre. — Durandeu acena para ele e anui em minha direção.
— O que você acha?

O jovem se aproxima e olha para mim como se estivesse avaliando uma novilha premiada. Isso deveria ser uma entrevista, mas nenhum deles faz pergunta alguma — se trabalho duro, se sei cozinhar ou costurar. Eles nem perguntaram meu nome. Penso no anúncio de emprego, agora amassado em meu bolso.

PROCURAM-SE MULHERES JOVENS
PARA TRABALHO POUCO EXIGENTE.
DECORO GARANTIDO.
APRESENTE-SE PESSOALMENTE À AGÊNCIA DURANDEAU,
AVENUE DE L'OPÉRA, 27, PARIS.

Presumi que o trabalho seria como qualquer outra posição oferecida a uma jovem sem referências — lavar roupas de cama e toalhas de mesa, tirar manchas de colarinhos, esfregar potes e panelas. Mas agora a sombra da dúvida se abate sobre mim.

O homem mais jovem dá a sua avaliação.

— Não é espetacular. — Ele faz uma pausa. — Talvez para o contrato Dubern?

— Exatamente! — exclama Durandeu. — Lembre-se, a condessa pediu uma ornamentação leve. Você não quer adornar uma debutante como uma matrona da sociedade.

Uma condessa? Meus olhos dançam, olhando de um homem para outro, tentando adivinhar para o que eles acham que sou perfeita, e decido que em algum momento devo ter perdido o fio da conversa. Meu estômago ronca e meus olhos se desviam dos deles. Estou me sentindo tonta. Não é de espantar que eu esteja confusa, pois comecei a economizar demais na comida nos últimos dias. Faz poucas semanas que cheguei a Paris e já gastei a maioria dos meus francos com o aluguel de um quarto lúgubre em um sótão. No fim das contas, fugir foi a parte mais fácil; lutar para sobreviver um dia depois do outro

é que é difícil. Talvez eu devesse ter ficado no vilarejo e aceitado o destino que papai havia arranjado para mim. Eu não estaria com fome, com certeza, não como esposa de um açougueiro. Salivo imaginando os gansos, faisões e patos pendurados na loja de monsieur Thierry. Mas então penso no meu suposto marido — já com seus quarenta anos, com braços enormes e um sorriso perigoso.

— Sim, acho que ela vai servir — diz Durandeu, juntando as mãos em uma palmada resoluta, fazendo sua papada tremer. — Vamos mostrá-la ao meio-dia e ver o que diz a condessa.

Parada em silêncio, não posso deixar de fazer minha avaliação de monsieur Durandeu. Ele me lembra um pombo: as pernas curtas lutando para sustentar o corpo em forma de barril e o peito gordo estufado em um colete de cetim perolado.

Após Laurent ser dispensado, Durandeu finalmente recobra os modos.

— Qual o seu nome, jovem dama?

— Maude Pichon.

Minha voz está rouca, já que estive calada por tanto tempo.

— Pichon... Que nome é esse? — ele pergunta. — De onde você é?

— Poullan-sur-Mer. — Ele parece em dúvida, então explico melhor. — É um vilarejo na Bretanha.

— Isso justificaria seu sotaque, mas podemos trabalhar essa questão.

Sinto os ânimos do meu orgulho bretão se eriçarem.

— O que há de errado com meu sotaque?

Mas ele responde à minha pergunta fazendo outra.

— Quantos anos você tem? Dezesseis, dezessete?

— Dezesseis, *monsieur*.

Ele anui.

— E os seus pais?

— Meus pais estão mortos.

Uma meia mentira. Meu pai poderia estar morto que para mim daria na mesma. Não posso voltar para casa. Não apenas frustrei seus planos de casamento para mim, como também roubei todo o dinheiro no caixa da loja. Parecia uma fortuna na época, mas tudo em Paris custa mais do que eu poderia ter imaginado.

— Que trágico — diz ele sem sinceridade. — Então você leu um de nossos anúncios. Não tivemos muita sorte com eles. Era necessário um texto mais delicado, pensando melhor.

O anúncio de emprego trazia poucas informações, mas trabalho é trabalho — quão enfeitado deveria ser um anúncio de “Procura-se ajuda”?

— Agora temos Laurent como uma espécie de recrutador. Ele é charmoso e simpático. Tivemos resultados muito melhores desse jeito.

Suas declarações ambíguas me incomodam e finalmente reúno alguma coragem.

— *Monsieur*, qual é o trabalho exatamente? — pergunto.

— O pagamento é mais do que justo — ele continua, ignorando-me. — Nós conseguiremos um guarda-roupa adequado para você. Vou mandá-la para nossa costureira, *madame* Leroux, seguindo pelo corredor. Ela poderá conseguir algo mais apropriado para você usar antes que as clientes cheguem. — Ele tira uma moeda de cinco francos do bolso e a pressiona em minha mão. — Bem-vinda à agência — diz.

Esqueço minhas perguntas não respondidas enquanto olho para a moeda de ouro na palma da minha mão. Meu espírito se anima. Eu consegui o emprego? Estou encantada e admirada com a facilidade desse feito enquanto Durandeu me apressa a passos largos para fora do salão, indicando-me o corredor.



Madame Leroux murmura para si mesma enquanto tira os pontos da manga de um vestido. Pilhas de tecido e vestidos em vários estágios de reparo ou criação estão pendurados pelo cômodo. Carretéis de linhas de costura de diferentes cores estão empilhados precariamente, como camadas de um bolo de casamento. Ela usa os dentes para puxar algum ponto que não cede.

— Não é assim que se deve trabalhar... Fazer vestidos finos de material barato.

Ela manifesta sua impaciência e olha para mim, como se a escolha do material fosse culpa minha. Seu cabelo está desgrenhado e malcuidado, os fios caindo sobre os olhos, da mesma maneira como a crina do cavalo de tração de meu pai. Reclamando novamente, ela coloca o trabalho de lado e se dirige para mim.

— Vamos dar uma olhada em você. Abra os braços. — Ela pega uma fita métrica e a fecha em torno de minhas medidas com gestos experientes. — Você é magra como um fiapo. Será que temos alguma coisa em que você não vá sumir?

Constrangida, desvio o olhar. Sempre fui esbelta e, apesar da reputação culinária da cidade, ainda perdi peso desde que cheguei a Paris.

Ela caminha na direção de um suporte com vestidos pendurados e começa a repassá-los. Eu estico o pescoço para ver.

— Por que eu preciso mudar minhas roupas? — pergunto.

Madame Leroux para e se vira para mim, ofendida.

— Nós não podemos tê-la representando a agência desse jeito!

Ela acena com a cabeça para meu vestido azul-marinho simples e continua procurando por um substituto. Aperto a moeda que Durandeu me deu e deixo minha mente vagar livremente. Trabalhando para uma condessa,

provavelmente vou servir em uma casa grande como empregada, ou talvez como governanta. Então me ocorre que os vestidos pendurados no suporte não se encaixam com essa fantasia. Eles não são práticos, feitos de algodão ou lã em tons de cinza ou preto. Em vez disso, são coloridos e extravagantes, feitos de cetim e tafetá.

— Essas roupas não parecem uniformes, *madame* — digo, curiosa para receber uma dica da minha nova posição.

Ela se vira, ruborizada e triunfante, exibindo um vestido de veludo verde-escuro com mangas bufantes.

— Isso porque eles são todos especiais, sua boba. Não há nada de uniforme nos meus vestidos.

Sua resposta não me esclarece nada.

Ela me amarra em um espartilho, que mais me parece uma punição. Então uma anquinha, como uma cauda, é encaixada em torno do meu quadril. Eu visto a saia e a costureira me ajuda com o corpete, trabalhando rápido com os inúmeros botõezinhos. Sou empurrada na direção do espelho e fico perplexa quando vejo como a cor do vestido me empalidece. Imagino o que minha mãe pensaria. Ela adorava roupas — não que chegasse a usar roupas finas trabalhando na loja do vilarejo. Recordo da capa de chenile que ela usava para ir à igreja, e tenho a lembrança de uma estampa de algodão em um piquenique. Se estivesse viva e aqui agora mesmo, tenho certeza de que ela não teria escolhido esse vestido. Com seu tamanho exagerado, as mangas fazem meus ombros parecerem largos; meu peito inexistente está achatado até o esquecimento. Viro de lado e vejo que a anquinha acrescenta vários centímetros ao meu traseiro, fazendo com que minha cintura pareça ainda mais magra. Eu me sinto ridícula.

Há um ruído de passos do lado de fora da sala da costureira e ouço vozes de mulheres passando pelo corredor.

— É melhor você ir andando e se juntar a elas no salão — diz madame Leroux. — Apenas um toque final.

Ela abre uma caixa de joias e tira um broche de cisne horroroso. Ele é exagerado para o meu gosto, mas talvez eu não entenda a moda de Paris. Ela prende o broche em meu vestido com um largo sorriso, os olhos piscando atrás das mechas grisalhas de cabelo.

Olho mais uma vez para meu reflexo e penso que ela não poderia ter se esforçado mais para me fazer parecer um pavor. Uma compreensão sombria começa a tomar conta de mim e a se espalhar como tinta derramada sobre um pergaminho branco. Eu a apago de minha mente.

O coro do tagarelar de mulheres aumenta à medida que me aproximo do salão. Sinto um aperto no peito, minha respiração fica ofegante e então empurro a porta de mogno. Deve haver pelo menos vinte mulheres e garotas espremidas na sala. Todos os assentos estão ocupados — só há lugar para ficar de pé enquanto vou passando por elas para encontrar um espaço. Eu me sinto extravagante no novo vestido. Duas mulheres me olham de esguelha; elas não podem estar julgando minhas roupas muito duramente, pois parece que também foram submetidas ao trabalho da madame Leroux. Fico em dúvida sobre onde devo me posicionar, até que uma mulher rechonchuda de rosto vermelho sorri para mim. Eu sorrio de volta, observando que seu vestido de má qualidade de cor mostarda é pior que o meu. Eu paro ao lado dela. Talvez por comparação eu pareça menos terrível.

Um trinar de risos desvia minha atenção para a porta. Durandeu entra com duas damas da sociedade, aparentemente ricas, e um silêncio cai sobre a sala. Minhas novas colegas congelam e ficam imóveis, olhando ao longe. Eu observo as senhoras ricas, que parecem bonecas — pintadas, perfeitas e delicadas — à vontade em uma sala mobiliada com requinte. Elas caminham entre nós lentamente e com naturalidade deliberada. Uma delas está usando

um vestido preto e branco admirável. Seu cabelo escuro está preso em um coque firme. Sua expressão é de uma pessoa satisfeita consigo mesma: a gata que ficou com a nata. A saia da outra é de um tom rosa iridescente, como a cor de uma concha. Ela tem um riso fácil e a cada instante busca seu reflexo no espelho sobre a lareira. Durandeu saltita entre elas como um spaniel excitado.

— *Madame Vary* — Durandeu se dirige à senhora de rosa —, acho que tenho exatamente o que precisa esta semana. — Ele chama sua atenção para uma mulher de nariz adunco e queixo pontudo. — O perfil severo dessa aqui vai acentuar em muito suas proporções perfeitas.

Madame Vary caminha na direção de uma colega pouco atraente, examinando-a bem de perto.

Durandeu se vira para a senhora vestida de preto e branco.

— Condessa Dubern, seus belos olhos se destacariam próximos dos olhos de porquinho dessa aqui.

Eu me encolho com as palavras de Durandeu. A condessa apenas abre um sorriso ligeiro ao ouvir sua sugestão. As mulheres do salão permanecem impassíveis; fico chocada. Por que elas não reagem a esses insultos?

— *Madame Vary* — a condessa chama sua amiga —, olhe para mim com essa aqui? O que você acha, melhor do que a que eu aluguei na semana passada?

— As duas são tão horrorosas que não consigo decidir — diz madame Vary. — Apesar de a porquinha salientar melhor sua figura.

Aquele pensamento indesejado se impõe novamente. Em pânico, examino a sala, analisando o rosto das minhas colegas até começar a entender. As mulheres diferem em idade, altura, forma e cor, mas compartilham uma característica comum: todas são, sem exceção, extremamente desinteressantes — algumas realmente feias. Meu rosto queima; meu coração se enche de vergonha ao me dar conta de que *sou uma delas*.

Durandeu me espia do outro lado da sala e começa a caminhar rapidamente.

— Condessa, por favor, essa é a que pensei para sua filha. — Ele gesticula para que eu avance. — Uma ornamentação leve destituída de beleza. Acho que ela complementaria Isabelle perfeitamente. Nada muito chamativo para a estreia dela em Paris, no baile Rochefort.

Eu obedeço e dou um passo à frente, segurando as dobras do meu vestido. A condessa se aproxima elegantemente com passos lânguidos. Ela é bonita e imponente, como uma atriz no palco.

Durandeu continua a me dissecar.

— Observe o cabelo dela, tem cor de palha molhada; o nariz virado para cima, as manchas de sardas na pele e os olhos sem brilho algum: bovinos na expressão, monótonos na cor. Por fim, os ângulos ossudos da figura.

Meu coração, recuperado da vergonha inicial, está agora atingido pelas farpas dessas palavras — um inventário, uma lista de defeitos humanos. *Meus* defeitos, tão casualmente pronunciados.

Seus olhos sorriem afetadamente enquanto ela me olha de cima a baixo.

Durandeu bate palma.

— Perfeito. Vou combinar um encontro assim que tivermos terminado com o treinamento dela. Elas combinam, tenho certeza.



— Você está vermelha como uma beterraba, *ma pauvre!* — Minha colega do vestido cor de mostarda está sorrindo largamente para mim.

Não respondo. Não consigo me mexer, muito menos falar. Durandeu, a condessa e madame Vary deixam o salão, e as mulheres à minha volta retomam

suas conversas. Ninguém mais parece preocupado com o processo de seleção anterior.

— A condessa realmente gostou de você, hum? — prossegue a Mostarda.

Eu a olho pasma.

— O que é esse trabalho afinal?

Ela coloca uma mão no quadril largo.

— Nós somos *repoussoirs*, é claro. Ninguém lhe contou?

Eu hesito.

— *Repoussoir*? Não entendo. — Mas então começo a me dar conta de tudo. Será que o nome vem do verbo *repousser*? Afastar, repelir, rejeitar? — *Repou-ssoir* — repito. Dói quando reviro as sílabas na língua. A noção é impossível de ser absorvida. — Somos contratadas para causar repulsa, repelir? — digo, horrorizada.

Mostarda dá uma risadinha.

— Sorte sua, ser escolhida no primeiro dia. — Ela segura meu braço e me guia através do salão, seguindo as outras, que já estão saindo. — Por aqui, *ma chère*. A sala de jantar fica bem ao lado. Parece que faz tempo que você não vê uma refeição quente.

Comida é a última das minhas considerações enquanto sou levada pelo corredor com a fileira de mulheres e garotas do salão. A única coisa que consigo pensar é em sair desse lugar. Eu me livro de sua mão segurando meu braço.

— Não, não posso. Tenho de ir agora. Só vim para a entrevista.

Sinto o cheiro do almoço. O aroma de ensopado de carne faz meu estômago se retorcer e queimar de vazio. Dá para ouvir o ruído de talheres, o retinir de copos e as cadeiras sendo arrastadas. Em qualquer outra circunstância, eu aceitaria de bom grado uma refeição de graça — mas não aqui.

— Foi Laurent quem a recrutou? — ela pergunta. — Que belo diabo, não é? Eu teria me voluntariado para a frente prussiana se ele tivesse pedido! — Ela solta uma risada.

Minha cabeça está girando e mal consigo me concentrar no ambiente à minha volta. Desejo apenas que ela pare de me fazer perguntas.

— Não, eu vi uma nota no jornal.

O anúncio — minha mente luta para se lembrar do texto. Como eu pude confundir-lo?

— Bem, isso foi corajoso de sua parte. Gosto disso. Sim, você vai se sair bem logo mesmo. Nem todas as jovens sobrevivem ao treinamento.

Estou perplexa; não sou como ela. Não sou como nenhuma delas. Ela continua:

— Posso dizer que você é feita de uma fibra mais forte. Ou será, quando a engordarmos um pouco!

Pressiono as mãos contra o estômago, tentando suprimir o ronco cavernoso. A tentação da comida ameaça subjugar meu senso de orgulho.

— Não posso ficar. Mas obrigada — digo recuando da entrada para a sala de jantar. Sou empurrada e esbarrada enquanto abro caminho entre as últimas garotas que estão indo almoçar. — Eu realmente tenho de ir.

— Hoje tem ensopado de coelho. Tem certeza de que não podemos convencê-la a ficar?

— Não, obrigada. Não estou com fome.

Ela me olha com pena, como se pudesse ver através de mim.

— Bem, então até a próxima — e sorri carinhosamente.

Eu me despeço com um aceno de cabeça e praticamente saio voando pelo corredor de volta ao quatinho da costureira. Bato na porta e enfio a cabeça para dentro. Está vazio — ainda bem. Tremendo de fome e humilhação, luto para tirar o vestido; os botões nas costas me forçam a alguns movimentos de

contorcionismo. Só quero me livrar dessa maldita roupa e nada me ajuda a desamarrar o espartilho mais rápido. E se aquele homenzinho horroroso entra aqui inesperadamente exigindo os cinco francos de volta? Isso é comida para uma semana. Eu quase consigo sentir o gosto do que vou comprar com o dinheiro: uma baguete crocante, presunto salgado e mostarda forte, acompanhados por uma tigela de chocolate quente cremoso tão grosso que terei de tirar a borra de chocolate com uma colher.

Deixo as roupas emprestadas em uma pilha no balcão — e não me preocupo em pendurar nada. Puxando o meu próprio vestido sobre a cabeça, sinto-me segura, como se tivesse recuperado minha identidade. Enfio a mão no bolso do vestido, sinto o peso da moeda de ouro e me pergunto: estarei roubando se ficar com o dinheiro e nunca mais voltar?

Pouco importa se estiver. Decido que é uma compensação pela experiência mais humilhante da minha vida. Aninhado no meu bolso também está o anúncio de emprego. Eu o pego, alisando o jornal amarrotado. Onde eu havia rasgado a página, posso ver que a quarta e a quinta palavras foram cortadas. No canto, posso discernir as letras F e E. Não preciso de ajuda para preencher as letras que faltam.

PROCURAM-SE MULHERES JOVENS E FEIAS
PARA TRABALHO POUCO EXIGENTE.
DECORO GARANTIDO.
APRESENTE-SE PESSOALMENTE À AGÊNCIA DURANDEAU,
AVENUE DE L'OPÉRA, 27, PARIS.



Brigitte avança decidida pelo piso de azulejos preto e branco. Ela está exibindo uma camisa que passei, e seus olhos estreitos estão fixos em mim. Eu olho para baixo, antecipando a reprimenda.

— É assim que vocês fazem as coisas lá de onde você veio?

Eu levanto o olhar para ver seu rosto contraído.

— Olhe para isto — ela acena a camisa para mim. — Está mais enrugada que a cara da minha avó. Você está em Paris agora, *mademoiselle*, e nós fazemos as coisas direito na Lavanderia Bromont.

Coloco para o lado a pilha de roupa de cama que estava selecionando e pego a camisa de volta sem reclamar. A avó dela deve ter a pele mais lisa de Paris. Mas aprendi a duras penas que discutir com minhas novas colegas torna as coisas um pouco mais difíceis. Mantenho a cabeça baixa, trabalho duro e falo pouco.

Brigitte retorna altivamente para a sua roupa de cama. Aliso a camisa infratora e pego o ferro, pressionando cuidadosamente o tecido, uma parte de

cada vez. Minhas colegas são tão duras comigo quanto o forte vapor de sabão e a água quente na minha pele. Agnès, Brigitte e Clémence me lembram das galinhas ruidosas que criávamos quando eu era pequena. São uma panelinha; e implicar comigo tornou-se o ponto alto de todos os dias. Elas gostam de passar o tempo fazendo fofocas e empurrando o trabalho pesado para mim. Consigo ouvir Clémence começando uma de suas histórias agora.

— Então eu vi esse *beau mec* no salão de dança. — Todas as suas histórias começam assim. — Aí eu disse para ele, eu disse... — E continuam desse jeito. Desligo o tagarelar delas, que é tão grosseiro como suas mãos ásperas.

O vapor quente sobe para meu rosto enquanto passo a camisa. Nessas duas semanas em que trabalho aqui, percebo que uma lavanderia parisiense equivale a uma câmara de tortura — meus músculos doem e tenho queimaduras de ferro no braço e um dedo machucado na alavanca da máquina de espremer roupa. O ambiente é quente e abarrotado, sem um fim para o constante ciclo de lavar, secar, passar e dobrar. A ampla sala está ocupada com pilhas de roupa suja, roupa de cama branca limpa pendurada para secar e prateleiras de lençóis prontos para serem separados e devolvidos aos clientes. Um sistema de canos corre na parte alta da sala como barras de uma jaula, conectando as pias com uma fonte de água. A condensação permanente embaça as janelas. Mesmo se pudesse ver a rua, há apenas a vista de um beco e nenhum tempo para se deixar fantasiar.

Mantendo minha resolução de não voltar para a agência de vestidos feios e pessoas mais feias ainda, saí à procura de um trabalho honesto. Achei que, com minha experiência em nosso comércio no vilarejo, poderia encontrar trabalho facilmente em uma das milhares de lojas em Paris. Mas, após ser rejeitada em uma loja depois da outra, percebi que jovens vestidas com roupas do interior e sem cartas de referência não podem vender roupas elegantes ou tortas refinadas. Por trás da falta de experiência, a deficiência real que eu sentia era a

vergonha da entrevista com Durandeu. Essa lembrança me escarnece, minando minha confiança. Eu prefiro ser uma trabalhadora invisível a ser vista como feia.

Ouçõ um coro de cacarejos do outro lado da sala. O concílio se desfaz e elas voltam para o trabalho. Brigitte dá uma volta até onde estou e larga um cesto de roupa limpa sobre minha mesa de passar. Terminei de alisar pela segunda vez a camisa e a dobro cuidadosamente na frente dela, consciente de seu olhar observador sobre mim.

— Maude, leve essa cesta de toalhas de mesa para o restaurante L'Académie, subindo a rua.

Um descanso do galinheiro. Assinto brevemente, tentando não parecer tão aliviada quanto me sinto. Pegando o cesto, sigo rapidamente para a porta. Tiro o xale da fileira de ganchos e o jogo sobre os ombros.

— E lembre-se de trazer as toalhas de mesa sujas quando você estiver lá — grita Brigitte às minhas costas.

— Sim, lembrarei — respondo, minha voz traindo um tremor de entusiasmo enquanto agarro a maçaneta da porta.

É fim de tarde, quando o sol está dourado e lança longas sombras lilases sobre o bairro de Montparnasse. Após o branco e cinza monótono da lavanderia, o mundo do lado de fora é um arco-íris vibrante de cores e luzes. Acabei morando nesta área por ter sido o distrito em torno da estação de trem aonde cheguei pela primeira vez. Não havia me dado conta de que era um centro de artistas e escritores. Isso não significa que seja belo ou que a inspiração dê em cada árvore; significa apenas que o aluguel é barato.

Minha cesta está cheia. Eu a seguro no quadril como uma criança pesada e saio navegando pela rua tomada de carruagens, bondes e pedestres. Passo pelo açougueiro, que está descarregando uma parelha de faisões, e a lembrança de monsieur Thierry me dá um arrepio. Uma florista joga um balde de água suja

na direção da sarjeta e eu pulo do caminho, quase levando um tombo nas pedras escorregadias do pavimento. Ajeito a cesta novamente em meu quadril — as fofoqueiras fariam ligas elásticas de minhas tripas se eu deixasse as toalhas limpas caírem na rua imunda.

O restaurante L'Académie é um pequeno bistrô de bairro que fica entre um barbeiro e uma livraria. Um grupo de homens lota o pequeno terraço na frente, fumando charutos e desfrutando da tarde agradável. Há uma coleção de garrafas de vinho e taças enchendo as mesas, indicando que eles devem estar ali há um tempo.

— *Excusez-moi, excusez-moi* — digo, tentando passar pela porta. Estão todos falando ao mesmo tempo e nem percebem minha presença. Ergo a cesta acima da minha cabeça e passo apertada por entre as cadeiras.

Quando entro no estabelecimento, levo um instante para meus olhos se ajustarem ao ambiente escuro. As paredes são cobertas por um papel de parede vermelho-escuro e tomadas por pinturas e prateleiras de livros. O restaurante está vazio, exceto por um garçom que está secando copos atrás do bar com um cigarro pendurado na sua boca.

Caminho até ele com um sorriso.

— Entrega de toalhas de mesa limpas.

Fico aliviada pela caminhada não ser mais longe, pois meus braços estão começando a doer e a cesta continua escorregando do meu quadril abaixo.

Ele levanta o olhar e balança a cabeça para mim.

— Entrada de serviço!

— Como? — pergunto.

— Dê a volta por trás, sua idiota — ele diz.

Consigo sentir o calor de meu rosto ruborizando.

— Eu não sabia, desculpe.

— A porta da frente é apenas para os clientes — dispara o homem.

Ele precisa ser tão rude? Levanto a cesta até o quadril e volto atrás em meus passos. Nem há clientes ali — que importância tem a entrada que usei? Escancaro a porta bruscamente, sentindo o incitamento dos modos parisienses.

— *Excusez-moi* — digo novamente para os homens tomando conta do terraço. Mais uma vez sou ignorada.

O cavalheiro mais próximo de mim se levanta de sua cadeira para discutir com o amigo.

— Que bobagem, Claude. Esta é a razão por que as políticas do Segundo Império ainda hoje não mudaram: os pobres no seu lugar e os ricos ficando mais ricos.

Enquanto ele está de pé, consigo empurrar sua cadeira para o lado e passar apertada. Mas subitamente sua discussão política muda para um coro de risos e me viro para ver que o rapaz que estava de pé há pouco está agora se levantando do chão. Seguro a respiração, percebendo que foi minha culpa.

— *Je suis désolée, monsieur* — digo imediatamente.

Ele se levanta, espana o paletó e então se senta.

— Veja a lavadeira — ele aponta para mim. — Um fiapo de magra. Mal ganha o suficiente para viver.

— Vamos pagar uma janta para ela! — diz outro homem.

Antes que eu possa entender o que está acontecendo, um homem com um charuto me puxa na sua direção e numa guinada súbita estou sentada em seu colo e minha cesta largada no chão.

— Tome um drinque conosco — ele diz, passando os braços em volta de minha cintura. Sinto um nojo absoluto. Ele cheira a fígado frito e cebolas.

— *Laissez-moi* — digo, puxando o seu braço. — Me solte.

— *Garçon!* — ele grita. — Um conhaque para a lavadeira.

Seu hálito está saturado de álcool e o cheiro insuportável queima minhas narinas. Eu me afasto de seu rosto, mas seu aperto em torno da minha cintura

é forte e não consigo me livrar.

O garçom aparece no terraço.

— *S'il vous plaît, messieurs.* — Seus braços gesticulam como o maestro de uma orquestra. — *Je suis vraiment désolé.* Ela não devia ter passado pelos senhores.

Suas palavras são ignoradas e eu começo a sentir um ataque de pânico. Jogo o corpo para frente, finalmente me libertando do homem bêbado, batendo na mesa e derrubando uma taça de vinho direto na cesta de toalhas perfeitamente limpas e engomadas. Desastre.

Eu me precipito sobre a cesta tirando freneticamente as toalhas que estão por cima, tentando evitar que o vinho passe para as camadas de baixo. A mancha que se espalha é como um selo do meu destino. Certamente serei despedida por isso. O que será de mim depois? Terei de mendigar ou roubar para viver? Olho para o homem do charuto que me agarrou e ele está rindo. Uma torrente de raiva sobe de minhas entranhas.

— Vocês não têm nada melhor para fazer além de ficarem aí sentados bebendo a tarde inteira? — Olho de relance para as toalhas arruinadas nos meus braços, imaculadas apenas alguns momentos atrás. — Algumas pessoas precisam trabalhar para ganhar a vida, por mais patético que isso possa parecer.

— Ah, *la bretonne* — diz o homem do charuto ouvindo meu sotaque, que é mais acentuado quando estou irritada. — Que palavras duras! Meus estimados amigos e eu estamos na realidade tentando promover alguma mudança para o proletariado, gente assim como você.

— Pare com isso, Claude — diz uma voz, e o jovem cuja cadeira afastei para o lado se aproxima. Ele tira um lenço do bolso e me oferece.

— *Merci* — digo, aceitando-o. Não posso fazer muito pelas toalhas de mesa, mas o uso para secar minhas mãos grudentas.

O garçom pega a cesta de roupa.

— Venha comigo — ele diz de mau humor por entre o bigode.

Tremendo de raiva, sigo-o pela porta de uso exclusivo dos clientes, atravesso o restaurante e entro na cozinha, nos fundos. Um cozinheiro está picando vegetais e me olha de cima a baixo. O garçom retira as poucas toalhas limpas da cesta, conferindo se há manchas de vinho, e as coloca em um armário. Ele pega uma pilha de roupas para lavar que está debaixo da pia e a enfia na cesta; depois pega o restante de toalhas manchadas de vinho que está em meus braços e o acrescenta à pilha.

— Desnecessário dizer que precisaremos de uma entrega extra de toalhas limpas. — Ele pega a cesta e a enfia nos meus braços.

Concordo com a cabeça debilmente. Que desculpa posso inventar para explicar isso para as fofoqueiras?

— Da próxima vez, dê a volta por trás. Você não é grande coisa para se olhar, mas, quando bebem aquela quantidade de vinho, os clientes não são tão exigentes!

O garçom aponta para a porta dos fundos. Saio correndo com minha cesta e caio direto em uma viela. Meu coração dá saltos no peito e meus olhos ardem com as lágrimas e o cheiro de comida apodrecida. Eu me afasto a passos largos do restaurante, sem ter certeza para onde estou indo. Aqueles homens ali são apenas como gaivotas na praia, guinchando umas com as outras. Elas brigam e assumem posturas enquanto o oceano continua seu ir e vir interminável, indiferente ao tagarelar.

A viela me leva de volta para a rua. Está escurecendo agora e, enquanto caminho, as luzes da rua vão se acendendo como estrelas cor de laranja. O ar da noite esfria o meu ânimo. Respiro profundamente, absorvendo o ar. Então ouço uma voz.

— *La bretonne!* Espere.

Eu me viro. O homem cuja cadeira empurrei para o lado está caminhando rapidamente em minha direção. Eu me preparo, já me perguntando quando essa provação vai acabar.

— Aqui! — Para minha surpresa, ele estende uma mão cheia de francos. — Uma arrecadação de todos nós. O mínimo que podemos fazer depois de termos importunado você lá no restaurante — ele sorri. — Qual é o seu nome?

Minhas defesas ainda estão de pé.

— Eu não preciso de sua caridade — digo, esperando que ele não consiga perceber que estou à beira das lágrimas. — Se você e seus amigos apenas tivessem me deixado em paz — minha voz agora sai fina e quase falhando. Eu me viro e continuo caminhando pela rua, mas ele segue ao meu lado. Mantenho os olhos focados à frente e a cesta posicionada entre nós.

Ele não diz nada, mas, após alguns passos, ouço o tinir do troco e vejo os francos posicionados em cima da pilha de toalhas dentro da cesta. Se o pior acontecer e eu for despedida hoje, vou precisar disso. A sobrevivência vence o orgulho: eu recolho as moedas com a mão livre e as enfio no bolso do vestido.

— Meu nome é Maude — digo, olhando-o de relance.

— Paul Villette.

Ele sorri de novo. Permaneço em silêncio enquanto caminhamos lado a lado pela rua. Aquele gesto me deixava sem jeito, como se eu lhe devesse algo.

— Desculpe pelos meus amigos — ele diz por fim.

— Do que você está falando? — digo duramente. — Você foi o primeiro a chamar a atenção para mim.

— Eu não percebi quanto eles tinham bebido. Mas você foi corajosa, enfrentando o Claude daquele jeito. — Ele irrompe em uma risada. — Colocar o mundo nos eixos dá uma sede danada nele.

— O mundo estaria bem sem a ajuda dele — respondo.

Olho de relance para Paul. Longe dos seus contemporâneos, ele parece muito mais jovem. Não pode ter mais que vinte anos. Paul tem os cabelos castanhos e emaranhados, que escapam de debaixo do chapéu. O sorriso chega até seus olhos cor de avelã. O terno é desajustado, um pouco grande para sua estrutura magra, e caído, como se ele não tivesse crescido o suficiente para usá-lo. A gravata está solta, como se ajustá-la em um nó fosse uma consideração secundária já a caminho da porta, e há manchas de tinta em suas mãos. Parece que ele precisa mais de ajuda do que eu.

— Eles são boas pessoas e vão se sentir mal quando estiverem sóbrios — continua Paul. Ele balança a cabeça. — Às vezes é preciso chamar a atenção de Claude. Quando falamos sobre política, a conversa começa com um almoço civilizado e termina em uma discussão.

Subitamente me sinto sem jeito caminhando com esse estranho depois de ele ter testemunhado uma exibição embaraçosa de minhas emoções. Então eu quero me explicar para ele.

— Eu realmente preciso desse trabalho — desabafo. — Não posso nem pensar em perdê-lo.

— Mas com certeza não vão despedir você por causa de algumas toalhas de mesa, não é?

— Minhas colegas não são muito indulgentes — respondo e inclino a cabeça para a cesta. — Talvez elas não notem que há mais toalhas sujas do que o habitual.

Quando chegamos à esquina da Rue de Rennes com a Rue de Vaugirard, o anoitecer já é crepúsculo.

— Vou por aqui.

Ele anui.

— Minhas desculpas mais uma vez, para você e suas toalhas de mesa. — Ele levanta o chapéu. — Apareça em uma de nossas noites musicais no Café

Chez Émile — fala e aponta para o café do outro lado da rua. — Mais agradável que a política! — Com uma ligeira mesura, ele se vira e segue em frente.

Meu olhar acompanha sua figura na luz fraca até que me dou conta com um sobressalto de como está ficando tarde. Eu me viro e apresso o passo pela Rue de Rennes.

Quando entro na lavanderia, as fofoqueiras estão se preparando para ir embora.

— Bem, você demorou um bom tempo — diz Agnès. Ela pega a cesta de toalhas sujas e, para meu horror, começa a organizá-las.

Não consigo assistir a isso. Olho para o chão e os ladrilhos quadriculados dançam diante dos meus olhos.

— Maude, por que há tantas toalhas aqui? — Agnès se vira para mim. — O pedido combinado com eles é de apenas vinte. O que você está tentando aprontar?

Meu coração acelera.

— Nada. Não estou tentando aprontar nada.

— Não dê uma de esperta, *mademoiselle* — ela responde.

— Foi um acidente — digo debilmente. — No restaurante, um pouco de vinho derramou sobre as toalhas limpas. — Espero pelo inevitável. Elas vão me despedir, com certeza.

— Aproveitando a viagem, não é? — Brigitte faz coro com as mãos no quadril.

— Bebendo com os *habitués* enquanto ralamos os dedos até os ossos no trabalho.

— Não, isso não é verdade. — Eu encaro o olhar acusador das duas fofoqueiras.

— Imagino que eles queiram uma nova entrega de toalhas limpas — diz Agnès.

Clémence revira os olhos com desprezo.

— Segure o pagamento dela — diz ela para as outras.

— Nós já descontamos o que você deve por ter chamuscado aquelas fronhas — diz Agnès, balançando a cabeça. — Maude, nesse ritmo *você* estará *nos* pagando todas as semanas!

Elas dão risada diante da perspectiva e eu fico feliz por ter os francos no bolso.

— Bom, vamos ver a nova entrega amanhã — diz Agnès em um tom mais suave. Ela tira um envelope pardo de seu avental. — Aqui está o seu pagamento — diz, passando-o para mim. — Não podemos dar muitas outras chances para você, Maude.

Alívio momentâneo: ainda tenho o emprego. Mas então sinto como o envelope é fino e minha esperança se esvai. As fofoqueiras colocam o casaco e o barrete e seguem para a porta. Brigitte se vira para mim.

— E não esqueça que ainda há uma pilha de roupas para passar antes de você ir embora.

Minhas colegas de trabalho saem tagarelando porta afora e eu volto para a mesa de passar. Ficarei aqui a noite inteira.



Está tarde e frio quando volto caminhando para casa. O cheiro familiar de cerveja, lampiões a gás e fuligem é uma mudança bem-vinda do sabão da lavanderia. Normalmente aproveito o caminho na Rue de Rennes, olhando pelas janelas dos bares e cafés, observando a festa sem fim, mas hoje à noite estou com frio e exausta. Mesmo assim, meu passo desacelera quando passo

pelo Café Chez Émile. Eu me pergunto quando Paul e seus amigos têm suas noites musicais. Espio pela janela, mas não encontro seu rosto em meio ao público. Em vez disso, vejo a mulher que passei a chamar de “pobre alma”. Em seu habitual lugar próximo da janela, ela se senta sozinha. Os dedos fechados em torno da haste do cálice. Seu barrete é de mau gosto, sua expressão vazia. Quais eram seus sonhos quando chegou a Paris? Será que havia fugido de casa um dia, como eu? Estremeço ao pensar que eu poderia terminar como ela, engolida pela cidade e totalmente sozinha.

Com um suspiro, sigo caminhando e viro na minha rua estreita, Rue du Regard. A porta principal para o meu prédio fecha com um ruído atrás de mim e me encontro parada quase na escuridão absoluta, com a luz que brilha por baixo da porta da zeladora proporcionando a única iluminação. Arrastando-me na direção do poço sombrio da escada — meu quarto no sótão fica a cinco lances de escada —, coloco a mão sobre a parede de pedra, Tateando meu caminho com um passo de cada vez. Meus pés estão pesados e doloridos, como se um ferreiro tivesse pregado ferros às solas das minhas botas. Logo ouço uma porta se abrir no andar térreo atrás de mim e, quando olho para baixo, vejo a silhueta do marido da zeladora parada contra um fecho de luz.

— *Mademoiselle* Pichon, o aluguel está atrasado. Amanhã no máximo. Não vou pedir de novo.

— Sim, é claro, *monsieur*. — Continuo subindo a escada e me afastando dessa figura ameaçadora. Eu nem mesmo sei: será que tenho o suficiente para pagar o aluguel?



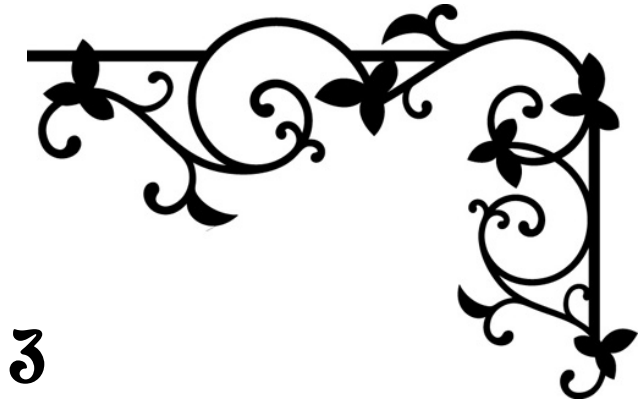
Uma vez no meu quarto, posso me isolar do mundo; ninguém pode me incomodar aqui. Jogo meu chapéu e o xale em cima da cama e me sento à penteadeira vacilante. Acendo uma vela e abro o envelope com o meu pagamento e começo a contar os francos — como o seu peso insignificante sugeria, não tenho o suficiente para o aluguel de outubro. Tiro o dinheiro que Paul me deu do bolso do meu vestido e o junto à pilha de notas. Suficiente para o aluguel, mas não para comer. Estou trabalhando há duas semanas apenas na lavanderia e, no entanto, cada dia que passa minhas mãos ficam mais esfoladas e meus braços latejam mais que no dia anterior. Rostos do meu passado povoam à minha volta: meu pai, monsieur Thierry e o resto do vilarejo. “Ela achou que nos olharia de cima”, eles ironizam e balançam a cabeça. Eles querem me ver fracassar. Mas eu não vou para casa, não vou. Bato o punho sobre a penteadeira. As moedas saltam e então eu varro a superfície do móvel com o braço, espalhando o dinheiro pelo chão.

Gritos de bêbados na rua abaixo e acordes das músicas vindas dos cabarés ao longe sinalizam que a noite em Montparnasse está a todo vapor. Em casa, a ideia de vir para cá era uma fuga da vida no vilarejo; uma fantasia à qual eu me entregava para passar as horas na loja. Eu costumava imaginar que viver em uma bela e cosmopolita cidade me transformaria, que, apenas por estar em Paris, eu também me tornaria bela e cosmopolita. Eu desejava essa vida, vestindo-a com camadas de fantasia e expectativas. E, agora, olhe para mim. O que devo fazer, dormir nas ruas?

Estudo meu reflexo no espelho manchado. A luz da vela bruxuleia distorcendo meus traços e eu me pergunto o que Durandeu viu quando olhou para mim. Meus olhos castanho-claros são suficientemente inofensivos. Meu nariz se inclina para cima, “otimistamente”, como minha mãe costumava me dizer com um sorriso. Meus lábios são finos, meu queixo sobressai para fora — “obstinadamente”, diz meu pai. Meu cabelo não é loiro nem de um

castanho-escuro, mas algo entre isso. E minha figura não é muito feminina; sou magra, com ombros e quadris ossudos.

Eu destruí o anúncio de emprego de Durandeu semanas atrás, mas as palavras ainda estão marcadas em minha memória. “Procuram-se mulheres jovens e feias para trabalho pouco exigente.” Não tenho escolha — amanhã voltarei à Avenue de L’Opéra. Vou me tornar uma *repoussoir*.



— Você voltou pelo emprego? — Durandeu cospe a acusação em mim. — É isso que disse? Como se você o tivesse deixado aqui por acidente, como um guarda-chuva em um café. E agora o quer de volta.

Estamos na sala de jantar de seu apartamento privativo, na parte da frente da agência. Ele está envolvido em um roupão, escolhendo o que comer no café da manhã.

— O que você tem a me dizer?

— Não, o senhor não entendeu, *monsieur*. — Eu balanço a cabeça em sinal negativo e mantenho um olhar suplicante. — Eu não tinha certeza se me encaixaria bem... no cargo. No primeiro momento. — Minha desculpa é fraca; minha voz soa pequena. Nunca imaginei que teria de implorar pelo trabalho.

— Você me causou um constrangimento enorme com a condessa Dubern, desaparecendo daquele jeito. Não aprecio a sua ingratidão, *mademoiselle* Pichon. — Usando uma pequena pinça de prata, ele pega um cubo de açúcar e

o larga no café. — Uma mulher pouco atraente em nada contribui para a sociedade. Mas com minha agência ela tem a chance de usar sua maldita aparência para o benefício de outros. — Ele mexe o café. Seus dedos inchados quase fazem desaparecer a colher refinada. — Não tenho certeza se você é merecedora de tal oportunidade.

Posso sentir meu destino balançando como um pêndulo. Estou aterrorizada com a possibilidade de ele estar prestes a dizer não.

— Por favor, *monsieur* — imploro.

Durandeu escarnece.

— Ser uma *repoussoir* exige um delicado equilíbrio: num primeiro momento, passar despercebida e ser considerada uma dama da sociedade, para em seguida repelir o olhar de si mesma para a sua cliente, com certeza mais atraente.

Eu anuo enfaticamente, tentando lhe mostrar que compreendo perfeitamente — mesmo que eu não compreenda. Não faço ideia de como esse trabalho terrível funciona. Apenas sei que preciso muito dele, desesperadamente.

— E, para ser sincero, como *repoussoir* você não é lá grande coisa — ele continua. — Você não é extraordinária. Não é o tipo que muitas clientes buscam. — Ele faz uma pausa, seu rosto austero buscando o meu. — Bom, mas a decisão não é minha. — Suas palavras me pegam de surpresa e eu observo enquanto ele se recosta na cadeira, segurando sua xícara de *café au lait*. — Eu me submeto à vontade da condessa — ele suspira. — Ela escolheu você para a filha dela, e ainda há tempo para fazer o seu treinamento antes do baile Rochefort.

Mantenho uma expressão contrita para sustentar o orgulho dele, mas por dentro estou festejando — *eu posso viver, eu posso viver!* Ele toma o seu café de maneira ruidosa.

— Você receberá um salário-base durante o treinamento. Se a sua primeira cliente, que, no caso, será a filha da condessa, ficar satisfeita com os seus serviços, você será efetivada com o salário completo, que é o salário-base mais uma comissão sobre cada serviço para o qual você for contratada.

Durandeu coloca a xícara de café sobre a mesa, levanta-se da cadeira com esforço e solta um arrote. Ele se aproxima de mim, apertando o cinto do roupão por baixo da barriga proeminente. Ele exala café e desdém, e eu tenho de me conter para não ficar enjoada.

— Estou de olho em você, *mademoiselle* Pichon.

Forço um sorriso agradável, percebendo a implicação de suas palavras — não posso me dar ao luxo de falhar com a filha da condessa.

— Eu farei o meu melhor, *monsieur* Durandeu.

— *Madame* Girard! — ele grita para a porta fechada e momentos depois uma mulher vigorosa vestida de preto entra na sala. — *Madame* Girard é a responsável pelo treinamento — diz Durandeu, retornando para o seu café da manhã. — Ela vai lidar com você de agora em diante.

À medida que madame Girard se aproxima, acho que ela poderia perfeitamente passar por uma freira. Seu cabelo murídeo está preso em um coque firme, o que exagera a expressão severa — só lhe falta o capuz. Ela para na minha frente, mas não aperta minha mão nem pronuncia qualquer cumprimento; simplesmente me olha duro e então se dirige a Durandeu.

— Cuidarei para que ela fique adequada para o trabalho, *monsieur*.

Durandeu já está consumido por seu jornal. Ele apenas bufá em resposta, o que madame Girard toma como sua dispensa para me levar até a porta e me apressar corredor adentro.

— Siga-me — ela diz com tom brusco. — Vou levá-la para o quarto de vestir das *repoussoirs*, onde designarei uma colega mais experiente para ser sua

mentora no treinamento. — Seu tom superficial sugere que ela já havia feito essa apresentação incontáveis vezes.

Ela faz uma pausa na frente do relógio de parede, pega o seu relógio e confere a hora, como uma enfermeira-chefe tomando o pulso de um paciente. Ouço uma risadinha e olho para ver duas garotas que se demoram no corredor.

— Hortense, Émilie! — grita Girard. — Troquem de roupa imediatamente. Uma cliente chegará às dez.

As garotas me avaliam rapidamente antes de saírem apressadas. Parada aqui com Girard, sinto-me como uma novata na escola.

— O que *monsieur* Durandau explicou para você sobre o cargo? — madame Girard me pergunta enquanto seguimos pelo corredor, na mesma direção em que as garotas desapareceram.

Penso na condessa e em sua amiga olhando para as mulheres no salão como acessórios para serem usados.

— Francamente, não faz sentido para mim — digo com cautela.

Ela dá um suspiro ligeiro.

— Da mesma maneira que um joalheiro encaixa uma folheta de metal sob uma pedra preciosa para torná-la mais brilhante, a agência coloca uma *repoussoir* próxima de uma joia da sociedade para que ela resplandeça.

— Ah — consigo pronunciar, mesmo com a comparação não me esclarecendo nada. Como o meu rosto pode mudar a aparência de outra pessoa?

Girard continua.

— Você receberá aulas de boas maneiras, como se portar à mesa, o que vestir, como se arrumar e, para você em particular, reduzir o sotaque. — Ela me encara. — Você precisa soar como se fosse natural de Paris, e não de um chiqueiro. Você compreende?

— Sim, *madame* Girard.

Chegamos ao fim do corredor e entramos em uma sala barulhenta onde estão pelo menos dez ou quinze garotas, que imediatamente param de falar e se voltam para me encarar. Algumas têm aproximadamente a minha idade, outras aparentam ter seus vinte ou trinta anos. Espremidas, elas estão sentadas entre penteadeiras, espelhos, bacias e jarras de água. Vestidos estão pendurados por toda a volta; espartilhos e anquinhas estão jogados em cima das cadeiras como gaiolas quebradas.

— Marie-Josée — Girard chama bruscamente a mulher do vestido cor de mostarda que eu havia conhecido no dia da minha entrevista —, sua risada de peixeira pode ser ouvida do corredor. Comporte-se como uma dama sempre, e não apenas na frente das clientes.

Marie-Josée sorri, como se a crítica fosse bem-vinda.

— Você poderia soltar uma risada também, *madame* Girard. Para aliviar todo esse estresse e responsabilidade que carrega no rosto.

Fico impressionada com a coragem dessa mulher, Marie-Josée, diante da autoridade. Girard ergue uma sobrancelha e caminha na direção dela.

— Não teste a minha paciência.

Eu observo a reação de Marie-Josée. Ela sorri preguiçosamente, tranquila; e sinto que ela acabou de marcar um ponto.

Girard se vira para abordar o restante das garotas.

— Senhoras, esta é Maude Pichon, nossa mais nova *repoussoir* em treinamento.

Passo o olhar pelas ocupantes do quarto apertado e elas assentem me desejando as boas-vindas, sorriem ou dizem *bonjour*.

— Marie-Josée — diz Girard. — Como você poderia tirar proveito de uma atualização das regras, vou designá-la como mentora de *mademoiselle* Pichon. — Ela examina as outras garotas. — Há uma cliente às dez horas, e treinamento para as novas garotas às onze.

Depois que Girard sai, é como se todas estivessem prendendo a respiração: imediatamente uma corrente de ar e conversa preenche o espaço. Marie-Josée se aproxima de mim com um largo sorriso. Na casa dos trinta anos, ela é rechonchuda — tão larga quanto alta —, com um rosto corado, dentes tortos e um nariz roliço e bulboso. Mas seus olhos brilham.

— A esqueleto veio com algum discurso para cima de você? — Diante de meu olhar confuso, ela explica: — Sobre o trabalho, como ela o descreveu? Foi a regra das comparações, as meias-irmãs da Cinderela ou a folheta?

O tagarelar diminui. Olho de relance para as outras e percebo que estão atentas a nosso diálogo.

— Ela disse que sou como uma folheta. Algo a ver com joias.

Marie-Josée cai na gargalhada e estende a palma da mão aberta. Relutantemente, algumas garotas passam dinheiro para ela. Elas estavam apostando sobre isso?

— Como é que você sempre ganha? — pergunta uma garota loira com bochechas pesadas, olhos pequenos e próximos demais um do outro.

— Tenho talento para adivinhar as idiossincrasias de Girard — Marie-Josée solta outra risada, tão cheia quanto sua figura.

A porquinha loira se aproxima de mim agora.

— Você não fez sua entrevista algum tempo atrás? Por que não começou logo em seguida? — Seu tom é agressivo, como se quisesse começar uma briga.

— Sim, eu... Foi isso mesmo — gaguejo, tentando pensar no que dizer em seguida.

— Cécile, pegue aquela caixa de guloseimas — diz Marie-Josée, vindo em meu socorro. — A não ser que você não esteja com fome.

Dentro de alguns momentos estamos todas sentadas em torno da sala. As garotas se deixam largar encostadas sobre o mobiliário mal combinado, dividindo a caixa de guloseimas. Sou apresentada a cada uma, o que me exige

vários sorrisos dizendo *bonjour*. É complicado fazer isso entre mordidas de croissant; pedaços de massa ficam presos aos meus lábios e entre meus dentes. Fora Marie-Josée, os únicos nomes dos quais me lembro são de Cécile, por ela ser má, e de uma garota chamada Hortense, por ela parecer um cavalo com seu rosto comprido e dentes grandes.

Cécile divide seu *pain au chocolat* com os dedos.

— Então você tentou encontrar um emprego melhor? — Ela ergue uma sobrancelha. — Difícil salário maior que o daqui, não é? — Ela coloca um pedaço de massa na boca.

— Deixe a garota em paz — diz Marie-Josée. — Nos divirta com sua última paixão em vez disso. Qual cliente apresentou você para um novo amante dos sonhos?

Todas riem à custa de Cécile. Marie-Josée pisca para mim e eu sorrio de volta. É difícil acreditar, mas pela primeira vez em semanas me sinto realmente aliviada.



Puxada, abotoada e despida. Eu sou uma confusão de roupas novas, sapatos desconfortáveis e modos esquisitos. Quase uma semana se passou desde meu retorno à agência, tempo durante o qual aprendi sobre o número estonteante de cursos para aprender a se comportar em um banquete, como subir e descer com compostura de uma carruagem, assim como incontáveis outras regras. Madame Girard diz que temos de parecer convincentemente parte do mundo *deles* — apenas fisicamente repelentes o suficiente para fazer a cliente brilhar no reflexo de nossa feiura.

Também aprendi como Marie-Josée é divertida. No quarto de vestir ela entretém as garotas com imitações impagáveis de Girard e Durandeu, e durante o treinamento ignora as aulas, pega a sua costura e sussurra fofocas sobre suas clientes.

— Qual foi o trabalho mais glamouroso que você já fez? — pergunto.

Estamos paradas na fila do carrinho de crepe bretão, esperando por nosso almoço. Hoje está sendo servida *langue de boeuf* na sala de jantar da agência. Se

há uma coisa que Marie-Josée detesta é língua de boi.

— Meu trabalho favorito? Essa é fácil: Maxim's. Comi uma montanha de ostras, seguidas pelas mais gordas caudas de lagosta nadando na manteiga.

— Parece delicioso. Fico com fome só de pensar — digo enquanto observo o vendedor de crepe virar a panqueca fina como uma bolacha sobre a chapa elétrica e depois adicionar presunto e queijo. — Como era a cliente? — pergunto e imediatamente gostaria de não ter perguntado. Uma lembrança da condessa me olhando de cima a baixo faz meu apetite desaparecer por um momento.

— De alta classe. Tudo tinha de ser o melhor do melhor. Incluindo eu. — Ela ri da própria piada. — Diferente da noite passada. Normalmente, no Les Ambassadeurs eu danço e bebo champanhe em uma mesa na parte da frente. Mas não, essa cliente me enfiou em um canto no fundo, bebendo uma tisana. — Ela balança a cabeça. — Nem um pé na pista de dança, chá de ervas e meus talentos desperdiçados.

Fico impressionada pela maneira como Marie-Josée vive o remoinho social envolvido em ser uma *repoussoir* como se ele apenas a beneficiasse. Ela simplesmente adora dançar e se misturar com as pessoas.

O vendedor dobra nossos crepes na metade, depois em quatro partes, e os enrola em papel. Marie-Josée passa para ele algumas moedas e continua a contar sobre as clientes da agência.

— *Nouveau riche*. Esse é o problema. Eles têm dinheiro, mas nenhuma classe; toda a pompa da alta sociedade, mas não conseguem convencer de verdade.

Há alguns bancos de madeira próximos, e nos sentamos. A figura corpulenta de Marie-Josée toma a maior parte do assento, então sou forçada a me empoleirar na extremidade.

— Ainda não estive em um serviço de verdade — digo entre uma mordida e outra. — Não consigo nem imaginar como deve ser, exceto pelo sentimento de pavor. As clientes ricas são legais? — pergunto curiosa. — Como elas tratam você?

— Como um casaco de pele novo, um acessório de luxo — ela diz, sua boca cheia de crepe. — Nós devemos ser vistas. — Um filete de queijo fica pendurado em seu queixo. — Não é como fez aquela cliente ontem: eu fiquei escondida em um canto ouvindo o tagarelar dela sobre um caso de gota. Existe uma arte para se usar uma *repoussoir*. Não somos contratadas para ser confidentes; somos contratadas para ser ornamentos.

Limpo a gordura da minha boca com as costas da mão. Sua bravata me deixa perplexa. Marie-Josée demonstra desprezo absoluto pela agência e seus chefes, Durandeu e Girard. Ao mesmo tempo, no entanto, ela mantém um respeito ardente pelo trabalho e uma vaidade de suas capacidades como a melhor *repoussoir* da agência. Ela empunha essa espada de dois gumes de orgulho e desprezo com igual medida. Quando penso do que ela tem orgulho, não faz sentido. Ela não tem vergonha ou sentimentos para se sentir magoada? Como ela pode não se importar com que as pessoas a chamem de feia? Ela me pega examinando-a.

— O que foi? Vamos, fale! — ela demanda.

Hesito por um momento, escolhendo as palavras cuidadosamente.

— Você não se sente incomodada com o que as clientes pensam? Quero dizer, a real razão por que você é convidada para danças e jantares requintados?

— Com todos esses francos tilintando na minha bolsa? Não, é claro que não. Eles podem pensar que eu sou a criatura mais feia da França, desde que eu seja paga — ela ri. — Você sabe quantas semanas eu teria de trabalhar numa lavanderia ou café para ter o mesmo que eu ganho em *uma noite* nessa brincadeira?

Alguns pombos rodeiam nossos pés em busca de migalhas. Eles parecem uma tribo de Durandeaus, com seus murmúrios, arrulhos e meneios de cabeça. *Perfeita, simplesmente perfeita*. Bato os pés e os pássaros se dispersam.

— Acho que você está certa. Mas a *repoussoir*... — eu me pergunto em voz alta. — Isso ainda parece um absurdo para mim. Como funciona realmente? Até hoje, nada do que aprendi em aula me faz acreditar nessa ideia. As mulheres da sociedade não gostam de viver rodeadas de coisas belas, inclusive as companhias?

— A sociedade de Paris está cheia de mulheres atraentes — diz Marie-Josée. — Como você faz para se destacar? Se você é uma debutante, tem de garantir o seu futuro marido em uma temporada curta de danças, bailes e óperas. E como vai conseguir isso?

Dou de ombros. Não tenho experiência em atrair homens, muito menos os melhores da sociedade.

— Comece mostrando o seu melhor, eu acho.

— Quando você está untada de ruge e pó de arroz, com o cabelo perfeitamente ondulado e vestida pelos costureiros mais caros do mundo, o que fazer então? — ela pergunta.

— Você não pode julgar um livro pela capa — digo. — Há mais sobre uma pessoa do que a aparência. E as qualidades ou a maneira como ela conversa e dá atenção para você?

Ela cai no riso.

— Não seja inocente! Isso é Paris. Para atrair atenção, você precisa de uma vantagem. É aí que entramos.

Marie-Josée mastiga seu último pedaço de crepe e se levanta do banco. As ripas de madeira se mexem debaixo de mim à medida que são aliviadas do peso.

— Venha, vou mostrar uma coisa para você — ela diz.

Eu a sigo pela multidão que passeia na tarde e pelos vendedores ambulantes, até chegarmos a um mercado de frutas onde fileiras de bancas cobertas por lonas apresentam todo tipo de frutas que se possam imaginar. O cheiro me dá água na boca. Marie-Josée para na frente de uma banca e aponta para uma cesta transbordando de pêssegos.

— Escolha o melhor pêssego — ela diz.

Eu hesito.

— Todos parecem iguais.

— Tente — ela insiste.

Dou de ombros e escolho um.

— Aqui.

Seguro a fruta no ar. Aonde ela quer chegar com isso?

Marie-Josée vasculha no fundo da cesta e finalmente tira o seu próprio pêssego. Ele está amassado e machucado. Ela pega meu pêssego com uma mão e o seu pêssego lastimável com a outra.

— Qual você escolheria?

— Isso é fácil — digo. Não chega nem a ser uma escolha. — O bom, é claro.

O rosto de Marie-Josée se ilumina.

— Certo. O *bom*. Ele parece melhor do que antes! Ele foi de comum para *bom* em um instante. Nada mudou na sua aparência, apenas a companhia que ele está mantendo.

Olho de um pêssego para outro e percebo que ela está certa. Ela ri e coloca o pêssego bom de volta na cesta e, com um olhar matreiro para o vendedor, o machucado no bolso.

— Olhe agora para o “bom”. Você nem consegue dizer qual deles é, certo? Aquele pêssego “perfeito” some nesse monte, com os outros. Ele parece

qualquer um de novo, ordinário. Todos esses pêssegos são um e o mesmo pêssego.

— A regra das comparações de Girard — digo.

É claro! Trata-se de um conceito simples: as pessoas fazem escolhas comparando coisas o tempo inteiro. Eu já vi isso com meus próprios olhos; clientes na loja do vilarejo faziam assim mesmo. Nunca achei que pudesse ser aplicado também a pessoas.

Subitamente o fruteiro paira o olhar sobre nós, seu rosto marcado em uma carranca.

Marie-Josée reconhece sua presença casualmente.

— *Une belle journée, monsieur!*

Ela é naturalmente simpática, e mesmo eu esqueço o pêssego em seu bolso enquanto zigzagueamos em meio à massa de compradores no mercado.

— A *repoussoir* está longe de ser uma ideia nova — ela explica. — As senhoras requintadas da velha corte espanhola desfilavam por toda parte com um macaco no braço para conseguir o mesmo efeito. A audácia de Durandeu de ganhar dinheiro com isso é realmente admirável, se ele não fosse aquela lesma.

Marie-Josée agarra meu braço enquanto cruzamos a rua, evitando as carruagens e nos desviando de algum esterco de cavalo.

Eu compreendo o conceito, mas mesmo assim ainda não faz sentido.

— E a condessa? — pergunto. — Ela já é casada e bonita. Ela não precisa de uma *repoussoir*.

Marie-Josée balança a cabeça.

— *Au contraire!* A condessa é o tipo perfeito de cliente. Apesar de ser casada, ainda quer ser notada pela beleza. Na agência, com o tempo aprendi que uma mulher atraente, quando vê sua beleza indo embora com sua juventude, tenta qualquer coisa para mantê-la.

A condessa é a pessoa mais bonita que eu já vi. Como ela pode estar preocupada com a aparência?

Marie-Josée enfia a mão no bolso, tira o pêssego feio de lá e afunda os dentes nele.

— O gosto está bom para mim — ela diz com um largo sorriso, o suco escorrendo pelo queixo. — Nós somos dois pêssegos machucados, Maude! — E ri com entusiasmo.

Sei que não é a intenção, mas dói quando ela diz isso. Marie-Josée pode ser um pêssego machucado, mas eu não me sinto assim.

— Talvez eu não esteja madura ainda — digo sem pensar.

— Ah, é claro, *chérie*. Pense positivo — ela responde de maneira resoluta e, sorrindo, continua. — Isso é uma necessidade nesse trabalho.

Subitamente me preocupo que possa tê-la ofendido. Ela aceitou o que é — uma mulher feia —, e eu estou tentando me livrar do rótulo.

Seguimos na direção da agência, abrindo caminho avenida acima contra um desfile de pessoas e vendedores. Marie-Josée, sempre guia turística, aponta um café elegante aqui, um teatro com matinês baratas do outro lado. Sinto que nosso tempo para compartilhar confidências terminou. Mas ainda estou remoendo tudo o que ela me disse. Não estou disposta a ser uma sobra da vida, a vantagem social de alguma garota rica. Eu valho mais que isso, certamente.



— Chega de conversa, senhoras — diz Girard, batendo um bastão de madeira no chão para chamar a nossa atenção. Tal como acontece em todo treinamento, as cadeiras no salão estão dispostas como em uma sala de aula, todas de frente para a lareira, onde fica parada madame Girard. — Hoje vamos

fazer um exercício. Quero que vocês formem pares com as mentoras e listem os traços repulsivos uma da outra.

Sinto as palavras como um soco no estômago. Será que a ouvi corretamente? Eu me viro para Marie-Josée, que está sentada ao meu lado e simplesmente solta um suspiro, como se tivessem pedido que ela fizesse algo rotineiro e tedioso.

— Não isso de novo — ela sussurra.

É o tipo de reação que eu tinha com papai quando ele me fazia contar o estoque nas prateleiras. Olho ao longo da fileira das outras garotas e percebo um vislumbre de emoção. Apenas eu sou sensível?

— Todas aqui precisam se acostumar com *monsieur* Durandean chamando a atenção para a aparência de vocês durante a seleção — diz Girard. — E precisam estar preparadas para ouvir como o público falará sobre vocês quando entrarem em algum lugar com a sua cliente. É melhor se preparar agora do que ficar aborrecida quando estiver trabalhando.

Ela se aproxima de uma garota com cabelo escuro no fim de nossa fileira.

— Émilie, por exemplo. — Ela cutuca a perna da garota com seu bastão.
— Levante-se.

Émilie fica de pé com relutância. Ela é uma novata, como eu, e jovem, talvez dezoito ou dezenove anos; sempre que a vejo no quarto de vestir, ela é doce e silenciosa como um camundongo. Girard a examina com o rosto a centímetros do dela.

— Eu poderia dizer o seguinte: o nariz é longo e pontudo; a boca se curva para baixo como uma carranca; o queixo fraco exagera o nariz infeliz; e, é claro, os sinais no rosto lembram os de uma bruxa. Obrigada, Émilie. Pode se sentar.

Émilie dá a impressão de que acabou de levar um tapa. Eu mordo o lábio, sentindo como se essas palavras venenosas fossem dirigidas para mim. Émilie

não diz nada. Ela simplesmente se senta, e eu tenho de desviar o olhar para não cruzar com o dela.

Marie-Josée murmura alguns palavrões em voz baixa enquanto Girard continua sua aula.

— Lembrem-se, senhoras: aceitem seus defeitos — ela diz e gesticula com o braço de maneira teatral. — Eles incrementam a beleza de nossas clientes, e esse é o único propósito de uma funcionária da Agência Durandean. Agora, formem os pares e comecem o exercício. — Ela nos orienta com seus braços finos.

Dividimo-nos espalhadas pelos cantos distantes do salão. Percebo que ninguém quer ter público para esse exercício. À medida que eu e Marie-Josée gravitamos na direção das janelas, meus ombros se afundam. Como esse exercício pode ser necessário? As mulheres aqui já não examinaram o próprio rosto da maneira mais crítica possível?

Verdade seja dita: grande parte do tempo passado na agência não é terrível — quando esqueço a razão por que estou aqui. Somos alimentadas e vestidas durante as horas de trabalho, o pagamento é melhor que o da lavanderia e, é claro, o trabalho não é fisicamente exigente. Mas de vez em quando — como agora mesmo — a verdade atinge como um golpe. Às vezes é preciso esquecer parte de si mesma. Em momentos como esse, eu preferiria estar passando uma pilha de camisas.

A voz estridente de Girard ecoa no aposento.

— Émilie! Olhe sua parceira nos olhos, não evite o impacto de suas palavras. Isso não vai ajudá-la em nada.

Com um sentimento de pavor, viro-me para encarar minha mentora.

— Acho que devemos começar — digo, estudando o rosto dela à minha frente. Não posso acreditar que estou prestes a dizer coisas cruéis para minha nova amiga.

— Eu tenho minha própria variação do exercício. — Marie-Josée me cutuca. — Vou listar as minhas boas qualidades e depois será a sua vez; faz bem para o moral.

Eu sorrio, aliviada.

— E que tal listarmos as boas qualidades uma da *outra*? — sugiro. — Eu não sou muito boa para exaltar meus pontos fortes.

— Tudo bem. Você vai primeiro, então — ela fala imitando os gestos de Girard. — Cubra-me de elogios!

Olho para ela, que está tentando amenizar nossa situação.

— Vá em frente, querida, você não consegue pensar em nada gentil? — Ela pisca os cílios, fazendo-se de boba.

Reflico por um momento. Quero que minhas palavras tenham valor.

— Você gosta de proteger as pessoas — digo. — Você torna este lugar suportável, tem uma simpatia contagiante e enfrenta a crueldade com o riso. Você é como magia...

— Ah, shh, por favor. — Marie-Josée me interrompe, surpresa. Seus olhos ficam ligeiramente marejados, mas ela dá uma piscada, dominando a emoção. — Minha vez — ela diz. — Bom, para alguém tão jovem, você é bastante determinada, vindo para uma cidade grande completamente sozinha. Você é corajosa e inteligente, e bastante observadora, com esses olhinhos espertos.

Fico sem jeito com os elogios e sinto um nó se formar na garganta. Esse é o tipo de coisa que minha mãe teria me dito. Tento evitar a lembrança dela.

Marie-Josée segue em frente.

— Tem mais. Você deseja coisas maiores aqui em Paris. Acho até que você nem faz ideia do que seja, mas você o terá.

— O que você quer dizer com isso? — pergunto.

— Sinto algo a seu respeito. — Ela me olha atentamente. — Sim, você está de olho em alguma coisa, e a conseguirá — ela repete.

A emoção que eu havia sentido há pouco esfria com essas últimas observações.

Duvido de suas palavras. Como posso ser destinada para coisas maiores? Olhe para o que sou agora: uma *repoussoir* em treinamento.

O relógio bate a hora marcada e Girard corta nossa conversa com seu comando.

— Amanhã de manhã temos aula de dança na sala de jantar, seguida por boas maneiras e costumes. Senhoras, vocês estão dispensadas.



À noite, depois do trabalho, desço do bonde uma parada antes e aproveito para passear pelas ruas do bairro. Ele está tomado de cores e agitação por todos os lados, do rosto pintado das prostitutas até artistas de rua, feirantes e cartazes colados em todos os espaços livres.

Paro diante das janelas brilhantes do Café Chez Émile. Eu nunca havia me aventurado pela noite antes — uma garota sozinha em um bar não é respeitável —, mas adoro observar a cena. Metade de Paris parece encher o local agora. A decoração é simples, com um revestimento de madeira combinando com as cadeiras e sem grande ornamentação nas paredes. As pessoas estão dançando onde duas mesas foram afastadas para um canto. Espio pela janela, procurando por um vislumbre de Paul. O balcão de zinco está tomado de pessoas. Estou estudando os rostos ali dentro tão cuidadosamente que não noto a presença da banda de imediato. Mas, quando a música para e os clientes se viram, dando vivas e aplaudindo os músicos, sigo o olhar deles para um canto mais afastado. Ali, em uma plataforma ligeiramente erguida, Paul está sentado atrás do piano, rindo e dizendo algo para seus colegas de banda, um violinista e um acordeonista. Ele faz um sinal com a cabeça e a

banda começa outra música. Observo por mais alguns instantes, até que, inesperadamente, ouço batidas e vejo um homem pressionando o rosto contra o vidro, chamando-me para dentro. Imediatamente dou um passo para trás e sigo caminhando pela rua escura.



5

O clima está animadíssimo entre as *repoussoirs* esta tarde. Várias delas vão para um evento de caridade no Champs-Élysées à noite, e a bagunça de risos e conversas toma conta do quarto de vestir. Madame Girard está ajudando com alguns penteados audaciosos, e madame Leroux luta com bainhas e ajustes de vestidos. Cheiro de perfume, de pó de arroz e de chá doce se misturam no ar.

Enquanto penteio o cabelo em um dos espelhos, vejo Cécile de relance, chorando. Ela está sentada atrás de mim e noto no reflexo como seus cachos dourados estremecem, seu rosto rude está vermelho e inchado. É perturbador vê-la assim, e sinto como se isso fosse um sinal agourento; é a prova de como esse trabalho pode tratar mesmo a personalidade mais dura. Eu me viro e observo enquanto Marie-Josée se aproxima dela.

— Ah, *ma puce* — murmura Marie-Josée. — Vamos lá, não vai ser tão ruim hoje à noite. — Ela pega o lenço do bolso e seca as lágrimas da jovem.

Cécile funga alto.

— Não é justo. É impossível vê-lo com ela... — Ela se perde em uma convulsão de soluços. Tranço meu cabelo lentamente, o tempo todo ouvindo a conversa delas, sentindo-me meio culpada, meio intrigada.

Marie-Josée continua com suas palavras maternais, confortando-a.

— Eu sei que é difícil, mas é seu trabalho empurrá-lo para a cliente. É assim que deve ser — diz ela.

Cécile evita o toque de Marie-Josée, as lágrimas rolando por seu rosto.

— Ela não o ama como eu.

Marie-Josée balança a cabeça para nossa colega inconsolável, então se vira para vir em minha direção. Volto a atenção para o laço na ponta do meu cabelo e brinco com ele, fingindo que não estava ouvindo a conversa.

— Vocês, garotas, se revezam no choro, cada dia é uma — diz Marie-Josée. — Me ajude com o vestido. — Ela vira de costas para mim e eu solto os fechos com dificuldade; eles estão apertados, e é preciso alguma força para abri-los.

— O que há de errado com Cécile? — pergunto, abrindo a última presilha. Ela joga o corpete sobre uma cadeira e então sai do vestido.

— Agora solte alguns laços desse espartilho — ela me diz. — Não consigo respirar. — Eu lhe obedeço e ela suspira com alívio quando consigo soltá-los. — Sempre há uma cliente que é uma patroa cruel, Maude.

Lembro de nossa conversa anterior e sua cliente *nouveau riche*.

— Você quer dizer do tipo que não sabe usar uma *repoussoir*? — pergunto.

— Não, pior que isso — ela diz, sentando-se, e o banco range com seu peso. — Do tipo que sorri e brinca com você em público, toma seu braço, sussurra confidências e troca sorrisos tímidos. Mas depois ela se transforma e você passa a ser uma boneca para ser jogada pelo salão em um acesso de cólera dela. Corações são feridos e sentimentos pisoteados. Você tem de ser mais forte que isso. — Ela inclina a cabeça na direção de Cécile, que ainda está fungando.

Eu me permito encarar Cécile por um instante e tento imaginar o que exatamente aconteceu com ela. Se deixar levar pela vida de uma cliente até que ela passe a lhe incomodar — essa é uma posição impossível para uma *repoussoir*. Eu não quero que isso aconteça um dia comigo.

Há uma batida na porta do quarto e as garotas param de falar por um momento.

— Estão todas vestidas? — chama uma tranquila voz masculina para um farfalhar de saias e gritinhos abafados. — Eu tenho os pagamentos para entregar.

O belo homem que Durandeu consultou durante minha entrevista entra no quarto de vestir carregando uma caixa de envelopes. As garotas parecem experimentar uma reação em cadeia de palpitações enquanto ele passa por elas. Marie-Josée explicou que Laurent é responsável pelo recrutamento e pelas contas. Ela também me contou que ele é a razão por que muitas das *repoussoirs* estão aqui. Sua beleza e charme é a arma secreta de Durandeu. Trata-se de uma tarefa complicada recrutar mulheres feias, mas nenhuma garota consegue ficar brava com ele por ser requerida pela agência. Ninguém consegue ficar com raiva dele por nada.

Laurent chama os nomes, um a um, e as garotas abrem os melhores sorrisos quando ele lhes entrega o pagamento — exceto Cécile, que pede para uma amiga ir pegar o seu envelope.

— Maude Pichon!

Um vislumbre dele é um deleite, mas é o envelope pardo contendo meu pagamento que me anima — é a única coisa que me impede de naufragar em Paris.

Quando é sua vez, Marie-Josée caminha lentamente até Laurent usando apenas suas roupas de baixo e um sorriso malicioso, dobras de gordura quase

estourando para fora de sua chemise de algodão fino. Eu jogo uma mão sobre a boca, perplexa.

— Você sabe, minha cliente apareceu com uma tosse terrível, então estou livre para você este fim de semana — ela sussurra no ouvido dele. — Tem um show novo no Le Chat Noir... Que tal, bonito?

Com Marie-Josée é tudo ou nada mesmo! Tenho de segurar uma risada com a sua brincadeira absolutamente descarada.

Laurent não se incomoda. Ele simplesmente sorri e diz:

— Bem que eu gostaria, *ma belle*, mas estou recrutando para o chefe. Os negócios estão em alta e a demanda é grande. — Ele baixa o tom de voz. — E não quero deixar as outras garotas com ciúmes. — Ele sorri para ela e, mesmo não sendo para mim, também sinto uma palpitação no coração.

Observo cuidadosamente enquanto ele caminha na direção de Cécile e acaricia seu rosto abatido.

— Ah, *pauvre petite*, fiquei sabendo o que aconteceu na noite passada. Ele não vale essas lágrimas, então levante a cabeça, amor.

Cécile olha para ele com olhos inchados. Um soluço residual escapa.

Um ruído marcado de passos no corredor acaba com a animação e faz a atenção de todas se voltar para a porta. É como se a temperatura no aposento esfriasse com a entrada de Durandeu.

Todas evitam o seu olhar. Eu não quero ser notada por ele também, mas não consigo deixar de olhá-lo furtivamente: vestido impecavelmente em uma casaca para a noite, ele aperta os lábios e ajeita a gravata borboleta em preparação para um discurso.

— Primeiro os aborrecimentos. *Mademoiselle Carré*. — Ele encara Cécile e eu percebo que recuo para trás. — Você decepcionou a agência com seus ataques histéricos no trabalho. Você vai ter uma última chance de mostrar seu profissionalismo novamente, ou será dispensada do privilégio de nos servir.

Pelo canto do olho, pego Marie-Josée fazendo uma careta. Como ela pode ser tão corajosa?

— *Mademoiselle* Pichon! — Dou um salto ao ouvir meu nome. Seus olhos brilhantes estão fixos em mim e eu me encolho por dentro. — Você deve se encontrar com a condessa Dubern e sua filha em uma boutique de moda feminina amanhã à tarde. Isso vai possibilitar que a condessa avalie sua adequação como par para a filha dela.

Meu coração para de palpitar; fico contente por não estar em apuros. Mas agora o trabalho é real. Até aqui as lições aprendidas com Girard mantiveram distante o pavor de meu primeiro trabalho.

— *Oui, monsieur* — consigo dizer.

— *Madame* Leroux tem uma roupa adequada para você. O seu transporte será arranjado da agência, de carruagem, às quinze para as três. — Ele ergue a lapela para cheirar a gardênia que traz ali. — Esperamos que você combine como par. Não nos decepcione.

Sem mais uma palavra, Durandeu se vira e sai em direção à porta, com Laurent em seus calcanhares.

— Obrigado, senhoras — Laurent agradece, e então manda um beijo por trás das costas de Durandeu enquanto fecha a porta.

Tão logo eles saem, todas relaxam de volta para suas conversas, mas eu fico em silêncio. Um nó cresce em meu estômago quando penso em meu primeiro trabalho. A condessa é muito mais intimidante que os exercícios de treinamento. Pego uma cadeira próxima de Marie-Josée. Ela está sentada em uma das penteadeiras, passando creme em seu rosto rechonchudo.

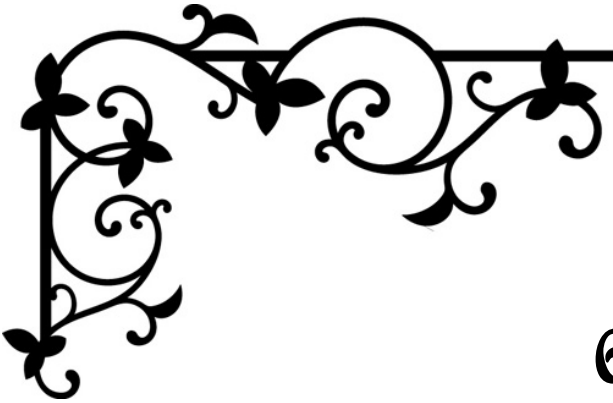
— Não se desespere, *ma grande*. Você aprendeu com a melhor — ela sorri para mim.

Suas palavras não são reconfortantes. Sinto reviravoltas de ansiedade em meu estômago; então Marie-Josée estende uma mão oleosa e a coloca sobre a

minha, seu rosto sério agora.

— Lembre-se, Maude, você precisa ter a casca como a de uma baguete amanhecida: dura como uma rocha. — Ela aperta a minha mão. — Não se deixe abalar e você ficará bem.

Concordo com a cabeça e forço um sorriso. Quero acreditar nela.



Descobri que, em antecipação a qualquer evento temido, o tempo acelera. Minhas aulas da manhã passaram voando e agora estou sentada na carruagem da agência, que abre caminho pelas ruas de Paris, indo em direção a meu encontro com a condessa e sua filha. Sinto como se um clarim devesse proclamar nossa passagem e soar o alarme. A urgência que pulsa com a vida aqui é estonteante. Eu me pergunto quando todas essas novidades e mudanças vão parar. Quero o sentimento de sossego que paira no ar antes de uma tempestade, quando parece que a Terra parou de girar. Se eu pudesse apenas recuperar meu fôlego, firmar meus pés. Mas não há descanso. A cidade passa voando por minha janela, mal dando para distinguir as pessoas.

Rápido demais a carruagem desacelera e para no Boulevard Haussmann. O cocheiro me ajuda a descer e aponta para a loja onde meu encontro vai acontecer: uma boutique de chapéus femininos. Ela tem a fachada de ferro fundido e a vitrine exhibe um letreiro dourado em letras espirais no qual está escrito *Le Miroir des Modes*. Chapéus estão exibidos na vitrine, pendurados

como ramos de uma árvore exuberante. A carruagem se afasta e sou deixada sozinha na rua, tentando encontrar coragem para entrar no estabelecimento.

Sinto um aperto no peito quando abro a porta da loja e ouço o tilintar de um sino. Apenas uma cliente está pagando uma conta e nenhum sinal da condessa e sua filha. Solto a respiração — que eu nem percebia estar segurando — e sinto um grande alívio. Devo ter chegado cedo.

Avanço loja adentro, assimilando todo o ambiente. Nunca estive em um lugar tão elegante. O teto é mais alto do que se poderia esperar olhando da rua, e as paredes têm acabamento em madeira escura e molduras de um tom creme. Suspenso no teto, há um lustre brilhante iluminando todos os modelos e cores de chapéus femininos. Há estantes de vidro altas guardando as criações mais frágeis, e delicadas gavetas de madeira estão abertas exibindo lenços arranjados em fileiras.

Eu me viro e tenho um vislumbre do meu reflexo na parede de espelhos — é como olhar para uma estranha, vendo a mim mesma em um traje da agência riscado de marrom. Ele parecia muito mais interessante que as minhas próprias roupas no quarto de vestir, mas aqui, nesta loja elegante, é óbvio como pareço enfadonha e modesta: perfeita para uma *repoussoir*.

A cliente deixa a loja e a vendedora rosada volta a atenção para mim.

— *Bonjour, mademoiselle*. Avise-me se precisar de ajuda com tamanhos ou modelos.

Que estranho ser tratada como cliente.

— Eu vou me encontrar com algumas amigas — digo a ela e vou até uma espreguiçadeira diante dos artigos em exibição na vitrine. Estou intimidada demais para tocar os chapéus finos, então me sento para esperar pelas clientes.

Quando cheguei a Paris pela primeira vez, era meu sonho trabalhar em uma loja como esta, cheia de coisas bonitas, uma realidade muito distante das necessidades práticas da vida no campo. Nada de arrastar sacos de batatas e

caixas de maçãs ou repor o estoque de garrafas de óleo para cascos e rolos de papel pega-moscas. E o mais importante: nada de ter papai andando atrás de mim.

Olho para os chapéus requintados; eles se parecem com pássaros exóticos. Quero passar a mão sobre as plumas e sentir a suavidade fazer cócegas em minha pele. Imagino escolher um chapéu diferente para usar a cada dia. Por alguns momentos, esqueço a razão por que realmente estou aqui. Então um pensamento maçante me ocorre, um ponto do livro de regras das *repoussoirs* me vem à lembrança. Eu havia recebido uma cópia do volume empolado no primeiro dia de treinamento.

II. ii. *Alieni Appetens*. É proibido cobiçar os pertences das clientes, uma vez que isso encoraja desejos doentios. Além disso, qualquer roubo suspeito da propriedade de uma cliente resultará em exoneração e medidas legais.

É como se os chapéus elegantes se afastassem de mim girando com desdém e as luvas exibidas no balcão me apontassem dedos acusadores. Elas sabem que eu não mereço usá-las; elas sabem que eu não pertencço a este lugar.

O tilintar do sino da loja volta minha atenção para a porta. Fico surpresa por ver a amiga da condessa, madame Vary. Ela usa penas de pavão no chapéu e anda de maneira arrogante, como o próprio pássaro.

— Ah, aí está você, Maude — ela diz quando me vê.

Eu me levanto e apertamos mãos enluvadas.

— *Bonjour* — diz a vendedora.

Madame Vary a ignora e olha para mim de cima a baixo.

— Só pela condessa eu me envolveria em uma coisa dessas. Ela é uma amiga tão preciosa. — Suas palavras calorosas não combinam com seu tom de voz desdenhoso. Ela tira o chapéu com penas de pavão e o joga atrás de mim, em cima da espreguiçadeira. — Você é a filha da prima em segundo grau do

meu falecido marido, se alguém perguntar. — E em um sussurro: — Você parece mais com o lado *dele* da família.

Não sei a que ela está se referindo, mas percebo que seu último comentário é uma desfeita. Como ela pode me ofender quando mal lhe falei uma palavra? Observo enquanto ela caminha na direção da parede espelhada e confere sua aparência. Ela não parece com nenhuma viúva que eu já tenha visto — bonita demais, glamourosa demais e jovem demais. Eu não gosto dela.

— Como sabe, meu nome é *madame* Vary, mas você pode me chamar de *tante* para essa farsa — ela anuncia.

— Devo então fingir que você é minha tia? — pergunto.

Ainda olhando no espelho, ela diz:

— A condessa vai explicar tudo para você. O que quer que diga a Isabelle, *não* mencione aquela agência.

Ela se afasta de seu reflexo no espelho e caminha na direção da coleção de chapéus em exposição. Suas palavras me deixam perplexa.

Antes que eu possa descobrir mais, a porta da loja se abre novamente e eu me volto para ver a condessa entrando com uma garota da minha idade. Em um primeiro momento, a filha parece uma versão mais jovem da mãe, com o mesmo cabelo escuro volumoso e a pele pálida, mas, quando a observo mais de perto, vejo que seus traços são mais suaves, menos esculpidos. Ela tem os mesmos olhos escuros, mas com a cor de uma cereja preta.

As Dubern cumprimentam madame Vary, que me apresenta como parente de seu falecido marido.

A condessa sorri, proporcionando-me todo o privilégio de seu lindo rosto.

— Maude, é um prazer vê-la de novo. — Fico surpresa como ela é mais amigável agora do que quando estava na agência.

Sua filha não é nem um pouco amigável, no entanto. Eu lhe estendo a mão, meu sorriso parecendo forçado e pouco natural.

— É um prazer conhecer você, Isabelle — eu digo, e ela mal articula um *bonjour* em retorno. Ela poderia ser mais bonita se sorrisse.

Ela se afasta de nós e começa a perambular pela loja, olhando para os artigos. Sua falta de interesse em mim não faz sentido — ela não deveria estar *me* observando em vez dos chapéus? Sua mãe e madame Vary foram tão exigentes quando avaliaram as garotas da agência.

A condessa gesticula para que eu siga sua filha pela boutique, então caminho atrás dela como um cachorrinho. Ela aponta um chapéu aqui outro ali, mas não experimenta nenhum. Sinto um frio no estômago e ensaio algumas frases em minha cabeça, mas não consigo dizer nada. Ela parece completamente indiferente à minha presença.

A condessa e madame Vary mandam a vendedora de um lado para outro, suas vozes enchendo a loja. “Este chapéu com menos detalhes.” “Mais penas.” “Este em outra cor.” “Um outro com véu.” “Sem as joias.” De onde estou, parece que a condessa faz escolhas corajosas, e madame Vary prefere os estilos mais bonitos e frívolos. Nunca vi clientes tão animadas com alguma coisa.

Os minutos passam, e sinto como se estivesse fracassando no encontro. Ando em torno de Isabelle e pego um chapéu, virando-o de um lado para o outro. Enquanto tento descobrir onde é a frente, Isabelle pega um barrete de palha simples com uma faixa preta e o experimenta. Nesse instante, eu me lembro do treinamento. *Elogie sua cliente sobre a aparência dela.* Finalmente, um tópico para conversar.

— Esse parece bonito — eu digo.

Ela me encara.

— Não estou procurando algo bonito.

Sua objeção me surpreende. *Então por que você precisa de mim?*, eu penso.

A condessa interfere antes que eu possa responder.

— Isabelle! Tire essa coisa feia e experimente algo apropriado. Sinceramente, por que você gosta de brincar de pobre?

Isabelle tira o chapéu com um suspiro e caminha distraída até uma coleção de chapéus com penas no topo. Ela pega uma criação ambiciosa com plumas em tons de rosa e lilás.

— Que tal este, mamãe?

— Isabelle, por favor. Precisa ir para o outro extremo? Você não vai andar em um elefante de circo.

Eu desvio o olhar, não querendo testemunhar suas discussões.

— E que tal esse para sua filha, *madame*? — A vendedora intervém com um chapéu de pena de avestruz cinza.

— Parece mais apropriado — aprova a condessa.

A vendedora se aproxima de Isabelle e coloca o chapéu no lugar.

— Agora fique parada na frente do espelho — ordena a condessa. — Dê uma olhada. — Isabelle obedece enquanto a condessa confia para a amiga. — É um alívio vê-la finalmente parecendo uma dama, e não uma camponesa ou uma estudante.

Mas Isabelle mantém uma resistência ferrenha em relação ao chapéu.

— Ele não me cai bem, mãe. As penas ficariam melhores em um pássaro.

Fico a alguns passos atrás de Isabelle, estudando seu reflexo. Ela é bonita, mas sua beleza não chama a atenção como a de sua mãe. E há uma rebeldia nela; algo em relação à linha de seu queixo, de como ela mantém a cabeça erguida. Olho para meu próprio reflexo em contraste. O efeito de comparação funciona? Eu realmente a faço parecer mais bonita? Como é estranho querer que falte algo ao seu próprio rosto, que ele desaponte e cause tamanha repulsa no observador a ponto de ele se apegar à sua companhia.

A condessa se dirige à vendedora.

— Vamos ficar com o chapéu de penas de avestruz e esses outros. — Ela aponta para a espreguiçadeira, para a abundância de chapéus que ela e madame Vary escolheram. — Pode começar a embrulhar tudo.

Isabelle pega o chapéu de penas de avestruz e dá para a vendedora. Ela percebe que a estou observando.

— Sim? — diz acidamente.

Eu canalizo Girard. *Rápido*, penso, *elogios*.

— Ah, é que... essas penas de cor cinza contrastam muito bem com seu tom de cabelo — digo, sorrindo.

Ela revira os olhos.

— Você é uma macaca de circo. Vai me elogiar a cada chapéu que eu experimentar?

Por que ela está sendo tão difícil? Ela sabe que esse é o meu trabalho; o que ela esperava? Eu desvio o olhar, meu rosto ruborizado de vergonha. É como se Isabelle estivesse fingindo ignorância sobre o propósito de nosso encontro. E então compreendo a situação com um sobressalto: talvez ela não esteja fingindo. Talvez ela não saiba a razão por que estou aqui. Meu coração acelera quando vou computando as evidências: a atuação de madame Vary de que sou sua parente, a tensão entre mãe e filha, e a relutância de Isabelle de parecer bela ou feminina. Toda essa farsa é obra da condessa, tenho certeza disso. Contratar uma *repoussoir* para sua filha sem o conhecimento dela — se Isabelle fosse mais agradável comigo, eu sentiria pena dela.

— Desafio você a encontrar o chapéu mais feio na loja. — Eu me viro para vê-la me encarando. — Um chapéu que me faça parecer ridícula.

Olho de relance para a condessa e madame Vary em busca de ajuda, mas elas estão ocupadas com a vendedora do outro lado da loja. Respiro fundo e caminho em volta dos artigos, procurando por um chapéu ruim, o chapéu

errado, o esquisito. Isabelle segue em meus calcanhares. Vejo um decorado com uma miríade de rosas de seda e um véu de renda.

— Esse — eu aponto.

— Por que você não gosta dele? — ela pergunta.

— É enfeitado demais, eu acho, para ser de bom gosto.

Espero ter tomado a decisão certa. Seria esse algum tipo de teste ou truque?

Ela pega o chapéu e o examina. As flores de seda estão amontoadas como uma grande roseira. Mesmo o véu tem rosinhas bordadas.

— Quem você acha que usaria um chapéu assim? — ela me pergunta com um sorriso.

Aliviada por estarmos realmente conversando, respondo ansiosamente:

— Uma atriz, talvez. Uma estrela do *vaudeville*, quem sabe?

Um brilho ilumina seus olhos.

— Ou uma cortesã — ela brinca, experimentando o chapéu. Eu rio com entusiasmo, grata por estar compartilhando uma piada com ela.

Madame Vary se aproxima enquanto Isabelle ostenta o chapéu.

— Você encontrou algo antes que sua mãe liquide a conta?

O rosto de Isabelle cai.

— Eu me apaixonei por este, mas sua sobrinha disse que pareço uma prostituta.

Fico boquiaberta e madame Vary enrubescer e me olha furiosa. Isabelle faz uma cena ao tirar o chapéu, como se ele estivesse contaminado, e o coloca de volta na estante. Que megera! Como as mentiras saem de sua língua com facilidade. Eu tento me defender.

— Mas eu...

— Maude! Peça desculpa agora mesmo. — A voz de madame Vary é como ácido. Ela toca o braço de Isabelle e em um tom mais suave diz: — Tenho

certeza de que ela não quis ser rude. Vinda do... hum... convento, ela não está acostumada com a última moda.

A condessa chama:

— Isabelle! Busque o cocheiro. Diga-lhe que temos caixas para colocar na carruagem.

— Sim, mãe.

Isabelle sorri satisfeita na minha direção enquanto caminha entre mim e madame Vary. Quando está seguramente longe do alcance de sua voz, madame Vary agarra meu punho e sussurra:

— Onde estão seus modos? Achei que eles tinham treinado você para se comportar como uma dama. Isso aqui não são os assentos baratos.

Ela me larga e sai apressada logo afora atrás de Isabelle.

É óbvio para mim que não sou o tipo de par para a filha desprezível da condessa. É tudo tão absurdo. Esse encontro está sendo um desastre. Por que eles não me prepararam direito para a farsa? Independentemente de ela saber a verdade de minha posição, Isabelle Dubern é má. Lembro-me das palavras de Marie-Josée: *Sempre há uma cliente que é uma patroa cruel.*

— Maude! — a condessa me chama. Sinto um aperto no peito quando me aproximo dela. Será que ela ouviu o diálogo com Isabelle? Estou com medo do que ela tem a dizer e prendo a respiração.

— Você e Isabelle combinam — ela diz, experimentando um par de luvas azul-escuro. — Quero você para o baile de debutantes dela em Rochefort. Mas, antes de soltá-la na sociedade com minha filha, quero que vá jantar conosco amanhã à noite, para eu ter certeza de que você saberá se comportar entre nossos amigos.

Ela estende o braço para examinar a luva.

— Mas vou ser absolutamente clara — continua. Sua voz é cortante e fria, como um bloco de gelo trincando. — Este não é um trabalho como os outros

da agência. Isabelle não sabe o que você é. Até onde ela sabe, você é a nova melhor amiga dela. — A condessa me olha nos olhos. — Ela nunca deve descobrir a verdade. Você compreende? — Seu olhar é resoluto.

Concordo lentamente com a cabeça. Compreendo perfeitamente: a condessa me deu uma missão impossível.



Esta é uma das poucas vezes em que sou cliente no Café Chez Émile. No sábado, a agência fica fechada até o meio-dia. São dez e pouco da manhã, e estou saboreando uma xícara de chocolate quente, fingindo ler o jornal, mas na realidade examinando rostos e procurando pelo terno largo de Paul em meio aos clientes.

“Torre Eiffel já passa da segunda plataforma e se aproxima dos duzentos metros.” Leio as palavras superficialmente, sem prestar atenção. Meu chocolate quente está terminando e estou quase desistindo quando, com um frêmito de reconhecimento, vejo Paul passar pela porta. Ele está com dois amigos e eles escolhem uma mesa na parede oposta. O garçom obviamente os conhece, pois os serve sem perguntar os pedidos. Agora é o momento certo. Sinto um ímpeto de coragem me impulsionando para agir enquanto me levanto da cadeira, mas, antes que eu caminhe até a mesa dele, algo me faz parar: Paul e seus amigos são subitamente distraídos. Meus olhos seguem os deles na direção de uma mulher atraente que entrou há pouco.

— Suzanne! Suzanne! — eles a chamam.

Ela acena e se aproxima da mesa deles. Todos ficam contentes em vê-la — incluindo Paul —, e eu observo pasma enquanto, um a um, eles se levantam de um salto e a beijam em ambas as faces. Ela usa o cabelo longo e ondulado solto e carrega uma tela grande debaixo do braço. Vendo-os todos juntos, eu me encolho de volta para meu assento e fico olhando para as borras do chocolate quente. Quando levanto o olhar novamente, vejo que ela está sentada ao lado de Paul e a pintura está apoiada em cima da banquetta. Ela não fica ali por muito tempo. Paul a pega e retira o lençol de algodão que a está cobrindo. Não consigo ver direito o trabalho, mas a mesa é tomada por uma animada discussão. Ela é a artista? Quem quer que seja, é o centro das atenções. Quanto mais alto é o tagarelar deles, mais invisível eu me sinto. Coloco uma moeda sobre a mesa pelo chocolate quente e saio do café furtivamente, sem que ninguém perceba.

O bonde está parado na Rue de Rennes e, apesar de ter tempo para perder, eu corro para pegá-lo. Como sempre, subo para a plataforma a céu aberto, de maneira que eu possa ver a paisagem. Minha parte favorita do caminho para o trabalho é quando estamos sobre a Pont Neuf, cruzando o Sena, e posso ver os dois lados de Paris espalhados de cada lado do rio. Vivo na margem esquerda, e tudo que se relaciona à agência e às pessoas ricas, até onde sei, fica na margem direita. Mas hoje, quando o bonde chega à Pont Neuf, em vez de aproveitar a vista, repasso a cena no café. *Por que eu não disse um simples olá para ele?*, penso e deixo um suspiro escapar. O bonde dá um tranco e então ergo o olhar para observar o outro lado do rio. A torre inacabada de Eiffel está subindo ao longe. Não me adaptar nunca fez parte do meu sonho de Paris.

Começo a pensar na série de eventos que me levaram a finalmente deixar Poullan-sur-Mer. Eu passara a odiar a loja, com todos os seus itens práticos de necessidade da vida no campo. Nenhuma afetação ou luxo. Nada perfumado,

bonito ou delicado. Costumava ser divertido quando eu era pequena e o toque de minha mãe podia ser sentido no estoque e na organização. Depois de sua morte, papai me tirou da escola. Em sua opinião, eu tinha aprendido o suficiente de aritmética para ser útil e fui então colocada para trabalhar cuidando das contas. Enquanto meus colegas liam sobre Pompeia e Bizâncio, eu estava contando garrafas de unguento ou carregando sacos de farinha. Se algum dos meus amigos fosse à loja para me ver, papai ficava à nossa volta, suspirando até ele ir embora. Ele dizia que não gostava de me ver entre conversas com amigos enquanto trabalhava. Aposto que, sendo o avarento que ele é, não queria que eu entregasse uma manteiga ou chocolate extra. Ou talvez estivesse preocupado que eu fizesse vista grossa se um dos espertinhos roubasse algo.

Eu tinha começado a conversar com papai sobre voltar para a escola. A loja estava indo bem. Eu ainda poderia ajudá-lo nos fins de semana e durante as tardes. Eu queria aprender — havia um mundo de conhecimento que eu estava perdendo. Foi quando ele começou a promover a ideia de me casar. Eu logo teria dezesseis anos, e essa era a sua maneira de me controlar, reprimindo meus sonhos.

A ideia de fugir surgiu gradualmente: um segredo que eu não estava disposta a contar nem para mim mesma. A gota-d'água veio quando eu estava no porão pegando as maçãs do depósito. Lá embaixo, você consegue ouvir as tábuas do assoalho ranger e as conversas abafadas no andar de cima. Papai estava na frente da loja carregando as provisões na carroça de um agricultor, e a esposa dele estava fofocando com uma amiga, presumindo estar sozinhas na loja.

— Ela é apenas uma juvenzinha, e ele a faz trabalhar seis dias por semana — ela disse. — Os jovens precisam de algum tempo para viver. Deus sabe que haverá trabalho suficiente para ela quando crescer.

Eu congelei com as palavras dela, uma maçã em cada mão. Elas estavam falando sobre mim.

— Quem vai trabalhar de graça quando ele arranjar um casamento para ela? — perguntou a outra mulher.

Estiquei o pescoço na direção do teto, esforçando-me para ouvir.

— Bom, ela estará bem do outro lado da rua. Ouvei dizer que Thierry esteve insinuando que quer uma esposa jovem, para ter alguns filhos.

Meu coração golpeou com força no peito. Monsieur Thierry, o açougueiro? Mas ele era velho e com o rosto esburacado e ainda batia no cachorro. Como papai poderia pensar que...

— Bom, creio que ela não está em posição de escolher. Ela não tem a beleza da mãe, isso com certeza.

— Sim, ela é sem graça como um saco de farinha. Pobrezinha, a orientação da mãe seria importante nesta idade.

Senti o sangue fluindo para minha cabeça, bombeando furiosamente, meu estômago revirando e os nós dos dedos brancos por apertar com força as maçãs.

— Imagino que seja bondade da parte do velho Pichon. Ele quer que cuidem dela.

— Ou ele acha que, tendo Thierry como genro, vai ganhar um assado todas as noites da semana! Raposa velha.

Subitamente pude ver minha vida tranquila planejada minuciosamente, e era como se eu tivesse envelhecido quarenta anos. Eu nunca visitaria Paris ou dançaria com um cavalheiro ou assistiria a uma ópera. O vilarejo inteiro apertado naquele porão úmido, sugando o ar e me esmagando. Meu destino havia sido decidido; ninguém esperava nada mais de mim.

Ouvei o rangido da porta e o tilintar do sino da loja, seguidos pela voz de meu pai. Seus comentários banais sobre o tempo e seu tom simpático com os

clientes me insultavam. Minhas unhas perfuraram a casca das maçãs. Se eu quisesse, teria de tomar conta do meu próprio destino. Foi então que a ideia explosiva de fugir para Paris me ocorreu com o brilho esfuziante de um fósforo sendo riscado. E aquela chama permaneceu sibilando e faiscando em meu peito. Ela seguiu brilhando e crescendo, e não seria apagada.



É sábado à tarde e a agência está agitada com a preparação para mais uma noite cheia. Todas as garotas, exceto algumas novatas e aquelas mentoras não designadas, estão enfiadas no salão, passando por mais uma lição com madame Girard.

Deixo a voz dela flutuar sobre mim enquanto observo o céu lá fora ir do dourado para o purpúreo. A tarde está findando em Paris, e eu trago minha apreensão da noite iminente como um artigo de segunda mão indesejado. Se pelo menos Marie-Josée estivesse aqui para me tranquilizar. Não a vejo desde ontem, antes de meu encontro com as Dubern. Estou louca para lhe contar o que aconteceu com Isabelle, mas de manhã estive ocupada experimentando meu vestido para a noite, e à tarde ela saiu para um encontro como *repoussoir*, alongando-o tempo suficiente para ficar de fora do treinamento.

— Outubro marca o começo da temporada em Paris — ensina Girard. — Todas as famílias ricas parisienses já retornaram das casas de campo ou de viagens ao exterior e estão de volta ao turbilhão social. — Desejo que ela pare;

suas palavras apenas me deixam mais ansiosa. — Como funcionárias da agência, vocês vão experimentar do melhor: noites de estreia no teatro, banquetes fartos e bailes exclusivos. Vocês serão levadas a todos os lugares de carruagem, usarão bijuterias e roupas finas.

Ouçõ algumas risadinhas abafadas com o último comentário. As garotas fazem apostas sobre se nossa costureira, madame Leroux, é daltônica ou tem um gosto naturalmente abominável. Qualquer que seja a razão, seu talento em nos fazer parecer péssimas é lendário. Girard segue monotonamente.

— As pessoas que não sabem vão pensar que vocês pertencem ao círculo social delas. Tudo que vocês precisam fazer é se ambientar e atender a cliente.

Não consigo ficar parada e fico me mexendo na cadeira. Todas parecem inquietas. Muitas de nós, novatas, já estiveram em trabalhos sozinhas, e o treinamento parece redundante. Ele não me ajudou no único encontro que tive com Isabelle Dubern.

— Quero terminar a lição de hoje discutindo uma das sutilezas do papel de vocês — anuncia Girard.

Ela faz uma pausa para enfatizar a importância do que está prestes a dizer, mas para mim parece apenas que ela está parando o tempo. Já não deveríamos ter terminado? Olho para o relógio: restam dois minutos.

— Uma relação bem-sucedida entre a *repoussoir* e sua cliente é aquela baseada na aparência da amizade, uma amizade próxima.

Essa observação chama a minha atenção. Eu não parei de pensar nas palavras da condessa para mim desde que ela as pronunciou. Girard continua:

— O efeito de comparação só pode funcionar se você fizer de si mesma um espelho para sua cliente, permanecendo perto o suficiente para aumentar a beleza dela. A cliente fará a parte dela e será agradável com você, a tratará como sua melhor amiga, compartilhando segredos e rindo com você. E você também tem de fazer a sua parte.

Quero balançar a cabeça. E se sua cliente está sendo enganada pela própria mãe? E se ela não sabe que tem um papel a desempenhar? Se Girard fosse um pouco mais acessível, eu poderia pedir o seu conselho, mas Marie-Josée é a única pessoa em quem confio. Eu preciso falar com ela antes de sair para o encontro das Dubern. Certamente, ela saberá o que fazer.

— Lembre-se: quanto mais próxima você parecer de sua cliente, melhor o resultado. — Girard gesticula dramaticamente, uma mão em seu coração, a outra estendida para algum público imaginário. — Pense em si mesma como uma atriz no palco...

Antes que ela possa terminar o discurso, o relógio no consolo da lareira soa as horas e o treinamento finalmente termina.

Eu sou a primeira a deixar o salão. Talvez Marie-Josée tivesse voltado enquanto eu estava presa na aula. Corro pelo corredor a caminho do quarto de vestir, escancarar a porta e examino o aposento, procurando por sua familiar figura redonda. Mas, enquanto recupero o fôlego, percebo no mesmo instante que ela não está ali. Outras garotas entram no quarto, desviando-se de mim. Não posso encarar Isabelle Dubern e sua mãe intimidante sem compartilhar com Marie-Josée o que aconteceu na chapelaria. Ela nunca tem medo das clientes. Mais que isso, ela é como meu amuleto da sorte na agência — eu só preciso vê-la e então nada parecerá tão ruim.

— Maude. — Madame Leroux me vê e acena para mim. Ela pega meu traje da armação com vestidos pendurados para os encontros da noite. É um vestido próprio para uma mulher mais velha: rendas cinza-escuro com luvas combinando.

Ela o segura contra mim no cabide.

— Deve ficar melhor agora que aumentei a bainha e apertei a cintura.

— Você viu a Marie-Josée hoje? — pergunto enquanto ela me passa o vestido.

— Não, não a vi. — Ela estala os dedos, irritada. — Vamos lá, vamos trocar de roupa logo.

Tiro a roupa de dia da agência e ela me ajuda com o vestido de noite. Vejo meu reflexo no espelho: pareço uma viúva desvanecida sem nem mesmo ter me casado.

— Sente-se — ela instrui, apontando para o banco diante do espelho. Ela desfaz minha trança e penteia meu cabelo, juntando-o em um monte no topo de minha cabeça, fixando-o com presilhas.

Levo uma mão até minha nuca nua. Não estou acostumada a usar meu cabelo para cima desse jeito. Eu me sinto exposta.

— Você está pronta. Hortense, você é a próxima — ela chama.

Deixo o quarto de vestir e confiro as horas quando passo pelo relógio na parede. Tenho uma hora até sair. *Vamos lá, Marie-Josée*, penso. *Volte logo*.



Eu me sento sozinha na sala de jantar da agência com um grande guardanapo sobre o vestido, cuidando para não derramar meu jantar sobre ele. As regras sobre a janta foram prestativamente presas na parede à minha frente.

IV. i. Todas as *repoussoirs* devem comer na sala de jantar da agência antes de ir trabalhar em um evento onde alimentos serão servidos. Essa atitude é em resposta a determinadas pessoas comerem em excesso no trabalho, assim como guardarem restos na bolsa de mão e nos bolsos do casaco. Esse tipo de comportamento é estritamente proibido e resultará em exoneração imediata.

Não tenho apetite algum. Faço desenhos com o garfo no molho que corre da torta de carne com purê de batatas. Talvez Isabelle seja mais amigável comigo esta noite, ou talvez ela seja pior. Meu estômago dá um salto com o pensamento.

— O que você está fazendo? — A voz me sobressalta e eu ergo o olhar para encontrar os olhos cintilantes de Marie-Josée. Ela empurra meu prato para o lado. — Não vá se empanturrar antes de um jantar. Não vai sobrar muito espaço assim.

Imediatamente me levanto de um salto e beijo seu rosto.

— Estou feliz que tenha chegado. Você esteve fora a tarde inteira.

Ela ri com as boas-vindas e se senta.

— Leroux me disse que você vai jantar com as Dubern hoje à noite. Se importa se eu terminar o seu prato? — ela pergunta.

— Vá em frente. Mas e as regras? Eu deveria tentar comer algo.

— Bobagem! — Marie-Josée responde. — Aproveite as regalias. Você faz ideia de como o banquete será incrível? Você não pode perder isso.

Ela pega meu guardanapo e o enfia no colarinho do seu próprio vestido.

— Apenas não deixe ninguém ver você pegando algo, e nada mole demais ou vai estragar na sua bolsa. — Ela me dá uma piscadela. — Leroux talvez não conte nada, mas Girard sempre arranja um jeito de descobrir.

Um pulso de ansiedade se acelera pelo meu corpo enquanto imagino o jantar que está por vir.

— Duvido que eu seja capaz de engolir alguma coisa.

Marie-Josée enfia na boca um garfo carregado de torta de carne com purê de batatas.

— Por que esse nervoso? Se você já está no segundo encontro, é porque ontem deve ter se saído bem.

— É por isso que eu estava desesperada para falar com você. O encontro não foi tão bem assim. A garota é uma peste. E essa não é a pior parte. Eu tenho de fazer amizade com ela, não como *repoussoir*, mas como uma amiga de verdade.

— O que você quer dizer com isso? — diz Marie-Josée, com a testa franzida e um pedaço de batata pendurado no canto da boca.

— A condessa está me contratando para o baile sem que a filha saiba a verdade.

— O quê? — diz Marie-Josée, limpando os lábios com meu guardanapo. — A filha não sabe que você é uma *repoussoir*? — Essa é a primeira vez em que vejo Marie-Josée verdadeiramente espantada.

Balanço a cabeça.

— Eu devo fingir que sou a sobrinha ou prima em segundo grau do falecido marido da *madame Vary*, ou algo assim, e fazer amizade com Isabelle sem que ela saiba de nada. Tenho de ir ao jantar hoje à noite e ao baile sábado que vem.

Marie-Josée para de comer por um instante.

— Nunca ouvi falar disso antes; a cliente não saber a verdade sobre sua acompanhante. Normalmente são elas mesmas quem nos escolhem.

— Exatamente. Isso torna meu trabalho impossível, porque Isabelle deixou claro que não gosta de mim.

Marie-Josée pensa por um momento.

— Como? Ela é vaidosa e arrogante?

— Não, é orgulhosa e insociável.

— Não seja submissa. Ou ela vai se acostumar a conseguir o que quer. Mostre algum brio. — Ela anui para mim. — Eu sei que você tem isso dentro de você. — Ela limpa o último pedaço da torta de carne com purê de batatas.

— Mas como? — pergunto.

Marie-Josée não tem chance de responder. A voz nasal de Girard pode ser ouvida atravessando a sala; viramo-nos para ver Cécile apontando para nossa mesa. Girard se apressa na nossa direção com seus passinhos miúdos.

— *Mademoiselle Pichon!* — ela chama.

Quando ela chega à nossa mesa, olha de relance para meu prato vazio.

— Muito bem, você terminou seu jantar. *Monsieur* Durandeu gostaria de lhe falar antes que você saia. Ele está no seu aposento particular.

Eu concordo com a cabeça e troco um olhar com Marie-Josée. Ela dá um tapinha encorajador em minha mão, e eu empurro a cadeira para trás e me levanto para ir encarar Durandeu.

Caminho ao longo do corredor indo direto para o seu aposento, onde uma luz brilha por baixo da porta; fecho o punho e bato. Um grunhido abafado me diz para entrar. Abro a porta para encontrar Durandeu jantando: filé mignon, não torta de carne. O cheiro é incrivelmente bom.

— *Monsieur* Durandeu, o senhor gostaria de me ver?

Minha voz tem de competir com a mastigação encharcada de saliva dele. Sua mesa está posta como em um restaurante, com toalhas e guardanapo brancos, talheres e uma garrafa de vinho. Há até um candelabro sobre a mesa, para acrescentar à atmosfera formal.

— Segundo trabalho em uma semana, e o baile sábado que vem. — Ele consegue pronunciar as palavras em meio a bocados de comida. — A condessa deve gostar de você.

Eu me pergunto se deveria destacar que a condessa me contratou hoje à noite por não confiar em mim e querer me testar com um grupo de amigos dela.

— E se... — eu hesito. — E se hoje à noite não der certo como planejado e ela decidir não me contratar para o baile?

Ele larga os talheres no prato ruidosamente.

— Por que você está dizendo isso?

Engulo com esforço.

— Eu apenas pensei se uma cliente diferente poderia ser mais apropriada para mim.

— Passar outra cliente para você? — ele ressoa. — Impossível. A condessa escolheu *você*, e não outra garota.

— Mas, *monsieur*, não tenho certeza de que essa cliente seja uma boa escolha — protesto, desesperada para fazê-lo compreender. — Talvez quando eu tiver mais experiência...

Durandeu aponta para mim com sua faca de carne.

— Você quer ganhar sua comissão sem merecê-la, áhã. — Ele volta a atacar o filé, cortando-o com vigor. — Eu nunca iria contra os desejos da condessa Dubern. — Ele crava o garfo em um pedaço grande de carne e a enfia na boca. — Ela faz parte de uma das famílias mais distintas de Paris. Sorte nossa tê-la como cliente.

— Sim, *monsieur* — digo.

Minha postura afunda em submissão. Ele me dá uma aula sobre a descendência nobre dos Dubern, mas não estou ouvindo. Fico observando enquanto ele corta o filé e uma imagem sobrevém em minha imaginação: o nascimento da agência.

Durandeu, sentado junto à janela no seu restaurante favorito, come com apetite um filé mignon. Na rua, duas garotas passam caminhando. Por trás não há muito que distinga uma da outra. Elas param para olhar o quadro com o cardápio do lado de fora, de braços dados, rindo de alguma piada entre elas. A garota mais próxima dele é comum, não tem nada de especial; a outra, que estava escondida pela amiga, agora dá um passo à frente, caindo direto no campo de visão de Durandeu. Ele fica boquiaberto.

— Que criatura horrorosa!

Um tipo ofensivo de feiura reservado para os poucos escolhidos que este mundo decidiu punir. Ele não consegue deixar de observá-la fixamente; está hipnotizado pela garota feia.

Finalmente, quando não consegue mais ficar olhando para ela, Durandeu se vira para a amiga em busca de algum alívio do ataque visual. Ele é acalmado por seus traços, que parecem suaves, bonitos e agradáveis diante de seus olhos. Ele pensa: *Ela é bonita, essa garota; não é uma garota qualquer, não.* Então sua cabeça dá voltas. *Ah, a ilusão da beleza — a regra das comparações.* E uma ideia lhe cai como um raio! Ele congela em meio a uma mordida, tentando não deixar a inspiração escapar; o prazer e a esperteza crescendo na expressão de seu rosto. As sinapses palpitantes disparam para o pensamento seguinte, seu corpo, um observador da locomotiva de engenhosidade, trovejando através do seu cérebro. *Mulheres feias! Um recurso inexplorado até agora!* Um filete de sangue do filé pinga de seu bigode sobre a toalha branca. O garçom perturba o seu devaneio. Durandeu o afasta com um gesto impaciente; sua expressão feroz. Ele retoma sua análise das garotas, consumindo avidamente os traços de cada uma. *Imagine se você pudesse recriar essa experiência para outras mulheres comuns como ela. Você poderia vender beleza!*

— *Mademoiselle* Pichon. — A voz de Durandeu me assusta e sou tirada da minha imaginação de volta para a realidade. — Você participará do jantar hoje à noite e comparecerá ao baile na semana que vem. — Ele limpa a boca com o guardanapo. — Além disso, estou de olho em outro evento de alto nível com essa cliente. Há uma temporada inteira a ser explorada.

Eu anuo formalmente. A pressão para ser bem-sucedida com Isabelle Dubern parece uma mão se fechando em minha garganta e apertando mais forte a cada tarefa que me é pedida. Está cada vez mais difícil de respirar.



Os cavalos param no pátio da casa da família Dubern. Descemos da carruagem de madame Vary e nos aproximamos da casa. Não consigo deixar de olhar com admiração para as luzes brilhando e perco a conta do número de janelas de onde elas escapam. A porta da frente se abre, e é como se uma cortina de teatro estivesse subindo em uma noite de estreia. Caminho na direção do deslumbramento das luzes, quase paralisada de terror por entrar no palco. Passamos por um vestíbulo de mármore e então chegamos a um hall de entrada imponente. Eu nunca havia colocado os pés em uma casa tão grandiosa. Um empregado pega nossas capas e outro nos leva pela escada grande e sinuosa. À medida que subimos, vou assimilando os quadros alinhados na parede. A tinta a óleo reflete as luzes do lustre, provendo um pouco de vida aos retratos da família.

Seguimos por um corredor acarpetado, onde madame Vary alisa as abas do vestido e abre um rápido sorriso para o espelho — no seu caso, a vaidade é um fardo que exige constante atenção. Uma vantagem da minha posição é que eu

não preciso conferir minha aparência. Em vez disso, concentro-me no empregado enquanto ele abre as portas duplas que dão para a sala de visitas e, com o coração na boca, passo pela soleira. Minha respiração fica presa na garganta. Tapetes, quadros, cortinas de veludo e sofás luxuosos enchem o aposento. Há um fogo rugindo, e espelhos dourados refletem a luz de uma miríade de lâmpadas. Diferentemente da mobília burguesa e banal da agência, isso é o que se pode chamar de luxo.

Um homem que presumo ser o conde conversa com dois casais mais velhos — uma pintura viva de cabelos grisalhos e pérolas bebericando coquetéis. Ao nos ver, ele imediatamente se levanta e cumprimenta madame Vary. Hesito à sombra dela enquanto ele pega sua mão e a beija com uma mesura reverente. Elegantemente vestido de fraque, gravata branca e sapatos de couro envernizados, ele não é alto, mas é charmoso, e parece pelo menos dez anos mais velho que a condessa. Ele me cumprimenta com uma ligeira mesura e imediatamente retorna sua atenção para madame Vary por mais tempo que a educação exigiria. Se isso são modos parisienses ou uma maneira de flertar, eu não sei.

Sou apresentada a todos, mas, no estado em que me encontro, é impossível decorar nomes tão longos ou qual a ligação deles com meus anfitriões. Registro apenas um caleidoscópio de rostos mimados e fragmentos de conversas.

— Um negócio terrível, ele faliu aquela família; um bom nome jogado na sarjeta — fofoca um dos presentes no cenário de pérolas e cabelos grisalhos.

— A Torre Eiffel está se tornando realmente uma monstruosidade — diz um homem com postura militar. — Uma desgraça na paisagem a cada dia que passa.

— Mas isso não vai durar. Ela será derrubada em um ano, e teremos nossa Paris de volta — assegura uma mulher com uma safira tremeluzindo no pescoço.

Sentada num sofá com madame Vary, eu me pergunto onde estarão Isabelle e a condessa: esperando para entrar, talvez. Observo a chegada dos outros convidados, enquanto o conde faz seu papel de anfitrião. Talvez Isabelle esteja tão entusiasmada com os vestidos de gala quanto estivera com os chapéus. Finalmente, em um frufu de saias, a condessa entra ativa no aposento, acompanhada de Isabelle. Sua chegada é o sinal de que minha atuação está para começar de verdade, e minha cabeça começa a girar com as regras da agência, o treinamento de Girard e o conselho de Marie-Josée. A condessa cumprimenta os convidados. Em um incrível vestido verde-esmeralda, ela é a mulher mais elegante do salão. Isabelle parece menos confiante, mas também está bonita em um vestido de seda magenta — ela é observada como uma mascote, a protegida de sua mãe. Elas brilham como joias, e eu me encolho de volta no meu assento. A renda do meu vestido desalinhado começou a me fazer cócegas.

A condessa e Isabelle finalmente abrem caminho pela sala até onde madame Vary e eu estamos sentadas. Quando a condessa nos alcança, ela olha para mim com um brilho no olhar.

— Isabelle, faça companhia a Maude enquanto eu roubo a tia dela por um momento.

Madame Vary praticamente salta do sofá, grata por ser salva. A condessa a conduz pela sala, e posso ouvi-la dizendo:

— Você precisa conhecer nosso amigo da Inglaterra, lorde Blackwood.

Tão logo sua mãe vira de costas, Isabelle me olha de cima a baixo e diz:

— *Madame Vary* deixou que você vestisse isso ou você está de luto?

Ela é maldosa, e eu me esforço para ser educada.

— Não sou muito ligada em moda — murmuro.

— É uma surpresa que vocês sejam parentes, porque moda é tudo que importa para ela. Mas vocês não são parentes de sangue, não é?

Será que Isabelle sabe mais do que deixa transparecer? Ela passou por cima de minha fachada de compostura porque está certa, é claro, tanto em relação ao meu vestido — desenhado para desapontar — quanto sobre meu relacionamento com madame Vary. Mas não posso deixar que ela me desrespeite. Penso no conselho de Marie-Josée e decido contra-atacar.

— Eu não iria querer que minha tia me vestisse, se é isso que você quer dizer. Eu não sou uma criança.

Ela volta a cabeça rapidamente, com os olhos fixos nos meus. Percebo que isso a atingiu. Para enfatizar meu ponto de vista, passeio os olhos pelo seu belo vestido.

— A sua mãe escolheu o seu? É muito bonito e feminino.

Os olhos dela endurecem, e ela desvia o olhar. Espero pela retaliação, mas ela apenas observa os outros convidados, com uma expressão emburrada. Será que poderia ser uma trégua?



Naturalmente, eu me sento perto de Isabelle no jantar. A mesa está brilhando com cristais e talheres polidos. Há um batalhão de empregados nos servindo, tantos quantos são os convidados. Meu primeiro erro é quando agradeço o empregado que me serve uma taça de vinho. Vários pares de olhos observam essa aberração, e me lembro, tarde demais, da voz afetada de Girard: *Você não deve se dirigir aos empregados nem fazer nenhum contato visual significativo; empregados são invisíveis.* A outra gafe aconteceu quando serviram a sopa, e eu fiz a escolha errada de talher. Olhei para o meu vizinho e troquei pela colher certa, pensando que ninguém havia notado. Mas, quando olhei para frente, percebi que Isabelle tinha os olhos fixos em mim e que observava os meus erros, um a um.

À medida que o jantar vai passando, fico grata que não se espere que Isabelle e eu conversemos, para que possamos ouvir os mais velhos. Mas minha calma relativa é interrompida quando uma mulher de meia-idade pergunta:

— *Mademoiselle* Pichon, esta é sua primeira temporada também?

Eu tenho um pedaço de truta defumada na boca.

— Sim — respondo, engolindo com dificuldade. Sinto o pedaço de peixe se alojar em minha garganta, mas continuo. — Minha tia está me proporcionando o privilégio de uma temporada em Paris — continuo, como madame Vary e eu havíamos ensaiado no caminho da carruagem até aqui.

— E de onde é a sua família? *Vous avez un petit accent.*

Uma breve manifestação minha e ela percebeu, apesar da minha tentativa de mascarar o sotaque bretão.

— Eu sou de um pequeno vilarejo próximo de... — Desesperadamente tento lembrar a cidade de origem da família de madame Vary. Mas ela vai acreditar em mim? Começo a pronunciar “Dieppe”, quando madame Vary toma a dianteira.

— A família do meu marido é de Deauville, na Normandia.

— É claro, eu me lembro — diz a mulher, e a hesitação de suspeita passa conforme a conversa segue para o tempo na região. Eu deveria ser grata pelo desprezo da classe alta de Paris pelas províncias; para eles, todos os sotaques do interior se fundem em um só.

Marie-Josée não estava errada sobre a comida, própria da realeza: sopa de agrião, *foie gras*, truta defumada, ganso assado e costeletas de cordeiro com um molho de nome impronunciável. Os ricos comem com um descaso despreocupado. A cada novo prato que chega, o anterior é removido, e eu observo que o meu é o único que fica sempre completamente limpo. Os outros estão bagunçados com restos de comida. Apesar de lorde Blackwood ter aceitado que lhe servissem ganso pela segunda vez, ele só deu uma garfada.

Suas sobras seriam consideradas um banquete de onde eu vim. Observo suas bochechas gorduchas, sua barriga saliente e suas mãos lisas e bem cuidadas, e percebo que esse homem nunca passou nenhum tipo de necessidade e que a despensa dele nunca ficou vazia. Se ele quiser qualquer coisa que seja, basta que peça a um empregado. Mordo o lábio quando olho para o meu prato e me pergunto se é falta de educação não deixar sobras. Será que essa é uma regra de etiqueta da alta sociedade que Girard deixou de ensinar?

Após o jantar, Isabelle e eu nos instalamos no divã, em um canto distante da sala. Estou aliviada por termos vencido o jantar e calculo que metade da noite já se tenha passado. A sala de visitas começa a ficar cheia à medida que mais convidados chegam para beber e conversar. A condessa domina o ambiente. Ela é como um farol de luz esmeralda para as mariposas de fraque e gravata branca. Fico com a impressão de que todos querem estar próximos e falar com ela. Isabelle suspira alto. Eu me lembro das regras, crio coragem e procuro iniciar uma conversa.

— Todas essas pessoas são amigas da sua família?

— Amigas? — Ela ri. — Você deveria saber. A vida em sociedade não significa fazer amizades, significa fazer alianças.

Isabelle faz sua resposta soar como se estivesse se referindo a uma guerra.

— E o inglês? — Um inimigo natural, certamente.

— Lorde Blackwood é amigo do príncipe de Gales. Pelo menos, é isso que ele diz. Sua proximidade com a realeza o torna divino aos olhos da minha mãe. Ainda bem que ele já é casado.

Olho para frente e vejo que a condessa está realmente conversando com lorde Blackwood. Ela está encantada, e o lorde inglês se inclina para ficar mais próximo dela.

Isabelle se levanta.

— Venha — ela diz, e me puxa até eu ficar de pé. — Os convidados vão manter minha mãe ocupada por um tempo, e ninguém vai sentir a nossa falta.

Olho de relance para a condessa, preocupada que estejamos sendo rudes por deixá-la, mas ela está tão concentrada na conversa que não nota nossa saída.

Sigo Isabelle para fora da sala de visitas brilhantemente iluminada, e ela me leva pelo corredor na direção oposta da escadaria. Então andamos por uma passagem estreita e descemos outro lance de escada. Essa parte de trás da casa parece mais funcional, talvez destinada ao uso dos empregados.

— Aonde estamos indo? — pergunto a Isabelle. Olho para trás, me perguntando se conseguiria voltar sozinha. — Você tem certeza de que a sua mãe não vai se importar com o nosso sumiço?

— Não seja chata, Maude. Você prefere ficar enfiada lá em cima ouvindo aquelas conversas inúteis deles?

— Acho que não.

Estamos no andar térreo da casa e tateando ao longo de uma passagem escura. Sigo Isabelle através de uma porta de vidro e para dentro de uma estufa — lar de flores exóticas, cheirando a mofo. Não há lâmpadas acesas nessa parte da casa, mas a luz do luar brilha pelas paredes de vidro, revelando fileiras de plantas e móveis de ferro batido. Posso ver rosas, lírios e gardênias. O cheiro doce de mel e laranja toma conta do ambiente, e fico maravilhada com as florações na luz prateada.

Agora que empreendemos nossa fuga, é um alívio estar longe dos adultos. Isabelle tira as luvas e as joga sobre uma mesa.

— Como eu odeio esses jantares longos. — Ela é insensível à beleza à sua volta e se deixa afundar em uma cadeira, amassando o vestido. — E agora que essa é a minha temporada, haverá muito mais noites como essa.

Ela parece uma flor murcha, despencando da janela. Não entendo; certamente a maioria das garotas espera por sua temporada com impaciência e excitação.

Perambulo ao longo das fileiras de flores.

— Como essas daqui se chamam? — pergunto, olhando para o nome em latim no cartão próximo de um agrupamento. — *Paphio*... alguma coisa.

Isabelle se levanta, atravessa a estufa na minha direção e olha de relance para a flor.

— A orquídea, *Paphiopedilum*.

Toco uma das pétalas marfim.

— Parece nome de doença — eu digo.

Ela ri.

— Meu pai é obcecado em colecionar espécimes raros. — Tão rapidamente quanto abre um sorriso, ele desaparece, e seu rosto fica sério. — Meus pais me tratam como uma dessas flores. Eles me cultivam para ser bela, para decorar a casa de um homem rico.

Suas palavras me tomam de surpresa.

— Não é esse o sentido da temporada? Encontrar um par?

Ela me olha com aquele mesmo rosto fechado, com os olhos brilhantes e duros. Dessa vez não levo a mudança de humor para o lado pessoal. Seu humor diz respeito aos seus pais e à sua temporada, não a mim.

Deixo as orquídeas e continuo a explorar a estufa. Viro em uma fileira de rosas e paro para olhar as flores coloridas. Ela continua na fileira das orquídeas, e ficamos separadas por um corredor de flores.

— Você não é realmente a sobrinha do falecido *monsieur Vary*, é? — pergunta Isabelle, olhando para mim por cima das flores.

Eu congelo e sinto um nó no estômago.

— Por que você diz isso? — Entro em pânico. Como ela pode ter me descoberto tão rapidamente?

— Você é do lado *dela* da família, não é? O lado pobre.

Meu corpo relaxa, agradecido por seu palpite errado. Mas sigo passeando e entro no jogo dela.

— Isso importa? — pergunto.

— Para sua tia, sim. — Isabelle me acompanha. Nossos passos fazem estalidos sincronizados sobre o chão de pedra, e eu me sinto seguida. — Minha mãe diz que *madame* Vary se casou com um homem que pertencia a uma classe social acima da dela. Mas imagino que você saiba disso.

Fazê-la acreditar que venho de uma classe social mais baixa não é perigoso para meu disfarce, é vantajoso. Afinal de contas, sou a parente pobre de muitas maneiras. Ela continua indagando.

— Talvez, com a ajuda de sua tia, você consiga um marido rico nesta temporada.

Paro onde estou.

— Conseguir um casamento não é a razão por que vim para Paris. — As palavras voam de minha boca antes que eu tenha chance de refletir.

— Por que você veio, então?

Eu me viro para encará-la.

— Para conhecer um pouco do mundo. — Estou falando de verdade agora. Pela primeira vez hoje à noite, esqueço as regras intermináveis de minha profissão e me sinto livre. — Sempre sonhei com algo maior do que a vida no interior.

— O que você quer experimentar? — ela pergunta, com os olhos escuros brilhando na luz do luar.

Eu me lembro das mulheres do vilarejo fofocando a meu respeito na loja de papai.

— Mais do que as pessoas esperam de mim.

— *Mademoiselle* Isabelle. — Nós duas nos viramos e vemos uma empregada parada no vão da porta. — A condessa está pedindo que a senhorita volte imediatamente para a sala de visitas.

Isabelle suspira e volta para a mesa onde deixou as luvas.

— A ideia hoje à noite é me exhibir para os possíveis sogros e sogras, antes de ela me atirar para um de seus filhos.

Antes de deixarmos a estufa, Isabelle volta correndo para as orquídeas e arranca duas flores pesadas de uma planta exótica. Ela coloca uma em meu cabelo e a outra no seu. Seus olhos brilham.

— Meu pai vai ter um ataque se perceber!

Seguimos a empregada pela escada principal para voltar à sala de visitas. Isabelle é uma pessoa imprevisível, e não consigo deixar de me perguntar se o gesto dela ao me dar uma das orquídeas estimadas de seu pai é um ato de amizade ou de malícia.



Olho para o movimento do ponteiro dos minutos do relógio de ouro sobre o console da lareira. Passa da meia-noite, e madame Vary e eu somos as únicas convidadas que restaram. O conde se retirou, e Isabelle está na sala de jantar ajudando madame Vary a encontrar um brinco que ela perdeu em algum lugar entre a sobremesa e o *digestif*. A condessa e eu estamos sozinhas, sentadas junto ao fogo na sala de visitas. As brasas apresentam um tom vermelho opaco agora e todas as luminárias estão apagadas, com exceção de uma. Sua chama bruxuleia sobre as maçãs do rosto salientes e a testa perfeita da condessa.

O cansaço acalma meus nervos. No calor e na tranquilidade da sala, reflito sobre minhas interações com Isabelle. Talvez eu não devesse ter sido tão

honestas em minhas opiniões. Será que revelei demais a meu respeito?

— Você foi bem esta noite — diz a condessa, contradizendo meus pensamentos. — Minha filha parece ter gostado de você. Posso perceber isso.

Noto o silêncio da casa agora que todos se foram.

— *Merci, madame la Comtesse.*

Ela sorri, estendendo o braço para tocar a flor ainda no meu cabelo.

— Foi uma sorte que o conde só tivesse olhos para *madame Vary* esta noite.

Olho para meu colo, não querendo cruzar com seu olhar. É surpreendente que ela não se importe que o marido flerte com sua amiga.

— Sobre o que você e Isabelle conversaram na estufa? — ela pergunta.

Sua pergunta é absolutamente simples, e sinto que minha resposta deve ser assim também. Mas me preocupo sobre qual tipo de resposta ela está procurando.

— Nós falamos sobre a temporada — digo em voz baixa. Minha resposta é suficientemente ambígua, e eu a olho de relance.

A condessa tira o bracelete preso à mão enluvada e o coloca em uma mesinha.

— E sobre o que exatamente da temporada de Isabelle? — E puxa as luvas de gala pelos dedos, livrando-os um a um.

Por que eu deveria hesitar em falar qualquer coisa que Isabelle disse para mim? Teoricamente, a condessa é minha patroa. Eu simplesmente deveria contar a verdade. Respiro fundo.

— Isabelle não quer se casar com alguém que a senhora venha a escolher para ela — digo rapidamente.

— E o que mais? — Sua voz é calma.

— Ela disse que a senhora a trata como uma das orquídeas do conde.

Um sorriso ligeiro é a extensão de sua reação, e eu me sinto aliviada. Achei que ela poderia ficar brava.

Ela estende o braço e toca minha mão.

— Você tem pulsos finos como os meus — diz, e sua familiaridade súbita me assusta. — Experimente o meu bracelete. — E pega da mesa a pulseira coberta de pedraria.

— A senhora tem certeza? — pergunto, observando-a prendê-la em torno do meu pulso. O gesto parece generoso demais.

Ela ri.

— Apenas por um momento. Você já usou joias de verdade antes?

Balanço a cabeça. O bracelete é mais pesado do que eu imaginava. As esmeraldas evocam a profundidade do oceano, e pequenos diamantes alinham a borda como estrelas. Eu nunca usei algo tão especial.

— É delicado — digo por fim. Eu gostaria que fosse meu.

A condessa se reclina na cadeira e levanta um pé na direção do fogo que está morrendo. Ela parece mais relaxada em minha presença dessa vez do que em qualquer outra ocasião em que nos encontramos. Será que está começando a gostar de mim?

— O primeiro baile de Isabelle é um momento decisivo. Ela tem algumas escolhas importantes a fazer agora que se tornou uma moça. E essas escolhas afetam a todos nós da família. — Sua voz é suave, e a palavra *família* soa de maneira reverente. — Posso contar com você, não posso? — ela pergunta, satisfeita.

— É claro — digo em voz baixa e olho para o bracelete. Abro o ferrolho e o passo de volta para ela, observando as pedras dançarem e brilharem à luz do fogo. Então me pergunto se voltarei a usar algo tão precioso um dia.



De manhã, acordo na cama estreita com um sentimento de contentamento sonolento. Os cobertores estão aconchegantes e seu calor me induz de volta ao sono, mas os sinos da igreja ecoam, e tomo consciência do ruído dos cascos, do tinido dos freios e dos gritos dos vendedores: Paris acordou. Alguma coisa tem a ver com minha felicidade hoje, mas, na confusão entre o sono e o despertar, não consigo lembrar exatamente o que é. Finalmente abro os olhos e observo a janela. As cortinas estão abertas, e posso ver o sol expulsando as nuvens do céu, até que um quadrado de luz aparece no assoalho do meu quarto. Que alívio glorioso: é isso o que eu sinto. O jantar Dubern acabou e estou livre. É meu dia de folga.

Luto para sair da confusão de cobertores e me levanto da cama. Está frio, então acendo o fogão e volto correndo para a cama até o quarto se aquecer. Olho à minha volta, para meu quarto miserável — que contraste com o ambiente da noite anterior. Quando consigo suportar a temperatura, me

levanto, derramo água da jarra no lavatório e faço minha *toilette* rápida e gelada antes de me vestir.

Enquanto me apronto, ignoro o espelho. Quando me tornei uma *repoussoir*, eu o tapei com cartões-postais velhos e gravuras que trouxe de casa. Minha posição na Agência Durandea confirmou o que eu sempre tive medo. Ela conseguiu soldar em minha mente o que o meu pai sempre deixara implícito: que eu não era boa o suficiente, bela o suficiente, que eu não seria amada. Como outros fatos tão desconfortáveis de enfrentar, decidi guardar este em uma gaveta dentro do coração, com a morte da minha mãe e outras mágoas. Uma gaveta que deixo sempre trancada.

Sento à penteadeira para prender o cabelo, espiando meu reflexo entre ilustrações de marcos históricos de Paris. Mamãe comprou essas litografias antes de eu nascer. Quando papai jogou fora a maioria dos seus pertences após a morte dela, consegui resgatar essas imagens: a Catedral de Notre-Dame, o antigo Palácio das Tulherias, com o Louvre ao fundo, e a vista do Arco do Triunfo. Elas formavam o cenário das minhas fantasias antes de eu vir para cá. Mamãe costumava dizer que um dia viajaria a Paris para ver esses lugares com os próprios olhos, mas nunca teve chance.

Termino de amarrar minha trança e olho para a única fotografia que tenho dela. Ela está de perfil, uma mulher bonita com maçãs do rosto pronunciadas e olhos inteligentes — como eu gostaria que ela pudesse virar a cabeça e olhar para mim. Ela morreu de pneumonia causada por uma bronquite quando eu tinha dez anos. O médico viera de um vilarejo vizinho, e não havia muito que ele pudesse fazer quando subiu os velhos degraus de nossa casa de campo. Eu estendo a mão para tocar a fotografia, e a sombra da sépia fica mais clara nas beiradas, como se ela estivesse irradiando alguma luz mágica da alma. Mais uma vez aquela pedra áspera de tristeza arranha meu coração. Resisto à melancolia; não posso sucumbir a seu peso.

Pego o casaco e o barrete do gancho perto da porta. *Você pode ver Paris*, diz uma voz pequena em minha cabeça. *Você deveria ver todos esses lugares que ela queria conhecer*. A declaração é como um desafio, pois até agora só atravessei o rio para a margem direita para trabalhar. Para mim, esse é o outro lado de Paris, não só em termos geográficos, mas nos círculos sociais.

Saio para a rua e bato a porta com força atrás de mim. Pulo os degraus de pedra do prédio, ganho velocidade, desço dois de cada vez e então salto os últimos para o patamar em cada andar. Viajei todo o caminho até Paris sozinha, por que não deveria explorar essa cidade? Afinal, é meu dia de folga, e não tenho nenhum compromisso e ninguém para agradar a não ser eu mesma.



Desço do bonde do outro lado do Sena, na fronteira entre as margens direita e esquerda. No mapa, o rio parece uma fita azul jogada no chão, serpenteando através das águas. O Sena se derrama pela cidade. Na realidade, o rio não é de um azul claro, mas de um marrom escuro e salobro, lar para o tráfego constante de barcos e inúmeras pontes.

Na maré de pessoas que passeiam no domingo, sigo ao longo do cais, atravesso a rua e passo por baixo de uma série de arcos de pedra. Lá estou eu, no Carré du Louvre, um pátio grande na frente do museu. Vendo-o pela primeira vez, percebo que a ilustração na minha penteadeira não consegue capturar a grandeza do antigo palácio.

Opulento e grandioso por dentro, o museu está lotado de visitantes que vêm admirar a coleção de arte mais prestigiosa da Europa. O odor de catedral mofada, preso há séculos por tetos em abóbada e colunas douradas, me transporta de volta no tempo para uma época em que a realeza governava esse

país. A criança dentro de mim quer fingir que sou uma princesa de outra época — uma mudança bem-vinda em minha situação presente.

Compro um mapa por alguns centavos. O museu é desconcertante: escadas grandiosas, corredores imponentes com tetos pintados e um labirinto sem fim de aposentos, todos eles organizados por épocas e estilos. Descubro que há muito mais do que pinturas: esculturas e artefatos de Roma e do Antigo Egito, tapetes, cerâmicas e joias. Perambulo de uma sala a outra sem destino, mas levada adiante pela multidão de outros visitantes — famílias burguesas, casais elegantes e turistas europeus bem-vestidos. Observo as excursões, os grupos de visitantes que, lembrando cardumes de peixes, ficam maravilhados com os detalhes oferecidos pelo guia turístico sobre as inúmeras obras de arte.

Finalmente estou em uma galeria silenciosa tomada de paisagens. As ondas do mar me levam de volta ao mar da Bretanha, até que um ruído chama minha atenção. Alguém está roncando. Então me viro e olho à minha volta. Só agora notei outro visitante nos bancos de madeira — um homem, caído sobre si. Será um mendigo? Hesito em me aproximar, até que percebo algo familiar nele. Então reconheço o terno desajeitado e a cabeleira castanha desgrenhada. Meu pulso se acelera. Para minha surpresa, lá está ele: meu desalinhado boêmio, Paul Villette.



— *Monsieur* Villette — arrisco-me a dizer o mais alto possível diante das circunstâncias. Meus passos ecoam pelo chão de parquê até parar diante dele.

Sua cabeça está encostada no ombro, balançando ligeiramente no ritmo da respiração, com os lábios entreabertos.

— Paul? — tento novamente.

Seus olhos permanecem fechados, o cenho tranquilo, todas as preocupações entregues ao sono. Eu me permito estudá-lo por um momento. Seu cabelo desalinhado parece mais escuro na luz fosca, e há olheiras sob os olhos. Eu me inclino sobre ele, toco seu ombro, mas ele não se mexe. Cruzo os braços e penso no que fazer. Sua respiração é uniforme e ritmada.

Eu me inclino sobre ele novamente e o cutuco com força.

Seus olhos se abrem subitamente, e uma expressão desnorreada cruza seu rosto. Afasto um sorriso. Ele parece perdido, como se estivesse planando em sonhos, tendo de se ajustar novamente à dura realidade.

Ele pisca várias vezes, depois fecha os olhos de novo e resmunga:

— Minha cabeça. — Então esfrega as têmporas e me observa com os olhos semicerrados e um ar confuso. Está claro que não me reconhece.

Um choque de desapontamento me faz pensar direito. Mas por que isso deveria me surpreender? Nós nos falamos apenas uma vez, e eu era uma lavadeira como qualquer outra, não uma artista admirável, como aquela mulher, Suzanne.

Ele se espreguiça e boceja.

— Eu vim encontrá-la aqui, em meio à arte. Em vez disso, ela me droga, foge e ainda ri de mim.

— Encontrar quem? — pergunto. Ele está falando de Suzanne? — Você caiu no sono — digo, querendo me chutar por dizer o óbvio.

— A musa — ele responde, despreocupado. Como se eu devesse saber o que ele quer dizer. — Estou buscando inspiração.

— Ah. — Eu me sinto tão ignorante.

Paul suspira profundamente. Ele tem o mesmo cheiro do Café Chez Émile, quando passo caminhando por ele de manhã.

— Eu vi todas as exposições, em todas as galerias boêmias de Montmartre a Montparnasse — ele diz. — Hoje pensei em dar uma olhada nos velhos mestres.

Ele age como se estivéssemos em meio a uma conversa, mas a verdade é que estou tendo dificuldade de acompanhar seu raciocínio. Será que ele me confundiu com outra pessoa?

— Não sei se você se lembra de mim. Do L'Académie, algumas semanas atrás — digo, soando enérgica e formal.

Ele se levanta lentamente e coloca a mão no banco para se apoiar.

— Absinto é o diabo mesmo. — E finalmente consegue firmar o olhar em mim. Seus olhos são suaves, e a galeria parece subitamente acolhedora.

— Você se importaria se eu pagasse minha dívida? — pergunto, pegando a carteira e tirando algumas moedas.

Uma expressão de reconhecimento cruza seu rosto.

— Ah, a lavadeira trabalhadora. Agora eu me lembro. — E pisca com força, como se tivesse dificuldade para focar. — Você não deve devolver uma gorjeta.

— Mas eu acharia muito melhor — respondo, estendendo as moedas para ele.

Ele balança a cabeça e afasta a minha mão.

— De jeito nenhum — diz.

— Então está bom, obrigada. — E coloco as moedas de volta na carteira, me perguntando sobre o que poderíamos conversar em seguida.

Ele oscila um pouco de pé.

— Você não me parece muito bem — digo, quase estendendo uma mão para firmá-lo.

Ele ri.

— Eu não sou um boêmio de verdade. Não consigo acompanhar os rigores do estilo de vida.

— Você quer dizer que está de ressaca? — Eu me arrependo de parecer mandona. Não sei por quê, mas seu jeito pouco formal me faz agir de maneira contrária.

— Eu só preciso caminhar um pouco e vou me sentir melhor. — Ele gesticula para os quadros. — O que você acha de admirarmos toda essa arte juntos?

— Está bem — digo, brincando com as fitas que se soltaram do meu barrete. Quando o vesti esta manhã, não foi com a ideia de me encontrar com alguém. Eu tenho um vestido e um barrete melhores. Pena que não os estou

usando hoje. Mas, por outro lado, por que eu deveria me importar? Ele parece mais malvestido que eu.

Começamos a passear ao longo da parede de telas.

— Agora diga-me, *mademoiselle*...

Eu o interrompo.

— Maude.

— Eu me lembro do seu nome. — Ele me lança um sorriso. — Agora diga-me, Maude: você continua repreendendo clientes inocentes em cafés?

— Eu não sou mais lavadeira — digo, tirando o barrete e percebendo tarde demais que isso não é o que uma dama deveria fazer.

— Eles despediram você por causa das toalhas de mesa? Onde está o espírito guerreiro bretão?

— Na realidade eu saí da lavanderia. — Minha voz soa mais desafiadora do que eu queria.

Ele olha para mim, surpreso.

— Encontrei um emprego melhor — continuo, tentando me justificar. Mas de que maneira eu poderia descrever meu trabalho? Busco uma explicação crível. Claramente não consigo admitir a verdade para ele. Ela é vergonhosa até para mim. — Sou dama de companhia de uma garota — completo, mordendo o lábio e olhando de relance, para ver se ele engoliu a resposta. Será que ele consegue ver que estou escondendo algo?

— Ah, uma preceptora.

Eu não o corrijo.

— Sim — respondo, sentindo o alívio da mentira relaxando minha expressão.

— E a garotinha é mimada?

— É sim — digo com sinceridade. — Mas acho que posso lidar com ela.
— Como não quero estender a mentira, pergunto: — Você já esteve no

Louvre antes?

— Eu costumava vir sempre, até descobrir as galerias mais modernas. Mas é agradável vir a um lugar tão imponente para ver arte, você não acha?

O seu jeito relaxado está passando para mim. Quero saber mais a respeito dele, e me atrevo a perguntar:

— O que você quis dizer antes, sobre a musa?

— Eu sou músico e, quando estou compondo, gosto de mergulhar em outra forma de arte.

Fico intrigada, mas não me sinto capacitada para manter minha parte na conversa. Ele segue em frente.

— Pensei em vir aqui para lembrar contra o que os impressionistas estão se revoltando. Além disso, os bancos são confortáveis, e é mais civilizado do que o L'Académie — ele ri. — Ninguém está bêbado ao meio-dia.

Nós quase completamos uma volta pela sala, e paro para olhar um quadro. Eu não tenho interesse nele, mas estou tentando prolongar nosso encontro. Nós estamos parados lado a lado diante da paisagem de um mar revolto. A pintura é pouco clara. Só consigo me concentrar no fato de que a manga do terno de Paul está tocando a minha.

— Por que os quadros inspiram você? — pergunto. Eu estou perdida, mas quero compreender. — Por que não ouvir música?

Ele reflete por um momento.

— Eu gosto de olhar para os quadros. Eles me lembram que outras pessoas também trabalham para criar.

Não estou acostumada a ficar tão próxima de um homem, e tenho de me concentrar para parecer calma e controlar o turbilhão de arrebatamento que sinto por dentro. Ele dá de ombros.

— De certa maneira, consigo apreciá-los mais do que uma sinfonia. Eu não preciso compará-los a mim e aos meus talentos. — Ele ri. — Ou à falta

deles.

Paul parece diferente das outras pessoas que encontrei na capital. Ele não parece possuir os modos hipócritas dos ricos ou a suspeita rude que encontrei nas classes trabalhadoras. Há uma franqueza e uma espontaneidade honestas que exalam da pessoa dele, e eu me sinto atraída por essas qualidades.

— Então foi isso que interrompi no banco? Você estava absorto em inspiração — digo brincando, e isso me pega de surpresa.

Os olhos dele brilham.

— Por favor. Estou completamente acordado, e minha busca pela musa continua. — Ele toma a minha mão. — Vamos encontrar uma melodia para a minha composição.

Encantada que ele queira seguir em minha companhia, saio da galeria com o coração batendo forte por causa do calor da sua mão na minha.

— Retratos geralmente funcionam comigo. Por aqui. — Ele me leva através de um grupo pequeno de visitantes, então subimos um lance de degraus de mármore e seguimos em direção a uma longa galeria, cujo teto é alinhado com claraboias.

Há vários outros visitantes espalhados pelo aposento, e, no canto mais distante, um artista colocou cavalete e tintas, com um pano para proteger o chão.

Paul se vira para mim.

— Eu consigo ouvir música em algumas pinturas. Mulheres evocam melodias para mim. Paisagens de mares e rios lembram os instrumentos de cordas, e cenas de batalha lembram os de percussão. — Após dizer isso, ele dá um meio sorriso, talvez se sentindo envergonhado por ter compartilhado a sua teoria.

— Faz sentido — anuo pensativamente, considerando suas palavras, mas com os olhos examinando a sua aparência. Quando ele sorri, sinto uma

ondulação passar por mim como se eu estivesse no mar. Ele tem uma pequena cicatriz na maçã do rosto. Suas mãos são expressivas, sempre em movimento enquanto ele fala. Parecem o trabalho de um escultor, grandes e fortes, com dedos delgados; a pele é lisa com o traço das veias por baixo.

— Ali temos *A banhista*, de Ingres — ele diz, gesticulando para a pintura de uma mulher nua. Ela está sentada de costas para o observador, com o rosto parcialmente à mostra. — Não era popular quando apareceu pela primeira vez no Salão. Mas os gostos mudam, e agora as pessoas o apreciam.

Eu me preocupo por um momento se deveria me sentir sem jeito. Será que não convém olhar para a figura de uma mulher nua com um homem estranho? Meu rosto fica corado, mas consigo superar o rubor. Isso é arte, digo a mim mesma. Então me recomponho e me concentro na pintura.

— O que você acha? — Paul me pergunta, olhando para mim cheio de expectativa, como se eu fosse dizer algo absolutamente original e inteligente. Será que ele não percebe que sou uma garota do interior que não sabe nada de arte?

Tento me concentrar e estudar o quadro.

— É curioso como o artista pegou algo tão banal, um momento tão íntimo, e o tornou tão impactante.

— Vá em frente — estimula Paul.

— Quer dizer, ela está exposta, a banhista, e no entanto está escondida. — Dou um passo para me aproximar e examinar melhor a tela. — E as cores... Quando você olha mais de perto, elas parecem um pouco confusas, aleatórias. — Dou um passo atrás e me afasto da pintura, como se precisasse da perspectiva da distância, mas na verdade só quero ficar próxima dele de novo. — Mas, quando você olha para a tela inteira, tudo se encaixa.

Eu me viro para ele, surpresa com meu desprendimento e minha autoconfiança em sua companhia, e tento controlar a empolgação que sinto

dentro do peito.

— Você o possui — ele diz.

— Possuo o quê? — pergunto, na esperança de que o complemento seja um elogio.

— Você tem a capacidade de se emocionar com a arte, de ser tocada pela beleza.

Beleza. Essa palavra retine como a tampa de uma caçarola batendo no chão. Eu avanço para o retrato seguinte. Outra mulher bela. Seus olhos pintados me encaram inexpressivamente, e com seus lábios róseos a ouço sussurrar: *Repousser: repelir, causar repulsa, fazer recuar.*

Não. Não posso deixar que a agência arruíne esta tarde. Procuo me livrar dos pensamentos negativos e me volto para Paul.

— Conte-me mais sobre a sua música — digo alegremente, para não trair meu orgulho ferido.

Então conversamos por um tempo sobre a sua carreira, sobre as casas de espetáculos indecentes onde ele toca e sobre a vaga que ele almeja na academia de música. Os minutos passam voando. Os outros visitantes vêm e vão; o artista desmonta o cavalete e guarda as tintas. Finalmente perambulamos pela galeria e descemos as escadas de mármore, percorrendo os grandiosos aposentos do primeiro andar e saindo no Carré du Louvre. O sol lança longas sombras na praça, e o frio de outubro parece refrescante após a atmosfera abafada no museu.

Sentamos em um banco, com a sombra do imponente museu caindo sobre nós. A tarde corre avançada, e muitas pessoas já deixaram a praça. Uma torre distante bate as horas. Então Paul suspira e diz:

— Tenho um ensaio hoje à noite e preciso ir.

— Sim, eu também — digo, com um resquício de desapontamento. Posso ver a luz refletida em seus olhos, à medida que a tarde desaparece à nossa volta.

— Vamos fazer um concerto sábado à noite no Le Chat Noir. Por que você não vai?

Abro um sorriso.

— Eu adoraria — digo, e imediatamente me dou conta de que não tenho como ir. O baile de Isabelle Dubern é no próximo sábado. Um peso enorme encolhe meu sorriso. — Mas infelizmente não posso... Tenho outro compromisso. — Que tortura ser forçada a recusar.

Ele sorri.

— Que pena. Haverá outros concertos, no entanto. — Ele se levanta para ir embora e apertamos as mãos. — Tenha uma boa semana — diz. — E não deixe sua pupila mandar muito em você.

Eu quase havia me esquecido disso. Minha pupila... Que mentira.

— Boa sorte em seu concerto, Paul. — É bom dizer seu nome em voz alta.

— *Au revoir.*

Ele se vira, e eu o acompanho quando ele atravessa a praça a passos largos, em meio à multidão de visitantes do museu que vai se dissipando. O encanto se rompeu, mas a mágica do nosso encontro paira à minha volta como uma névoa. Saio da praça e caminho na direção do rio. Então me encosto no parapeito de pedra, quente com o calor do sol, apesar da brisa revigorante. Folhas acobreadas farfalham aos meus pés, e castanhas-da-índia e álamos mudam de cor à medida que o outono toma conta da cidade. Os barcos de passeio continuam seu vai e vem, subindo e descendo o rio. Barcaças descarregam suprimentos no cais. Lufadas de fumaça de outros barcos são lançadas no céu e se misturam com as nuvens brancas. Margem direita ou margem esquerda, ricos ou pobres, decido que o rio pertence a todos.

Há pontes mais próximas, mas eu caminho na direção da Pont Neuf, a leste. Prefiro a vista dali. Paris e sua procissão de vida. É em momentos como este que a cidade me dá a sensação de estar pairando no ar. Tento me agarrar à

perfeição do instante, mas tão logo eu o percebo ele já se foi. Em breve meu quarto no sótão me trará de volta à realidade.



A chaleira apita no fogão do quarto de vestir das *repoussoirs*. O sibilar quente como um guincho é penetrante, mas não consegue competir com o tagarelar animado das garotas, que discutem seus trabalhos do fim de semana.

Cécile está com a palavra.

— Ele é capitão na Guarda, e seu uniforme de gala é simplesmente incrível. — Ela recuperou o humor, agora que outra cliente proporcionou involuntariamente um novo interesse em sua vida amorosa. O queixo pesado treme de excitação, e o nariz bulboso fica enrugado enquanto ela faz um relato detalhado das medalhas do capitão. — Ele certamente será major em breve. Minha cliente disse que é inevitável.

Marie-Josée se atrasa e passa apressada pelas outras garotas. Ela abre um largo sorriso para mim enquanto tira o casaco e o barrete.

— Estou vendo que a condessa não a devorou durante o jantar.

As ondas de excitação nas conversas das outras garotas diminuem, e todos os olhos se voltam para mim.

— A condessa Dubern? — pergunta Cécile, e eu detecto uma insinuação de hostilidade.

— Ela me contratou para o baile de sua filha — explico. — Eu tive um encontro de teste com ela no sábado.

— Que sortuda — interfere Hortense.

— Para onde ela levou você? — pergunta Cécile.

O olhar perscrutador delas me deixa desconfortável.

— Para nenhum lugar. Quer dizer, eu jantei na casa delas. — Dou de ombros, tentando parecer indiferente.

Marie-Josée prepara um bule de chá.

— Um jantarzinho... Conta outra. A condessa sabe como armar um show — ela diz, sem ajudar meu desejo de permanecer despercebida. Então abre uma caixa de *madeleines* e as arranja em uma travessa. — O que eles serviram? Quantos pratos?

Ela está me colocando em uma situação difícil. Não estou acostumada a ser o centro das atenções, e me sinto envergonhada.

— Não me lembro quantos.

— Detalhes, por favor — demanda Marie-Josée, sentando-se e colocando a bandeja de chá na nossa frente.

— Quem estava lá? — pergunta Cécile.

— O que a condessa vestiu? — pergunta Émilie, com os pelos da verruga tremendo de curiosidade.

Para meu alívio, ouve-se uma batida na porta do quarto e Laurent interrompe o interrogatório.

— *Bonjour, mesdemoiselles.*

O foco das garotas troca para o seu belo rosto.

— *Bonjour, Laurent* — elas respondem em coro.

Então ele procura no aposento até encontrar o meu olhar.

— Aí está você, Maude. Tenho um recado de *monsieur* Durandeu.

Congelo com a menção do seu nome. As outras garotas olham para mim. Elas estão satisfeitas que o recado não seja para elas.

— Ele pediu que você vá ver *madame* Leroux para provar o vestido para o baile Rochefort.

Fico de pé, agradecida de ser apenas a costureira que tenho de enfrentar, e não Durandeu.

— Um vestido de baile? Que emocionante! — comenta Émilie alegremente.

— Sim — desdenha Cécile. — Tenho certeza de que Leroux fez algo especial para a ocasião.

Caminho na direção de Laurent, que está segurando a porta aberta para mim.

— Na realidade, a condessa mandou um vestido para você da costureira dela — ele diz, sorrindo. Ouvem-se as respirações entrecortadas pelo aposento. — Ela tinha instruções muito específicas.

Olho de relance de volta para minhas colegas, sem saber como reagir. As garotas cutucam umas às outras e trocam olhares. Imagino que deva ser uma coisa boa. Olho para Marie-Josée, que está anuindo para mim de maneira encorajadora.

— E, é claro — Laurent coloca o braço nas minhas costas, delicadamente me guiando para fora do quarto —, a cliente está sempre certa.

Antes que a porta se feche atrás de mim, posso ouvir as outras garotas sussurrando.



Madame Leroux prende os alfinetes na cintura do meu vestido novo em absoluto silêncio. Quando o vi no cabide, na hora soube que este vestido de cetim cinza era especial. Olho para o corpete e a saia longa, tentando examinar a escolha da condessa.

— Fique parada ou vou enfiar os alfinetes em você, e não no vestido — diz Leroux.

De pé em um banco, sou proibida de me olhar no espelho e, dado o humor da costureira no momento, temo que seja realmente privada desse privilégio.

Há uma batida na porta e Marie-Josée entra.

— Vivienne? — ela chama madame Leroux pelo primeiro nome. — Tem um almoço especial hoje no Chartier. Quer vir conosco? — Marie-Josée cativa a todos, mesmo a arisca madame Leroux.

— Eu iria se tivesse tempo. — Ela joga os braços para cima, gesticulando na direção da pilha de vestidos que só cresce. Fios de cabelo encrespado escapam do coque a cada gesto. — Toda hora esses ajustes... Não consigo fazer mais nada. — As tesouras pendem de uma cinta em torno da cintura e balançam como um pêndulo à medida que ela vai ficando agitada.

Marie-Josée suspira em solidariedade a Leroux, então volta a atenção para mim.

— Bem, não fique com essa cara perdida produzida desse jeito.

Ela me vira, examinando o vestido, enquanto tento manter o equilíbrio no banco. Estou desesperada para ver qual é o motivo da agitação. Marie-Josée ergue as sobrancelhas.

— É a primeira vez, Vivienne — diz.

— Nunca. Eu nunca tive uma cliente mandando um vestido antes — diz madame Leroux com irritação.

— A condessa é exigente — concorda Marie-Josée, tentando desencavar mais informações.

— Durandeu diz que ela quer algo clássico, não vulgar — diz Leroux. — Que afronta. Como se eu pudesse fazer um vestido vulgar. Onde se meteu aquela alfineteira? — Ela procura em meio a alguns tecidos na bancada.

— Vou dizer uma coisa. — Marie-Josée lança um olhar cúmplice em minha direção. — Quem ela pensa que é?

— Eu sigo a moda como qualquer costureira. — Madame Leroux indica com uma mão delicada uma pilha de edições velhas da revista de moda feminina *Le Petit Echo de la Mode*.

Enquanto elas conversam, aproveito a chance e desço do banco para dar uma olhada no espelho. O corpete é de um cetim cinza-claro, e a saia é armada como uma nuvem. O acabamento é feito por uma faixa de tule rendado em um bonito tom de cinza, quase com um toque de rosa. Não é de espantar que Leroux esteja incomodada — ele é muito superior a qualquer vestido de sua criação. Além disso, eu me sinto diferente usando esse vestido. Uma semente de esperança cresce: talvez a condessa não me veja como as outras *repoussoirs*. Talvez ela simplesmente queira uma amiga para sua filha de temperamento difícil. De outra maneira, por que dar um vestido especial para alguém como eu? Não faz sentido que se queira vestir de maneira elegante alguém que é paga para ser feia.

Outra batida na porta, e, antes que Leroux possa responder, aparece um trio de cabeças: Cécile, flanqueada por Émilie e Hortense.

— Ah, olhe para o vestido — suspira Émilie. — É de seda?

Cécile caminha até mim, observando meu vestido novo atentamente.

— Uma cliente vai chegar às onze horas para uma seleção. Laurent mandou reunirmos todo mundo.

Hortense estende o braço para tocar o tecido. Madame Leroux está ficando irritada.

— Por que todo mundo resolveu vir na minha sala?

Ouçõ a voz de Laurent no corredor, e ele aparece um momento mais tarde no vão da porta.

— Émilie, Hortense, Cécile, está quase na hora. O que vocês estão fazendo aí paradas? — Então ele olha atrás da porta e vê Marie-Josée ao lado de Leroux. — O que está acontecendo aqui? Encontro secreto de operárias? Durandeu vai ter um infarto se vocês decidirem se sindicalizar.

— Só estou tentando terminar meus vestidos, *monsieur* Laurent — diz Leroux, aturdida.

— Bem, vamos. Saiam todas e deixem *madame* Leroux fazer o seu trabalho.

Minhas colegas protestam com uma série de resmungos, e a aglomeração termina. Elas deixam a sala da costureira enfileiradas, arrastando os pés.

— Eu já vou, Laurent. Assim que trocar esse vestido — digo.

Quando chego ao salão, a porta está fechada, o que significa que a cliente já chegou. Usando um vestido simples da agência de novo, abro a porta silenciosamente, esperando entrar sem causar alvoroço. O rangido do meu passo em uma tábua do assoalho me entrega, e a cabeça de Durandeu se vira subitamente para ver quem está causando a perturbação.

— Com licença, *madame* — Durandeu diz para a cliente, que está andando lentamente pelo aposento olhando para as garotas. — Só um instante.

Ele caminha a passos largos na minha direção, com o rosto vermelho, como se o colarinho o estivesse sufocando.

— Rua! Fora daqui! — sussurra.

Estou tão confusa que fico imóvel. Ele não deveria querer que eu tomasse meu lugar com as outras garotas? Os olhos de Durandeu saltam para fora.

— Você não deveria estar aqui.

Cécile, Marie-Josée e Émilie estão todas ao alcance de sua voz. Mesmo tendo permanecido congeladas como estátuas, sei que todas estão fazendo um esforço tremendo para ouvir o drama.

— Eu sei que estou atrasada, *monsieur*, mas...

Durandeu me interrompe.

— A condessa pediu que você trabalhe exclusivamente para a família dela.

Olho pasma para ele: o peito estufado, as narinas dilatadas, o incômodo que sente ao ter de se explicar.

— Ela não quer que as outras clientes vejam você antes do baile. Agora vá!

Concordo debilmente com a cabeça e sigo na direção da porta, envergonhada. Posso sentir os olhos das outras garotas atravessando minhas costas.

Sigo pelo corredor e volto para o quarto de vestir, onde me sento sozinha, olhando para os pertences de minhas colegas. Nós sempre passamos o dia com as roupas da agência, então nos trocamos de novo antes de sair à noite. Até a hora de sair, nossos vestidos, casacos e chapéus ficam pendurados. Há fileiras de sapatos e botas, algumas luvas e um guarda-chuva — tudo esperando pelo retorno de suas proprietárias. Não há nada que sugira que as peças pertençam a garotas feias — apenas a garotas que, como eu, precisam de um trabalho e têm a sorte (ou o azar) de dar conta do recado.

Relembro o dia da minha entrevista. O choque inicial de contemplar uma sala cheia de mulheres sem atrativos vai passando. Com o tempo a gente supera as aparências, as conchas malformadas, e passa a conhecer a alma e a essência de cada garota. Como qualquer pessoa, as feições de uma mulher feia se transformam com sua conversa, seu humor, sua inteligência e mesmo sua

graça. Mas isso tudo se reverte durante o processo de seleção. Quando uma cliente entra no salão, já vi uma garota mudar de seu jeito risonho e brincalhão para a sua personagem de *repoussoir* em um segundo. Quando ela congela como uma estátua, a luz desaparece completamente de seus olhos e ela se esconde. Então só o que sobra para uma pessoa estranha julgar é aquela aparência exterior, sem nenhum atrativo. E a sua personalidade verdadeira, essa fica à espera de que o processo de seleção termine e de que suas torturadoras deixem a sala. Enquanto isso não acontece, ela é inacessível aos outros.

Ninguém fala sobre esses momentos, mas eu noto. Posso sentir essa mudança, pois ela ocorre dentro de meu coração, quando ouço os passos de um sapato fino no chão do salão e a voz enjoativa de Durandeu.

Passo uma água no bule e limpo os pratos de porcelana. Os minutos se arrastam. Só agora que estou separada do resto das garotas posso ver como passei a pertencer ao lugar e a me sentir em casa aqui. Apesar da parte desagradável do trabalho, há um consolo na rotina da agência e na camaradagem das garotas. Mas agora eu fui escolhida e não consigo me livrar das palavras de Durandeu, que ecoam em minha mente: *A condessa escolheu você.*



— Hoje vamos ter uma aula de dança especial, garotas — diz Girard com sua elocução afetada.

Estamos reunidas na sala de jantar, as mesas e cadeiras empurradas para os cantos. Cada garota forma um par com outra. É claro que meu par é Marie-Josée, que, aliás, gosta de dançar e é surpreendentemente ágil com os pés, considerando sua estrutura grande.

— *Mademoiselle* Pichon participará do baile oficial que marca o começo da temporada. É a primeira vez que isso acontece para uma de nossas garotas. — Girard olha entusiasmada para mim, e eu me sinto desconfortável. Minha empolgação pelo vestido novo foi sobrepujada pela pressão de um evento tão importante.

No vilarejo onde eu nasci, certa vez houve um baile no salão da igreja. Era um prédio frio, que não estava preparado para festejos ou celebrações. Ainda assim, nutri uma expectativa pelo evento, pensando que seria uma grande ocasião que mudaria o curso de uma vida rural sonolenta. Algo importante

aconteceria aquela noite, eu tinha certeza. O salão estava decorado com flores, e eu usava um vestido novo — bem, um vestido velho que eu havia reformado com fitas e rendas. Tomei sidra e chamei a atenção de um garoto de um vilarejo vizinho. Quando ele me pediu para dançar, eu sabia que minha profecia estava se tornando realidade. Só depois ele admitiu que aquilo havia sido uma aposta — convencer uma garota enalhada a dançar. Com as esperanças aniquiladas, passei o resto do baile como espectadora, e a promessa de uma noite mágica foi por água abaixo.

— Agora, peguem os seus pares. Vamos começar com uma valsa. — A voz de Girard assume um tom agudo, penetrante e alto. O ruído abafado dos passos pode ser ouvido por toda a sala à medida que as garotas obedecem às ordens. Eu me viro e encaro Marie-Josée, colocando a mão sobre o ombro dela. Ela aperta minha cintura, e eu dou risada. — Pronto e... vamos.

Não há música, apenas Girard batendo o ritmo com seu bastão.

— *Um*, dois, três, *um*, dois, três — ela diz sem tomar fôlego, pontuando cada repetição com uma batida.

Quando passamos valsando por Cécile e Hortense, sinto uma cotovelada brusca nas costas. Então Cécile sussurra:

— Olhe por onde anda.

Marie-Josée deixa claro seu desprezo e nos guia para longe delas.

— Ela só está com inveja, *ma chère* — diz, girando pela sala. — Você está ganhando todos esses privilégios adoráveis e não precisa se incomodar de ir a seleções de clientes.

Eu me sinto vítima de uma injustiça.

— Ela não compreende que eu não me importo com essas coisas? Eu não estou tentando ser especial nem melhor do que ninguém. — Piso no dedo do pé dela quando deixo de prestar atenção na dança. — Desculpe — digo. E fazemos uma pausa.

— Vamos começar de novo. Vamos lá, levante a cabeça, *chérie* — diz Marie-Josée. — Olhe para mim, não para os meus pés. — Ela sorri, e eu me sinto um pouco melhor. — Como em qualquer serviço que prestamos, há clientes mais importantes e outras menos — ela continua. — Você está recebendo o tratamento da alta sociedade. Está começando do topo.

— Mas eu não quero toda essa atenção.

— Não funciona assim. Olhe, nem todas as garotas conseguem participar de eventos como esse. Dê alguma coisa a elas, *ma chère*.

— O que você quer dizer com isso? — pergunto surpresa. — Não vou me exhibir com os eventos.

— Não é se exhibir, mas você tem de compartilhar as suas experiências. Se não fizer isso, elas vão achar que você é uma convencida. Então observe o ambiente no baile e dê alguma atenção a essas garotas quando elas lhe perguntarem sobre ele.

— Ritmo novo agora, garotas.

Girard troca a “música”, mas estou distraída. Não consigo pegar o ritmo novo direito. Marie-Josée conduz a dança em meio aos meus passos errados pacientemente.

— Elas querem saber detalhes: o nome dos convidados, os pratos que as anfitriãs servem, a descrição das roupas e joias — ela diz, girando-me, e seu rosto enrubescendo com o esforço.

— Émilie, levante os braços, mantenha o corpo firme! — grita Girard.

Marie-Josée continua.

— Garotas como Émilie só viram o interior de um café ou saíram para um passeio no parque. E, mesmo assim, apenas com clientes de um nível inferior. Ela não teve tanta sorte quanto você.

— Mas isso não é sorte — eu insisto. — É uma maldição, um evento tão importante como esse. Seria tão mais fácil caminhar no parque ou sentar nos

fundos de um café, fora da vista de todo mundo.

— É tarde demais para isso. A condessa fez a sua escolha, e para o baile você vai, Cinderela.

— Mas eu não sou Cinderela, não é? Eu devo ser a meia-irmã feia. Nós todas somos as *belles-soeurs* de Durandeu.

Girard bate o bastão fora do tempo para chamar nossa atenção.

— Garotas, chega de conversa! Concentrem-se nos passos. *Mademoiselle* Pichon, você especialmente, levando em consideração que vai a um baile daqui a poucos dias. Você quer passar vergonha?

Continuamos dançando pela sala sob o olhar atento de Girard e ao *tum-tum* incansável de seu bastão.



Subo a escada da casa Dubern atrás de um empregado, tomando cuidado para não tropeçar na saia do meu vestido novo. Tive no máximo três segundos para olhar para o meu reflexo na sala de costura de Leroux antes de ser enxotada porta afora. Marie-Josée havia saído para um encontro como *repoussoir* quando deixei a agência, de maneira que não pude mostrar a ela o resultado, com as alterações completas e o meu cabelo feito. Leroux não estava interessada em me fazer elogio algum; ela ficou de bico calado depois de me ajudar a colocar o vestido. É absurdo admitir, mas eu quase me senti bonita quando vi meu reflexo no espelho.

Eu queria que minha mãe me visse assim.

O olhar dos parentes da família Dubern me segue à medida que avanço pela escada acarpetada. Eles me examinam minuciosamente com a expressão congelada: os homens estão sérios, e as mulheres, desdenhosas. Meu vestido não os engana. Após minha passagem, imagino um retrato se virando para o

outro e perguntando: *Por que deixaram uma garota de origem tão humilde fazer amizade com a nossa tataraneta?*

O empregado me leva por mais um lance de degraus. Estou curiosa sobre qual versão de Isabelle Dubern me receberá desta vez: a gata diabólica que me atacou na chapelaria, a garota melancólica que me ignorou na sala de visitas de seus pais ou aquele vislumbre de uma confidente que vi na estufa, como uma daquelas flores cujas pétalas, bem fechadas durante o dia, se abrem com a luz do luar.

Caminhando ao longo do corredor, posso ouvir vozes mais altas.

— Não vou usar isso. Eu já disse, é insuportável.

Reconheço a voz de Isabelle e tenho vontade de voltar. Minha dúvida foi respondida. O empregado gesticula na direção da porta aberta do quarto dela.

— Não consigo respirar. — Isabelle coloca as mãos nas costelas. Uma criada mexe nos ganchos do seu vestido, e Isabelle pisa com força no chão em protesto, desvencilhando-se do toque da garota. A condessa está acomodada na cama de quatro colunas, observando o acesso da filha.

Eu me deixo ficar no vão da porta, esperando o empregado me anunciar. De certa forma, este quarto não é o que imaginei para Isabelle. As paredes estão decoradas com um papel rosa juvenil, há quadrinhos emoldurados de crianças bonitinhas e uma coleção de bonecas de porcelana encara Isabelle de um armário de vidro.

— É isso que você quer? Que eu desmaie na frente de todos? — diz Isabelle.

— Chega de chilique. — A condessa estala os dedos. — Cochet. — Ela se dirige à criada. — Solte o espartilho um fio de cabelo e veja se o vestido ainda vai servir.

A criada, que havia começado a arrumar os outros vestidos largados sobre uma cadeira, agora volta para o lado de Isabelle. Ela desprende os ganchos no

corpete do vestido, então começa a soltar o espartilho por baixo. A condessa observa de perto.

— Você vai usar esse vestido, Isabelle. Nem que Cochet precise costurá-la dentro dele.

O quarto cai em silêncio. Só se ouve o ruído da batida de um relógio sobre o console da lareira e da criada trabalhando os cordões do espartilho.

— *Madame la Comtesse* — diz o empregado, aproveitando a oportunidade para interromper. — *Mademoiselle* Pichon chegou.

Eu caminho na direção da condessa, faço uma medida, e ela me olha de relance.

— *Bonsoir*, Maude. Como você está bem — ela diz sem sentimento, não como um elogio deve ser feito, mas como se dissesse algo mecânico, do tipo “Feche a porta” ou “Passe a manteiga”. — É uma pena que sua tia tenha ficado doente — ela completa com um olhar cúmplice.

Eu não tinha percebido que era por isso que eu estava sozinha ali naquela noite, mas acompanho a história dela.

— Sim, ela estava se sentindo mal.

Eu me lembro da observação da condessa depois do jantar sobre o conde admirando a jovem viúva. Madame Vary está realmente doente ou não foi convidada mesmo?

Olho para Isabelle, e ela está parada em silêncio enquanto a criada termina de prender o vestido. O cetim branco brilhante com dobras de *chiffon* ao longo do decote baixo e camadas e mais camadas de saias enfatizam sua bela cintura. Os brincos de diamante pendem como lágrimas gigantes, reluzindo na luz do quarto. Eu agora compreendo que a escolha de meu vestido cinza foi inteligentemente pensada. Por mais belo que o tenha achado na agência, vendo Isabelle agora, percebo que sou uma mera sombra — uma floração

passada diante de uma flor vibrante. O entendimento da condessa das sutilezas da posição da folheta é muito mais sofisticado que o da agência.

A condessa se levanta da cama e caminha na direção de Isabelle, inspecionando a filha como uma oficial superiora faria com um soldado sob seu comando.

— Onde está o colar? Coloque-o — ela instrui à criada.

— Mãe, realmente, os brincos são suficientes.

— Querida — diz a condessa friamente —, as joias refletirão a luz e iluminarão seu belo rosto.

Isabelle faz uma careta. Elogios não a comovem. Ela olha para mim acusadoramente.

— A Maude não usa quilates de pedras preciosas. Por que eu tenho de usar?

A condessa olha para mim fingindo pena.

— A Maude fica melhor em uma *tenue* mais simples. Tenho certeza de que ela apreciaria a chance de usar joias se tivesse a sua sorte. Não estou certa, Maude?

— Eu... eu tenho certeza — gaguejo com um tom de voz gutural. — O colar vai ficar fantástico, Isabelle.

A criada tira a joia da caixa na penteadeira e a coloca em volta do pálido pescoço de Isabelle: uma fileira de rubis da cor das sementes de romã, entremeada com diamantes cintilantes. Isabelle retesa o queixo.

— Só vou usar se emprestarmos algo para Maude. — E se vira para a mãe.
— Senão não é justo.

Tomada de ansiedade, eu me antecipo dando um passo na direção da condessa.

— Ah, eu não poderia. — E balanço a cabeça enfaticamente.

— Vamos lá, Isabelle. Não seja difícil — diz a condessa. — Cochet, arrume o cabelo dela. Eu não o quero caindo solto nas costas — ela diz, fazendo o seu

melhor para ignorar o pedido da filha.

— Eu não estou sendo difícil, mãe, estou sendo generosa — diz Isabelle.
— Eu insisto que emprestem algo bonito para Maude. Ela está sem graça demais.

Sem saber, Isabelle acertou em cheio meu objetivo. A condessa deve estar furiosa por dentro: a folheta não deve receber joias.

— Não é apropriado, Isabelle.

Eu concordo com a cabeça.

— A sua mãe está certa. Eu não preciso tomar emprestada nenhuma joia.
— Rezo em silêncio para que Isabelle esqueça o assunto.

— Por que não, mãe? Nós podemos emprestar alguma coisa sem nenhum problema. Eu tenho uma caixa cheia de joias.

A condessa olha sobre a filha e observa seu próprio reflexo no espelho, alisando o decote do vestido de veludo escuro.

— Muito bem. Você pode deixar sua amiga brincar de se vestir a rigor, se é assim que quer. — E balança a cabeça. — Tudo tem de ser uma luta com você.

Isabelle começa a remexer a caixa de joias na cômoda.

— Cochet, onde estão as pérolas da vovó? — ela pergunta. — Elas combinam com o vestido da Maude.

A criada abre uma gaveta na penteadeira e tira uma caixa de marfim. Assim que a imponente faixa de pérolas (de cinco fios) é presa em volta do meu indigno pescoço, Isabelle me vira para olhar o resultado.

— Muito bonito. Dê uma olhada.

As joias parecem frias e pesadas na minha pele. Olho no espelho da penteadeira e prendo a respiração: as pérolas são grandes, deslumbrantes e completamente esquisitas em mim. Encontro o olhar da condessa; ela mal mascara seu descontentamento. Eu não quero deixá-la brava, mas como

poderia ter recusado a vontade de sua filha mais do que ela mesma tentou? Fazer isso chamaria atenção para a insistência em minha aparência comum.

— Seu pai estará pronto para partir — diz a condessa. — Ele é sempre terrivelmente pontual, mesmo odiando eventos como esse. — E passa rápido por mim, com o olhar acusador. Quase fora do alcance dos meus ouvidos, ela sussurra: — Pérolas aos porcos, realmente.

O fogo crepita, e um carvão solto cai na soleira. Abalada pelo desprezo da condessa, caminho na direção da lareira e me agacho para pegar a tenaz.

— *Mademoiselle* — diz Cochet.

Olho de relance para ela e vejo sua expressão de horror.

— Geneviève cuidará do fogo. Não se incomode em seu belo vestido.

Coloco a tenaz de volta imediatamente e me afasto do fogo, xingando-me por dentro.

— Isso é tudo, Cochet — diz Isabelle.

A criada faz uma mesura e fecha a porta. Estamos sozinhas, e Isabelle olha fixamente para mim.

— Por que você ficou do lado da minha mãe sobre as joias? Se nós vamos ser amigas, você não pode agir como o cachorrinho dela.

— Ela me intimida. Tenho medo de discordar. — E receio que minha honestidade seja minha ruína. Por que não procurei dar uma resposta mais educada?

O rosto de Isabelle congela de surpresa, e ela cai na risada. Percebendo minha situação precária, toco o colar que enfeita o meu pescoço.

— Você não deveria ter insistido que eu usasse isso, Isabelle. É demais. Eu mal conheço a sua família.

— O que você está dizendo, que vai desaparecer com o colar noite adentro? — E ri da minha expressão chocada. — Estou brincando.

Com a ausência da condessa, Isabelle parece imediatamente mais feliz. Eu me pergunto se a mãe dela é a causadora de seus maus humores.

— Estou surpresa que minha mãe não se importe de nós irmos ao baile juntas — ela diz.

— Por que ela deveria fazer alguma objeção?

Isabelle mexe inquieta um dos brincos.

— Normalmente ela implica com as amizades que eu faço, sempre querendo me colocar com alguma garota nobre como melhor amiga. Quanto mais comprido o nome, melhor. Tudo pelas aparências.

— Ah, compreendo — murmuro. — E eu sou uma ninguém. — E observo Isabelle cuidadosamente. Será que ela estava me testando? Ainda duvidando de minha ligação como “parente pobre” de madame Vary?

— Não se ofenda. Eu acho você mais interessante do que as outras debutantes.

— Por quê? — Estou verdadeiramente curiosa.

— Você tem uma honestidade agradável. E não é obcecada com a temporada. É óbvio que você não pertence a este círculo. — Ela dá de ombros. — No entanto, não é do feitio de minha mãe assumir uma causa como você.

Eu tenho de pensar rapidamente.

— Imagino que ela esteja fazendo um favor para a minha tia — digo alegremente.

Isabelle balança a cabeça.

— Ela não faz favor a ninguém, a não ser que tenha algo a ganhar com isso. — E enrola a estola nos ombros. — Vamos?

Eu concordo com a cabeça, agradecida pelo fato de ela não esperar que eu justifique a caridade inesperada de sua mãe em relação a mim. Apesar do drama, o colar faz com que eu me sinta menos como uma das *repoussoirs* de

Durandeu, e não consigo deixar de saltar para o pensamento seguinte: e se um rapaz no baile me confundir com uma debutante de verdade? Tão logo penso nisso, procuro reprimir a ideia. Não preciso desse tipo de pensamento perigoso correndo livre em minha mente. Não vai me fazer nenhum bem.

Quando chegamos à escada imponente, olho de relance novamente para os retratos.

— Todas essas pessoas eram Dubern? — sussurro para Isabelle.

— Apenas os que já morreram.

Aperto os lábios para conter o sorriso. Isabelle não é uma debutante qualquer também. Ela tem uma rebeldia dentro de si.

Uma empregada espera na porta da frente com minha capa na mão. Eu a coloco e sigo com a família Dubern noite adentro.



A carruagem nos leva pelos bulevares iluminados de Paris. Uma camada de névoa envolve a lua baixa e dá às luzes da rua um brilho espectral. Penso nas pérolas sob a minha capa e como Durandeu jamais aprovaria isso. Sem dúvida estou quebrando alguma regra da agência.

Ao meu lado, Isabelle bate o pé de leve e puxa um dedo das luvas. Não consigo saber se ela está minimamente nervosa ou empolgada com o baile.

— Lembre-se de tocar no assunto da caça com os cavalheiros hoje à noite — diz a condessa para o marido.

— Você sabe que eu odeio atirar — ele diz, passando o polegar e o dedo indicador nos cantos do bigode.

— Não me importo. Nós precisamos de um convite para a caça ao faisão esta temporada, pelo bem de sua filha.

O conde ignora a esposa e sorri para a filha.

— *Tu es très belle, ma fille.*

— Sim, nos saímos muito bem, considerando o que tínhamos para trabalhar — diz a condessa, colhendo os louros.

— Qualquer desculpa para você gastar dinheiro — responde o conde. — Não há dias suficientes no ano para ela usar todos esses vestidos que estou pagando.

Aposto que o conde não sabe que está pagando pelo meu guarda-roupa assim como o de sua filha.

— A Isabelle tem apenas uma temporada para se exibir — dispara a condessa. — Você quer que ela pareça a parente pobre?

Com essa observação, os olhos do conde se voltam para os meus. Eu olho para fora da janela para desviar de seu olhar. Não, ele não iria querer uma filha como eu.

— Que tipo de oferta ela atrairia então? — continua disparando a condessa.

Eles falam sobre Isabelle como se ela fosse um investimento ou uma propriedade, uma peça de xadrez a ser disputada — e certamente não é a primeira dessas discussões. Eu olho para Isabelle, cuja expressão desinteressada confirma minha teoria.

Passamos por um conjunto de arcos de pedra, e os cavalos desaceleram para um passo tranquilo na frente de um prédio iluminado que lembra um palácio. Há tochas chamejantes ao longo do acesso, que está alinhado de carruagens em uma quantidade que rivaliza um bulevar movimentado de Paris.

— Que lugar é esse? — pergunto à Isabelle. — É um *chateau*?

— É só uma casa. — Isabelle soa enfadada. — Pertence ao visconde de Rochefort.

— Que pena que o filho mais velho está no Oriente — diz a condessa. — O mais jovem, qual é o nome dele mesmo?

— Xavier — diz o conde.

— Sim, Xavier. Ele é mais simpático, mas, é claro, não herdará o título.

Isabelle suspira em resposta.

Antes que eu cometa o erro de abrir a porta sozinha, um laçao de libré vem ao meu auxílio e a abre, então nos ajuda a descer da carruagem. Olho para a casa da família Rochefort e tento acalmar meus nervos, que estão à flor da pele.

— Descobri que o duque d’Avaray estará presente hoje. Você me ouviu, Isabelle?

— Sim, mãe — ela revira os olhos.

Não consigo entender como Isabelle pode estar tão tranquila enquanto minha ansiedade chegou a um estágio de puro medo. Não consigo nem sair de uma carruagem sem revelar quem eu sou, e eles falando sobre fortunas e títulos. Minha cabeça gira a caminho do palacete: Será que vou conseguir passar pela dança e conversar educadamente? Será que vou falar absurdos ou ter meu sotaque questionado de novo?

Subimos os degraus de pedra e passamos pela porta da frente, elaboradamente entalhada. A capa das mulheres são recolhidas no hall de entrada, juntamente com os chapéus dos homens, as bengalas e os sobretudos. Fico me perguntando como eles lembram o que é de quem.

Os pais de Isabelle não hesitam nem por um instante sobre o que fazer ou para onde ir. Seguimos com os outros convidados por uma ampla escada de mármore, passamos por uma grande entrada e entramos no salão de baile. Posso ouvir minha própria respiração. Se a casa dos Dubern parecia luxuosa, esse lugar é a síntese da opulência, próprio para um rei ou um imperador. O chão está polido, brilhando como uma castanha nova, e os casais dançam em perfeita sincronia. Os vestidos são como borboletas de seda rodopiando, cada qual acompanhada por um traje escuro e uma gravata branca. Paredes verde-claras são ornadas com frisos floreados, e arandelas de bronze moldadas como

galhos de roseiras entremeados sustentam velas cor-de-rosa. Espelhos com molduras douradas, tão altos quanto o aposento, estão intercalados entre janelas enormes, e sofás em tons rosa-claros estão posicionados ao longo das paredes. A luz é dourada e radiante. Estou sem palavras — parece que estou caminhando pelas páginas de um conto de fadas.

As garotas são lindas, e ouve-se um coro de saias farfalhando e muitos risos. Achei que Isabelle parecia admirável, mas, vendo a competição, compreendo a lição do pêssego de Marie-Josée. Como Isabelle vai se destacar nessa turma?

— Você conhece todas essas pessoas? — sussurro para Isabelle. Deve haver uns cem convidados no salão de baile, todos radiantes.

— Eu sei da *existência* delas — ela diz, claramente pouco impressionada. — E já vou lhe avisando, nós seremos forçadas a dançar, pois ninguém aqui consegue propor uma conversa inteligente.

Eu balanço a cabeça, desconcertada com sua tranquilidade.

— Postura. — A condessa corre um dedo pela espinha da sua filha, e Isabelle faz um esforço para endireitar o corpo. — E sorria — diz a condessa.

Isabelle obedece.

— Não tanto, querida — ralha a condessa, ela mesma a essência da compostura e da graça.

Os pais de Isabelle se aproximam de um casal mais velho que eu reconheço do jantar nos Dubern e que parece receber formalmente os convidados. Ao seu lado, está um rapaz bonito de testa proeminente e atitude presunçosa. Ele usa bigode, talvez para acrescentar seriedade à aparência jovem.

— *Monsieur le Vicomte* — diz o conde para o homem mais velho. — Que festa prestigiada. — E se apertam as mãos.

Sua esposa, a viscondessa, balança a cabeça para a condessa.

— Não consigo acreditar que nossa Claire e a sua Isabelle já sejam debutantes. — E gesticula para o jovem parado ao lado dela. — Você se

lembra de meu filho mais novo, Xavier?

— É claro — responde a condessa com uma voz sussurrada, oferecendo a mão para o rapaz.

— *Madame la Comtesse* — diz Xavier, tomando a mão da condessa. — A senhora está deslumbrante, como sempre. Cuidado ou os cavalheiros a tomarão como uma debutante.

A condessa ri, fingindo protestar com um tapinha no seu braço.

— Por favor, Xavier — diz, encantada com a atenção.

O jovem Rochefort transparece algo que poderia ser tomado por charme, mas mais parece arrogância.

Chegam mais convidados, e os Rochefort voltam a atenção para eles. Xavier, contudo, segue conosco. Ele procura Isabelle.

— *Mademoiselle* Dubern, eu esperava encontrá-la hoje à noite.

Isabelle sorri de maneira mecânica, um sorriso que não chega aos olhos.

— Tudo parece esplêndido.

— Não posso aceitar o crédito por nada — ele diz. — Minha mãe e Claire fizeram todos os arranjos. Planejar uma festa é um talento peculiarmente feminino, você não acha?

Se Xavier está tentando impressioná-la, está se saindo mal. Isabelle ignora suas observações sobre o sexo mais delicado. Em vez disso, ela me apresenta:

— Esta é minha amiga, Maude Pichon.

Subitamente sou o foco da atenção e me sinto como uma estátua, muda e pesada, como se fosse forjada em bronze. Minha respiração é rasa e minha boca está congelada em um sorriso.

Xavier toma minha mão em um aperto morno.

— Família Pichon — ele diz, tentando me localizar —, de... onde você disse?

Meu coração dá um salto, e então percebo que ninguém disse de onde eu sou. Tenho de lembrar a mim mesma que ele não suspeita que eu seja uma impostora; simplesmente está tentando me posicionar na hierarquia social.

— Sou da Normandia — respondo. Pelo menos a Normandia está na direção certa da verdade: é a província perto da minha casa, na Bretanha. — De um vilarejo próximo de Deauville. Você não reconheceria o nome, tenho certeza.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Eu diria que não. — Seu tom é desdenhoso e rude, mas só o que posso fazer é desviar de seu olhar perscrutador.

— E de onde o senhor é, *monsieur* Rochefort? — pergunto.

— Paris — ele desdenha. — De onde mais? — E imediatamente volta a atenção para Isabelle, esnobando-me completamente. — Dance comigo, eu insisto.

— Muito bem — ela diz. Mas eu sei que não está entusiasmada. Enquanto é levada para a pista pelo jovem Rochefort, seus olhos cruzam com os meus, e sua expressão diz: *Eu avisei*.

Solto o ar, grata por um descanso na socialização. Mas, sozinha com o conde e a condessa, me sinto como uma convidada que não é bem-vinda. O conde deve estar pensando a mesma coisa, pois imediatamente toma o braço de sua esposa.

— Vamos, querida, vamos deixar a dança para os jovens. Quero encontrar o general.

A condessa parece incomodada.

— Como você pode pensar em qualquer coisa que não seja a sua filha hoje à noite? Essa primeira dança é um momento crucial para ela. — E o olhar da condessa segue Isabelle e Xavier como se estivesse observando um cavalo novo disputar sua primeira corrida.

— Ela não está correndo perigo mortal — protesta o conde. — Está dançando.

A condessa se inclina para mim, com uma nítida tensão em seus traços perfeitos.

— Não se esqueça de ficar ao lado de Isabelle entre uma dança e outra — ela sussurra, e posso sentir o seu perfume: sândalo e especiarias. — Quanto a você, não dance, a não ser que ela esteja com alguém.

Eu concordo com a cabeça, ao mesmo tempo aliviada pelo fato de não precisar dançar, mas também desanimada de ter sido proibida de o fazer.

— O que quer que você faça, não a deixe sozinha.

Antes que ela possa proferir mais instruções, seu marido interfere.

— Edwige — diz o conde impacientemente. — Vamos, estou vendo o general.

Quero rir quando ouço a condessa sendo chamada por seu nome de batismo — não combina com ela. À medida que eles se afastam, posso ouvir o conde dizendo:

— Garota esquisita, e que cara séria.

Deixo a observação passar ao largo; não faz sentido me ofender. Aceite seus defeitos, lembro a mim mesma. Agora que fui abandonada por meu grupo, posso realmente assistir à dança. E ela é gloriosa. Todos se movimentam com ritmo e precisão, e não apenas quando estão dançando. Observo os grupos de pessoas, pego fragmentos de conversas e vislumbres de gestos. É uma demonstração graciosa de etiqueta e modos bem executados. Os homens sabem como abordar uma mulher, como engajá-la em uma conversa, e as mulheres sabem como rir docemente nos momentos certos e quando seguir em frente, graciosamente, sem ofender ninguém. Não há uma Girard instigando nos bastidores: todos sabem suas deixas de cor, como se tivessem nascido assim.

A noite vai passando, e a primeira dança de Isabelle se transforma em várias outras. Eu me afasto do movimento e sento em um dos sofás no canto do salão. Percebo que esse é o momento *repousoir* por excelência: sentar à margem e observar sua cliente atrair toda a atenção. Eu deveria me sentir aliviada pela noite estar se desenrolando como planejado, mas não posso deixar de me sentir desapontada. Apesar da beleza que me cerca, a noite perdeu o seu esplendor. Que bobagem ficar cheia de esperança só porque estou usando a costureira e as pérolas da condessa. Entre as figuras dançando, vejo de relance o meu reflexo em um dos espelhos na parede oposta. Não creio que a aparência que me foi dada pela natureza possa ser melhorada além do que vejo hoje à noite — esse é o limite de minha atratividade, e mesmo assim sou deixada para trás.

— Aí está você — diz uma voz, e olho para cima para encontrar Isabelle de pé na minha frente.

Ao lado dela, o homem mais bonito que já vi na vida. Ele toma minha mão enluvada na sua.

— *Bonsoir, mademoiselle.* — E a beija. — Duque d’Avaray.

Meu coração dá um salto e minhas faces esquentam. Analiso sua aparência imaculada: cabelo loiro-escuro, olhos azuis intensos, nariz anguloso e queixo fino. Diferentemente da maioria dos homens no salão, ele usa um uniforme militar que o destaca da confusão, com sua jaqueta azul e suas ombreiras vermelhas. O que é mais surpreendente é que Isabelle parece absolutamente indiferente. Ela não deixa escapar nenhuma animação ou que seu coração palpita diante desse Adônis.

Então Xavier se junta ao nosso grupo, acompanhado de uma garota bonita, de cachos loiro-avermelhados amontoados na cabeça. É sua irmã, Claire. Ela me faz uma breve mesura quando somos apresentadas, então pisca para o duque.

— Vamos dançar de novo — diz Claire, tentando chamar sua atenção.

— Número complicado, cinco — diz Xavier, deixando os olhos oscilarem pelo meu rosto. Ele vira de costas para mim, e compreendo imediatamente que quer evitar que eu seja sua parceira. Tento parecer distraída, mantendo a expressão agradável que aprendi a representar para as apresentações. Ainda assim, me incomoda que alguém da formação dele possa ser tão grosseiro.

O duque se vira para convidar Isabelle para uma dança, mas ela se antecipa ao convite.

— Vou ficar de fora dessa. Ah, por favor, dance com a Maude, eu insisto. Ela não dançou nem uma vez esta noite.

Meu estômago se revira com a ideia de desobedecer à condessa — sem falar na dança em si. Posso me ver pisando nos dedos do pé do duque ou o derrubando. Eu viro para ele, pronta para dar uma desculpa, mas sou recebida com um sorriso. Ele não exhibe nenhum desapontamento por ter terminado comigo. Com a mão estendida, simplesmente diz:

— Bem, então vamos? — Sua voz soa cheia e suave.

Hesito, olhando em volta do salão para ver se a condessa está me observando.

— Não sou uma grande dançarina — murmuro.

— Vá em frente, Maude — diz Isabelle. — Você não pode ficar encalhada a noite toda.

Estou prestes a protestar de novo, mas a verdade é que não quero dizer não. Aceito a mão estendida do duque, e um formigamento sobe em meu braço. Posso ouvir o bastão de Girard batendo o ritmo em minha cabeça enquanto ele me leva para o centro do salão — *um*, dois, três, *um*, dois, três.

Eu devo parecer tão nervosa quanto me sinto, pois o duque pergunta:

— Este é o seu primeiro baile?

— Acho que é bastante óbvio — digo, e coro imediatamente.

Ele abre um largo sorriso.

— Não olhe para os seus pés. Olhe para mim, eu a conduzo.

A dança começa, e o duque me conduz agilmente pela pista, me segurando com firmeza. A orquestra toca alto, e eu deixo as cordas de violino e violoncelo vibrarem através de mim. Meus nervos, relaxados pela música, estão retesados de novo, agora como tremores de entusiasmo. Com a confiança dele na pista, eu relaxo em suas mãos. À medida que giro pelo salão, olho para seu rosto impossivelmente bonito, admirando sua postura e sua desenvoltura.

— É isso aí, você está indo bem — ele diz.

Ele é uma dessas raras pessoas que conseguem estender sua confiança para aqueles à sua volta. Cada gesto seu é natural, e sua conversa flui espontaneamente. Uma deselegância simplesmente não lhe ocorreria.

Apesar de minha timidez, quero saber mais sobre ele. Estudo o seu rosto. Sobre o que eu poderia falar com um duque? Os botões dourados no seu uniforme me distraem, brilhando à luz das velas.

— Você está no exército! — exclamo, e então me arrependo de ter aberto a boca.

— Meu serviço está quase no fim — ele responde. — Vou assumir as propriedades da família.

Sinto uma relutância em sua voz.

— Parece que você preferiria seguir servindo ao exército — eu digo, em uma tentativa de conhecê-lo melhor.

— É tão óbvio assim? — Ele sorri e suspira ao mesmo tempo. — Meu pai morreu e sou o filho mais velho. Ele era o verdadeiro duque d’Avaray. Eu sou meramente um aspirante.

Sua modéstia faz com que eu goste ainda mais dele, e desejo recompensar sua sinceridade compartilhando uma confissão a meu respeito.

— Minha mãe morreu quando eu tinha dez anos — eu digo. E tão logo as palavras escapam, me sinto mal por usar a morte de minha mãe como desculpa para entabular uma conversa. Mas o duque olha de cima para mim com bondade.

— É uma sensação terrível perder um pai ou uma mãe.

— Nada nos prepara para isso — murmuro.

— Você está certa — ele diz, renovando a minha confiança.

Seu olhar e seu sorriso irradiam um calor e acendem um fogo em meu peito. Nesse momento, ele faz com que eu me sinta brilhando como a própria joia, não a folheta de metal inferior designada para incrementá-la. Não me importa como cheguei aqui; a única coisa que me importa agora é que eu, Maude Pichon, de Poullan-sur-Mer, estou nos braços de um duque.

Quando a dança termina, o duque volta para Xavier e Claire. Não me incomodo com isso. Flutuo de volta para onde deixei Isabelle, feliz pelo meu momento. Cruzo o salão e me deleito com a maneira como cada copo, cortina e castiçal está disposto para a ocasião, contribuindo para a beleza do baile. E eu sou parte disso também. O mundo real de Montparnasse e a agência desaparecem de minha memória, assim como os sentimentos de humilhação e solidão. Meu quarto no sótão, monsieur Durandeu e as *repoussoirs* parecem frutos da imaginação, e apenas este conto de fadas parece real.

Então alguém segura o meu braço, arrancando-me de meus pensamentos. Eu me viro para encontrar o rosto da condessa a centímetros do meu.

— Não desperdice o tempo do duque, Maude. — Ela sorri para um convidado que passa ao nosso lado, mas o aperto revela sua raiva; é firme, não amigável.

— Mas... — começo a explicar.

— Nem se dê ao trabalho de tentar explicar seu descuido — ela interrompe, então se vira para pegar um cálice de champanhe da bandeja de

um garçom. Toma um pequeno gole e parece se acalmar. — Distraia aquela loira, a irmã Rochefort. Ela está de olho no duque. Não posso permitir que ela ofusque Isabelle.

— Mas como? — pergunto, ansiosa por agradá-la.

Ela enfia o cálice em minha mão.

— Derrube um cálice de champanhe no vestido dela, não me importo, desde que você a mantenha afastada por algumas danças. Isabelle precisa de bastante tempo com o duque. Todo mundo está acompanhando para quem ele dá atenção.

Suas palavras me tiram como um tapa de meu atordoamento com a dança, e sigo com ela na direção de Isabelle, sorrindo como se tivéssemos acabado de ter a conversa mais agradável do mundo.

Um empregado está servindo um cálice de champanhe para Isabelle.

— Divertindo-se, *chérie*? — a condessa pergunta à filha.

Isabelle dá um pequeno gole.

— Sim, mãe.

— Então, por que não está dançando? — ela pergunta. — Não quero você circulando sozinha. Você deveria estar no centro do salão, onde todos possam vê-la.

Antes que Isabelle possa responder, uma mulher imponente distrai a condessa, e ela volta pelo salão na direção de outro grupo de pessoas.

Sorrio aliviada porque ela se foi.

— A sua mãe é muito direta — eu digo e me sento.

Isabelle solta uma risadinha.

— Ela é cansativa. Acha que estamos todos em um palco, e que temos de passar por cima de todo mundo para que as pessoas nos vejam. As joias, o espartilho apertado demais, as ordens para ir dançar.

E a folheta alugada para a ocasião, quase digo em voz alta.

Isabelle bebe a champanhe vagorosamente e examina o salão.

— Acho que o duque está dançando com *mademoiselle* de Rochefort, se é isso que você está procurando — eu digo.

— Antoine d’Avaray é uma obsessão da minha mãe, não minha.

Seu nome é Antoine, eu penso, e o repito em silêncio. Isabelle continua.

— Ela adoraria se a filha dela se tornasse duquesa.

Sinto uma pontada de ciúmes.

— Ele herdou o título faz pouco tempo — continua Isabelle. — Eu juro que é por isso que ela me fez debutar mais cedo. Eu só vou fazer dezoito anos no verão.

Posso imaginá-los juntos, um casal perfeitamente belo. Isso faz com que minha dança com ele pareça irrelevante.

— Ele é elegante. — Olho para baixo. A inveja escapa pela superfície dos meus pensamentos, então afunda em vergonha. Que patético, a meia-irmã feia apaixonada.

— Ele é agradável, mas não sou uma duquesa, Maude.

O seu tom é sincero e instantaneamente faz com que eu sinta menos pena de mim mesma. Eu viro para encarar seu belo rosto, que esconde aquela impetuosidade. Isabelle Dubern é realmente um enigma.

— Por que você não poderia ser uma duquesa? — pergunto.

Ela bate um dedo no cálice de champanhe, mas ele não faz ruído algum com a luva.

— Tem um mundo inteiro além desse baile e um novo século surgindo. Mas para mim isso é tudo que existe: um casamento na sociedade.

Como ela pode relutar tanto em abraçar o seu futuro? Não é como se ela tivesse sendo forçada a casar com um açougueiro velho.

— Esse destino é tão terrível assim? — pergunto.

— Por que eu deveria me casar? — Ela me olha atentamente. — Não parece esquisito para você que cem anos atrás o país inteiro tenha virado de cabeça para baixo por uma revolução, mas que nada tenha realmente mudado? Quer dizer, para uma garota como eu, de qualquer forma. — Ela seca o cálice e olha ao longe.

Balanço a cabeça, perplexa.

— Bem, eu consigo pensar em coisas piores do que casar com um dos cavalheiros neste salão.

— É o status que mais importa para a minha mãe, a atenção que cerca um casamento. É como se a minha temporada estivesse acontecendo somente para ela e para a família, sem que ela se importe comigo.

— Mas você não percebe como tem sorte? — pressiono.

Ela vira a cabeça bruscamente.

— É isso que você pensa? Que sou a garota que tem tudo? — Ela soa contrariada.

— E não é?

Isabelle suspira para deixar claro que eu não compreendo. Eu quero que ela explique, mas o duque e Claire se juntam a nós.

— Eu devo estar ficando velho — diz o duque, sentando-se do outro lado de Isabelle. — Dançar é mais cansativo que os exercícios de cavalaria.

O rosto de Claire desanima com esse comentário. À medida que o duque e Isabelle se aprofundam na conversa, eu me levanto e recuo para uma cadeira a vários metros de distância para lhes dar privacidade. Claire não é tão sutil. Ela paira próxima deles, esperando uma chance para interrompê-los.

Ela não é a única que observa. Um pouco mais distante, Xavier está flertando com uma morena rechonchuda. Apesar de seu desempenho animado, observo que ele olha para o duque e Isabelle de tempos em tempos. Finalmente, Claire perde a paciência e começa a insistir com o duque por

outra dança. Eu posso sentir a condessa me observando do outro lado do salão e sei que preciso agir. Tenho de distrair Claire.

Tomo um pequeno gole de champanhe. As bolhas fazem cócegas no meu nariz, borbulham na minha cabeça, e eu olho para a taça. Certamente a condessa não quis dizer para eu jogar a bebida nela para valer. Começo a estudar Claire, a observá-la. O que ela compraria, eu me pergunto, se fosse cliente na loja do meu pai? Sobre o que ela pararia para conversar? Pense, Maude, pense.

E tenho um lampejo: o cabelo.

É ridículo — uma montanha de cachos empilhados no alto, desafiando a gravidade. Com certeza demorou muito tempo para arquitetar o penteado. É um assunto perfeito para iniciar uma conversa. Eu me levanto e me aproximo dela.

— Claire, adorei o seu cabelo. — Sorrio, mas me preocupo. Estou soando natural ou tensa? — É muito... impressionante.

Ela aguça os ouvidos e dá um passo em minha direção.

— Ah, obrigada.

Ela está claramente exultante enquanto confere, com uma mão afetada, se o cabelo ainda está no lugar.

— Minha mãe conhece o melhor cabeleireiro de Paris.

— É mesmo? — tento soar impressionada.

— Sim, e ele criou esse estilo só para mim. Olhe só, tem dois apliques, na frente e atrás, para dar volume...

Eu concordo com a cabeça, e ela segue em frente sem parar de falar sobre como o seu próprio cabelo foi encaracolado e como o falso cabelo foi preso a ele. Atrás dela, Isabelle e o duque se levantam para dançar, e ela nem percebe.

— Ninguém jamais notaria — digo, entusiasmada na medida certa. — Os apliques se misturam perfeitamente. — E bebo a champanhe, aliviada por

minha pequena vitória.

Mantenho Claire conversando até ela ser convidada para dançar por outro pretendente e sou deixada sozinha mais uma vez para observar o divertimento de todos. Ser espectadora é o meu estado natural.

Com meu segundo cálice de champanhe, o salão se torna mais aconchegante e as luzes das velas suavizam até se confundirem umas com as outras. Deixo a suntuosidade do ambiente me envolver inteiramente. Não consigo acreditar onde estou.

A essa altura, já passou da meia-noite, e a mesa do banquete está cheia de restos de comida, cálices de champanhe bebidos até a metade e tocos de vela. A reunião de pessoas bonitas se dispersa, e a noite está próxima do fim. Não consigo pensar em nada além desse salão de baile, e não quero me desfazer dessa beleza. Eu sei que, quando estiver sentada na minha penteadeira, escovando o cabelo, essa noite existirá apenas como uma lembrança.

Desço com os Dubern a escada imponente que conduz ao hall de entrada, onde nos devolvem nossas capas. A carruagem de minha tia — em outras palavras, a carruagem da agência — veio me buscar diretamente no baile. Meus pés estão latejando e meu pescoço parece nu. Seguindo as instruções da condessa, devolvi as joias da família para Isabelle antes de descermos a escada. Acho que a condessa não poderia arriscar deixá-las aos meus cuidados.

Na rua, Isabelle e eu caminhamos atrás dos pais dela. O ar frio corta a tontura da champanhe e do cansaço. Eu deveria estar contente por o obstáculo do baile ter sido transposto, mas percebo que há um fio de desapontamento emaranhado em torno do alívio. Será que me saí bem com a condessa hoje à noite para ser contratada de novo? Lembro-me de Durandeu falando sobre “toda uma temporada para explorar” e me vejo com a esperança de passar por outra experiência como a de hoje à noite.

— Isso foi mágico — eu digo.

Isabelle dá de ombros.

— Foi bom. Fico feliz que você tenha aproveitado.

Eu rio.

— Não consigo acreditar como você é indiferente. Foi lindo. Estava tudo perfeito.

— Perfeitamente artificial. E a vida real?

Penso no meu quarto no sótão esperando por mim. É assim que ela gostaria de viver? Será que ela faz ideia do que a “vida real” quer dizer para a maioria das pessoas? Um toque de ressentimento vem à tona enquanto reflito sobre isso. Balanço a cabeça para ela.

— Se eu pudesse escolher, escolheria uma vida assim para sempre.

A carruagem Dubern encosta primeiro, e o conde e a condessa sobem. Antes de chegarmos perto demais da carruagem, eu paro e me viro para Isabelle.

— O que você quer então? Se dançar com homens bonitos e beber champanhe a deixa entediada?

— Quer mesmo saber? — Sua respiração forma rastros fantasmagóricos no ar congelante, e ela fecha a estola em torno dos ombros.

— Isabelle, entre — a condessa chama da carruagem. — Está congelando! Isabelle me estuda cuidadosamente.

— Venha para o chá na quinta-feira, e eu vou lhe mostrar.

Eu a observo se apressar para entrar na carruagem. Honestamente, eu não me importaria em aceitar um convite para um chá, mas não acho que seja o evento especial que Durandeu tem em mente para meu próximo trabalho.

A porta se fecha, e Isabelle abana para mim da janela. Ela não sabe que o chá vai custar à sua mãe cinco francos por hora.



As manhãs de segunda-feira são agitadas e barulhentas na agência, e sei que o quarto de vestir estará lotado de garotas antes mesmo que eu abra a porta. Estou carente de companhia desde o baile, e a necessidade de compartilhar os detalhes de minha noite mágica tem me consumido desde então. Ensaiei minhas descrições das pessoas, dos vestidos e da decoração. A ideia é dar às minhas colegas um regalo, uma *madeleine* visual para animar o dia delas, tomando cuidado para não me vangloriar — ou não parecer me vangloriar.

Penduro o casaco e o chapéu, então sorrio e tento fazer contato visual com as outras. Dessa vez, saúdo a fofoca delas. Olho à minha volta procurando por Marie-Josée, sabendo que ela será a primeira a deitar as garras sobre mim em busca de detalhes, mas ela ainda não está aqui e afundo em uma cadeira, desapontada. Cécile me ignora propositalmente, posso dizer. Ela fica de costas para mim e conversa em voz alta com as outras garotas. Troco de roupa e espero os minutos se passarem enquanto as garotas descrevem seus trabalhos corriqueiros. Sinto como se fosse explodir se continuar calada. Finalmente

tenho a oportunidade de compartilhar minha história quando a doce Émilie senta à minha penteadeira e, com olhos arregalados, pergunta:

— *Et alors, le bal?*

— Foi um conto de fadas de verdade — digo a ela, incapaz de deixar de sorrir. Posso ouvir a empolgação em minha voz, mas não preciso escondê-la.
— Dança, vestidos e homens bonitos.

— E as comidas e bebidas? — pergunta Émilie.

— Dez tipos de sobremesa e champanhe rosa — digo, abrindo um largo sorriso.

— *Uh la la!* Você experimentou um pouco de tudo? — ela pergunta.

Anuo, e então Hortense se junta à conversa, faminta por detalhes.

— Com quem você dançou?

Conforme reconto a história, as outras garotas vão erguendo o olhar, deixando presilhas de vestidos soltas e meias desenredadas para ouvir melhor. Até Cécile desiste de sua resistência e se aproxima para apreender os detalhes. Eu não menciono os momentos em que fui colocada de canto ou ignorada em prol da minha cliente. São coisas com as quais elas já estão familiarizadas e ninguém quer se lembrar disso.

Marie-Josée finalmente chega, sem fôlego. Ao ver que sou o centro das atenções e estou cercada pelas outras, diz:

— Se você está contando sobre o baile, é melhor parar. — E tira o casaco com dificuldade. — Nem mais uma palavra até eu abrir esta caixa de guloseimas e largar as coisas. E então você terá de começar desde o início.

Assim que Marie-Josée se ajeita com todas nós e que os folheados são cortados ao meio para dividirmos, começo de novo. Há um coro de suspiros das garotas mais novas quando descrevo o duque d’Avaray; pelo visto ele é famoso pela beleza, e Xavier de Rochefort é conhecido como um galanteador em muitos círculos de Paris.

— A irmã dele, Claire, sempre é citada nas colunas sociais — acrescenta Cécile. — Ela é a debutante mais disputada este ano.

Marie-Josée entra na conversa.

— A sua cliente se comportou? Ou foi malcriada com você de novo?

— Isabelle foi gentil dessa vez — admito.

— Com quem ela dançou? — pergunta Marie-Josée.

— Ela teve vários parceiros — digo. — Xavier foi o mais atencioso. Mas a condessa estava realmente ansiosa em vê-la com Antoine, o duque d'Avaray. — Digo seu nome completo de novo, prolongando-o, pois falar sobre o duque é tão bom quanto pensar nele.

— Aposto que sim — diz Marie-Josée, terminando rapidamente seu folheado.

— Ah, imagine se ela se casar com o duque. Que casal divino — exclama Émilie.

A inveja que senti no baile ameaça vir à tona de novo. Tento abafá-la — sentir inveja não faz nenhum sentido na minha profissão. Além disso, não quero ser como Cécile, completamente boba com todos os pretendentes de suas clientes. Isso seria ridículo.

— Eles ficam bem juntos — eu concordo.

— Por que a condessa prefere o duque para a filha dela, e não Xavier de Rochefort? — pergunta Hortense. — Ele deve ser rico também, julgando pela casa do pai.

Bem pensado, mas nunca me ocorreu perguntar.

— Não são todos ricos do mesmo jeito? — eu digo, imaginando que todos são igualmente privilegiados.

Cécile tira um baralho de uma prateleira e abre as cartas em leque.

— Um duque vale mais que um visconde — ela diz. Pega o rei de copas e o coloca aberto sobre a penteadeira. — O rei de copas é o duque. Alguém como

o conde Dubern seria o próximo abaixo dele — continua, colocando a rainha de copas ao lado do rei. — Agora, um visconde fica um degrau abaixo disso, um valete. — E coloca o valete ao lado do rei e da rainha.

— Mas esse é Xavier de Rochefort — diz Marie-Josée, tirando um dez de copas do baralho e o colocando na penteadeira.

— Eu não compreendo. Por que ele é o dez e não o valete? — pergunto.

Marie-Josée aponta um dedo gorducho para o dez de copas.

— Xavier é o segundo filho. O seu irmão mais velho se torna visconde quando o pai morrer. Veja bem, o irmão fica com o título e a maior parte da fortuna. O dez de copas tem de se virar com uma fatia menor do bolo.

Olho para as cartas colocadas na penteadeira.

— Eu não sabia que havia tantas regras. — Lembro-me das palavras de Isabelle sobre o status e o que um casamento na sociedade significa para sua família.

Há uma batida na porta do quarto, e Laurent entra.

— Bom dia, minhas jovens. *Monsieur* Durandeu quer falar com você, Maude. Com urgência.

Tenho um acesso de nervos — ou seria de animação? Estou ansiosa por um retorno da condessa. Mas e se ela reclamou para Durandeu que eu usei as joias da família e dancei com o duque, deixando sua filha na mão?

— No escritório dele? — pergunto a Laurent.

— Não, ele está no salão experimentando um traje novo.

O círculo de garotas que me cercam se abre, e sigo Laurent para fora do quarto de vestir. Antes de passarmos pela porta, olho de relance para trás, para as outras garotas. É agradável ser o centro das atenções dessa vez.

À medida que caminho ao lado de Laurent pelo corredor, a dúvida começa a crescer e encurto meu passo um pouco.

— Você sabe por que ele quer me ver? — pergunto a Laurent.

— Não faço a menor ideia, *ma belle*. — Chegamos diante da agourenta porta fechada para o salão. — Mas normalmente ele fica de bom humor quando está experimentando roupas novas. — Laurent dá uma piscadela para mim, e uma onda de cabelo toca seus longos cílios. Ele abre a porta, e eu entro na sala.

Durandeu está se admirando de braços abertos diante do espelho de corpo inteiro, enquanto o costureiro toma as medidas. Tecidos como tweed e lã xadrez estão jogados sobre uma poltrona. Eu olho à minha volta, desacostumada a ver o espaço vazio, sem as garotas.

— *Mademoiselle* Pichon, aguarde um instante que já vou conversar com você — diz Durandeu. — Uma caça ao faisão exige trajes adequados. Talvez eu não seja um bom atirador, mas sei me trajar como um.

Espero pacientemente até que o costureiro termine. Eu achava que atirar bem era precisamente o objetivo de uma caçada, mas o que eu sei sobre as ocupações da classe alta?

— O tweed escocês é uma escolha excelente para a jaqueta Norfolk, *monsieur* Durandeu — diz o costureiro, tirando as amostras de roupa da poltrona. Ele gesticula para mim para que eu me sente, mas Durandeu, acreditando que o convite é para ele, pega o lugar e eu continuo de pé. O costureiro troca um olhar comigo antes de deixar a sala.

— Bem, você conseguiu, *mademoiselle* Pichon!

Durandeu se deixa afundar nas almofadas fofas, e meu corpo fica tenso.

— Consegui o quê?

— Tive notícias da condessa agora há pouco. — Ele tira uma carta do bolso interno do paletó e a acena na minha frente. — Ela quer que você trabalhe exclusivamente com a família dela por toda a temporada. Que bela jogada!

Meu coração dá um salto, em uma onda de empolgação.

— A temporada inteira? — pergunto impressionada. — Quanto tempo é isso?

— De agora até o verão. — Seus olhos pequeninos e arredondados estão brilhando.

Subitamente, só consigo pensar no rosto bonito do duque e com quem mais vou poder dançar a temporada inteira.

— Você sabe de quantos eventos vai participar? — pergunta Durandeu, com a papada tremendo enquanto fala.

Balanço a cabeça.

— Não faço ideia.

— Vários por semana. Concertos, óperas, banquetes, caças ao faisão e até corridas de cavalo, quando o tempo esquentar.

— Vários por semana até o verão — repito. Posso ver Durandeu contabilizando mentalmente quantas pilhas de francos isso vai lhe render. — Isso significa que eu não estou mais em treinamento? — pergunto, me sentindo corajosa.

— Sim, acredito que você mereceu a comissão. Ter os Dubern como clientes é uma dádiva para a agência.

Estou impressionada de ver como minha vida está mudando rápido. Tendo tantas datas com Isabelle — talvez eu consiga pagar por um apartamento melhor e comprar algumas roupas novas.

— Deixe-me ler uma parte da carta da condessa. — Durandeu examina as páginas. — Houve uma pequena confusão com a amiga dela, *madame Vary*.

— É para ela ser minha tia.

— A condessa diz que ela está relutando em fazer parte disso. Elas tiveram alguma discussão.

Eu questiono quão próximas a condessa e madame Vary realmente são. Será que a condessa a usou somente como uma maneira conveniente de me

apresentar ao seu círculo?

Durandeu continua:

— Agora, o problema é como você vai ter acesso à garota Dubern sem a sua “tia”. — Ele folheia as páginas de uma caligrafia limpa. — Ah. Aqui está. — E lê alto: — “Acho melhor usarmos o bom senso, *monsieur* Durandeu. Se *madame* Vary está indisposta devido a problemas de saúde, digamos, devemos pensar logicamente sobre como *mademoiselle* Pichon passaria o tempo se fosse realmente sua sobrinha e não uma empregada da agência. Eu naturalmente a convidaria para ficar alguns dias com Isabelle, levando em consideração que as garotas são da mesma idade e que ambas são debutantes nesta temporada. Em breve sua participação em eventos sociais com a nossa família será aceita naturalmente e parecerá bastante normal. Ela terá amplo acesso à minha filha e aos eventos indispensáveis da temporada, sem exigir a assistência pessoal de *madame* Vary”.

Durandeu vira a página e continua a leitura.

— “Além disso, peço que *mademoiselle* Pichon vista somente as roupas que fornecerei. Farei com que minha costureira pessoal envie um guarda-roupa adequado para cada ocasião em que venhamos a precisar dela.”

Fico boquiaberta.

— Um guarda-roupa especial, só para mim?

— “Em resposta à sua pergunta, não precisarei dos serviços de uma *repoussoir* para mim pelo resto desta temporada. Como mãe, devo colocar as necessidades de minha filha à frente das minhas.” — Durandeu suspira com isso. — É uma pena. — E termina a leitura: — “Com meus melhores sentimentos, condessa Dubern”.

Ele sorri, satisfeito em ler a última frase, apesar de não haver nenhum traço de afeto verdadeiro nela; é apenas uma maneira mecânica de terminar uma carta, como todos aprendem na escola.

Durandeu dobra a carta de novo e olha para mim.

— Aí está, *mademoiselle* Pichon. Eu não tinha muita esperança em seu futuro na agência, mas você superou as expectativas. Você é agora uma empregada permanente.

Eu deveria sentir um aperto no coração com a ideia de ser uma *repoussoir* permanente, mas em vez disso exulto com a notícia. Talvez minha postura diante desse trabalho tenha sido errada desde o princípio — em vez de temer, eu deveria estar aberta às suas possibilidades.

Como se pudesse ler meus pensamentos atordoados, ele se levanta com dificuldade da cadeira e se aproxima de mim, com os olhinhos de pombo se estreitando nos meus.

— Mas, agora que você fechou esse contrato, é melhor não fazer nada para estragar. — Seu hálito tem um cheiro rançoso. — Se eu ouvir quaisquer reclamações da condessa, o menor sussurro de desaprovação...

— Eu compreendo, *monsieur* Durandeu.

Ele parece insatisfeito, incerto se me intimidou de maneira suficiente.

— As roupas ficarão em um depósito, ao lado do ateliê de *madame* Leroux. Ela reclama que não tem muito espaço para guardar o seu guarda-roupa novo.

Eu não preciso adivinhar por que ela está sendo inflexível. Ele gesticula com um dedo gordo na direção da porta.

— Isso é tudo, *mademoiselle* Pichon.

Faço uma mesura e caminho rapidamente para fora do salão. Fecho a porta atrás de mim e me recosto nela, a cabeça girando com o pensamento do que está por vir. Minha esperança se transformou em certeza — algo maravilhoso acontecerá comigo nesta temporada. Eu posso sentir.



— Isabelle nunca me deixa entrar em seu gabinete de estudos — diz a condessa.

Ela está sentada em sua penteadeira, em meio a um amontoado de frascos e poções, com sua criada a auxiliando no ritual da *toilette*. Eu a observo soltando os cabelos, e madeixas grossas de cabelos sedosos e negros se desenrolam uma a uma.

Ela olha para mim no espelho.

— Ela deve estimá-la muito para deixá-la entrar.

Dou um sorriso ligeiro. Como prometido, Isabelle pediu que sua mãe me convidasse para o chá, mas, antes que eu pudesse ir para o seu gabinete de estudos, no andar de cima, a condessa me chamou para o seu *boudoir* para ter uma conversa privada comigo.

— Cochet, pode nos deixar agora.

A criada me olha de relance furtivamente, coloca a pilha de grampos de cabelo em uma caixa adornada e deixa o aposento.

Está quente e abafado, e eu ainda estou com o meu casaco. Desloco meu peso de um pé a outro.

— Sente-se, Maude. — A condessa aponta para um banquinho. Quando eu me sento, vejo meu rosto refletido atrás do dela. Ela sorri para mim. — Já era hora de termos uma conversinha.

Ela pega uma escova de cabelo de prata e a passa pela juba. Essa é a primeira vez que vejo seu cabelo solto. Ele cai em longas ondas escuras por suas costas, sobre um penhoar folgado. Ela não parece realmente humana para mim. Parece mais a estátua de uma deusa grega no Louvre.

— Esta temporada você ficará a par de toda sorte de informações.

Eu anuo, me perguntando aonde isso vai chegar.

— Você pode me ajudar usando seus olhos e ouvidos. Não há nada mais inócuo do que uma garota comum. As pessoas não vão nem notar que você está ali.

Há um estalido agudo quando ela coloca a escova de volta sobre o toucador.

— Com quem Isabelle conversa e dança? Para quem olha? Quais cavalheiros são receptivos a ela? Quem está tentando chamar sua atenção? Ela fica calada como uma pedra quando pergunto a opinião dela sobre algum pretendente. — A condessa escolhe um frasco de perfume e aplica um pouco no pescoço. — Você é esperta. Aposto que nota tudo com esses olhos sem graça.

Seu insulto soa menos mordaz com o elogio indireto. Pelo menos ela me acha inteligente.

Ela pega outro frasco de vidro de sua coleção e o gira para passá-lo para mim.

— Aqui, cheire isso — ela instrui.

Eu pego o frasco e removo a tampa lilás com o formato de uma flor. De maneira hesitante, inalo o aroma.

— É agradável — eu digo. — Como a primavera.

— Eu o detesto. Doce demais. O conde deveria ter me comprado joias em vez disso. — Ela inclina a cabeça para o lado. — Pode ficar com ele, se quiser.

Sou pega de surpresa por um momento: que generosidade. Examino o vidro colorido e a flor gravada no frasco, e sinto uma onda de prazer com a facilidade com que essa lembrança de luxo caiu em minhas mãos.

— *Merci, madame la Comtesse* — murmuro.

Ao erguer o olhar, eu a vejo passando uma esponja de pó de arroz no rosto, e sua pele se torna mais como mármore do que carne humana.

— Conte-me sobre o baile. O que você achou? — ela pergunta.

— Ah, foi magnífico — começo.

Ela me corta imediatamente.

— Sim, sim. Quer dizer, o que você achou dos pretendentes de Isabelle?

Insegura sobre o que ela espera ouvir e quão honesta devo ser, hesito.

— Vamos lá. Você passou a noite inteira com a minha filha.

— Obviamente, o duque gosta dela — eu digo, observando sua reação. — E Xavier de Rochefort estava ansioso em chamar a atenção de Isabelle. Mas ele parecia flertar com um monte de garotas bonitas. Fico com a impressão de que ele talvez inveje o duque.

A condessa zomba da informação.

— Bem, é claro. Um duque é superior ao segundo filho de um visconde. Agora, e quanto ao duque?

— Acho que ele se sente atraído por Isabelle. Eles dançaram juntos várias vezes, quando ele não estava dançando com Claire de Rochefort. — Sinto uma ponta de arrependimento; lembro-me de tudo isso porque eu estava esperando que ele dançasse comigo de novo.

— Claire de Rochefort? Ugh! Aquela bonequinha insípida. — Um vento invisível sopra a expressão da condessa, que muda para uma cara de asco. — Ela fez algum avanço com ele?

— Ela tentou, mas é frívola demais — respondo, satisfeita em apoiar a ideia de Isabelle sobre Claire. Não há dúvida de que Isabelle é uma escolha muito superior. — O duque passou mais tempo conversando com Isabelle. Parecia que eles tinham um entrosamento mais natural quando conversavam.

É uma satisfação poder compartilhar todas as coisas que observo, uma vez na vida. As garotas na agência querem apenas pinceladas amplas das interações entre as pessoas envolvidas, mas a condessa tem olho para os detalhes. Finalmente alguém que aprecia meu costume de observar as pessoas.

A condessa tamborila as unhas na penteadeira.

— Aposto que a garota Rochefort está usando o irmão para obter vantagem. Ele conhece o duque há anos.

— Especialmente se Xavier quer Isabelle, ele não gostaria que sua irmã se jogasse para o duque? — eu digo.

Ela ergue uma sobrancelha.

— *Très bien.* — A condessa me considera por um momento. — Muito bem, Maude. Você pode subir e ver Isabelle agora. — Ela toca o sino para a criada, então se recosta voltada para o espelho e puxa a pele lisa do rosto como se fosse uma máscara. — O que eles dizem? A idade é a vingança das feias.

Sua observação me deixa pasma. Ela me considera culpada, uma das *feias*, que torcem para que a marcha do tempo aja contra seu maior patrimônio?

Cochet entra no aposento com uma mesura.

— *Oui, madame?*

— Leve Maude até o gabinete de estudos de Isabelle — diz a condessa sem erguer o olhar.

Entendendo a deixa, escorrego o frasco de perfume para o bolso do casaco e deixo a condessa com seu ritual.



Enquanto sigo a criada para o andar de cima da casa, um pingo de dúvida me incomoda. Eu me preocupo que, ao conversar com a condessa, eu tenha jogado uma luz favorável demais sobre Isabelle em relação ao duque. Reflito novamente sobre o que se passou entre eles no baile e decido que cada palavra do que eu disse para a condessa era verdadeira. Eu não menti. O que me corrói por dentro é que eu não lhe contei toda a verdade — por exemplo, que a filha dela não parece interessada em se tornar uma duquesa. Decido que seria tolo divulgar essa informação. Além disso, Isabelle teria de ser feita de pedra para não ser vencida um dia pelo rosto gentil do duque e seu uniforme impecável. Talvez suas palavras de rebeldia sejam apenas para aparecer.

No alto da escada, a criada para e aponta para a última porta no fim do corredor.

— O gabinete de estudos de *mademoiselle* Isabelle — ela anuncia.

— *Merci* — respondo, mas ela já está descendo a escada.

Eu caminho na direção da porta do gabinete de estudos e bato.

— Espere! — exclama a voz de Isabelle de dentro. — Não abra a porta de jeito nenhum.

Eu reviro os olhos. Ela é um pouco dramática, mas obedeço. Enquanto caminho de um lado a outro no corredor, relembro nossa última conversa. Ela despertou minha curiosidade: o que a torna diferente das outras garotas da sociedade?

Vários minutos se passam antes que a maçaneta vire e a porta se abra. Isabelle está parada no vão da porta de uma sala escura.

— Eu não deixei você abrir a porta porque iria entrar luz — ela diz como saudação.

Eu entro na sala e vejo que a única luz é a de uma vela, recentemente acesa. Na escuridão, posso perceber uma bancada de madeira grande com toda sorte de engenhocas e cortinas grossas como tapetes fechando as janelas. Ela não dá nenhuma explicação do porquê a sala está envolta naquela escuridão.

— Aqui é o esconderijo de uma bruxa? — pergunto, parcialmente brincando. — Um gabinete de estudos para aprender bruxarias e feitiços?

— A criada só levou você até metade do caminho, não é? — ela pergunta. — Os empregados acham que essa sala é mal-assombrada, ou que estou possuída. — Ela abre as cortinas, rindo, e uma mecha de cabelo se solta da fita. — Terminei com meus sacrifícios por hoje.

As janelas estão sujas e um raio de luz faz o pó dançar à nossa volta, provando a aversão da criada pelo lugar. Agora que posso ver onde estou pisando, avanço mais para dentro da sala. Fora a bancada de trabalho grande próxima das janelas, há uma parede alinhada com prateleiras de livros, e, num canto mais distante, uma escrivaninha. No canto oposto da sala, duas poltronas flanqueiam a lareira.

Sou atraída para as prateleiras de livros, que guardam objetos que eu nunca vi antes: campânulas e frascos de todos os formatos e tamanhos contendo vários líquidos; plantas e desenhos de espécimes botânicos; borboletas emolduradas em vidros e outros insetos de tamanho considerável. Entre essas curiosidades, há muitos livros. Eu leio as lombadas e vejo volumes sobre uma ampla gama de áreas de estudo: botânica, química, história romana e arquitetura. Há um globo em cada extremidade das prateleiras. Estendo o braço para girar um quando passo por ele.

— Desculpe pela bagunça. Normalmente não recebo visitas — diz Isabelle, enquanto organiza uns papéis na escrivaninha.

Na prateleira acima desta, há um objeto do tamanho de um relógio de console de lareira, mas não há números nem ponteiros nele. Eu caminho em sua direção para olhar mais de perto. Ele é de bronze, e a caixa aberta ao seu lado está forrada de um veludo verde-escuro.

— O microscópio do meu pai — diz Isabelle, vendo que estou olhando para o objeto. — Ele tem mais de cem anos, uma verdadeira antiguidade. Meu pai nem percebeu sua falta em seu gabinete. Ele gosta de colecionar coisas, mas não tem gosto de verdade por suas funções.

— Para que você usa isso? — pergunto, impressionada.

— Para estudar plantas.

Fico admirada com todas as coisas dela.

— Eu nunca vi um gabinete de estudos como este — eu digo, e, conforme as palavras deixam os meus lábios, percebo que *este* é o gabinete de Isabelle, um espaço preenchido com sua essência, marcado com sua personalidade, como o seu quarto é um reflexo de quem ela *deveria* ser: feminina e doce, uma invenção de sua mãe.

Eu viro para a bancada que domina a sala, fascinada pelos objetos de formatos esquisitos espalhados pelo chão: louças de porcelana lascadas, braçadeiras de ferro e caixas de madeira com partes de metal presas a elas. Ela usa isso tudo?

— Sente-se — diz Isabelle, indicando com a cabeça um tamborete na bancada.

— O que são essas engenhocas? — pergunto, apontando para as caixas de madeira.

— Câmeras. Você quer ver como elas funcionam?

— Você sabe tirar fotos? — pergunto, impressionada. — Do quê?

— De qualquer coisa, realmente. O que me interessou foi a química por trás dela.

— Que incrível — eu digo, tocando a superfície lisa da caixa de madeira à minha frente.

— Vamos tirar uma foto sua. Você gostaria? — Ela está de pé e em movimento antes que eu possa responder.

— Eu nunca tirei um retrato antes. — Não me sinto exatamente confortável com a ideia. — Parece muito extravagante — murmuro.

— Vamos lá, tire o casaco que eu vou lhe mostrar minhas “engenhocas”, como você as chama.

O absurdo de eu posar como sua modelo não parece lhe ocorrer. Em vez disso, ela se preocupa em montar o equipamento.

Eu coloco meu casaco sobre um tamborete e hesito em ficar à vontade.

— A sua preceptora é ambiciosa com o seu currículo.

— Eu não tenho mais uma preceptora — diz Isabelle, prendendo a caixa da câmera de madeira sobre um tripé. — Minha mãe se livrou dela assim que a temporada começou. Ela disse que eu não teria tempo para estudar com todos os eventos a que preciso comparecer. Mas essas coisas todas não são simples estudos, Maude. — Ela tira o cabelo do rosto. — É o currículo que eu mesma criei. Pegue o tamborete e sente-se próxima da janela — ela diz. — Precisamos que você fique na luz.

Eu obedeco às instruções dela. Isabelle se inclina atrás da câmera, ocultando a cabeça.

— Agora mexa o tamborete alguns centímetros mais para perto de mim e um pouco para a direita.

— Quanto tempo eu preciso ficar parada? — pergunto, mudando de posição.

Ela tira a cabeça para fora.

— Não se preocupe, não vou colocar sua cabeça em um grampo. O tempo de exposição é de apenas alguns segundos. Não é muito tempo, se comparado a

como era antigamente.

— Como eu estou? — pergunto cautelosamente. — Você consegue me ver através dessa coisa?

Ela se abaixa.

— Consigo, mas você está de cabeça para baixo. A foto será do topo da sua cabeça, passando seus ombros. Um retrato apropriado.

Eu olho direto para a câmera, seu único olho negro me encarando de volta. Ela pega uma moldura de madeira fina e a enfia na caixa da câmera.

— Relaxe — diz Isabelle. — Pense em algo agradável e não se mexa.

Minha mente me leva de volta ao baile, quando estendi a mão e peguei a do duque.

— *Un, deux, trois* — diz Isabelle. Então remove a tampa preta que cobre a lente.

Eu me apego àquele pensamento. Vejo o sorriso dele, sinto sua mão na minha.

— *C'est fini* — anuncia Isabelle, retornando a tampa para a lente. Ela ordena que eu feche as cortinas e então desaparece em um closet. A moldura de madeira, aprendi há pouco, cobre a chapa de vidro que contém a imagem negativa do meu rosto. Os minutos vão se passando enquanto espero na escuridão completa para ela revelá-la. O cheiro de produtos químicos parece mais forte agora; ele queima meu nariz e faz meus olhos lacrimejarem.

Será que a mãe de Isabelle sabe sobre isso?, eu me pergunto. Se Marie-Josée estivesse aceitando apostas, eu colocaria meu dinheiro em “não”.

A porta do closet se abre com um rangido, e passos se aproximam.

— Abra as cortinas, Maude.

Abro os cortinados pesados, e a luz me faz apertar os olhos. Eu me viro para ver Isabelle caminhando na minha direção, exibindo a chapa. Ela está usando um guarda-pó de algodão de artista sobre o vestido e um par de luvas

de borracha. Seus olhos estão radiantes, e sua expressão está ansiosa, enquanto ela se junta a mim perto da janela, segurando a chapa contra a luz.

— Dê uma olhada.

Apesar de minha relutância inicial, estou curiosa e estico o pescoço na direção dessa imagem misteriosa, um negativo de mim mesma. É esquisito pensar que essa irmã gêmea fantasma que estou vendo, com cabelo branco e rosto na sombra, sou eu na realidade.

— Agora a parte empolgante: fazer uma cópia — diz Isabelle. — Vamos precisar fechar as cortinas de novo e colocar uma vela na iluminação. Aquele lampião vermelho no banco.

— Uma luz vermelha? — pergunto.

— O papel que usamos para imprimir é sensível à luz do dia, mas não à luz vermelha.

Eu não entendo nada, mas acendo o lampião e fecho as cortinas. Somos imediatamente banhadas por um brilho sinistro e infernal. Se eu fosse empregada na casa Dubern, suspeitaria das movimentações no gabinete de estudos também.

— Você parece demoníaca mesmo — eu digo.

Isabelle sorri enquanto mexe com uma moldura de madeira. Ela coloca a chapa negativa dentro e então a cobre com uma folha de papel de uma caixa lacrada. Por fim, um apoio de madeira prende o dispositivo. Isabelle olha para o relógio preso ao guarda-pó e abre bem a cortina. Então levanta a moldura de madeira perto da janela, bem na luz do sol.

— O que está acontecendo? — pergunto, espiando a moldura.

— A luz revela a cópia. Ela passa pela chapa, expondo a imagem positiva sobre o papel tratado. Deve levar uns dez minutos.

Eu balanço a cabeça, estupefata.

— Onde você aprendeu tudo isso?

— Meu tio me deu a câmara dele e algumas instruções. — Ela olha de relance o relógio. — E minha preceptora me ajudou também, antes de minha mãe mandá-la passear. Ela me apresentou para o mundo das ciências, pedindo os livros e os materiais de que eu precisava. Tudo sem que minha mãe soubesse, é claro.

— O que a sua mãe achou que você estava aprendendo? — pergunto.

— Atividades para damas. Eu pagava Geneviève, a criada da casa, para bordar almofadas e lenços e ficava com o crédito. Às vezes eu teclava o piano ou praticava o italiano para satisfazer a vontade de minha mãe.

Balanço a cabeça. Isabelle Dubern é cheia de surpresas: garota rica mal-humorada, debutante difícil e agora uma erudita secreta. Bem quando acho que sei com quem estou lidando, fico ainda mais confusa.

Ela passa os próximos minutos na bancada derramando líquidos em bandejas de porcelana e me manda cuidar do relógio.

— Deu — digo, após dez minutos terem se passado. Isabelle retira a moldura de madeira e espia o progresso de sua engenhoca. Fecho as cortinas, garantindo que nem uma fenda de luz tenha restado.

Somos banhadas mais uma vez pela sinistra luz vermelha. Observo, fascinada, enquanto Isabelle abre a moldura e olha de relance para o papel, agora escurecido com uma imagem. Mas, antes que eu possa dar uma boa olhada, ela o larga na bandeja e o mergulha na água. Ela lava o papel, então o transfere para uma bandeja cheia daquela solução com um cheiro tóxico, agitando o líquido de maneira que ele cubra toda a área, submergindo o papel completamente.

À medida que os minutos se passam, tento ver a imagem, mas Isabelle está impedindo que eu tenha uma visão clara, sem mencionar a luz vermelha e as ondulações do líquido, que dificultam ainda mais as coisas.

— Podemos abrir as cortinas e apagar a luz. A imagem está fixada agora, então a luz não vai afetá-la.

Eu sigo as ordens dela enquanto Isabelle derrama a água de uma jarra em outra bandeja, larga o papel dentro e o lava suavemente.

— Posso ver agora? — pergunto, morrendo de vontade de dar uma olhada na primeira e única fotografia feita de mim.

— Assim que estiver seca — diz Isabelle. — Vou pedir um chá e podemos olhar as minhas outras fotos.

Ela estende o papel encharcado sobre uma prensa de tela e arame.

— Usamos essa armação para secar — ela explica. — Se simplesmente pendurarmos, o papel enrola enquanto seca.

Observando-a trabalhar, percebo que nunca vi Isabelle Dubern tão feliz. Ela se movimenta de maneira confiante, com o indício de um sorriso no rosto. Ela parece radiante, mas não da maneira que parecia no baile, com o vestido bufante e as joias da família — agora ela está em seu ambiente natural.

Após tocar o sino para o chá, nos instalamos nas poltronas de canto para visitas, e ela abre seu portfólio de fotos sobre a mesa.

Então pega a fotografia de uma orquídea.

— Esta é uma das primeiras. Eu comecei com objetos que não se moviam ou falavam. — Ela ri, mas posso dizer que está orgulhosa do seu trabalho.

Examino as imagens, e chego a um retrato de uma mulher com uma expressão estoica.

— Quem é ela?

— *Madame* Ferrand, nossa cozinheira. Ela me deu toda a louça velha para que eu colocasse os produtos químicos, e me deixa roubar ovos da cozinha para usar a albumina.

— O rosto dela é interessante — eu digo, examinando seu olhar direto e as linhas profundas em sua testa. Ela claramente está acostumada com o trabalho

duro, o que me faz lembrar os moradores do meu vilarejo.

Isabelle puxa uma cópia do retrato.

— Está vendo como este está gasto nos cantos? É porque a emulsão não foi aplicada em toda superfície, até os cantos. Quando a imprimi novamente, corriji esse erro.

E aponta para a cópia aprimorada em minhas mãos.

— Mesmo assim, a cópia falha está linda — eu digo. Ela me lembra aquela fotografia de minha mãe. — Os cantos mais claros dão a ela um olhar mais radiante, você não acha?

Ela estuda as duas impressões.

— Eu não havia pensado nela dessa forma. — Isabelle encontra meu olhar com um sorriso ligeiro. — Você tem coração de artista, e não a lógica de uma cientista.

Ouve-se uma batida na porta.

— Deixe o chá aí fora, Geneviève — ordena Isabelle impacientemente.

— *Mademoiselle* Isabelle. — Deve ser uma das criadas, mas ela não entra na sala. — Sua mãe diz que a senhorita deve se arrumar para as visitas após o chá. Elas devem chegar em uma hora.

Isabelle se levanta e escancara a porta, tomando a bandeja de chá da criada.

— A condessa disse que é para a senhorita colocar o vestido xadrez azul. Eu já o tirei do armário. — A criada espia dentro da sala e me chama. — *Mademoiselle* Maude, a condessa pediu que a carruagem deixe a senhorita na casa de sua tia.

— *Merci* — digo, com a voz entediada. Eu não havia notado quão rapidamente a tarde havia se passado, e não sinto pressa alguma para ir embora.

Isabelle fecha a porta com o pé e volta para onde estou. As xícaras chocalham enquanto ela ajeita a bandeja de chá sobre a mesa.

— Eu sou constantemente contrariada. — E se senta com um suspiro. — Minha mãe está sempre encontrando mais eventos e visitas para ocupar o meu tempo. — Ela serve o chá. — Açúcar?

— Um cubo, por favor.

Isabelle adiciona o açúcar e me passa a xícara. Bebemos nosso chá em silêncio por algum tempo. Seu rosto está perplexo, como se ela estivesse solucionando um problema.

Finalmente, ela rompe o silêncio.

— Maude, posso lhe perguntar uma coisa?

Seus olhos estão fixos na xícara, e seu tom é cuidadoso.

— O que é? — digo, quase num sussurro.

— Antes de minha mãe se livrar dela, minha preceptora estava me ajudando a estudar para os exames de *baccalauréat*. É preciso passar para ser aceita na universidade. — Ela ergue os olhos e encontra o meu olhar. — Quer dizer, para estudar ciências na Sorbonne. — Seus olhos escuros estão arregalados e sérios.

Meus olhos passeiam rapidamente pela sala: os equipamentos, os experimentos, o currículo montado por ela mesma — tudo se encaixa agora. Esta sala não guarda as distrações de uma debutante entediada; há um propósito para tudo aqui. Que coragem.

— Educação universitária? — eu sussurro as palavras. É tão distante do que eu já desejei um dia para mim.

— Minha mãe não pode saber — continua Isabelle. — Ela não aprova a educação para garotas. Mas você pode me ajudar a estudar, me auxiliar com os experimentos e me perguntar sobre todos os fatos que eu tenho de memorizar. — Ela faz uma pausa, então acrescenta auspiciosamente: — Achei que talvez você gostasse de me ajudar.

Tudo o que eu consigo pensar é que a condessa não sabe disso. É outro segredo, outra camada de duplicidade, e fico paralisada por um tempo.

— Com a saída da sua preceptora, o que a sua mãe acha que você faz aqui? — pergunto.

— A mente dela não é curiosa o suficiente para se perguntar. — Ela revira os olhos. — Se eu estivesse sozinha na sala de visitas com um cavalheiro por cinco segundos, ela demandaria uma explicação. Mas aqui em cima — e indica com a cabeça na direção da bancada — tem apenas livros e bricabraque. Inofensivos. — Ela abre um sorriso maroto.

— Mas por que eu? — pergunto.

— Você é diferente das outras garotas da minha idade. Eu sei que posso confiar em você.

Meu coração se aperta. Eu sou uma fraude.

— Mas eu não sei nada sobre ciências. No vilarejo, quer dizer, no convento, nós tivemos uma educação muito simples.

— Você é curiosa sobre o mundo. Você veio para Paris para vivenciar algo na cidade, não para se casar. — Ela dá de ombros, e sua voz se enternece. — Talvez você esteja tão desambientada quanto eu esta temporada.

Suas palavras me fazem sentir absolutamente uma traidora. Uma onda de náusea toma conta de mim, e eu largo minha xícara de chá.

— Você vai me ajudar, Maude?

Seus olhos escuros olham nos meus enquanto ela espera por uma resposta.

Um acesso de pânico se agita dentro de mim. Eu tento me desvencilhar dos pensamentos da condessa, de estar enganando-a. Afinal, ela é a minha empregadora. Mas tem algo a respeito de Isabelle que me atrai. Eu seguro os joelhos, como se para me manter inteira, e forço um sorriso.

— É claro que eu vou ajudar você.

Pela lógica, decido que ajudar Isabelle vai solidificar nossa amizade, o que só pode fortalecer meu papel como folheta. A condessa não poderia desaprovar isso, não é?

Isabelle parece instantaneamente aliviada.

— O seu retrato. Deve estar seco a essa altura. — Ela se levanta, vai até a bancada e abre a armação. Então estuda a fotografia por alguns momentos e a traz para mim. — O que você acha?

Eu pego o papel fibroso e analiso a pessoa olhando de volta para mim, os traços comuns, familiares.

— É esquisito, ver a si mesma como um estranho veria — eu digo. Meus olhos têm uma expressão distante, séria e compenetrada. Mas eu questiono o retrato. Qual Maude está me encarando: a confidente de Isabelle ou sua *repoussoir*?

— Talvez eu devesse tê-la exposto alguns segundos mais. — Isabelle espia sobre meu ombro e aponta para um lado da fotografia. — Você vê? Alguns detalhes do lado do seu rosto estão faltando.

— Não acho que meu rosto comum precise de mais detalhes — eu digo, tentando soar alegre. Estou me arriscando com esse comentário, mas não consigo evitá-lo.

— Você é interessante demais para ser comum — diz Isabelle com alguma veemência. — Imagine se eu tivesse tirado o retrato de Claire de Rochefort. Posso imaginar claramente a pose vaidosa dela, aquele cabelo ridículo e sua expressão burra.

Não consigo deixar de rir.

— Vou fazer outra cópia para você levar — ela diz, pegando a fotografia e a colocando com as outras em seu portfólio. — Maude, agora você oficialmente faz parte da minha coleção. — Ela sorri largamente, e então eu percebo a verdadeira Isabelle parada diante de mim.



Após o chá, tão logo a carruagem se afasta da casa e entra na rua, escorrego a mão no bolso do casaco. O perfume ainda está ali. Pego o frasco, tiro a tampa e cheiro. É doce — estonteante e decadente, como o luxo deve ser. Passo uma gota no pescoço e uma atrás das orelhas, como a condessa Dubern faz.



A carruagem Dubern me deixa na agência, onde troco as roupas de trabalho antes de ir para casa. A Rue de Rennes está movimentada. A noite de novembro está fria, o céu é de um negro profundo e luzes cintilantes irrompem da escuridão, animando meu bairro. A atividade não cessa quando a noite cai em Paris. O som de canções ao piano competindo entre si invade a calçada quando passo pelos bares e restaurantes, e em todas as esquinas há cartazes e pôsteres anunciando um cabaré ou uma sala de concertos nova.

Uma carruagem encosta bem à minha frente, e não dou maior importância a ela até a porta se escancarar e uma voz familiar me chamar.

— Maude! Venha comigo ao Chat Noir.

É Paul. Congelo por um momento, com o coração disparando. Aliso a saia e prendo uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Suba! — ele grita. O cavalo resfolega alto e pisa um casco, como se estivesse me apressando.

Já vi pôsteres espalhados por todo o bairro anunciando o famoso cabaré de Montmartre. Ele é popular entre os artistas e famoso por seu teatro de sombras com marionetes. Como eu gostaria de transformar minhas roupas em algo da moda feito pela costureira da condessa. Pelo menos passei o perfume, penso agradecidamente quando subo na carruagem.

— Para onde você estava indo? — pergunta Paul.

— Para casa. Eu moro na Rue du Regard. Não é longe daqui.

— Você trabalha até tarde para uma preceptora.

Tudo que eu posso fazer é sorrir em concordância e rapidamente mudar de assunto.

— Como foi seu concerto na semana passada? Pena que não pude ir.

— Você gosta de música, então?

Suspiro.

— Na verdade, não costumo ir muito a concertos — digo a ele, baixando o olhar. — Eu trabalho muito, entende?

A carruagem sacode de um lado para o outro ao longo das ruas da margem esquerda, atravessa o rio na direção norte e corta através da margem direita para a colina de Montmartre.

— Uma verdadeira amante da música faz a sua própria música. — Paul se inclina mais para perto. — Há uma canção que você gosta de cantar?

Eu balanço a cabeça, rindo.

— Eu não canto. Não sou nem um pouco musical.

— Ora, vamos lá, você deve conhecer pelo menos uma canção de cor. — Ele não tira os olhos de mim.

Eu penso por um momento.

— Eu conheço algumas canções bretãs. — E dou de ombros, sem saber se devo compartilhá-las. — A língua bretã é bastante musical. Para uma pessoa de

fora, ela pode soar ríspida e não tão bonita quanto o francês, mas eu sempre penso nela como mais honesta, de certa maneira.

Paul se recosta na carruagem com um sorriso no rosto.

— Eu sabia. Você *não* é uma preceptora.

Meu coração se encolhe por um momento.

— Você é uma poetisa. — Ele abre um largo sorriso.

Satisfeita, espio pela janela as ruas sinuosas e estreitas e os lugares humildes que nos cercam. Montmartre — capital do pecado, do vício e da Paris boêmia. Sinto a emoção de uma aventura. Finalmente vou estar do lado de dentro olhando para o lado de fora, e não o contrário.

Se o baile do qual participei com Isabelle foi uma exibição de regras invisíveis e coreografia perfeita, o Chat Noir é completamente o oposto: não há regras. Assim que passamos pela porta, nos deparamos com uma parede de fumaça e ruído. Do nada, um gordo alegre aparece na nossa frente e retumba:

— Entrem e sentem-se onde lhes agradar. Não há hierarquia aqui, exceto a intelectual. — E gesticula para as mesas cheias à nossa volta.

O lugar está lotado de clientes, e não há lugar para se sentar. Paul toma a minha mão enquanto avançamos pela multidão para encontrar um espaço. Eu me seguro firmemente nele, sentindo-me protegida contra a pressão do amontoado de gente. Quando alguém bate em mim, meu rosto raspa o ombro de Paul e lamento não poder congelar o tempo.

O cabaré está decorado com uma coleção de excentricidades: brasões, espadas, cabeças de animais empalhadas. Filas de mesas antigas estão ocupadas por uma mistura de clientes tão variada quanto a decoração do ambiente. Alguns parecem bem de vida — burgueses, até. Outros parecem pertencer àquele tipo artístico desgredado, com seu estilo de vestir peculiar. Chego a ver uma mulher de calças masculinas, colarinho e gravata.

Do meio da confusão, uma mão bate no ombro de Paul e sinto um sobressalto. A bolha de nossa intimidade é rompida e reconheço o rosto familiar do homem do L'Académie — Claude, o bêbado. Paul solta minha mão para cumprimentar o amigo, e fico subitamente à deriva em um mar de boêmios.

Claude insiste que sentemos a sua mesa, e fazemos as devidas apresentações. Acho que ele pensa que está me encontrando pela primeira vez. Ele chama um garçom em trajes militares extravagantes.

— *Et alors?* — pergunta o garçom, anuindo em minha direção.

Eu não faço ideia do que seja apropriado pedir. Papai só bebia sidra em casa. Olho de relance para as outras mesas e vejo copos de absinto, cerveja e vinho.

— Vinho — digo imediatamente.

— Tinto ou branco? — pergunta o garçom impacientemente.

— Tinto — falo sem pensar, apenas porque é isso que a mulher na outra mesa está bebendo.

— Bom. Uma jarra de Médoc e três taças — diz Paul.

— Veja quatro — diz uma voz. Erguemos o olhar e vemos Suzanne parada junto à nossa mesa. — Mas não vou ficar se vocês falarem de política.

Paul se levanta e a beija no rosto. Meu coração afunda. Claude se inclina para frente e faz o mesmo.

— Política é meu ganha-pão, querida. De que outra maneira um jornalista vai ganhar seu sustento?

Paul me apresenta a ela. Faz muito barulho, e Suzanne provavelmente não entendeu meu nome. Ela me dá um aperto de mãos desanimado, então escorrega para uma cadeira ao lado dele. Claude acende o cigarro de Suzanne. Seu pescoço de cisne se estica quando ela assopra a fumaça sobre nós. Ela é a definição perfeita da indiferença.

— Como foi a exposição? — Paul lhe pergunta.

Suzanne joga a cabeça para trás.

— O amigo de Claude, do *Le Figaro*, descreveu minhas pinturas como “vulgares e infantis”. — Quando ela diz isso, um coro de protestos de Paul e Claude se faz ouvir. — Ele disse isso na minha cara. *Le con!* — Ela dá uma tragada no cigarro.

Estou hipnotizada observando a moça. Ela rompe com todas as regras da agência para o comportamento de uma mulher: fuma em público, fala palavrões, tem gestos desinibidos e personalidade dominante.

Eu me sinto diminuída, deixada de escanteio, como uma irmã mais nova que não foi convidada e simplesmente foi levada junto.

O garçom retorna com a jarra de vinho.

Fazemos um brinde, e tomo um pequeno gole. O vinho tem um gosto ácido, como vinagre, mas mais encorpado, e não desce bem. Após alguns goles mais, decido não deixar minha presença ser apagada pela dos outros.

— Paul, como está ficando sua composição?

Espero pela resposta, mas minha pergunta paira no ar. Como Paul continua a beber seu vinho e a olhar o ambiente, percebo que ele não me ouviu. Eu não devia interpretar o gesto como desprezo, mas é assim que eu sinto.

Claude enche os copos de novo e então pega a jarra vazia.

— *Garçon, du vin!* — ele grita, acenando-a no ar.

Há uma agitação no bar, pois o teatro de sombras está quase começando. No palco há um fundo branco elaboradamente enquadrado, sobre o qual personagens feitos de silhuetas de zinco preto são projetados por luzes coloridas. A peça de hoje à noite traz um personagem que supostamente deve lembrar Sarah Bernhardt, a famosa atriz — o orgulho ou o escândalo de Paris, dependendo de quem está falando dela.

— Vocês acham que ela é bonita? — Suzanne pergunta a todos na mesa.

— Ela é magra demais — diz Claude.

Eu me sinto sem jeito. Tenho certeza de que sou mais magra ainda que Sarah Bernhardt.

— Ela é popular — sugere Paul.

— É melhor ser bela e desconhecida ou feia e popular? — pergunta Suzanne e olha para mim. — Maude, o que você acha?

Eu não sei o que responder. Parece que ela está tentando me chamar para a conversa apenas para me humilhar. Mas ela não pode saber que palavras como *feia* e *bela* são perigosas para mim, que são revestidas de arame farpado.

— O gato comeu sua língua? — berra Claude.

— Depende do que você considera belo — diz Paul, vindo ao meu auxílio.

— Não é um conceito diferente para cada pessoa?

— Talvez as pessoas sejam tão bonitas quanto precisem ser — digo por fim.

Suzanne toma um gole de vinho.

— Que moderno de sua parte. — E retorna o braço para sua posição possessiva, ao longo das costas da cadeira de Paul.

A peça começa, e a atenção de todos se volta para o palco. Estou aliviada porque a conversa terminou. No entanto, enquanto finjo assistir aos personagens de sombras, só consigo pensar em como foi muito mais interessante a carona de carruagem que eu peguei sozinha com Paul e em como a promessa dessa noite foi obscurecida por tudo o que se seguiu.



— *Madame* Leroux! — eu chamo, batendo na porta da costureira. Como não ouço resposta, olho para Marie-Josée em busca de ajuda.

— Entre — ela me cutuca. — Vá em frente. Eu sei que ela está aí.

Eu viro a maçaneta e espio. Marie-Josée empurra a porta e encontramos madame Leroux desenrolando um rolo de tecido verde. A impressão que se tem é de que ela será engolida pelas linhas.

Eu caminho na direção dela, com um sorriso forçado no rosto.

— A senhora tem a chave do depósito?

Ela ergue o olhar, irritada.

— Durandeu disse que as roupas que a condessa quer que eu use estão ali — eu explico.

— Sim, eu sei onde elas estão — diz Leroux bruscamente. — Espere um instante.

Eu trouxe Marie-Josée comigo para que ela me apoiasse e para satisfazer a curiosidade dela. Exceto a costureira, ninguém na agência ainda teve acesso ao

meu guarda-roupa especial.

Leroux larga o rolo de tecido sobre a bancada e revira uma gaveta, tirando restos de linha de costura, até que ela pega um molho de chaves da confusão. Ela o abre como uma mão de cartas.

— É essa aqui — e aponta para uma chave desbotada —, ou esta pequena.
— E as passa bruscamente.

— *Merci, madame.*

— Tenho muito trabalho a fazer. É melhor vocês irem embora — conclui Leroux.

— *Merci, Vivienne.* — Marie-Josée tenta um sorriso, mas Leroux não é receptiva e vira as costas para nós, lutando com o tecido mais uma vez. Não é de seu feitio ser tão indiferente a Marie-Josée.

Nós a deixamos em paz, e, depois de fecharmos a porta, Marie-Josée troca um olhar comigo.

— Pobrezinha — ela murmura. — Deve ser difícil para ela ser esnobada pela cliente favorita de Durandeu.

Eu dou de ombros; não me importo muito com os sentimentos de madame Leroux. O depósito fica na porta ao lado. Encontro a chave certa e entro na saleta. Na luz fraca, posso ver uma pilha de cadeiras quebradas, um abajur e alguns castiçais antigos. Mas atrás da tralha, parecendo completamente fora de lugar, há uma pilha de roupas belissimamente costuradas, com toda sorte de cores e tecidos de primeira.

Marie-Josée solta um grito agudo.

— *Uh la la!*

Fico boquiaberta.

— São tantos! Será que vou precisar de todos?

Marie-Josée empurra para o lado as cadeiras quebradas e o abajur e então vai abrindo os diferentes trajés.

— Olhe, há uma lista com descrições. — Tiro o pedaço de papel preso na parede e leio em voz alta:

Jaqueta de tweed para montaria e saia para fim de semana no campo.

Tafetá de seda lilás para noite de ópera.

Conjunto de veludo azul para passeio no Bosque de Bolonha.

Então percebo as pilhas de caixas de sapatos e de chapéus.

— Meu Deus! — aponto. — Sapatos e chapéus para combinar.

Marie-Josée mergulha nas caixas de chapéus e começa a virá-los rapidamente.

— Você ganhou na loteria, querida. Uma pena que a garota seja desagradável.

— Isabelle não é tão ruim assim.

Marie-Josée vira a cabeça e me lança um olhar cúmplice.

— Mesmo?

Eu me distraio com as roupas, deixando minha mão passar pelos diferentes tecidos pendurados no suporte.

— Não posso acreditar que são todas para mim.

— Não se apegue a elas. Essas roupas são suas enquanto você deixar a condessa feliz — ela diz, ajoelhando-se em meio às camadas de papéis de seda e às tampas de caixas. — E não baixe a guarda nem por um minuto. Lembre-se: você serve as vontades da mãe dela.

Eu suspiro.

— Não há muito amor entre mãe e filha. Elas não são nem um pouco parecidas — eu digo a ela.

— Bem, não fique entre elas em caso de discórdia. Você estará na rua, e suas roupas chiques lhe serão tiradas tão rápido que você terá uma vertigem.

— Você nunca fica amiga de suas clientes?

Ela olha para mim diretamente.

— Você quer dizer além do que é exigido para o trabalho? Não, certamente que não. — E volta a inspecionar os chapéus. — A maioria delas é um bando de esnobes. Elas sorriem para você em público e mandam em você como uma empregadinha quando ninguém está olhando. Eu as deixo felizes, é claro, mas nunca consideraria nenhuma delas uma amiga.

Eu poderia prever que ela reagiria dessa maneira — Marie-Josée vê tudo em preto e branco: elas e nós. Tenho hesitado em contar a ela que na realidade estou começando a gostar de Isabelle. Ela certamente não aprovaria minha ajuda com os estudos secretos da garota. Mas Isabelle não é como as outras clientes.

Marie-Josée se levanta usando um barrete encantador com uma aba de veludo azul e penas marrons. Como é pequeno demais, fica empoleirado no topo da cabeça dela. Ela chupa as bochechas e franze o cenho, em sua imitação clássica de Girard.

— Vocês, mulheres com as quais a natureza foi tão desapiedada.

Eu caio na risada. O ruído de passos ecoa no corredor, e a porta do depósito é escancarada. As outras garotas espiam, e eu pego o vestido de tafetá lilás do cabide e o seguro na frente do corpo.

— Não é a coisa mais requintada que vocês já viram?

— É lindo — diz Émilie, boquiaberta.

Até Cécile fica impressionada.

— Você tem sorte mesmo — diz ela, estendendo o braço para tocar um casaco de pele.

À medida que vamos descobrindo o tesouro de roupas e chapéus, as outras garotas ficam abobalhadas e empolgadas como eu, como crianças na noite de Natal.

Dou uma volta no espaço apertado, ainda segurando o vestido lilás.

— É como se você fosse uma dama de verdade, e não uma *repoussoir* — diz Émilie.

Marie-Josée intervém, impaciente.

— Lembre-se de quem você é e por que está desfilando nas óperas e bailes. Não se deixe levar, *ma chère*.

Dou uma risadinha e a ignoro. Estou ficando tonta de girar em círculos.

— Maude, talvez você esteja usando as roupas certas, mas você não é uma delas. Guarde minhas palavras.

Mas não estou ouvindo. Estou perdida nas dobras de lavanda e nos sonhos que o meu guarda-roupa novo inspira.



Aprendi que a aristocracia parisiense tem muitas regras, incluindo que dia da semana é melhor para comparecer a um evento do que em outro. Hoje é a noite certa para ir à ópera. Como convidada dos Dubern, vou assistir a uma encenação de *Aida*, do camarote privado da família.

O Teatro de Ópera Garnier parece o trabalho de um confeitiro, um bolo branco com espirais de mármore creme e rosa, e rosetas douradas como glacê. Está tão cheio quanto a estação ferroviária antes do Natal, à diferença de que os frequentadores de ópera não se revestem do cansaço e do desleixo dos viajantes — eles trajam seda e renda e brilham à luz dos lustres. Cada um é uma pena nesse rabo de pavão da sociedade parisiense. Mais uma vez, Isabelle e eu seguimos o conde e a condessa pela escada imponente. Um palco em si — esse é o lugar para ver e ser visto em Paris. A vasta escada se divide em duas direções, e é visível de muitos pontos; dos camarotes, as pessoas observam a chegada dos demais espectadores.

Eu nunca fui a um concerto de verdade antes, muito menos a uma ópera. Nosso grupo segue por mais um lance de escadas e ao longo de corredores sinuosos, até chegarmos a nosso camarote privado. Nada poderia ter me preparado para meu primeiro vislumbre do teatro. O teto deve ter duas vezes a altura da igreja do meu vilarejo, e ostenta um lustre enorme que goteja uma luz dourada. Eu me sento em uma das cadeiras luxuosas e agarro a balaustrada de veludo à minha frente. Para toda parte que se olhe, só se vê vermelho e dourado.

— É incrível — suspiro, olhando para cima, para o teto adornado.

— Garnier o construiu para Napoleão III, mas nós nos livramos do imperador antes que ele pudesse colocar os pés aqui — diz Isabelle, tirando a capa. Ela está usando um vestido violeta brilhante, que contrasta com o seu cabelo, de um preto intenso, e sua tez branca.

Sou mais uma vez sua sombra insípida; meu vestido de tafetá lilás, bonito dentro das paredes da agência, é rebaixado para comum em sua presença.

— Mas não gosto muito do projeto de Garnier. — Ela se vira para mim. — Você sabia que ele queria projetar a torre para a Exposição Universal?

— Você quer dizer a torre que Eiffel está construindo?

— Sim, ele ficou furioso quando Eiffel ganhou o projeto. Garnier tentou impedi-lo formando um grupo chamado Protesto dos Artistas. Eles alegavam que, como um mero engenheiro, Eiffel seria incapaz de criar uma obra bela.

— Isabelle balança a cabeça. — Ele só consegue olhar para o passado.

Quando Isabelle fala sobre um assunto com o qual ela se importa, o brilho em seu olhar eclipsa qualquer vestido ou joia que esteja usando.

Diferentemente da filha, o conde e a condessa não estão interessados na arquitetura do teatro. Eles só têm olhos para os rostos que o povoam.

— Aquele é o capitão que se convidou para passar a Páscoa com o meu irmão? — pergunta o conde.

— Onde? — pergunta a condessa, pegando o binóculo de teatro e procurando em meio ao mar de frequentadores bem-arrumados.

— No camarote Montesquiou. — O conde gesticula na direção de outro camarote como o nosso.

— Não aponte — sussurra a condessa.

Eu olho para baixo, para os assentos e o fosso da orquestra, e observo quando os músicos tomam seus lugares. O rosto de Paul flutua em minha mente. Aposto que ele adoraria estar aqui.

— Isabelle, olhe! — exclama a condessa, ainda usando o binóculo de teatro. — O duque d’Avaray está sentado com os Rochefort.

Isabelle segue o olhar de sua mãe, assim como eu, e meu pulso acelera com a menção do nome do duque, mesmo sabendo que esse privilégio é de Isabelle, e não meu. Decidi abandonar a inveja em relação ao duque. Estou satisfeita em experimentar a boa sorte de Isabelle vicariamente.

— Nós deveríamos convidá-los para jantar conosco depois — anuncia a condessa, colocando o binóculo no parapeito de veludo e olhando ansiosamente para a filha. — Ele tem dado atenção para você, e temos de tirar proveito disso.

— Temos? — Isabelle baixa os olhos e brinca com os botões das luvas.

Eu quero pegar o binóculo e vê-lo por mim mesma, mas minha atenção se volta para o palco. A batida de um bastão sinaliza que a encenação está prestes a começar. Sinto um tremor de expectativa conforme as luzes do teatro vão abaixando e prendo a respiração no escuro. A ópera é em italiano, mas Isabelle me explicou a trama no caminho. Uma jovem princesa é raptada e vendida como escrava, e um comandante militar se apaixona por ela, mas não sabe sua verdadeira identidade.

À medida que as cortinas se abrem, os primeiros acordes me dão um frio na espinha. A luz brilha sobre outro mundo: outro lugar no tempo e na história.

A lógica me diz que estou olhando para um palco com cenários pintados emoldurados por colunas de mármore sólidas, mas me sinto transportada de volta no tempo, para o Egito antigo, ouvindo a história de uma garota escrava.

A música enche o teatro, e estou paralisada. Quando Aida canta, é como se ela estivesse cantando do meu próprio coração. No silêncio, na escuridão, é como se a apresentação fosse somente para mim. Na minha mente, o público desapareceu, e minhas companhias no camarote recuam para as sombras. A língua pode ser estrangeira, mas eu compreendo a história: Aida está escondendo um segredo de todos.

Quando as luzes do teatro se acendem e a cortina se fecha para o intervalo, meu olhar continua preso ao palco. Solto o ar silenciosamente e percebo que estou agarrando os braços da poltrona. À medida que a conversa aumenta no camarote, sinto uma sensação enorme de perda. A ilusão se rompe, e sou trazida de volta para a realidade — quando estava planando alguns momentos atrás. É impossível não se deixar afetar pela música, e é estranho assumir a velha forma de novo e continuar as conversas em que se estava envolvido antes da encenação começar. Eu gostaria de ficar sozinha para refletir sobre esse novo sentimento, mas a mágica já está desaparecendo e as preocupações comuns assumem o seu lugar.

— Não vou conseguir passar mais um ato de barriga vazia — resmunga o conde.

A condessa bate uma palma.

— Café de la Paix para jantar.

— É mesmo, mãe? — diz Isabelle. — Vamos sair no intervalo de novo?

A condessa ignora a reclamação de Isabelle e se dirige a seu marido.

— Convidaremos os Rochefort. Peça para o laçao levar um bilhete ao camarote deles.

Enquanto o resto do grupo se levanta para ir embora, eu hesito. Por mais que eu queira colocar os olhos no duque de novo, parte de mim gostaria de ficar e descobrir o que acontece com Aida. Finalmente sigo os outros para fora do camarote. Tamborilo os dedos na saia, lembrando da música enquanto caminhamos ao longo dos corredores de mármore.

— Alguém poderá aproveitar nossos lugares? — pergunto a Isabelle enquanto refazemos nossos passos de volta para o *foyer*.

Isabelle balança a cabeça.

— Sabia que eu nunca vi o fim de uma apresentação?

— Mas por que seus pais pagam por assentos tão bons se sempre saem mais cedo?

Ela sorri compreensivelmente.

— A questão tem mais a ver com quem está sentado perto de quem, quem está usando o quê e a fofoca que corre na escuridão. A apresentação é o drama que menos interessa.

— Estava espetacular — eu digo.

Ela suspira.

— Eu sei. Eu também estava gostando.



Após encontrarmos o caminho de volta para o hall de entrada marmóreo, o grupo se torna uma confusão de membros perdidos e planos diferentes. A viscondessa está com dor de cabeça e quer ir para casa, e seu marido quer ficar para o jantar. A condessa tenta encorajar Claire a acompanhar sua mãe, e Xavier não é encontrado em lugar algum. Enquanto Isabelle e eu esperamos a confusão se resolver, minha atenção gravita para o duque, e meus olhos o seguem como se ele fosse o único ator no palco. Ele usa os mesmos trajes

negros para noite que os outros homens, mas seu terno é mais bem definido nos contornos e a cor é de um tom mais profundo. Na movimentação das pessoas, eu sempre consigo localizar seus movimentos exatos, mesmo com minha visão periférica. Quando ele passa próximo de mim, o ar deslocado por sua presença faz com que os pequeninos pelos do meu braço se arrepiem e um calafrio suba até o meu pescoço.

Finalmente é o duque que soluciona o enigma do desaparecimento de Xavier de Rochefort, supondo que ele fora visitar uma conhecida nos bastidores, sem saber que sairíamos no intervalo. E assim, sem muita demora, o grupo se separa entre aqueles que vão para casa — a viscondessa e Claire; aqueles que vão imediatamente para o Café de la Paix — o visconde, o conde e a condessa; e o grupo que busca por Xavier — o duque, Isabelle e eu.

O duque segue na frente, passando pelas portas principais do teatro e dando a volta para a entrada lateral. Deve ter chovido enquanto estávamos lá dentro, pois as ruas estão molhadas. Isabelle e eu damos os braços para evitar escorregar nas pedras do pavimento.

A porta de acesso aos bastidores é tão comum que eu teria passado por ela. O duque a segura aberta, e entramos numa parede de fumaça de cigarros que envolve um grupo de músicos da orquestra. Seguimos o duque através de corredores cheios de vida: pessoas carregam partes de cenários, fantasias e suportes passam rapidamente de um lado a outro, em uma corrente constante de corpos. O ar está abafado e cheira a maquiagem, suor e gás.

O duque nos leva por um corredor, em meio a alguns camarins. Há uma profusão de escravas egípcias pouco vestidas, e homens em trajes de gala puxando conversa com elas, como cachorros do lado de fora de um açougue. Ao fim de um corredor, há uma escada cheia de coristas. Uma garota está sentada no joelho de um homem de sobretudo escuro. Reconheço sua atitude arrogante imediatamente. É Xavier de Rochefort.

— Xavier! — O duque chama o amigo. — Estamos esperando você para o jantar.

Ao nos ver, Xavier imediatamente tira a atriz do colo. Nós nos reunimos ao pé da escada, olhando para ela como um grupo de turistas perdidos. Seu vestido é delicado e sua maquiagem é carregada. Xavier nos cumprimenta, perturbado em ter um público para seu encontro clandestino. Percebo que os homens trocam olhares: os olhos do duque estão sorrindo, como se ele tivesse ganhado de Xavier em uma mão de cartas. Ele está se divertindo com o constrangimento do amigo.

Recuperando a compostura, Xavier concorda com a cabeça.

— Sim, ótimo, estou faminto.

A garota dá uma piscadela de adeus para Xavier e volta para suas amigas que estão decorando os outros passos.

— Podemos ver o palco antes de irmos? — pergunta Isabelle, indiferente ao comportamento pouco apropriado de Xavier.

Encantado em poder atender a esse pedido, Xavier nos leva aos bastidores. A cortina está fechada, mas há uma abertura através da qual podemos espiar a parte da frente do teatro, e nos revezamos fazendo isso. O intervalo está quase no fim, e posso ver as pessoas assumindo seus assentos de novo. Olho para cima, para o camarote onde estávamos, e penso como é esquisito vê-lo aqui de baixo. Eu estava tão extasiada com a encenação, e agora vejo as entranhas do conto de fadas expostas.

— É assim que eles movem as partes do cenário? — pergunta Isabelle, observando um ajudante de palco manipular um sistema de cordas e roldanas.
— Como isso funciona?

Xavier ri.

— Você não está interessada nos vestidos bonitos?

— Não tanto quanto você — retruca Isabelle, afiada como uma lâmina.

Ele balança a cabeça e sorri afetado.

— Você é uma garota diferente, não é? — E aborda o ajudante de palco para lhe pedir que explique o aparato a Isabelle.

O duque e eu examinamos os cenários pintados dos bastidores até que os membros do coro encham o palco e nos separam. Após as pessoas se acomodarem em seus lugares, não me apresso em me juntar novamente a ele. Fico onde estou e me posiciono de maneira que o duque fique parado na minha linha de visão. Finjo observar os atores, mas na realidade o estou estudando — o perfil aquilino e o queixo forte, a testa larga, entrecortada pelas ondas do cabelo loiro-escuro.

De súbito Xavier está com o duque, e os dois mergulham imediatamente em uma discussão acalorada. Mantenho distância à sombra dos equipamentos e me esforço para ouvir, captando uma palavra ou uma frase solta. Presumo que estejam discutindo sobre termos surpreendido Xavier antes, mas o que ouço não faz sentido.

— A questão não é essa — diz Xavier. — ... má ideia.

— Hoje à noite... última chance antes que eu parta. — Isso é tudo que consigo entender do duque.

Xavier balança a cabeça.

— É muito arriscado.

Ele deixa o duque parado ali e volta para encontrar Isabelle. Eu olho para ela e vejo que ainda está entretida com o ajudante de palco, sem dar atenção a nada mais. O instinto me diz que a discussão dos homens não era sobre ela. Está acontecendo alguma outra coisa, mas não tenho certeza do que seja.

O duque se vira e encontra o meu olhar. Ele sorri e não deixa escapar nenhum traço de sua discussão com Xavier. Dou alguns passos na direção dele, quando ouço um grito vindo de cima. Olho para o alto quase tarde demais e vejo uma corda sendo jogada para baixo do andaime, sobre nossas cabeças.

Sinto duas mãos sobre meus ombros me tirarem do caminho bem a tempo. Com o coração aos pulos, dou de cara com o rosto do duque a apenas alguns centímetros do meu, e suas mãos ainda me agarrando. Eu me derreto com a emoção de um contato tão próximo.

— Obrigada — consigo dizer. Meu coração bate tão alto que tenho a impressão de que ele ouviu. Fico agradecida pela luz fraca, caso contrário minhas emoções, desejo misturado com vergonha, seriam alardeadas pela cor da minha pele. — O Egito Antigo é um lugar perigoso — digo sorrindo, tentando esconder a agitação interior.

O duque solta uma risada melodiosa e me aqueço no calor do som. Eu poderia viver de meros fragmentos de atenção de um homem como esse. Eu não preciso ser a debutante mais cobiçada. Se ele me achar espirituosa por um momento, para mim já basta.

Isabelle se junta a nós, e Xavier a acompanha.

— É tudo tão fascinante — ela exclama, tomando meu braço.

— Imagino que devemos ir ao restaurante — sugere Xavier.

O duque tira um relógio do bolso e confere a hora.

— Sinto não poder me juntar aos demais para o jantar. Preciso acordar cedo pela manhã.

— Para onde você vai? — pergunto, ouvindo o desapontamento em minha voz.

— Zarpo para a Inglaterra amanhã.

Ele beija Isabelle no rosto.

— Por favor, transmita minhas desculpas aos seus pais. — Então ele se inclina para me beijar também. Meu rosto pega fogo, e ele ergue a cartola para o amigo. — Xavier. — E faz uma mesura com a cabeça, virando-se para ir embora.

— Quando você volta? — pergunta Xavier.

— Em algumas semanas — responde o duque.

— Boa sorte! — o amigo grita. Um homem de aparência oficiosa pede silêncio, e o duque desaparece no labirinto de corredores dos bastidores.

Algumas *semanas*... Sinto um aperto no coração. Subitamente a noite se transformou numa chatice terrível.



O Café de la Paix não lembra em nada o Café Chez Émile. É um restaurante elegante, esbanjando luxo. Somos levadas para uma sala um pouco mais reservada, onde encontramos o conde, a condessa e a viscondessa bebendo champanhe, acompanhada de um prato de ostras. À medida que me aproximo da mesa, vejo os olhos da condessa repassando nosso grupo, agora faltando uma pessoa fundamental.

— Vocês encontraram Xavier e perderam o duque. — Ela ri, com os olhos ardendo de curiosidade. — Maude, você senta ao meu lado — ela diz. Mas o garçom não a ouve e oferece uma cadeira na outra extremidade da mesa para mim.

Tomamos nossos lugares. Eu sei que ela está morrendo de vontade de conversar comigo, e não leva muito para a condessa entrar no assunto.

— Então, para onde ele foi? — ela pergunta, entre pequenos goles de champanhe.

— O duque teve que ir — diz Isabelle enquanto o garçom a serve de champanhe.

— Bem, isso é óbvio, querida — diz a condessa, tentando soar simpática. Sinto um ímpeto de coragem.

— Ele vai zarpar para a Inglaterra amanhã — dou a notícia de maneira casual.

— Que melancólico — diz a condessa, por entre os lábios. — Londres em novembro...

A entrada é servida, e tem início outro banquete para os sentidos à medida que uma provisão aparentemente infundável de pratos é produzida na cozinha: *consommé aux perles, turbot de Dieppe*, lagosta *à la Russe* e costela de carneiro. O vinho é servido em abundância. Os garçons são como dançarinos, andando apressadamente de um lado para o outro, em lampejos de preto e branco.

A condessa fica irritável e impaciente durante a refeição. Sem o duque, o glamour do nosso grupo não existe mais. Ela só tem o visconde para flertar, não um público de verdade.

Em determinado momento, Isabelle e eu cruzamos o olhar.

— A *mesa* está bonita — ela diz.

Essa é a dica para o nosso novo jogo. Isabelle me deu uma cópia de algo chamado tabela periódica, uma lista de elementos químicos e suas abreviações. Eu devo questioná-la sobre a tabela. Abro a bolsa de festa e espio o papel dobrado em busca de algumas letras.

— Magnífica, graciosa — respondo. Palavras com as iniciais *M* e *G*.

— Magnésio — Isabelle sussurra a resposta correta, e damos uma risadinha. A condessa vira a cabeça rapidamente.

— Isabelle, o que foi que você disse, querida?

— Mãe, posso ficar com a carruagem amanhã de manhã? Prometi à Maude que a levaria para passear. Ela não teve muita chance de conhecer a cidade desde que chegou.

A condessa dá de ombros.

— Por que não? Mas não desçam da carruagem. Não quero vocês vagando sozinhas pelas ruas.

Isabelle olha para mim com uma expressão marota.

— É claro, mãe.

— Aonde você vai levar sua amiga? — pergunta Xavier a Isabelle. Ele esteve atento a ela durante o jantar e parece estar tirando vantagem da ausência do seu amigo para ganhar terreno com ela.

— Aos lugares de sempre: Praça da Concórdia, Arco do Triunfo, Notre-Dame. Ou talvez o canteiro de obras da Torre Eiffel, se tivermos tempo.

— Não é uma das belezas de Paris — ele diz, e imediatamente olha para mim. Será uma ofensa ou uma coincidência? — Parece com a chaminé de uma fábrica.

— Discordo completamente — diz Isabelle com paixão. — É uma obra-prima da engenharia.

Xavier balança a cabeça.

— A torre é uma vergonha para a cidade.

— Se Garnier tivesse vencido o projeto, ela seria feita como um bolo, como este café ou o seu teatro de ópera — ela retruca.

A força das suas opiniões e a sua falta de restrição em exprimi-las me fazem sorrir. Olho de relance para a condessa, que está observando toda a conversa com um olhar de extremo desagrado.

Ao fim do jantar, parece que passou um furacão pela mesa, deixando os restos de um banquete em seu rastro. Os ricos são descuidados com tantas coisas. Na rua, a ópera deve ter terminado há pouco, pois vemos um grande número de pessoas bem-vestidas por toda a escadaria do prédio esperando suas carruagens.

— Ah, que enfado — exclama a condessa, enquanto a ajudam a vestir seu casaco de pele. — Nosso cocheiro vai ficar preso nesse tráfego.

A carruagem da agência não vem me buscar hoje à noite. Girard decidiu que, como estou perto da agência, devo voltar a pé. Mas tenho de fingir, por causa de Isabelle, que a carruagem de minha tia vai me buscar. Até o momento, Isabelle aceitou a ausência de madame Vary de nossos eventos

sociais. Ela deixou subentendido que sua mãe não é boa em manter amizades com mulheres por muito tempo — especialmente as bonitas.

Sáímos para a noite fria e prevejo uma longa procissão de despedidas. Olho de relance a fila de carruagens do outro lado da rua.

— Acho que posso ver a carruagem de minha tia — minto. — Preciso correr. — Faço uma mesura com a cabeça para meus anfitriões e os Rochefort. — *Bonsoir*. Tive uma noite adorável.

— Venha à nossa casa às dez horas e podemos passar o dia passeando — lembra-me Isabelle.

Os adultos mal registram minha partida.

— Será ótimo. — Sorrio alegremente e desapareço na multidão.



Já passou da meia-noite quando toco a campainha da agência. Há um empregado de plantão à noite para atender a porta e manter as luminárias acesas no quarto de vestir e nos corredores.

Meus passos ecoam altos e solitários pelo prédio. Quando chego ao quarto de vestir, há outra garota trocando de roupa. Fico aliviada — odeio ser a única aqui à noite. Nós duas estamos cansadas, então não conversamos nada além de um *bonsoir*. Troco de roupa e, após a garota ir embora, faço uma pausa para olhar meu belo vestido e o casaco de pele no cabide. A humilhação que sinto como *repoussoir* mudou: eu costumava senti-la no trabalho, mas agora é aqui, no quarto de vestir, quando tiro a roupa oferecida pela condessa e o privilégio que isso representa, que eu sinto o peso do meu ofício.

Todas as garotas penduram suas roupas do lado de fora da sala de madame Leroux quando chegam depois do horário de funcionamento da agência. Quanto a mim, levo as roupas Dubern de volta ao meu closet, no depósito. A

chave fica presa na fechadura. Eu a empurro com força, e ela cede. Penduro o vestido, mas não entrego o manto. Quando toco a pele macia, penso nas mãos do duque nos meus ombros quando estávamos nos bastidores. Escorrego a peça sobre meu casaco, e, olhando de relance o suporte de roupas, me pergunto quem daria por sua falta — eu sou a única que tem a chave. Com o manto me envolvendo, dou uma espiada no corredor para me certificar de que ninguém me vê. Tranco a porta do closet e saio apressada da agência.



É madrugada quando chego a Montparnasse. A essa altura, os bêbados e os mendigos povoam as ruas. Então pego um cabriolé para casa. É uma extravagância, mas desde que comecei a trabalhar para os Dubern tenho sido menos cuidadosa com o dinheiro. Dou uma gorjeta de alguns centavos para o cocheiro, ele estala o chicote no lombo do cavalo e partimos. Eu corro para a porta da frente de meu prédio, mas tenho de passar por cima de um mendigo que se refugia no vão da porta. Posso sentir o cheiro de álcool emanando dele e vejo uma garrafa vazia de calvados aos seus pés.

— *Pardon* — digo enquanto passo sobre suas pernas.

O homem resmunga, então tira o chapéu do rosto.

— Maude! — ele grita.

Com medo, dou um salto para trás. É Paul, completamente bêbado e esparramado na entrada de meu prédio.

— Aí está você — ele diz, esforçando-se para conseguir se sentar e chutando a garrafa, que rola até a sarjeta com um tinido.

— O que você está fazendo? — pergunto, aliviada por ser ele. — Como você sabia o meu endereço?

Ele fica de pé com dificuldade.

— Você disse Rue du Regard. Eu perguntei ao zelador de cada prédio da esquina até aqui — ele diz.

Solto um suspiro.

— Isso vai me tornar popular com os vizinhos.

— Você dá aulas terrivelmente tarde para a sua pupila. Estou um pouco bêbado. — Ele joga a mão contra a porta para se equilibrar.

— Um pouco? — Balanço a cabeça diante de seu estado. — Vamos para casa. Onde você mora?

Ele aponta erráticamente.

— Edgar Quinet — responde com a voz arrastada. — Não fica longe.

Jogo seu braço direito sobre o meu ombro e o seguro pela cintura. Ele se apoia pesadamente em mim enquanto caminhamos em zigue-zague pela rua, como dois marinheiros bêbados.

— Como você conseguiu ficar tão bêbado sem Claude ao seu lado? — pergunto.

— Você levou mais tempo do que eu achava, então terminei o conhaque sozinho.

— Uma garrafa inteira? A que você estava brindando?

Ele gesticula teatralmente com o braço livre e quase caímos.

— Ao fim da minha carreira musical.

— Isso parece um pouco prematuro, não acha? Eu não estou levando seus devaneios a sério, só estou tentando nos manter de pé.

Dobramos na esquina do Boulevard Edgar Quinet. Eu sempre me perguntei onde ele morava. Levando em consideração o tempo que ele passa no Café Chez Émile, eu sabia que tinha de ser perto.

Caminhamos com dificuldade pela rua até que ele para abruptamente na frente de seu prédio.

— Maude, eu sou um fracasso completo. — Ele oscila como um álamo no vento. — Não apareci para a minha audição.

Estou brigando com a porta da frente, tentando abri-la e ao mesmo tempo impedi-lo de cair ao chão.

— Que audição é essa?

— Da academia de música. Por que desperdiçar o tempo deles?

— Vamos. — Eu o ajudo a passar pela porta da frente com cuidado e cambaleamos na direção da escada. — Em qual andar você mora?

— No terceiro — ele responde com a voz arrastada. — Eles teriam rido da minha composição. Eu sei disso — acrescenta em voz alta.

— Shhh. Você não quer acordar o zelador, quer?

Eu o arrasto escada acima, sob uma luz fraca.

— A sua carreira está só começando. Você pode fazer uma nova audição.

— Tudo que sei fazer é tocar canções populares em bares. Eles nunca vão me levar a sério.

— Não com uma garrafa de conhaque junto.

Ele murmura algo ininteligível.

— Vamos lá — eu digo. — Estamos quase chegando.

Quando finalmente chegamos ao terceiro andar, estou sem ar por causa do esforço de agir como uma muleta humana. Tento algumas chaves diferentes do molho, antes de encontrar a certa e abrir a porta com um empurrão. Quando entramos no apartamento, Paul tropeça e eu o ajudo a se deitar no sofá. É esquisito estar subitamente parada nos seus aposentos. A cabeça dele cai para trás, e ele pisca pesadamente.

— Desculpe pela bagunça.

— Não tem problema — eu digo, olhando à minha volta.

A sala grande é uma bagunça completa de partituras, copos usados e roupas sujas. Um piano está posicionado próximo da janela, eclipsando todos os outros móveis na sala. Esfrego as mãos para me aquecer. Acendo uma lamparina de parafina, então começo a limpar a lareira e a preparar um fogo enquanto Paul cochila.

Assim que a temperatura fica mais suportável, tiro meu manto de pele. Tiro também as botas e o casaco de Paul, e o cubro com um cobertor. Seu apartamento tem uma boa área de cozinha, diferentemente do meu, mas não há nada para comer — apenas restos de bebida e uma lata com um pouco de chá. Encontro a chaleira, encho-a de água e a coloco no fogão.

Espio Paul. Ele parece estar cochilando agora. Enquanto espero a água da chaleira ferver, olho à minha volta. Fotografias, pinturas e desenhos estão presos às paredes com tachas. É estranho inspecionar a casa de uma pessoa assim, sem o seu conhecimento. É como ler o seu diário ou bisbilhotar seus pensamentos.

Partituras estão espalhadas pelo chão, e os esforços de suas composições estão cobertos com anotações rabiscadas. Essa bagunça é apenas um sinal do que é ser um artista? Sento ao piano, e uma garrafa vazia de vinho repousa sobre o teclado. Eu a coloco de lado e olho para a partitura aberta à minha frente. Ela tem um título escrito à mão, e eu me esforço para lê-lo: “La bretonne”. Meu coração dispara. Mas não, ela não pode ter alguma relação comigo, pode? Deve ser coincidência. Como se Paul pudesse responder à minha pergunta silenciosa, olho na sua direção — ele está dormindo profundamente.

Volto ao piano e corro o dedo delicadamente sobre as teclas sem produzir nenhum som. Como eu me sentiria criando uma melodia, escrevendo uma sinfonia? O que é preciso ter para fazer isso? Um arrepio sobe pelas minhas costas, e tudo em mim é tomado por um rompante, um rompante de desejo.

Eu gostaria de poder tentar algo assim um dia, algo criativo. A crença secreta — a mesma coisa que Marie-Josée me disse — de que eu estava destinada a coisas maiores passa como uma centelha por mim e desaparece. Quem eu estou enganando com esses pensamentos? Não sei tocar uma linha sequer de música no piano ou em qualquer outro instrumento.

A chaleira assobia, e vou para a cozinha preparar o chá. Percebo que Paul não vai acordar tão cedo, então faço apenas uma xícara. Tomo um pequeno gole à luz baixa da parafina, com meu manto de pele sobre o colo. Antes de sair, escrevo um bilhete para ele e o coloco sobre o teclado do piano, onde estava a garrafa de vinho.

Cher Paul,

*Persista no desafio. Se você tem talento, deve usá-lo.
Continue com suas composições. Elas precisam ser
escritas e tocadas para os outros.*

Olho de relance para a composição chamada “La bretonne” e luto algum tempo com a assinatura — carinhosa, mas não atrevida demais.

Ton amie,

Maude



— Aborrecida. Estou absolutamente aborrecida — diz a condessa, largando sua xícara de café e olhando para mim.

A carruagem da agência me deixou há pouco na casa dos Dubern, e fui acompanhada até o aposento em que ela tomava o café da manhã — uma sala de jantar bem iluminada próxima da estufa — para esperar por Isabelle.

A condessa parece estar encarando a viagem do duque para o exterior como um insulto pessoal. Ela se recosta na cadeira, parecendo mal-humorada.

— Por que ele tinha de partir agora, quando estávamos avançando com seus gestos de afeto por Isabelle?

— Talvez tenha sido um negócio urgente que o afastou de Paris. Talvez ele não tivesse como evitar. — Dou de ombros.

Ela ergue o olhar para mim, ainda amuada.

— Ele disse isso?

Eu balanço a cabeça.

— Não. — Baixo os olhos e estudo seu roupão de seda. É bordado com pássaros dourados e verdes, e os fios coloridos brilham na luz da manhã como pedras preciosas. A condessa pega um folheado e tira minúsculas cascas.

— Você não testemunhou nada de significativo? Certamente ele teria dado algum indício de seus sentimentos.

Ela olha para mim atentamente, desesperada para ouvir algo positivo, e não quero desapontá-la. Procuo na memória, tentando encontrar algo, qualquer coisa para ela se ater.

— Bem, teve um momento...

Paro por aí, e a condessa larga o folheado.

— Sim?

— Nós estávamos nos bastidores olhando para os cenários e observando os atores tomarem os seus lugares — digo, então mordo o lábio.

Ela se inclina para frente na cadeira.

— Conte-me — diz, o rosto pairando mais próximo do meu.

Estou prestes a inventar uma história, e não consigo evitar.

— Um rolo de corda caiu de um andaime acima de Isabelle — digo. — O duque a pegou firmemente pelos ombros e a levou para um lugar seguro.

— E? — demanda a condessa.

Eu sou uma mentirosa descarada, mas continuo mesmo assim.

— Houve um momento em que eles se olharam de um jeito diferente. Eu tive certeza de que significava algo. — Conforme as palavras deixam meus lábios, percebo que estou fazendo mais do que apaziguando a condessa. Se eu não sou o objeto do afeto do duque, por que não posso viver minhas fantasias através de outra pessoa, através da garota que deve ser a heroína da história de amor?

A condessa pega a xícara de café, e a satisfação se propaga em seu rosto.

— Isso soa promissor — ela diz, então dá um pequeno gole. — Acho que podemos ter certeza de que o duque estará pensando nela quando estiver longe. Talvez sua partida precipitada tenha sido necessária para se distanciar dela rapidamente e não prolongar a dor da partida.

— Sim, pode ter sido isso — digo, ajeitando-me na cadeira. Será que fui longe demais?

— Mas o duque não é o único solteiro disponível esta temporada — diz a condessa, tamborilando a unha na xícara de porcelana. — Há outros pretendentes para quem eu vou apresentar Isabelle nas próximas semanas. O duque não deve ficar tão satisfeito com sua posição. Talvez, se ele ficar sabendo da popularidade dela com outros competidores, isso o incite a tomar uma atitude.

— A senhora quer dizer pedi-la em casamento? — pergunto, sentando um pouco mais para frente na cadeira, ansiosa por detalhes da história de amor a se desenvolver.

A condessa se sobressalta, com a atenção demandada para a porta.

— Aí está você, *chérie* — ela diz quando Isabelle entra na sala.

Eu me sinto encabulada quando vejo Isabelle em pessoa, levando em consideração as histórias que estive contando há pouco. Mas eu fiz algum mal de verdade? Só estou dando um jeito de deixar a condessa feliz.

— Você está pronta, Maude? — Isabelle sorri para mim.

— Sim — digo rápido demais, levantando-me da cadeira. — Adeus, *madame la Comtesse*.

— Adeus, mãe — diz Isabelle.

— *Amusez-vous bien, mes chéries* — diz a condessa com um aceno sem energia.



— Você pode nos deixar no Palácio do Trocadero — diz Isabelle para o cocheiro quando entramos na carruagem do lado de fora da casa.

— A condessa disse que não é para a senhorita descer da carruagem e caminhar, *mademoiselle* — responde o cocheiro com um olhar tímido, relutando em encontrar os olhos de Isabelle.

— Você vai me impedir? — Seu tom é duro, e a transforma naquela garota que eu conheci na chapelaria. O jovem cocheiro fica ruborizado e fecha a porta da carruagem atrás de nós.

Eu fico incomodada quando Isabelle é dura com os empregados. Ela não compreende que todos estão fazendo simplesmente o que lhes é mandado para manter o emprego.

À medida que passamos pelos diferentes bairros, Isabelle atua como uma guia, apontando para as atrações turísticas — a Igreja de la Madeleine, o Arco do Triunfo, a Praça da Concórdia. É tão mais civilizado do que sentar apertada entre as pessoas comuns no bonde. Eu não preciso esticar o pescoço para ver de relance os pontos de referência ou perdê-los porque um passageiro grandalhão está bloqueando a minha visão.

Descemos da carruagem Dubern no Palácio do Trocadero, do outro lado do rio do Campo de Marte, o local de construção da Torre Eiffel. O cocheiro ajuda a descarregar o equipamento de fotografia de Isabelle da carruagem. Ele nos faz uma mesura solene com a cabeça e sobe de volta para o assento do cocheiro.

— Estarei aqui, se as senhoritas precisarem de qualquer coisa.

Isabelle caminha à frente, com o estojo da câmera e uma caixa de chapas. Eu me viro para o cocheiro.

— Obrigada. E, por favor, não conte à condessa que saímos da carruagem. Não vamos demorar.

Ele anui em concordância, então eu corro atrás de Isabelle, carregando a câmara desajeitada debaixo do braço. O céu está nublado, e o tempo esfriou. Um vento repentino faz tremularem minhas saias e as fitas do barrete.

Em todo o entorno dessa área, está ocorrendo a construção para a Exposição Universal, mas é a estrutura de ferro subindo aos céus, de formato triangular e estrutura treliçada, que domina a paisagem. Eu alcanço Isabelle, que agora chegou à ponte que leva para o local da torre.

— Este é realmente o melhor local para vê-la em sua totalidade — ela diz. — Mas devemos atravessar o rio e nos aproximar. Eu quero ver bem debaixo dela.

Olho para cima, maravilhada com a estrutura.

— É a primeira vez que a vejo de perto — sussurro. — Ela está realmente se tornando o colosso que todos falam.

Isabelle continua andando na direção da torre — o equipamento não a atrasa de maneira alguma —, e eu a sigo através da ponte.

— A torre é feita de ferro — ela explica enquanto caminha. — Como as construções das pontes novas de Eiffel, porque o ferro é flexível no vento forte. — Ela ergue a voz contra a brisa. — Ela não é rígida como a pedra — grita para trás.

— Uma ponte para o céu — eu digo, ainda olhando para cima. — Que visão, construir uma ponte assim tão alta.

— Um feito da engenharia e da matemática modernas — ela responde.

De longe, a torre sempre parece estar crescendo por vontade própria, mas, de perto, vejo que deve haver uns cem homens trabalhando — alguns escalando destemidamente, outros em plataformas de andaimes e grande quantidade deles no chão. A base de quatro pés ocupa muito mais espaço do que eu imaginava, e os semicírculos formados entre as pernas se parecem com seções de uma estação ferroviária voltadas para todas as direções: norte, sul,

leste e oeste. A torre vai estreitando conforme ela sobe, como se estivesse tentando alcançar as nuvens. É uma sensação realmente extraordinária, olhar para cima para essa criatura de ferro, inacabada e sem cabeça.

Abaixo da torre há um canteiro de obras com grandes pilhas de materiais, vigas de ferro, madeiras para os andaimes e mesmo barracões para os trabalhadores. Isabelle e eu paramos uns vinte metros do pé mais próximo da estrutura. Ela anda de um lado para o outro, olhando para cima, para as diferentes perspectivas.

— Aqui. — Ela planta os pés firmemente. — Vamos tirar a fotografia aqui mesmo.

Eu monto o tripé como ela havia me mostrado no gabinete de estudos, e os três tocos de madeira se desdobram para produzir três pernas compridas sobre as quais a câmera deve ser montada. Eu os coloco no lugar enquanto ela tira a câmera do estojo protetor.

Observando Isabelle tão absorta em seu equipamento, penso em como seus interesses são verdadeiramente singulares. Reflito por um momento.

— Isabelle, o que a atraiu para a ciência? — pergunto. — Parece um outro mundo para a maioria das pessoas.

Ela para o que está fazendo e olha para mim, com a câmera nos braços.

— Mas é por isso que eu adoro, precisamente porque a ciência está em toda a nossa volta. É *completamente* o nosso mundo. — Há um brilho em seu olhar, e ela se vira para observar a torre. — Isso não existiria sem a matemática e as regras da física. — Ela bate na proteção de madeira da câmera. — E nós não teríamos retratos emoldurados de nossa família no console da lareira se não fosse a ciência da fotografia. Eu adoro a lógica e a razão, o preto no branco de tudo isso. Não há espaço para os humores humanos ou os extremos da imaginação. Há uma pureza em relação à ciência. Ela é racional.

Uma voz distante me chama a atenção, e me viro para ver um trabalhador acenando para nós e dois amigos seus rindo.

— Ei, *les filles*, aqui é um local de trabalho, não um gramado para piqueniques.

— Tem certeza de que nós devíamos estar aqui, Isabelle?

— Não ligue para eles — ela diz determinada, com toda a atenção voltada para a câmera.

Os homens balançam a cabeça e voltam para o trabalho. Eu olho de volta para Isabelle.

— Você acha que vai ser difícil ser uma das poucas mulheres na Sorbonne?

— Vai ser mais divertido do que fazer a temporada — ela diz, prendendo a câmera ao suporte.

Isso ainda não faz sentido para mim, essas duas vidas que Isabelle leva.

— Mas quando você estiver casada — pressiono —, certamente ainda terá compromissos sociais para cumprir também, não é?

Ela balança a cabeça.

— É difícil ser uma mulher na universidade, mas você não pode ser uma esposa da sociedade e uma intelectual. Impossível.

Uma maré de inquietação cresce dentro de mim.

— O que você quer dizer com isso?

Isabelle olha para mim como se eu tivesse o raciocínio lento.

— Se eu passar no *bac*, não vou me casar — ela diz, e comunica a informação como se fosse algo absolutamente esperado. Então volta a prender a câmera no suporte, e eu a encaro boquiaberta e sem palavras.

— O quê? — começo. O vento aumenta no mesmo momento em que um acesso de pânico passa por mim. — Eu não sabia disso. — Posso ouvir a preocupação em minha própria voz. Nunca havia me ocorrido que os planos universitários de Isabelle estivessem em conflito direto com o casamento; achei

que era segredo apenas porque a sua mãe não aprova a educação superior para mulheres. Fico parada, sendo açoitada pelo vento, subitamente percebendo que, ao ajudar Isabelle, estou sabotando os planos da condessa — e a razão para o meu emprego. A peça de xadrez não pode jogar para as pretas e para as brancas ao mesmo tempo. — Mas certamente você não quer ser uma solteirona, quer?

É um argumento fraco, mas é a primeira coisa que me ocorre. Isabelle dá de ombros enquanto tira a tampa da lente e limpa o vidro com um pano.

Pense, pense em algo, digo para mim mesma.

— Se é liberdade que você quer, mulheres casadas gozam de mais liberdade que as solteiras, não é? Você não vai precisar estar sempre com uma dama de companhia, ou ser proibida de sair da carruagem ou de ficar sozinha em uma sala com um homem. Olhe para sua mãe e para *madame Vary*. Elas podem ir e vir a seu bel-prazer.

Isabelle recoloca a tampa da lente e se endireita.

— Como uma mulher casada, você perde o seu status, a sua fortuna, e tudo passa a ser propriedade de seu marido. Além disso, olhe para mim agora. — Ela aponta na direção da torre. — Eu não tenho a permissão de ninguém para estar aqui, tenho?

Ela está certa. Eu olho para as linhas de ferro pairando acima de mim e me sinto impotente, tanto por estar parada próxima de algo tão vasto, quanto por perceber meu apuro atual. Eu passei à condessa a impressão de que a ligação entre Isabelle e o duque está se aprofundando, progredindo na direção de um pedido de casamento, até, mas a narrativa de Isabelle a respeito de seu futuro não poderia estar mais na contramão. Olho para a torre por um tempo, ponderando minha situação. Os homens lá em cima são pequenos, como insetos em uma grande feira, e ao longe posso ver os esqueletos de novas construções. Será que consigo influenciar Isabelle, ou devo contar tudo para a

condessa? Tenho certeza de que vou ser dispensada se ela se der conta que agi por trás de suas costas para ajudar a sua filha. Mas, se Isabelle recusar um pedido de casamento, o que isso vai significar para minha posição? Serei dispensada por essa razão? Eu poderia simplesmente não fazer nada e esperar que esses planos antagônicos a respeito do futuro de Isabelle não entrem em choque. Que confusão.

— Quanto tempo a torre vai ficar de pé antes que a desmontem? — pergunto, mudando de assunto.

— Alguns anos no máximo. — Ela baixa a cabeça para olhar pelo vidro na parte de trás da câmara.

— Por que os parisienses a odeiam tanto? — eu me pergunto em voz alta.

— Muitas pessoas acham que ela é feia e grosseira.

Essas palavras me incomodam. Imagino que o mesmo tipo de gente que contrata *repoussoirs* por hora.

— Talvez algo grosseiro ainda possa ser belo — digo, mais para mim mesma que para Isabelle.

— Dê uma olhada, Maude. Me diga o que você acha do enquadramento.

Estou surpresa pelo fato de ela me perguntar uma coisa dessas.

— Ah, eu não saberia dizer.

— Apenas olhe — diz Isabelle, apontando para a abertura.

Eu me inclino para olhar para a imagem de cabeça para baixo. Vejo os fortes padrões geométricos da estrutura de ferro contrastando com o céu cinza-claro. A construção da torre é um feito incrível — a ambição e a imaginação necessárias.

— Parece ótimo — digo, endireitando-me. — É uma pena tão grande derrubar. Todo aquele esforço hercúleo para fazer algo ficar tão alto e forte... apenas para demolir mais tarde. É como esmagar um sonho.

Isabelle escolhe uma chapa.

— Mais um motivo para fotografá-la agora.

Ela abre o vidro, de maneira que possa encaixar na parte de trás da câmera a moldura que contém o negativo. Desliza para cima a placa de madeira que protege o vidro contra a luz, e então aponta para a tampa da lente.

— Tire a foto você.

Eu removo a tampa preta que cobre a lente, que vai deixar a luz entrar, e exponho o vidro tratado à imagem que tenho diante de mim. Se seres humanos podem conquistar o feito de construir uma torre de trezentos metros, eu posso conseguir levar essa vida dupla por uma temporada.



Para variar um pouco, não vou passar a noite com Isabelle e os Dubern. Estive tanto com eles nas duas últimas semanas que é quase como se não vivesse mais em minha vizinhança suja de Montparnasse. É sempre um choque para os olhos ver a pobreza e os prédios decadentes, após vislumbrar as avenidas largas, as mansões e os deslocamentos de carruagem da margem direita.

A noite da ópera se tornou um modelo para muitas saídas à noite: o conde e a condessa, Isabelle, um solteiro aceitável e eu. Nós fomos ao hipódromo com um marquês, ouvimos música de câmara com um lorde inglês e compartilhamos uma volta de carruagem no Bosque de Bolonha com um capitão do exército. Xavier de Rochefort também tem sido um visitante frequente, beneficiando-se da viagem ao exterior do duque. Isabelle se arruma de maneira adequada, mas isso é quase tudo que a condessa consegue controlar. Sua filha é uniformemente morna em relação a cada cavalheiro, interrogando-os sobre política e ciências, questionando seu conhecimento e seus hábitos de

leitura. Isso frustra muito a condessa. A pressão está aumentando sobre mim para consertar isso.

Meu papel em toda essa história tem sido tentar agradar a ambas as partes, levando a vida de uma agente dupla, mantendo segredos tanto da mãe quanto da filha. Eu ajudo Isabelle com seu gabinete de estudos clandestino e satisfaço a mãe ouvindo seus pronunciamentos sobre os pretendentes de Isabelle, sem mencionar sua expectativa com o retorno do duque da Inglaterra — a própria condessa está ficando impaciente como uma debutante ansiosa. É exaustivo, mas já me acostumei a me moldar ao que as pessoas esperam de mim.

Quanto à minha recepção na sociedade, tão logo ficou estabelecido que não tenho fortuna nem conexões, tenho sido tratada com um desinteresse universal. Às vezes, quando me sinto forte, não me importo em ser ignorada, porque isso me dá a chance de observar as pessoas e tentar adivinhar os segredos de seu caráter. Mas, em outras, eu me sinto miserável. O problema em ser uma solteirona profissional é que você tem tempo de refletir sobre suas próprias inadequações e sobre seu status indesejável. Eu gostaria de uma chance de brilhar, nem que fosse uma única vez.

Destranco a porta do meu quarto no sótão e entro, então penduro meu casaco novo atrás da porta. Além do casaco, também comprei um par de luvas adornadas com pele que casam com o manto que levei do guarda-roupa da condessa. Refleti na loja se deveria ostentar com as luvas ou mandar algum dinheiro para casa para pagar o papai — as luvas venceram. O manto está dobrado sobre a cadeira, ao lado da penteadeira. Prometi a mim mesma que o usaria apenas uma vez e então o devolveria à agência, mas não consegui me decidir a me desfazer dele ainda.

Quando Isabelle e eu não estamos sendo levadas de um evento a outro, nos retiramos para o seu gabinete de estudos onde a estive testando sobre os exames simulados de *baccalauréat*. Por sua vez, ela tem me mostrado como usar sua

câmera e fazer impressões fotográficas. Para ser sincera, espero com mais expectativa esses momentos no gabinete de estudos que os eventos esplêndidos da temporada de Paris. Eu ainda não contei a Marie-Josée sobre meu tempo passado com Isabelle sem atuar como *repoussoir*. Quando encontro minha mentora no quarto de vestir, fofocamos sobre os negócios da agência e os diferentes eventos em que estivemos com clientes. Eu revelo o mínimo possível sobre a personalidade de Isabelle. Tenho a sensação de que Marie-Josée ficará desapontada se souber que me tornei amiga dela.

Eu me atiro na cama e reviso a lição de fotografia de hoje com Isabelle — tempos de exposição e ajustes de abertura. O que é um fotógrafo? Será simplesmente a pessoa que opera a câmera, focando a lente e misturando os químicos? Será a fotografia meramente o registro fiel da vida para os cartões-postais e as *cartes de visites*, ou é algo mais? Até o momento, tirei um retrato decente de Isabelle e uma foto honesta das copeiras na cozinha Dubern. Acho que um bom retrato revela uma sugestão da mente das pessoas, e não apenas uma reprodução de como elas parecem. Não é algo nem um pouco fácil; arrebatado o momento certo pode parecer impossível, como capturar fadas.

Talvez eu não possua o talento de um grande pintor que poderia expressar a vida através das linhas do carvão ou das pinceladas de aquarela, mas tenho o dom da observação. Eu consigo ver o que os outros deixam passar. Quanto às habilidades a serem adquiridas para tirar fotos, aqui parece o lugar certo para começar. Eu gosto da arte da fotografia com um sentimento impetuoso que posso destilar em uma única palavra: *sim*. Fui fisgada naquele primeiro instante em que vi a imagem aparecer diante dos meus olhos na bandeja de produtos químicos. Essa descoberta está me levando adiante.

Isabelle gosta de se concentrar no acerto da parte científica do processo. Ela tem experimentado soluções diferentes para a tonalidade das impressões. Mas eu gosto quando o processo não sai como você queria — aquele sentimento de

encanto quando um rosto aparece sobre o papel tratado e você não sabe o que esperar. Eu comecei a questionar se as falhas na fotografia acabada não são uma parte integral do retrato: foco suave, pouca exposição, emulsão mal aplicada, linhas e distorções misteriosas... Todos esses elementos podem mudar o caráter da fotografia e a pessoa fotografada.

Eu me sinto subitamente agitada, confinada no meu quartinho. Será que esse frenesi de empolgação é o que Paul sente quando compõe música? Estou ansiosa para lhe contar sobre minha nova paixão, mas ainda não cruzamos nosso caminho desde a noite em que o encontrei bêbado na entrada de meu prédio.

Eu me levanto, coloco o manto de pele, pego o chapéu e as luvas novas e deixo o quarto. A temperatura caiu, e caminho rapidamente. O frio mordisca meu nariz e faz meus olhos lacrimejarem. O Café Chez Émile é uma boa aposta para encontrar Paul. Espio pela janela e faço um levantamento dos rostos, mas ele não está lá. Decido ir às casas de espetáculos do bairro subindo a Rue de Rennes — eu sei que ele toca em uma delas regularmente.

Eu me apresso pela rua movimentada e entro no salão mais próximo, o Palais. Sou expulsa quase imediatamente.

— Não abrimos antes das seis, *mademoiselle!* — o barman grita para mim.

Há outro lugar mais ou menos a uma quadra dali, do outro lado da rua. Eu a atravesso, correndo entre carruagens e um bonde. Luzes brilhantes e o cheiro de tabaco e vinho me dão as boas-vindas quando entro pela porta. Há um barman estocando garrafas, e um casal de clientes que chegou cedo fazendo companhia para ele no balcão. Olho para o palco mais alto onde fica a banda. Ao lado do piano, folheando algumas partituras, eu o vejo.

— Paul! — eu chamo, e sinto um frio na barriga quando grito seu nome. Caminho rapidamente em sua direção. Ele ergue o olhar e um sorriso cruza o seu rosto.

— Maude! Por onde você andou? — Quando me aproximo, ele me beija nas duas faces, e seus lábios deixam uma marca imaginária enquanto meu rosto chega a arder de rubor. — Achei que tinha visto você outra noite na Avenue de l’Opéra, saindo de uma carruagem e tanto.

Eu dissimulo minha surpresa. Ele me viu na carruagem Dubern.

— Ah, pelo visto foi a carruagem da família — digo rapidamente. — A família para quem trabalho.

Ela havia me levado de volta para a agência uma noite depois do passeio no Bosque de Bolonha, porque a carruagem de Durandeu estava sendo usada. Procuo mudar o assunto da conversa.

— Sim, eu não o vejo desde... — E me calo quando percebo que tenho de mencionar a noite em que o ajudei a voltar para casa. Não quero dizer: “Desde que o encontrei na entrada do meu prédio”.

— Recebi seu bilhete. — Ele parece envergonhado. É a primeira vez que vejo sua confiança vacilar. Suponho que esteja sem jeito pela bebedeira, mas espero... Poderia ser algo mais? Penso na composição em que ele está trabalhando, “La bretonne”. *Poderia* ser sobre mim?

Recuperando a compostura, ele diz:

— Eu avancei um pouco na composição. Quer ouvir?

Será que ele leu meus pensamentos?

— Por favor.

Ele puxa uma cadeira para mim, tira a jaqueta negra de músico e assume o assento atrás do piano. Então muda a partitura, lança para mim um rápido sorriso, se concentra e começa a tocar.

A ondulação de teclas é como uma corrente de água límpida. A melodia é doce e pura, mas há uma tristeza — não, esta não é a palavra certa —, há uma saudade oculta na canção. A peça mexe com minhas emoções, persuadindo-as a deixar o seu esconderijo, e elas flutuam para a superfície. É como se a música

estivesse saindo de dentro de mim; não é a representação de um sentimento, é o sentimento em si. Tudo o que eu guardei — meus sonhos de Paris, a decepção quanto ao meu trabalho, o temor, o medo e o desespero — e o que cercou tudo isso: a esperança. Meus olhos ardem e meus lábios tremem enquanto a música me envolve completamente. O desejo que sempre senti de fazer algo por mim mesma — sair daquele vilarejo e construir uma outra vida — se extravasa.

Paul termina e repousa as mãos suavemente no colo, e a sala, tão cheia de vida quando ele tocou, fica mais descorada e menor na ausência da música. Ele olha para mim sem falar, mas seus olhos cor de avelã estão me perguntando o que eu achei. Mal consigo pronunciar um sussurro.

— É linda, Paul. É incrivelmente linda.

— Eu não terminei ainda. Eu me preocupo se é o tipo de coisa de que as pessoas vão gostar. Será que é boa?

Como ele pode duvidar de si mesmo?

— Você precisa compartilhá-la, precisa mesmo — eu digo. — É importante. Que dom, ser capaz de criar algo que pode falar diretamente com outra pessoa sem palavras ou explicações.

— Você tem alma de artista, Maude. Espero que...

— *Une bière, monsieur* Paul? — o barman nos interrompe do outro lado da sala. — Talvez uma bebida para a senhorita?

O que ele ia dizer? O que ele espera?

— Você quer algo? — ele me pergunta.

Balanço a cabeça.

— Não, obrigada.

Paul ri.

— Eu também não deveria, ou isso confirmará suas suspeitas de que eu sou um boêmio bêbado. — Ele diz para o barman: — *Non, ça va. Merci, Jules!*

Quero compartilhar com ele meu novo interesse em fotografia, mas me seguro. Como eu poderia explicar que minha “pupila” me ensinou algo assim? Em vez disso, pergunto:

— Quando você vai tocar a nova peça para o público?

— Tenho um concerto planejado com alguns amigos. Poderemos testar nossas composições novas com alguns apreciadores de música ricos.

— Você vai tocar maravilhosamente, tenho certeza disso. E então um dia eles tocarão sua música no Opéra de Paris.

Ele se inclina para frente e beija meu rosto.

— *T'es gentille.*

O beijo não é como *les bises*, o cumprimento que as pessoas dão quando se encontram, mas algo mais afetuoso. Olhando para ele tão próximo, sinto vontade de me inclinar para frente e abraçá-lo. Minhas luvas caem do colo. Agradecida pela distração, eu me abaixo para pegá-las e me recomponho, respirando profundamente.

Eu fico com Paul por um tempo enquanto os outros membros da banda aparecem e os clientes começam a chegar. Fico até para a primeira dança ou duas. Eu me sinto à vontade na companhia de Paul e de seus amigos. Não há as mesmas regras de etiqueta e os mesmos modos que servem para os aristocratas. E não preciso estar atenta o tempo inteiro, adivinhando o que está se passando por trás das conversas afáveis e dos olhares julgadores dos ricos ociosos.

Na volta para casa, caminho sem pressa. Apesar de estar congelante, meu manto me mantém aquecida. Ou talvez seja a noite em companhia de Paul que me faz sentir desse jeito.

Mais tarde, deitada na cama, olho entre as cortinas entreabertas que mostram o céu noturno. Paris: que distância da névoa varrida pelo vento da costa bretã, onde nuvens de chuva se dissolvem no oceano e o horizonte é

eternamente cinzento. Há tantas maneiras de viver aqui. Qual será o meu caminho?



O tempo passou voando, e já é véspera de Natal. Vou passar os feriados de fim de ano com os Dubern. Quando uma convidada em um jantar mencionou inocentemente que madame Vary havia ido para o sul da França para escapar do frio, tive de pensar rápido. Eu disse a Isabelle que o médico de minha tia havia prescrito a viagem para a saúde dela e que eu não me importava de ser deixada para trás. Mesmo assim, Isabelle fez uma cena, e a condessa foi forçada a me convidar para ficar a semana toda, agora que estou supostamente sozinha em Paris. A condessa não contava com ter de manter a ficção de nossa ligação.

Na agência, enchi um baú de roupas de meu guarda-roupa especial de que vou precisar para a semana. Ele está completamente lotado, e o carregamento com esforço pelo corredor.

— Maude! — Laurent vem ao meu auxílio. — Deixe que eu leve isso para baixo.

— *Merci*, Laurent.

Eu alongo as costas por um momento enquanto ele arrasta o baú pelo assoalho de madeira na direção da escada.

— O que você traz aqui? — ele exclama para mim. — Está levando Marie-Josée escondida aí com você?

Com a menção do nome dela, sinto uma pontada de culpa. Faz um bom tempo que não nos vemos. Andei ocupada demais com os Dubern. No entanto, antes que eu possa refletir sobre isso, percebo que esqueci algo.

— Espere um minuto, já venho — digo a Laurent. Esqueci o chapéu de zibelina. Devo usá-lo hoje à noite, na missa de véspera de Natal.

Volto correndo na direção do meu guarda-roupa.

— Maude! — ouço Marie-Josée chamando atrás de mim. Ela se apressa pelo corredor e me alcança do lado de fora do depósito. — Você partiu tão rápido. — Seu rosto está mais vermelho do que o usual, e ela respira ofegante com o esforço.

Eu aperto o seu braço.

— Faz uma eternidade que não a vejo.

É bom vê-la, mas não tenho tempo para fofocar.

Eu destranco o armário e começo a remexer as caixas de chapéus.

— Me ajude a encontrar um chapéu — peço a ela.

— Qual deles?

— O de pele de zibelina.

Enquanto viramos as caixas, ela diz:

— Eu só queria ter certeza de que você ainda vai vir para a festa de Natal hoje à noite. Minha irmã passou a semana cozinhando para um batalhão.

Ela tinha mencionado algo sobre isso um tempo atrás, mas eu esqueci completamente. Interrompo a busca pelo chapéu por um momento e olho para ela.

— Ah, não, que pena. — Eu me sinto terrível, mas o que vou fazer? — Eu tenho que trabalhar.

— No Natal? Certamente que não. — Ela para de me ajudar e cruza os braços. — A política da agência é que todas saiam cedo hoje à noite e tenham os próximos dois dias de folga. — Com seu corpanzil apertado no espaço exíguo, eu me sinto um pouco encurralada. Dou de ombros, me desculando.

— Eu adoraria passar o Natal com a sua família em vez de trabalhar. Mas eu tenho que ir. Durandeu mandou.

E a verdade é que estou bastante empolgada em passar uma semana no luxo da casa Dubern.

Continuo a busca pelo chapéu, abrindo a tampa de mais duas caixas e espiando por baixo de camadas de papel de seda.

— Você deveria falar com Durandeu sobre isso — segue Marie-Josée, indignada a meu favor.

— Acho que ele está cobrando duas vezes pelo feriado — retruco. — Ele concordou em me pagar a mais também. — Finalmente encontro o chapéu escondido debaixo da pilha de cachecóis. — Aqui está. — É uma pele macia, de tom castanho, com um ramo de penas do lado. Eu vinha esperando usá-lo desde que esfriou.

— Eu a acompanho, se você quiser — diz Marie-Josée.

— Para onde? — minha voz soa brusca, embora não tenha sido a minha intenção.

— Falar com Durandeu sobre trabalhar no Natal.

Tento ser paciente e seguro o chapéu entre nós.

— Não, não precisa. Não adiantaria. — Meu tom é firme demais, então atenuo com um sorriso. — Bem, já o encontrei — eu digo, olhando para o chapéu e convenientemente evitando seus olhos. Eu me sinto mal, mas

preferiria que ela não estivesse me incomodando com isso agora. A carruagem está esperando, e eu anuo na direção da porta. — Acho que vou andando.

Marie-Josée percebe a deixa e se vira para sair da saleta. Ela paira ao meu lado no corredor enquanto tranco a porta.

— Que pena, vamos ter um assado para o jantar. E as crianças estão ansiosas para conhecê-la.

— É mesmo, você tem três sobrinhas.

Ela balança a cabeça.

— Duas sobrinhas e um sobrinho.

Eu me sinto culpada, apesar de a decisão não ser minha.

— Desculpe. Eu não tenho escolha, Marie-Josée. — E a beijo no rosto. — Não posso dizer não para os Dubern.

— Se você precisa trabalhar, precisa trabalhar, imagino. Eu só não a tenho visto muito ultimamente. — Seu rosto sempre alegre me olha duro dessa vez. — Esse trabalho tomou conta de sua vida. Eu só achei que não havia dúvidas quanto ao Natal.

A carruagem está esperando por mim lá embaixo e sinto a pele suave do chapéu contra a palma de minha mão.

— Eu sei, desculpe. Dê minhas lembranças à sua família — digo alegremente. — Tenho certeza de que será uma festa maravilhosa.

Marie-Josée fica parada no corredor quando me viro para ir embora. Corro na direção da escada rua afora e só paro quando chego até a carruagem. Posso sentir os olhos dela nas minhas costas, acompanhando minha partida.



A missa do galo é um evento espetacular em Paris. Eu não fazia ideia de que ir à igreja podia ser uma ocasião social para a aristocracia, em vez do dever temeroso a Deus ao qual eu estava acostumada. Normalmente fico agitada e com o traseiro dormente no banco duro da igreja, contando os minutos para a missa terminar — especialmente no Natal, quando há a expectativa da festa.

Quando eu morava no interior, tinha de aguentar a igreja com papai todos os domingos: como proprietário do armazém da cidade, ele gostava de pensar em si como um dos pilares da comunidade, da mesma maneira que um padre e um médico. Ele insistia que participássemos juntos da missa para ser um bom exemplo. O longo sermão consumia meu precioso dia de folga, mas depois eu estava livre e ia passar um tempo na praia.

O mar não respeita as regras de domingo. As ondas quebram e açoitam a costa, e as gaivotas guincham no vento cortante. É sempre aquele caos — uma confusão de pedras, conchas quebradas e algas marinhas espalhadas pela praia. Eu ia até a minha rocha e sentava junto à mão deixada impressa por uma sereia

— uma identificação na pedra com o formato de uma mão pequena —, fustigada e temperada pelo vento. Mas eu não me importava com o tempo. Gostava mais do drama e da animação do sermão de domingo da Mãe Natureza do que daquele do padre Leguin.

Mas hoje à noite, na Igreja de la Madeleine, eu me pergunto se não estou na ópera. Há a beleza do prédio em si, os outros fiéis em seus casacos de pele e joias, e as vozes angelicais do coro. Toda a cena é banhada pela luz celestial de uma miríade de velas. Hoje à noite eu canto com efusão, não tanto pelo nascimento de Jesus, mas por minha própria sorte de poder tomar parte nesse esplendor.

Voltamos para casa depois da missa, para um banquete incrível na companhia da grande família Dubern. Lá estão a irmã da condessa — atraente, mas não de uma beleza impactante como a própria condessa —, seu marido e seus dois garotos, alguns primos de segundo grau e o irmão mais jovem do conde, o tio favorito de Isabelle, que lhe deu a câmera.

Tomo um pequeno gole de vinho — agora eu sei a diferença entre um vinho barato de jarra e um vinho fino da adega do conde. Uma empregada me serve uma segunda porção de ganso, apesar de eu saber que não vou conseguir terminá-lo. Os primos fazem caretas um para o outro; é tarde e eles estão com o riso solto de cansaço. O tio de Isabelle está sentado ao meu lado. Sua conversa é acessível, e em seu sangue azul parece correr algum espírito boêmio. Até a condessa parece mais agradável esta noite. Com apenas a família presente, a atmosfera está relaxada. Dessa vez não preciso me preocupar com os pretendentes potenciais ou os planos de casamento da condessa para sua filha. Posso apenas me divertir.

Após o jantar, a família se retira para a sala de visitas para trocar presentes. Há um fogo crepitando e uma árvore de Natal. Uma cena da natividade com estatuetas pintadas está montada sobre a mesa, perto da janela. A sala cheira a

nozes condimentadas e *vin chaud*. Não espero ser incluída nos presentes, mas a condessa me chama e me passa uma caixa. No alto dela há um cartão em que se lê: “Com grande apreço por sua amizade com Isabelle”. Sinto a sombra escura da culpa pairando sobre a cabeça, pois sei que ela está premiando meu papel como *repoussoir* com essa lembrança. Parece o bônus de Natal de um empregador, não um presente com afeto de verdade. Quando abro a caixa, encontro, para meu espanto, um lindo bracelete adornado com pedras brilhando contra um forro de veludo negro. É similar ao que ela havia me deixado experimentar alguns meses atrás. Não consigo acreditar em sua generosidade e o coloco imediatamente.

A condessa me ajuda com a presilha.

— Gostou? — ela pergunta, sorrindo.

— É incrível. *Merci, madame la Comtesse*. — Meu prazer com o presente acaba com minha culpa.

Isabelle me dá um caderno de anotações com minhas iniciais em relevo dourado na capa.

— Tenho mais uma coisa para você, mas vou dar mais tarde — ela sussurra.

— Estou tão sem jeito. Eu não comprei nada — digo a ela.

— Nem era esperado — ela responde. — Apenas aproveite.

Eu olho à minha volta na sala e então para meu novo bracelete. Pela primeira vez, sinto como se realmente fizesse parte daquilo.

Já é de madrugada quando uma criada me leva para o meu quarto com uma lamparina. As paredes estão cobertas por um papel verde com estampas delicadas de folhas. No centro, há uma cama enorme de madeira escura e quatro colunas, coberta com uma colcha bordada. E uma escultura de cerâmica de uma mulher asiática de cada lado da cama, sobre mesas espelhadas. Debaixo dos meus pés, um tapete grosso de flores verdes e brancas decora o chão. O fogo está aceso, e a criada coloca a lamparina ao lado de minha cama.

— Peguei algumas roupas de dormir para a *mademoiselle* — diz a criada. — Parece que a senhorita esqueceu de trazer.

Então me dou conta de que a condessa nunca incluiu trajes de dormir no guarda-roupa que montou para mim. Eu nem havia pensado nisso.

— *Mademoiselle* precisa de ajuda para tirar o vestido? — ela pergunta.

Ela já me ajudou a colocar o traje para a véspera de Natal, então não sou tomada de surpresa dessa vez.

— Se você puder abrir os botões.

Eu me viro de costas para ela, que desabotoa e desamarra o espartilho em segundos. Então me ajuda a sair do vestido e o pendura no closet.

— *Bonne nuit, mademoiselle.* — Ela fecha a porta atrás de si, deixando-me sozinha pela primeira vez nesse paraíso de quarto, que deve exceder em duas vezes o tamanho do meu, lá no sótão. É tarde, mas não ousou dormir ainda. Mesmo que quisesse, meu corpo está agitado com a empolgação de passar uma semana na casa dos Dubern. Perambulo pelo quarto, deixando meus dedos correrem pelos móveis, fingindo que estou tão acostumada com eles quanto com a minha penteadeira e a cadeira velhas e gastas. Dou uma espiada atrás das cortinas para a noite na rua. Está tudo parado, diferentemente do meu bairro. Um cobertor de luxo mantém todos confortáveis e quietos, dormindo em suas camas de quatro pilares, debaixo de colchas de penas de ganso.

Perto da janela há uma mesa de noqueira com papel para escrever e um tinteiro. Para quem eu teria mais vontade de escrever sobre essa situação vantajosa? Eu me sento, tiro a pena do tinteiro, dou uma pincelada no mata-borrão e a coloco sobre o papel.

Cher Papa,

Gostaria que você soubesse que estou bastante bem. Estou em Paris, que é tudo que meus sonhos poderiam

invocar. Tenho um círculo de amigos ricos que está tomando conta de mim.

E começo a deixar a imaginação escapar ao meu controle.

Como debutante, tenho participado de bailes e banquetes com uma porção de pretendentes que competem por minha atenção. Tenho tudo que uma garota poderia esperar, então não precisa ficar preocupado. Apenas aceite o fato de que não planejo voltar para casa na Bretanha. Vou escrever de novo para informá-lo do meu casamento, que está para acontecer em breve. É claro que está fora de questão convidá-lo.

*Sua filha,
Maude*

Escrevo meu endereço aos cuidados do conde e da condessa Dubern, para impressioná-lo mais ainda. Releio a carta, amasso o papel e o jogo no fogo, observando minha vida de fantasia queimar em um instante. Mesmo que eu jamais sonhasse em mandar uma carta assim, é uma sensação boa fingir isso.

Vou para a cama e me aconchego sob a colcha bordada com flores. Não apago a lamparina ainda: fico parada, com os olhos abertos, absorvendo as riquezas e a beleza do quarto. Sou uma Ofélia cercada de flores, pronta para deixar a velha Maude Pichon morrer para renascer em uma nova vida.

— Maude Dubern — sussurro.

Imagine se eu fosse a outra filha do conde e da condessa. Finjo que este é meu quarto e que os vestidos pendurados no guarda-roupa são meus. Vivo uma temporada ansiosamente esperada e danço com pretendentes bonitos que apreciam meu humor e minha inteligência. Minha irmã, Isabelle, tem charme

e beleza, mas, apesar de eu ser a irmã mais tímida e comum, ainda posso cativar a sociedade parisiense. É nesse espírito de autoilusão aprazível que caio no sono.



Na manhã de Natal, percebo uma empregada no meu quarto preparando a lareira. Ouço Geneviève entrar e sussurrar para a outra garota — uma copeira — para ser rápida e sair do quarto antes que eu acorde. Abro os olhos e vejo Geneviève colocando uma bandeja de café da manhã sobre a mesa ao meu lado.

— *Bonjour, mademoiselle.*

— Que horas são, *s'il te plait?* — pergunto usando o familiar *tu*, não o formal *vous*. Afinal, ela é apenas uma empregada.

— Já passou das dez. Todos dormiram até tarde hoje, *mademoiselle.*

— Isabelle já acordou?

— Sim, ela está se aprontando. A família se reúne na sala de visitas na manhã de Natal. Voltarei para ajudá-la com o vestido. — Ela olha de relance para o chão, ao lado de minha cama. — Parece que a senhorita teve visita durante a noite!

Geneviève deixa o quarto e eu saio da cama. No chão, encontro dois presentes embrulhados em papel prateado. Eu os abro rapidamente e, para minha surpresa, me vejo segurando minha própria câmera e uma caixa de chapas de vidro. *Isabelle*, penso.



— O duque voltou de Londres, e tenho informação de fonte confiável de que ele participará do concerto esta noite — diz a condessa, absolutamente em êxtase enquanto retransmite a notícia para mim durante nosso passeio no Jardim das Tulherias na tarde de Natal.

A empolgação me toma de assalto, e meu coração palpita com o pensamento de vê-lo novamente. Então paro tudo e examino a situação com uma lógica fria — o jogo de xadrez de encontrar um par para Isabelle está valendo de novo, e estou no meio dele.

— Espero que Isabelle esteja encantadora — diz a condessa, suspirando e olhando de relance para onde sua filha caminha com o conde. Seu rosto assume uma expressão séria. — Não é atraente uma garota ser tão teimosa. Falar sobre política e ciência... A conversa dela é uma ducha de água fria nas chamas do romance.

Sigo o olhar para a figura à nossa frente no manto branco. Se a condessa soubesse *como* sua filha é teimosa. Eu me pergunto se poderia contar a ela sobre

os planos de Isabelle de uma maneira que não me causasse problemas.

A condessa continua:

— O ideal seria anunciar o casamento na primavera.

Olho de lado para ela:

— Na primavera? — repito. Eu não estava esperando por isso. Na primavera é cedo demais!

— Isso supondo que ela consiga manter o interesse dele até lá. — Ela cutuca um dedo enluvado em meu braço como uma vara. — A sua influência será fundamental.

A dúvida está alojada em minha garganta. Quero me manifestar e moderar as expectativas dela, mas o que posso dizer? Não posso *desafiá-la*. Eu engulo com dificuldade.

— Isabelle é uma garota independente — me arrisco. É tudo o que posso dizer para enfrentar a condessa.

— É, mas o ponto fraco dela é a amizade. Já há um afeto entre eles, e, com os seus conselhos para encorajá-la, não estou preocupada.

Eu achava que tivesse mais tempo. Durandeu havia mencionado que a temporada duraria até o verão, e eu vinha colaborando ingenuamente, com os dedos cruzados, torcendo para deixar todos felizes. Mas a condessa quer resultados. Posso encorajar Isabelle a contemplar o casamento, assim como seus estudos?

— Quando Isabelle estiver noiva, a sua missão estará cumprida. E, é claro, vamos oferecer uma recompensa pelos seus esforços.

— Que tipo de recompensa? — Posso sentir o novo bracelete por baixo da manga de meu casaco e quase esqueço meu apuro ao pensar em receber outra prova de seu reconhecimento.

— Ainda preciso pensar. — Ela levanta a gola do casaco de pele, enfeitado com rabos de marta que balançam quando ela se movimenta. — É claro que

depende de conseguirmos o noivado primeiro.



Quando voltamos do passeio da tarde, procuro Isabelle. Minha intenção é testar sua disposição para se casar. Evitei esse assunto de propósito desde o dia de nosso passeio na Torre Eiffel, e ela nunca introduz o tema por vontade própria. Abro a porta do gabinete de estudos sem bater — a casa dos Dubern é tão familiar para mim agora quanto a minha própria casa — e sento em uma das poltronas perto do fogo. Isabelle está trabalhando duro, repassando alguns papéis em sua bancada de trabalho.

— Falo com você em um momento — ela diz.

— Não tem pressa. — Relaxo na poltrona e olho para o fogo. Qual abordagem será mais persuasiva? Devo incluir seu desejo de independência e sua vontade de estudar. Não posso sugerir que ela os abandone.

O mordomo bate à porta e entra trazendo uma bandeja de prata com duas canecas de vinho quente.

— Algo para aquecer as senhoritas após a caminhada. — Ele me passa uma caneca, coloca a outra sobre a mesa, para Isabelle, e então deixa a sala.

Dou um pequeno gole no vinho aromático. Uma fita de calor líquido se desenrola garganta abaixo e traz um brilho para minhas faces. Eu reconheço todos os empregados agora e sei os diferentes papéis que eles representam. Antes, eles não tinham rosto e eram tão intimidantes para mim quanto seus patrões; agora eu sei que não é assim.

Tomo outro pequeno gole do vinho, condimentado e doce. O fogo crepita, levanto os pés na direção dele e mexo os dedos dentro das botas, apreciando a perfeição do ambiente.

— Pegue uma cadeira — digo a Isabelle.

— Desculpe, já vou. Só estou dando uma olhada no meu latim.

Eu sorrio e balanço a cabeça.

— A sua capacidade de compreender todos esses termos científicos me deixa pasma.

— Não é tão difícil assim. Você só precisa memorizar — ela diz, caminhando na minha direção e pegando o vinho. Então se recosta na poltrona à minha frente, com o rosto ainda franzido de concentração.

— Após você se candidatar a uma vaga na Sorbonne, quanto tempo leva para saber o resultado?

— Até o verão eu devo saber. — Ela toma um pequeno gole de vinho. — Estou pensando seriamente em contar para a minha mãe agora mesmo. Isso tiraria a pressão de todo o esforço dela em encontrar um marido para mim.

Eu quase engasgo com o vinho. Repasso o cenário em minha mente e começo a me sentir enjoada. Isabelle vai contar à mãe, alegando o apoio de sua nova amiga Maude. Vou perder o trabalho na mesma hora. Impulsionada pelo medo, penso rápido.

— Isabelle, posso ser sincera? Espere um pouco mais — digo casualmente. — Não seria melhor continuar com a sua temporada até que você tenha certeza de ter conseguido a vaga?

Ela se deixa relaxar na poltrona e suspira.

— Imagino que sim.

Eu respiro fundo, aliviada.

Agora que Isabelle mencionou o obstáculo de sua mãe, vejo uma maneira de jogar uma luz favorável sobre a noção do casamento.

— Eu só estava pensando sobre o que você disse na torre aquele dia.

Ela levanta a cabeça, curiosa.

— Você já considerou que um marido poderia apoiar os seus estudos? Seria melhor ser casada, então, do que continuar morando na casa de sua mãe para

sempre.

Ela me examina com atenção.

— De que lado você está? Você fez um pacto com a minha mãe?

Sua precisão me deixa sem jeito por um momento. Dou de ombros, tentando parecer natural.

— Eu só acho que você não deve descartar essa hipótese.

Ela coloca a taça na mesa.

— E você? Achei que não tinha vindo a Paris para encontrar um marido.

— Eu casaria com a pessoa certa — digo sinceramente. — Que tal o duque, por exemplo? — Como se ele tivesse simplesmente me ocorrido. — Ele é gentil e parece gostar de você. Agora que está de volta da Inglaterra, imagine se ele pedir...

— Eu vou ter que recusar — ela interrompe.

— Mas você não pode! — digo exaltada. O fato de que ela possa desdenhar de um homem como ele me irrita. — Você o descarta tão facilmente, como se estivesse dizendo não para o açúcar no chá ou para uma segunda fatia de bolo. O duque é um pretendente de valor. Tem uma boa fortuna e uma boa educação.

— Maude! — Ela me encara, com a cabeça virada para o lado e uma expressão confusa.

Meus ombros afundam. Insistindo desse jeito, acabei me entregando. Seus olhos estão fixos em mim, como o olhar de uma gata.

— Eu acho que você gosta do duque — ela diz, abrindo um largo sorriso.

Fico ruborizada e luto para esconder meus sentimentos.

— O quê? Não, é claro que não. Que absurdo. — Mas eu sei que minhas palavras não acompanham minha expressão. É como se ela estivesse jogando luz sobre meus desejos mais íntimos. — Quer dizer, eu gosto dele para você, sim. Mas ele não é para mim.

— Você gosta! — Ela ri. — Você tem uma paixão secreta. Bem, ele estará no baile de Natal hoje à noite. Precisamos colocar vocês dois juntos. — Ela pega sua taça e a ergue em um brinde. — A Maude e o duque.

O que foi que eu fiz? Medo e prazer acertam um acorde simultaneamente, e ele soa fora de tom; não é assim que a condessa gostaria de ver seu plano executado.



A embaixada russa está promovendo um concerto, seguido por um baile de Natal. A sala de música é um espaço deslumbrante de marfim e ouro. Querubins estão pintados no teto e entalhados nas cornijas. A sala brilha com a luz dos candelabros, e fileiras de cadeiras douradas estão arrumadas de frente para o piano de cauda — um contraste total com as casas de espetáculos de Montparnasse.

Desde que Isabelle maquinou seu plano para me colocar perto do duque, sou culpada de me entregar a uma fantasia pelo resto da tarde. Não consigo deixar de imaginar que talvez eu faça parte da aristocracia, no fim das contas. Mesmo meu vestido esta noite — de *chiffon* de seda creme adornado com renda negra e lantejoulas — está à altura do vestido de Isabelle. Se o duque me escolhesse, nada mais importaria — nem a condessa, nem a agência, nem meu quarto no sótão, nem o dinheiro. Todas as minhas preocupações se evaporariam em uma vida de conto de fadas. Duquesa d’Avaray.

À medida que os minutos vão se passando e os convidados começam a se sentar, fico pensando se o duque vai aparecer ou não. O concerto deve começar a qualquer momento, e eu procuro no público de pessoas bem-vestidas pelo seu rosto.

— *Mesdames et messieurs*, por favor, tomem seus assentos — diz o embaixador, e os últimos convidados se deslocam para as fileiras de cadeiras. Nossa fileira é composta pelo tio de Isabelle, Isabelle, eu e um assento vazio ao meu lado; o conde, a condessa e os Rochefort estão sentados à nossa frente. Desnecessário dizer que o arranjo dos assentos foi iniciativa de Isabelle.

Bem quando estou prestes a perder as esperanças, vejo uma figura passando furtivamente pelo corredor.

— Esse assento está livre?

Viro a cabeça para encontrar o rosto radiante do próprio duque. Ele beija meu rosto enquanto se senta ao meu lado, e meu coração não se segura. Mas, quando ele se inclina à minha frente para cumprimentar Isabelle da mesma maneira, uma voz zomba dentro de mim: *Por que você? Por que ele escolheria Maude Pichon em vez da filha de um conde?*

O embaixador limpa a garganta para chamar nossa atenção.

— *Mesdames et messieurs*, nós na embaixada somos patronos da música, e esta noite ouviremos uma composição original de um jovem músico de talento. Por favor, deem as boas-vindas a *monsieur* Paul Villette.

Eu paro de respirar. Não posso acreditar que acabei de ouvir o nome de meu amigo sendo anunciado. Esse nome pertence a outro mundo, a outra vida. Certamente é um engano. Mas então os músicos entram na sala e recebem um aplauso educado. Fico boquiaberta — o pianista é realmente meu amigo Paul Villette. Parece que o chão treme sob meus pés.

Eu me encolho o máximo que posso atrás do penteado montanhoso de Claire de Rochefort, imediatamente à minha frente. Com um público tão pequeno, será fácil para Paul me reconhecer. Ou, talvez, levando em consideração que estou vestida de maneira tão diferente e em um ambiente tão pouco familiar, ele não me reconhecerá — espero que não.

Paul faz uma ligeira mesura e assume seu assento no piano de cauda. Sua superfície brilha como líquido. Ele olha de relance para o público, bem quando Claire de Rochefort se inclina para frente e sussurra algo para sua mãe, expondo-me completamente. Então meus olhos cruzam com os dele. Eu registro o ligeiro tremor de sua cabeça, seguido por um olhar rápido para meus vizinhos no público. O violinista e o violoncelista assumem suas posições e olham para ele, aguardando um sinal para começar.

Paul se atrapalha com os compassos de abertura, e sinto um aperto no coração. A apresentação vai de mal a pior e parece durar uma eternidade. A melodia doce que ele tocou para mim na casa de espetáculos soa barata neste ambiente decadente. O público responde negativamente. Há sussurros e risadinhas pontuando cada frase da música — para piorar, dos meus amigos também.

— Amadores — o duque sussurra no meu ouvido, atingindo-me profundamente. — O pianista não está à altura daquele belo instrumento.

Por mais sentida que eu fique por Paul, ao mesmo tempo quero me distanciar de seu traje de noite emprestado, de seu cabelo desgrenhado e da inferioridade que emana dele. Na realidade, sinto vergonha dele. Vê-lo vulnerável entre essas pessoas apenas aumenta meus próprios temores de não ser boa o suficiente, de ser descoberta. Olho de relance para a direita, para o duque, então para a esquerda, para Isabelle e seu tio. Esses homens irradiam confiança e classe, e Paul mais parece um bobo da corte.

Quando a peça finalmente termina, todos os convidados deixam a sala de música. Quero ver se Paul está bem após essa fatídica apresentação, mas não quero que ninguém no círculo Dubern saiba que nos conhecemos. Sigo Isabelle e os outros por alguns passos na direção do salão de baile, mas, quando ninguém está olhando, volto furtivamente para a sala de música sem ser percebida.

Ele está parado sozinho, juntando as partituras. Olha para frente, e abre caminho cuidadosamente em meio às cadeiras douradas, insegura sobre o que dizer.

— Está tudo à venda nesta cidade? — ele pergunta. — De quantas garotinhas você é preceptora? Pois eu só a vejo na companhia de adultos. — Sua voz está tensa de emoção.

Por que ele está tão bravo comigo?

— Paul, sinto muito por sua apresentação.

— Você acha que eu sou tolo? Deus sabe que Paris é cara. Você não seria a primeira a aceitar uma “caridade” desse tipo. Estou surpreso que o seu benfeitor... ou será que tem mais de um?... Estou surpreso que ele não a tenha instalado em acomodações melhores. A julgar pela carruagem, ele pode manter uma amante em um ambiente mais luxuoso sem nenhum problema.

Então ele enfia as partituras em uma mochila de couro, e eu fico boquiaberta quando compreendo o que ele quis dizer.

— Amante? Você acha... — digo, contendo uma risada. — Isso é ridículo!

— É tão divertido assim? Você tem outra explicação? Você certamente não é uma preceptora. Estou errado?

Preciso explicar, mas percebo que não posso. Agarro o espaldar de uma cadeira e me apoio ali.

— Não, eu não sou uma preceptora. — A verdade é humilhante. Pior do que ele imagina. Pelo menos dessa maneira ele acha que sou capaz de atrair um homem.

— Achei que você era um tipo diferente de garota. — Ele olha para mim duramente. — Havia uma pureza em você. Achei que você era aberta e honesta. Mas, pelo que vejo, você é uma atriz. Você se interessa mesmo por arte e música, ou aquilo foi encenação também?

— Paul, pare! — digo em voz alta, então me viro para olhar para a porta, esperando que ninguém tenha ouvido. Encontro o seu olhar de novo. — Era eu mesma com você — digo em um tom abafado. — Não posso explicar mais. Não é o que você está pensando, mas não tenho outra explicação para lhe dar. É duro vê-lo tão decepcionado comigo... Não posso fingir que não menti para você, mas você não deve me acusar do pior.

— Você deve me achar um perfeito idiota. — Ele larga ruidosamente a mochila sobre o banco do piano. — Toda mulher em Paris tem seus talentos, suas habilidades em manipular. Toda mulher tem seu preço. — Ele fecha a tampa do piano com uma força desnecessária e então encontra o meu olhar. — Nós todos somos prostitutas dos ricos, *mademoiselle* Pichon.

Eu me sinto subitamente humilhada pelo meu trabalho mais uma vez. A sombra da vergonha alcançou cada canto da minha vida. Mas também estou brava. Como ele pode achar que eu me rebaixaria a ponto de virar amante de um homem rico? Se for isso que ele verdadeiramente pensa de mim, então deixe que acredite nisso. Cruzo o olhar com o dele.

— Sim, a maioria das pessoas desesperadas se submeteria a algo repugnante por dinheiro — contraponho num tom gelado, e o deixo tirar suas próprias conclusões. — Lamento que sua música não tenha sido recebida de maneira mais calorosa.

Eu me viro e deixo a sala apressada, bem quando minha voz falha e um choro escapa. Luto para me recompor, então entro na sala de música. Enquanto procuro por Isabelle entre os convidados, percebo que seus pais estão dançando e fico agradecida por não precisar lidar com a condessa neste momento. Isabelle está com os outros jovens, ouvindo Xavier se vangloriar sobre algum feito de cavalaria. Ela parece entediada. Atrás dela vejo que Claire se apoderou do duque. Os dois riem às gargalhadas. Eu me junto ao grupo casualmente.

— Qual é a piada? — digo, forçando um sorriso.

— Essa foi a pior apresentação que já vi na vida — diz Claire, rindo com um guincho agudo.

— Mas onde o embaixador encontrou esses bufões? Será que o pianista já havia tocado um instrumento antes? — pergunta o duque.

— Não deve ser fácil tocar em público — Isabelle vem em defesa de Paul.
— Será que ele estava nervoso?

Claire revira os olhos e abana impacientemente o leque.

— Nervoso ou não, a composição era terrível.

— Eu concordo com Claire. Era horrível! — Rio alto, jogando longe qualquer pensamento sobre Paul, sua composição, o risco que ele correu tocando diante daquela plateia e, não menos importante, o nome da música: “La bretonne”.



Uma frente fria pegou Paris em suas garras geladas. Sigo a lenta procissão de garotas entrando no quarto de vestir da agência. Minhas faces estão frias e meus dedos estão dormentes. Como as outras, reluto em tirar o casaco. Uma a uma, nos reunimos próximas do fogão para nos aquecer. Analiso a cena lamentável e a comparo com a sala de visitas dos Dubern, com seu fogo crepitante e seu exército de empregados.

O glamour do feriado de Natal já passou há muito tempo. Isabelle está resfriada, e não fomos a nenhum evento nos últimos dez dias. As fantasias pelas quais me deixei levar sob o teto dos Dubern não parecem mais possíveis quando estou aqui na agência. Ou talvez elas não sejam possíveis sob quaisquer circunstâncias. No baile de Natal, o plano de Isabelle de me casar com o duque chegou no máximo a algumas danças com ele. Ele foi encantador e cortês como sempre, mas eu podia dizer que ele preferia a companhia de Isabelle à minha. E, apesar dos protestos dela, fingi estar cansada, e a viscondessa de Rochefort me levou de volta para os Dubern em sua carruagem. Eu não

cheguei nem a me importar com a tentativa fracassada de atrair o duque, pois no caminho de volta e madrugada adentro foi o rosto de Paul, e não o do duque, que seguiu entrando em meus pensamentos.

Minha câmera nova é a única coisa boa que sobrou do Natal com os Dubern para o Ano Novo. Eu pratiquei usá-la no gabinete de estudos de Isabelle, e hoje a trouxe para o trabalho comigo. Tenho duas chapas ainda e planejo usá-las para tirar fotos do quarto de vestir.

É claro, no momento em que Émilie vê a câmera e exclama em voz alta, todas as garotas se reúnem à minha volta.

— O que é isso, Maude? — pergunta Émilie, com os olhos grandes piscando.

— Uma câmera. — Finjo indiferença, mas posso sentir o orgulho se avivando em mim.

— Você sabe como ela funciona? — diz Hortense.

Cécile abre caminho em meio às outras.

— Onde você a conseguiu? — E estende o braço para tocá-la.

— É frágil — eu digo, tirando-a de suas mãos. Eu havia antecipado essa pergunta, e saboreio a resposta: — Foi um presente de minha cliente.

E então acontece: vejo a sombra da inveja tocar o rosto delas. Marie-Josée se junta a nós.

— Tire uma foto nossa — ela diz, anuindo encorajadoramente para mim.

As garotas ficam imediatamente empolgadas com a sua sugestão e imitam poses que viram atrizes e estrelas do *vaudeville* fazerem. Eu percebo o que ela está querendo: diluir a tensão e amenizar a inveja das garotas, fazendo com que eu compartilhe a câmera com elas. Mas estou incomodada. Não quero desperdiçar uma chapa com elas. Olho para minha amiga brincando com as outras garotas. Ela levanta a saia como uma dançarina de cançã.

— Vamos lá, Maude. — Ela abre um largo sorriso para mim. — Diga o que temos que fazer!

Uma ideia me ocorre: eu poderia simplesmente fingir tirar a foto, uma vez que elas não compreendem as técnicas envolvidas. Vou tirar a tampa da lente, mas, se deixar a placa protegendo o negativo na moldura da câmera, a chapa não será exposta. Vai parecer que eu realmente tirei a foto delas. Elas não se sentirão excluídas, e não terei usado uma chapa.

— Está bem. Abram as cortinas e deixem o máximo de luz entrar — digo. Elas correm para fazer o que eu peço. Enquanto isso, coloco a câmera sobre um banco como um suporte improvisado. — Agora vão para aquele canto de luz perto da janela.

Empolgadas, Marie-Josée, Hortense e Cécile se empurram, discutindo quem deve ficar no meio. Émilie espera às margens do grupo, sorrindo de suas brincadeiras. Eu continuo fazendo minha parte, como se fosse realmente tirar a foto.

— Émilie, junte-se às outras. Vá — eu digo. Encontro o enquadramento e acerto o foco, então escorrego a moldura de madeira do negativo na parte de trás da câmera. — Não se mexam — digo a elas.

Ergo o olhar do visor e removo a tampa da lente. Mas, nesse instante, um raio de luz suave bate no rosto delas, dando-lhes um brilho etéreo. Naquele momento, reconheço subitamente que as garotas se soltaram, revelando suas verdadeiras personalidades, e quero capturar a maneira como as vejo. Antes que eu possa me impedir, tiro rapidamente a cobertura protetora da moldura do negativo e o momento é registrado, quase contra a minha vontade.

— Pronto — digo, e um suspiro escapa. Recolo a tampa da lente e sinto a frustração tomar conta de mim. Só tenho mais uma chapa.

— O que está acontecendo aqui? — Durandeu está parado no vão da porta. — Nenhuma de vocês está vestida. Há uma cliente vindo em meia hora.

Os sorrisos desaparecem, e as garotas baixam o olhar.

— O que é isso, *mademoiselle* Pichon?

Instintivamente pego a câmera e a abraço.

— Uma câmera, *monsieur* Durandeu. — Minha voz é quase um sussurro.

— Mesmo? — Desconfiado, ele se dirige a passos largos na minha direção, com o queixo empinado. — E onde você conseguiu um objeto assim?

— Foi presente de minha cliente, *monsieur*.

Eu me encolho diante de sua figura ameaçadora.

— Bem, você não pode tirar um retrato da agência nessa sala horrorosa. — Ele olha para o relógio. — Temos bastante tempo. Vamos todos nos reunir no salão para tirar uma fotografia apropriada.

Meu rosto enrubesce de indignação quando me dou conta do que ele quer dizer. Eu não quero desperdiçar minha última chapa com uma foto de Durandeu.

— Mas...

Ele me corta imediatamente.

— Ou você prefere que eu confisque o objeto como propriedade da agência?

Balanço a cabeça, querendo me chutar por ter trazido a câmera para cá. Parte de mim queria se exibir para as outras.

Colocamos as roupas da agência em silêncio, e percebo que ninguém quer sair na foto como *repoussoir*. Mesmo assim, todas se reúnem no salão. As cadeiras são dispostas em fileira. Durandeu entra e se senta no meio, ladeado por Girard e Laurent. Os outros assentos são tomados pelas primeiras garotas que aparecem, e o resto do pessoal fica na fileira de trás.

— Esse arranjo vai funcionar para você, Maude? — pergunta Laurent.

— Deixe-me ver.

Eu nunca tirei um retrato formal de um grupo antes. Coloco a câmera sobre o estrado de madeira de uma planta como tripé improvisado e olho através da vidraça para a imagem de cabeça para baixo. Para esse número de pessoas eu realmente deveria ter uma câmera maior, com um tamanho de chapa maior.

— Vocês precisam ficar mais juntos para que todos saiam na foto — digo.

As garotas se aproximam umas das outras arrastando os pés enquanto confiro o foco. Então insiro a chapa nova e puxo para cima a moldura de madeira protetora. Eu me sinto nervosa com toda a agência olhando para mim esperançosamente.

— Estou pronta — digo a Durandeu.

A imagem à minha frente é muito diferente dos rostos sorridentes e sinceros que capturei minutos antes.

— Agora, senhoras — diz Durandeu. — Olhos para frente e queixo para cima. Pensem no que a agência significa para vocês.

Diante de mim, vejo o rosto das minhas colegas endurecer e os ombros se afundarem. A vergonha se abate sobre cada uma delas. Em comparação, o peito de Durandeu se estufa, e suas narinas se dilatam. Ele está claramente cheio de si com sua própria noção de genialidade. Ao lado dele, Girard parece orgulhosa; a agência é a sua casa. Do outro lado, Laurent não parece se incomodar.

Vejo tudo isso acontecer em um piscar de olhos. E sinto com certeza que não sou parte disso, não sou uma delas. Meu coração está palpitando, e eu removo a tampa da lente. A luz aflui para dentro e a imagem é capturada no vidro. Minha última chapa se foi.



Após o drama da fotografia, o dia de trabalho continua como qualquer outro. No quarto de vestir, Marie-Josée está reunindo as garotas para um almoço na rua. Não sinto vontade de participar. Quando estamos em grupo, muitas vezes nos oferecem uma mesa de canto e somos ignoradas pelos garçons até que Marie-Josée fica petulante. Então somos tratadas rudemente. Hoje eu só quero ficar sozinha.

Eu me deixo ficar para trás, arrumando o cabelo, enquanto elas saem do quarto em fila. Quando a porta se fecha, dou um suspiro de alívio e deixo cair os prendedores, que se espalham sobre a penteadeira. Olho para o espelho e penso em Paul. O que foi que ele viu em mim, e por que eu não podia simplesmente lhe contar a verdade? Todas as ilusões pesam sobre mim, e, quando vejo meu próprio reflexo, não tenho mais certeza de para quem estou olhando.

A porta se abre numa fresta, e ergo o olhar para ver Marie-Josée enfiar a cabeça de volta para dentro.

— Você não vem com a gente, Maude?

Sua pergunta rompe o selo de minha irritação.

— Não — disparo. — Preciso resolver algumas coisas.

Ela vem até mim e coloca um braço em torno do meu ombro. Eu sei que ela quer ser gentil, mas preciso me controlar para não me afastar.

— Que pena que você não estava na foto com todas nós — ela diz.

Sentindo meu mau humor, ela tentou adivinhar qual poderia ser o motivo. E não poderia estar mais equivocada.

— Imagino que é preciso ser muito esperta para saber tirar uma foto — ela diz carinhosamente.

Mas sua simpatia apenas me provoca mais.

— Ainda bem que eu não estava na foto. Como alguém pode querer eternizar essa humilhação em preto e branco? — Eu me livro do toque dela e

fico de pé. — Além disso, eu não sou como vocês. — Sinto um acesso de fúria e tenho vontade de empurrá-la para longe. — A condessa sabe. Tudo o que ela quer é uma amiga para a filha dela, não uma aberração da natureza.

Marie-Josée respira fundo, chocada.

— Ah, tenha cuidado, Maude. — E balance a cabeça.

Eu sei o que ela está pensando. Senti isso desde o início. Marie-Josée se ressentia de meu contrato com os Dubern. Por que outra razão ela estaria sempre me incomodando sobre eles, me aconselhando a não fazer amizade com Isabelle?

— Por que eu devo ter cuidado, Marie-Josée? — Minha voz sai esganiçada, mas não consigo torná-la mais baixa. — Você só está com inveja. Pois a condessa jamais escolheria alguém como você para ser amiga da filha dela.

Ela arregala os olhos.

— Alguém como eu em que sentido? — Ela coloca as mãos nos quadris, me desafiando a pronunciar as palavras. — Fale de uma vez, garota.

— Alguém tão grosseira como você. — Eu me sinto esquisita jogando isso na cara dela, mas as palavras fluem dos meus lábios como se fossem de outra pessoa. — Você jamais pertenceria ao mundo deles.

Estou tremendo de raiva e confusão. Quando olho para o rosto familiar de Marie-Josée, percebo que vomitar essas palavras cáusticas não me traz a libertação que achei que traria. Mas não posso retirá-las.

Ela agarra o meu braço.

— Escute aqui, garota. Eu não tenho inveja de você. Já estive no seu lugar, e as coisas não terminaram nada bem para mim. Estou tentando salvá-la da mesma decepção.

Eu não acredito nela.

— O que você quer dizer? Você foi amiga de uma cliente?

Ela solta o meu braço e suspira pesadamente.

— Não. Foi quando eu trabalhei como criada de uma senhora. O cavalheiro da casa tinha uma queda por mim. Era bom ser a favorita para variar. Eu era jovem e tola. Mas então uma palavra carinhosa se transformou em mãos bobas. E depois em algo pior.

Minha mente corre à frente dela, antecipando o resto da história.

— O que aconteceu?

— Eu contei à patroa e ela me despediu. Nenhuma carta de referência, nenhum dinheiro guardado. Fui chutada para o meio da rua.

Seus olhos encontram os meus, e seu rosto está cheio de emoção. Eu sei que foi difícil para ela me contar isso.

Desvio o olhar. Eu me sinto mal por ela, mas, ao mesmo tempo, tenho necessidade de colocar uma distância entre nós. Então não me comovo e não peço desculpas pelo meu acesso. Se ela conseguiu alguma coisa com isso, foi só jogar mais lenha na minha fogueira.

— São situações completamente diferentes — digo a ela. Então minha raiva se transforma em desprezo. Encontro seu olhar de novo, minha expressão é dura e fria.

Marie-Josée parece um animal ferido. Percebendo que não conseguiu me demover, ela simplesmente baixa os olhos e deixa a sala.

Eu fico sozinha, tremendo de raiva. Ou será de vergonha?



O inverno está no auge no campo nos arredores de Paris. O fim de janeiro pode ser frio e escuro, mas o tempo é irrelevante porque eu, Maude Pichon, estou ficando em um *château*. Os Dubern, alguns outros notáveis e eu fomos convidados para a casa de campo do duque d'Avaray. Os homens vão pegar o fim da temporada de caça ao pato.

O *château* é vasto e elegante, um prédio de pedra cinza coberto por trepadeiras sinuosas, situado em acres de bosques e pastos. Os jardins estão mortos e amarronzados nessa época do ano, mas, passeando pela miríade de caminhos pavimentados e sebes, posso imaginar como as folhagens e flores seriam belas no verão. Para mim, só o fato de estar no campo já é uma alegria; posso respirar o ar puro e aproveitar as paisagens confortantes das colinas, sem nenhum telhado ou chaminé à vista.

Isabelle e alguns cavalheiros foram andar a cavalo, mas, como não sei montar bem, fiquei para trás para aproveitar a paz e o silêncio da biblioteca e um fogo crepitante. Nunca vi tantos livros juntos num lugar que não fosse

uma livraria. Depois da morte da minha mãe, herdei seus livros, na maioria clássicos, que reli até saber algumas páginas de cor, mas também encontrei alguns romances em sua coleção, o que revelou algo de sua natureza. Ela fantasiava além dos confins de Poullan-sur-Mer, como eu.

É de tarde, quando a luz está desaparecendo, que a condessa me convoca para seu quarto e a tranquilidade é arrancada de mim. Para a condessa, há maridos potenciais para serem caçados, não aves aquáticas. Qualquer interação com ela ultimamente me deixa apreensiva. Eu alimentei suas expectativas exageradas para Isabelle e o duque. Ele gosta de Isabelle, mas será o suficiente para pedi-la em casamento? Não faço ideia. A julgar pela minha própria insensatez, sei que sou a última pessoa para interpretar modos aristocráticos.

Quando entro no quarto da condessa, ela está parada na frente do armário, com os braços estendidos e um vestido de noite em cada mão.

— Entre, Maude. Sente-se. Aceita um cálice de xerez?

Ela é extraordinariamente cordial, o que me deixa cautelosa.

A criada me passa um cálice de xerez, e eu me sento em uma cadeira de espaldar alto. Eu não havia entrado no quarto da condessa até aquele instante. Naturalmente ele é mais luxuoso que o meu, decorado com tapetes e uma grande cama de carvalho com cortinas antiquadas. Entrar em certos quartos aqui é como voltar no tempo, ou caminhar pelas páginas de um livro de história.

— Qual dos dois você prefere? — pergunta a condessa. — Qual deles eu devo usar essa noite?

Eu olho para as duas peças de roupa, uma negra com um padrão espiral de pontos dourados e outra de seda em um tom laranja-queimado.

— O laranja é mais original e chamativo — digo, esperando agradar.

— Sim, mas hoje à noite quero que Isabelle brilhe. Vou usar o preto. — Ela passa os vestidos para a criada e anui para ela. — Pode ir.

Após a criada pendurar os vestidos e sair apressadamente do quarto, a condessa assume um assento na poltrona de frente para mim e pega a taça de xerez da mesa de apoio.

— Eu tenho mais do que um palpite de que Isabelle logo será pedida em casamento — ela diz, tomando um pequeno gole da bebida. — Talvez esta semana mesmo!

Ela espera que eu me manifeste positivamente, mas hesito por um momento.

— É mesmo? Isso é maravilhoso — digo. Mas não parece maravilhoso.

Felizmente a condessa não parece notar minha reticência.

— É o duque? — pergunto, sentindo-me um pouco deprimida.

Ela olha para mim como se eu fosse estúpida.

— É claro que é o duque. Ouvi as criadas fofocando sobre como seria a futura patroa, como ela administraria a casa e se traria sua própria criada. As bobagens de sempre.

— Como a senhora sabe que será Isabelle que ele vai pedir em casamento?

A condessa larga a taça na mesinha e me encara.

— Quem mais seria? Você? — Ela irrompe em uma risada e cobre a boca com a mão. — Desculpe. Perdoe-me. — Ela continua rindo, um pouco alta por causa do xerez. — Mas, realmente, é divertido demais. — E finalmente se controla.

Suficientemente humilhada, dou um gole no xerez asqueroso.

— E Claire? — digo, para me vingar dela por magoar meus sentimentos.

— Os Rochefort devem aparecer hoje à noite com os outros convidados.

Agitada, a condessa cerra os lábios e corre o polegar e o indicador para cima e para baixo na haste da taça.

— Bem, com Claire há a possibilidade de uma atração. Mas, pelo que você andou me contando nesses últimos meses, ele parece ter pouca consideração

por ela.

Ela inclina a cabeça para o lado, com os olhos fixos em mim.

— Agora, quando o duque pedi-la em casamento, Isabelle naturalmente vai procurar os seus conselhos. Mais que os da mãe, eu acrescentaria. — Ela faz uma pausa e gira o xerez em torno da taça. — Quero ter certeza de que, quando o momento chegar, você vai encorajá-la a aceitar o pedido de maneira rápida e recatada. Quanto à sua recompensa... — Ela dá um pequeno gole e continua. — O conde tem uma tia próxima de Avignon que precisa de uma companhia. Ela está sozinha em sua casa de campo. Você seria bem paga e estaria em uma posição acima da de uma criada. E teria uma vida bastante confortável.

— O sul da França? — Eu jamais imaginaria um futuro assim. É como provar algo doce. Chega de Montparnasse, chega de sótão lúgubre, chega de Durandeu e as *repoussoirs*.

Mas, como uma alfinetada, a fantasia é quebrada quando penso em como Isabelle vai reagir ao pedido. De certa maneira, preciso preparar a condessa para o pior.

— E se Isabelle recusar? Eu não posso *fazê-la* dizer sim. Ela tem suas próprias opiniões. Quer dizer...

Um olhar de ira me silencia.

— Se ele a pedir em casamento, ela precisa aceitar. Que outra escolha ela teria?

Concordo com a cabeça e não digo mais nada. Desejos conflitantes estão prestes a colidir, instrumentos sem um maestro tocam fora do tempo, e um crescendo vai se transformando em pesadelo. A condessa toca a campainha para sua criada.

— Agora vá. — Ela gesticula, me mandando embora. — Eles vão voltar da cavalgada logo. Quem sabe o que pode ter acontecido durante todo esse tempo

em que estivemos conversando?

Coloco o xerez que mal bebi na mesa de apoio, ao lado da poltrona dela, e deixo o quarto. Quando fecho a porta atrás de mim, fico por um momento no corredor, com a mente e o corpo congelados. Será traição encorajar Isabelle a fazer o que a sua mãe quer? Eu sei como ela é apaixonada pelos estudos e pelo futuro que planejou. Mas preciso pensar em mim também. Então repasso as palavras da condessa: *uma posição acima da de uma criada*.

Uma vez instalada no *château* com a tia do conde, eu poderia escrever para o meu pai decentemente. A agente do correio em Poullan-Sur-Mer, ao ler o endereço do remetente, espalharia a fofoca.

Você ficou sabendo da garota Pichon? Vive em um castelo!

Aristocracia — bem, eu nunca!

Vou poder circular pelos quartos de uma casa magnífica, impregnada de resquícios de uma França que não existe mais. Quase posso sentir o cheiro das flores de laranjeira e da lavanda nos jardins. Pela primeira vez na vida, meu futuro estaria seguro.

De alguma maneira, eu *tenho* que fazer com que Isabelle diga “sim” para o duque. Continuo pelo corredor na direção da escada principal. Devo pensar nela como Marie-Josée faria — como um trabalho.

Quando volto da biblioteca, encontro Isabelle parada em uma escada, perto da prateleira de livros, ainda com as roupas de montaria.

— O que você está procurando? — pergunto a ela.

Ela vira a cabeça.

— Aí está você. — Isabelle tira um grosso volume da prateleira e o segura no alto para que eu possa ver. — *Ciência na era do Iluminismo*.

— É claro. — Sorrio e afundo no enorme sofá de couro. Isabelle desce da escada com o livro. — Você está usando calças de montaria? — pergunto.

Isabelle dá de ombros enquanto caminha na minha direção.

— Eu odeio montar de lado. Pedi ao cavaleiro para me emprestar um par. Então se joga no sofá ao meu lado, com o livro nas mãos. Balanço a cabeça para ela.

— E ele ficou com sua bela saia de montaria de lã, imagino?

Isabelle ri.

— Vou devolver.

— Não deixe sua mãe ver você vestida tão escandalosamente — eu brinco. Estou agradando-a antes de começar a dizer o que está realmente em minha mente. Sei que preciso ser mais convincente que da última vez. — Imagine, Isabelle — eu me arrisco —, se você fosse a patroa desta casa, poderia usar calças todos os dias se quisesse.

— E me livrar de todas aquelas selas para mulheres no estábulo. Isso seria divertido.

Essa é a minha deixa; não posso hesitar.

— Estou falando sério. Você não acha que teria mais liberdade para fazer qualquer coisa como uma duquesa — faço uma pausa —, em vez de ir sozinha estudar na Sorbonne?

Isabelle franze o cenho e muda de posição no sofá.

— O que você está dizendo? Você acha que não vou conseguir entrar? — Ela parece em dúvida.

Devo tirar proveito de sua insegurança. Essa é a chave para enfraquecer suas decisões.

— Não é isso. É só que... não é o seu mundo, é? — Meu coração palpita. Sou uma atriz desempenhando o papel de vilã. — Quer dizer, esta é mais a vida a que você está acostumada. — Olho a sala à minha volta, e Isabelle tira os olhos do livro que está segurando.

— Você acha que eu não conseguiria lidar com a vida acadêmica?

Forço um sorriso. Eu preciso me comprometer com essas palavras.

— Você é inteligente. Não é que eu não ache você capaz. É só que... bem, a Sorbonne é algo muito diferente do gabinete de estudos da casa dos seus pais, não é?

Ela abraça o livro contra o peito, então me olha fixamente.

— Não gosto do seu tom condescendente e estou confusa quanto à sua motivação. A não ser que você ache que não sou boa o suficiente para a universidade, é isso? Você está tentando me poupar da vergonha do fracasso?

Suspiro profundamente, fazendo cena, enquanto por dentro começo a me sentir doente. *Siga em frente*, digo a mim mesma. *Pressione-a*.

— Eu só quero que você seja prática. Imagine um marido que lhe dê apoio, que encoraje seus estudos, que tenha orgulho da esposa, como todo marido deve ter. E você teria o conforto e a segurança da proteção masculina.

— Proteção? Maude, é uma universidade, não uma selva. — Ela finge rir, mas seus olhos estão sérios. — Sua escolha de palavras... Não parece que é você que está falando.

— Isabelle — eu digo, forçando o tom para soar simpático e carinhoso. — Estou tentando alertá-la, não lhe dar um sermão. Um pedido de casamento do duque pode acontecer mais cedo do que você imagina. — Pronto, o elemento-surpresa.

— Não me importo. — O queixo dela se projeta para frente, desafiadoramente. — Minha resposta será sempre não. Quanto mais cedo eu passar nos exames de admissão e conseguir uma vaga, mais cedo minha farsa como debutante vai terminar.

Se ao menos ela não fosse tão cabeça-dura. É de dar raiva. Isabelle não dá valor para nada que possuí, as vantagens que dá como certas: sua aparência, sua riqueza e seu status. Como ela não consegue ver o tamanho da sorte que tem? Um fogo se acende dentro de mim quando penso no que tive de fazer só para sobreviver.

— Você só conhece a gaiola dourada que rejeita. Como acha que vai sobreviver no mundo real? Você nunca precisou fazer nada para si mesma antes. — Já que comecei, vou até o fim. É como se eu quisesse começar uma briga agora. — Acho que você está sendo tola e imatura ao desprezar um homem como o duque. — Percebo que uma ira genuína está fervendo dentro de mim, e que realmente acredito em cada palavra que acabei de dizer.

Ela me encara, perplexa e confusa. Então se levanta e atravessa a sala fazendo ruído com suas botas de montaria. Eu me ponho de pé e digo atrás dela:

— Quando você vai crescer?

Isabelle escancara a porta, mas então, antes de deixar a sala, se vira para mim com a expressão carregada.

— Achei que você fosse minha amiga.

Então ela se vira e bate a porta com tudo.

Eu respiro fundo e tento me acalmar antes de sair da biblioteca. *Eu tinha de fazer isso*, digo a mim mesma. À medida que caminho apressada pelo corredor, meu passo se acelera até que começo a correr. Levanto a saia e subo a escada de dois em dois degraus, desesperada pela solidão do meu quarto.



Uma hora mais tarde, a campainha da porta toca, e o *château* é pura atividade. Da minha janela posso ver que os hóspedes ingleses e os Rochefort chegaram há pouco, e que as criadas da casa e os criados pessoais correm de um lado para o outro com valises, sapatos engraxados, grampos de cabelo e colarinhos engomados.

Eu me sento à penteadeira e a criada ajuda a me aprontar. Meu coração está pesado enquanto ela fecha a presilha do meu bracelete novo.

— A senhorita está muito bonita hoje, *mademoiselle* Pichon.

Eu me vejo no reflexo, com o cabelo preso em cachos elaborados, os lábios e o rosto manchados de ruge. Estou irreconhecível.

Estudo a garota enquanto ela arruma as escovas e os grampos. Seu rosto é honesto e redondo, de uma tez rosada, e ela tem cílios e sobrancelhas loiros. Um frescor do campo que eu não via há muito tempo. Será que eu costumava ser assim?

Uma lembrança do passado flutua em minha consciência. Estou parada no porão da loja de papai, com uma maçã em cada mão, ouvindo as esposas dos agricultores falando sobre mim no andar de cima. *Thierry tem dado alguns sinais... Creio que ela não está em posição de escolher. Ela não tem a beleza da mãe, com certeza... Sem graça como um saco de farinha. Pobrezinha.*

Sou uma completa hipócrita. Eu não ouvia o que as pessoas queriam para mim, não me deixava colocar na situação em que elas queriam me enfiar. Tomei minha própria decisão de recusar um pretendente, desafiando meu pai e, de certa maneira, todo o vilarejo de Poullan-sur-Mer. E agora ouço as palavras que saem de mim. Não sou melhor do que uma esposa de agricultor, dizendo a Isabelle o que ela não deve fazer e a encorajando a fazer o que lhe mandam. Seguro meu bracelete na luz. Hoje ele parece mais pesado que ferro.

— *Mademoiselle* precisa de mais alguma coisa? — pergunta a criada.

— *Non, merci* — murmuro.

Ela faz uma mesura, deixa o quarto, e eu luto para compreender tudo. O que consegui brigando com Isabelle? Nada mais do que magoá-la, e também a mim. E fiz o mesmo com Paul e Marie-Josée. Minha vida se tornou tão diferente desde que comecei a trabalhar para os Dubern.

Eu me levanto da penteadeira e vou até a janela. Abro a cortina para olhar para a rua, mas tudo o que vejo no vidro é meu próprio reflexo. O que é que me deixa impressionada nesse mundo dos ricos? Penso nas muitas coisas de que

os aristocratas gostam: música, livros, pintura e fotografia. Sou atraída por essas coisas também, mas não apenas como a mobília de uma pessoa rica. A cultura é o caminho para o conhecimento e a chave para uma vida equilibrada. Pelo menos é isso que os boêmios dizem.

Olho além do meu reflexo, para a escuridão absoluta da noite no campo. Não consigo fugir das questões que povoam minha mente. Eu me sinto realmente atraída pelas armadilhas da vida dourada, ou estou enganando a mim mesma? Estou metida em uma confusão, e tudo que consigo ver é o que os ricos possuem — seus espólios de vencedores, seu tesouro aristocrático. Confrontada com essas coisas, penso: *Essa é a vida que eu quero*. Mas será que o que eu quero é o camarote na ópera ou a música em si?

Esses pensamentos vêm do que parece ser outra voz ecoando dentro de mim, uma voz que não foi dominada pelo glamour dos últimos meses, que tem prestado atenção no que realmente importa. Vêm de uma outra pessoa, e não daquela que discuti com Marie-Josée e Paul. Ou da que fez Isabelle questionar a si mesma.

Penso nos meus anfitriões e nos hóspedes do *château*. Exceto por Isabelle, essas pessoas são do tipo que coleciona arte, mas que nunca se emocionou realmente com ela, do tipo que tem uma infinidade de obras raras, mas cujas lombadas seguem intactas. A arte é um objeto, algo a ser possuído, e a música é apenas um evento social.

Com pensamentos incômodos enchendo minha cabeça, desço a escada para me juntar à festa na sala de visitas. Isabelle finge estar tendo uma conversa aprazível com Claire quando entro na sala, e uma pontada de culpa atinge meu coração. Por sorte, o mordomo entra logo depois de mim e anuncia que o jantar está servido.

Enquanto nos reunimos na sala de jantar, tenho consciência de que dessa vez a beleza do ambiente não me impressiona — já vi o suficiente de

opulência. O duque senta na ponta da mesa, a condessa Dubern à sua direita e uma dama inglesa com traços duros à sua esquerda. Xavier está ao meu lado, o conde do outro, e Claire, com sua personalidade festiva ausente hoje à noite, de frente para mim. Isabelle está no canto mais distante da mesa, ao lado do primo do duque, o conde de Rochester, e, do outro lado dela, está a mãe de Xavier. É esquisito que Isabelle esteja sentada tão longe do duque, agora que seu noivado é tão iminente.

São servidos muitos pratos, e não consigo deixar de pensar que uma simples omelete seria suficiente. Alguns meses atrás, eu não poderia imaginar que um dia me cansaria disso, mas é exatamente o que está acontecendo.

A conversa do jantar gira em torno das idiossincrasias dos ingleses, e o conde de Rochester está sendo muito jovial a respeito das brincadeiras.

— Por que será que todo inglês gosta da carne cozida até virar couro? — pergunta o conde Dubern.

— Eu poderia perguntar por que todo francês gosta do filé ainda respirando — retruca o inglês. Suas faces estão rosadas por causa do álcool, e suas suíças o fazem parecer uma morsa.

Dois empregados carregando terrinas de prata dão a volta na mesa. Quando a condessa é servida, vejo seu reflexo distorcido no prato. Seus traços se fundem e se estendem ao longo dos contornos, e ela se transforma em uma *repoussoir*, com a testa estreita, os olhos protuberantes, as narinas dilatadas e a boca borrachuda. Como ela conseguiria viver, o pensamento me ocorre, se o espelho lhe mostrasse esse rosto todas as manhãs?

Na realidade, os traços da condessa poderiam ter sido talhados em mármore. Você procura por uma falha nas linhas, uma imperfeição, uma quebra na simetria, mas não encontra nenhuma. No entanto, não se trata do tipo de beleza que o atinge como um raio de sol; não é o tipo de beleza que

irradia e emana algo de misterioso ou uma luz interior. Ela tem o tipo de beleza perfeita caracterizada pela indiferença de uma pedra.

— Conte-nos sobre as atrações de Londres — demanda a condessa. — Se não a cozinha inglesa, então o quê? — ela diz, bebendo de sua taça até a última gota.

— Ah, pude rever velhos amigos, algumas galerias... — O duque faz uma pausa, parecendo se recompor. — Tenho uma boa notícia para contar.

Meus olhos se voltam imediatamente para Isabelle. Um silêncio cai sobre a mesa. Ele não podia tê-la pedido em casamento antes do jantar?

Os olhos da condessa estão fixos no duque enquanto ela acompanha cada palavra dele.

— Vamos lá — diz Xavier.

O duque olha para a inglesa à sua esquerda e anuncia:

— Lady Eleanor e eu vamos nos casar.



Várias coisas acontecem em uníssono: a morsa dá uma gargalhada e bate com o punho na mesa, a condessa deixa cair a faca no chão ruidosamente, mais champanhe é trazida e a pouco atraente e futura duquesa lady Eleanor dá uma risadinha. Cruzo imediatamente o olhar com o de Isabelle, que me observa com um sorriso desafiador, como se tivesse ganhado uma aposta.

— *Félicitations* — diz o pai de Isabelle, erguendo a taça em um brinde. Ele deve estar por fora dos planos para sua filha, ou possivelmente seja apenas indiferente a eles. Xavier ergue a taça com uma expressão presunçosa, enquanto sua irmã Claire parece se segurar para não chorar.

Ergo minha taça também, e todos brindam ao casal sorridente. Tomo um pequeno gole de champanhe e tento engolir a decepção que sinto em relação ao duque. Não consigo acreditar. Como ele pôde escolher uma mulher como essa? Ela seria bem recebida na agência — não como cliente, mas como funcionária.

Durante o resto do jantar, observo cuidadosamente o duque e sua noiva inglesa. Essa mulher não parece ter beleza nem charme. Ela não parece ser engraçada ou inteligente acima da média. Qual a atração que ela exerce sobre o duque? Ela será um ás, um trunfo na hierarquia da nobreza inglesa? Só o que importa é o status? Estudo o belo rosto do duque, seus modos afáveis, e gradualmente me dou conta de que isso é tudo. A personalidade que eu atribuía a ele era fruto de minha imaginação. Na realidade, não há nada mais substancial a respeito dele, além de sua autoconfiança e de um sorriso fácil. E por que ele não deveria ser desse jeito? Nunca teve de trabalhar duro ou lutar para conquistar nada na vida. Tudo lhe foi dado de mão beijada.

Chegamos aos pratos de queijos, e o fim do banquete torturante se aproxima. Após o jantar, os convidados vão para a sala de visitas, e alguém sugere um jogo de cartas.

— Antoine, que tal uma mão? — diz Xavier. — Como dizem: sorte no amor, azar no jogo?

O duque estreita os olhos para o amigo.

— O contrário, eu acho.

Eu me sento distante dos outros, ao lado das janelas altas. Há uma boa corrente de ar, apesar das cortinas de veludo enormes. Pego um livro deixado na cadeira, provavelmente por Isabelle, pois ninguém mais na casa parece ler. Pelo menos com o anúncio do duque, estou livre de minha obrigação de convencer Isabelle a aceitá-lo. No entanto, em breve haverá outro pretendente que a condessa vai querer jogar para cima da filha. Terei sucesso em convencê-la? Minha recompensa vai valer o esforço para consegui-lo? Sinto uma vergonha profunda novamente quando penso nas palavras que disse a Isabelle na biblioteca. Folheio as páginas do livro que ela estava lendo. Se ao menos eu não tivesse brigado com ela essa noite, estaríamos sentadas juntas dissecando a revelação do duque, como boas amigas.

— Bem, você estava errada, não estava? — Olho para cima e vejo Isabelle parada à minha frente. Seu tom de voz é irritadiço, e sei que ela ainda não esqueceu nossa briga. Mesmo assim, ela senta ao meu lado no sofá listrado.

— Eu sinto muito, Isabelle, sobre hoje na biblioteca — começo imediatamente.

Ela ignora minhas desculpas.

— No fim das contas, o duque gosta de mulheres tão ricas quanto a rainha Vitória.

— O que você quer dizer? — pergunto. Como se Isabelle ou Claire não fossem ricas e bonitas.

— De acordo com o conde, lady Eleanor é herdeira de uma das maiores fortunas da Inglaterra.

— Mas ele já não tem dinheiro de sobra? — pergunto. — Pode ser que realmente goste dela, quero dizer.

— Eles se conheceram agora. E a família dela é dona da metade da Inglaterra que não é da rainha. — Isabelle me encara com a expressão dura. — Esse é o tipo de casamento bom que eu deveria querer para mim?

Respiro fundo.

— Eu não queria ter dito as coisas que disse, Isabelle. Talvez eu estivesse com um pouco de inveja de você, só isso. — Olho para baixo, mas ela não reage porque nossa conversa é interrompida.

— Vamos embora deste lugar amanhã — diz a condessa, caminhando vacilante na nossa direção, com uma taça de conhaque na mão. — Não vejo nenhum sentido em ficar aqui mais uma noite — diz com a fala arrastada. Seu rosto parece caído, e seu cabelo, fora de lugar. — Seu pai informará o duque que temos de retornar a Paris de manhã. Que audácia dele, nos convidar aqui para nos humilhar. — Ela cospe as palavras. — É chocante.

Eu nunca vi a condessa perder a compostura desse jeito.

— Mãe, talvez você deva ir para a cama — diz Isabelle.

Ela se põe de pé, tira a taça de conhaque da mão de sua mãe e a coloca na mesa. Isabelle a leva pela sala até onde está o conde. Eles conversam alguma coisa, e então a condessa tropeça para os braços do marido e ele a guia para fora da sala de visitas.

Isabelle volta para o sofá perto da janela, mordendo o lábio para esconder um sorriso.

— Eu nunca vi minha mãe tão furiosa nem tão bêbada em público antes — ela sussurra, tornando-se minha confidente de novo.

A sensação de alívio me invade. Dessa vez a condessa me ajudou com sua intromissão. A comédia de sua cena de raiva aliviou a tensão entre mim e Isabelle. Grata por sua anistia implícita, tento ser espirituosa.

— Pelo menos ela nos poupou das lágrimas. Diferente de Claire de Rochefort — eu digo. — Não há cachos perfeitos que possam competir com uma herdeira.

Isabelle ri.

— Que sorte! A pressão para um pedido de casamento havia chegado às raias da loucura com minha mãe. Isso me dá uma folga até ela encontrar outra pessoa para jogar em cima de mim.

Ela suspira e brinca com o pendente do colar em torno do pescoço.

— Sim, isso pelo menos vai lhe dar algum tempo — digo. E a mim também.

— Isabelle — chama uma voz. Nós olhamos para ver Xavier acenando para Isabelle da mesa de jogo. — Jogue uma vez com a gente. Entre no lugar de minha mãe. Ela está indo dormir.

Agindo com camaradagem, Isabelle aceita o convite, mas isso significa que Xavier ficará ao seu lado pelo resto da noite, então faço o melhor que posso para ficar em segundo plano. Estou temendo enfrentar a ressaca da condessa

— ela certamente estará de péssimo humor amanhã. Mas felizmente não pode me culpar pela crise causada por lady Eleanor. Assim espero.



Tarde da noite, quando os outros hóspedes já se retiraram, Isabelle e eu subimos a escadaria imponente, cada uma segurando uma lamparina. Seguimos pelo longo corredor, escuro exceto por nossas luzes, e paramos no quarto dela.

— Bom, boa noite, Maude. — Ela olha para baixo por um momento, como se procurasse algumas palavras para dizer.

— Nós vamos realmente partir amanhã? — pergunto para preencher o silêncio.

Ela balança a cabeça.

— Mesmo se minha mãe se lembrar da ameaça, ela está curiosa demais sobre lady Eleanor para perder alguma coisa. Nós podemos nos esconder na biblioteca para escapar das fofocas que vão continuar amanhã. — E me dá um breve sorriso.

Eu noto o “nós” que ela usou e sorrio de volta. Nossa amizade está um pouco abalada, mas não acabou. E agora mesmo, neste momento, eu gostaria de poder contar tudo a Isabelle e parar com todas as mentiras. Mas eu sei que isso é impossível — ao absolver minha consciência culpada, eu estaria arriscando todo o meu futuro.

— Boa noite, então — digo em vez disso. E ela se vira para entrar no quarto.

O meu fica mais adiante, no canto mais distante da ala norte. Imagino que os hóspedes tenham seus quartos designados conforme o status — não há como escapar da atenção dada ao sangue e à educação. Caminho rapidamente

pelo corredor e viro à direita. Estou imaginando o calor de minha cama quando ouço um ruído — uma batida abafada e o arrastar de pés. Paro e sinto um arrepio no pescoço enquanto tento imaginar o que poderia estar se escondendo na escuridão. Cuidadosamente levanto a lamparina à minha frente para ver o que há ali e então começo a caminhar de novo. Estou quase em meu quarto. Seguro a maçaneta da porta, mas paro antes de entrar. Acho que posso ouvir uma voz no fim do corredor.

A curiosidade me vence, largo a maçaneta e deixo a lamparina do lado de fora do quarto. Então avanço cautelosamente pelo corredor que leva para a escada das criadas. Há um barulho de roçar de roupas e sussurros abafados — um homem e uma mulher. Chego ao topo da escada na quase escuridão e espio sobre o corrimão para ver duas figuras paradas no vão da janela entre os andares. Elas estão abraçadas e iluminadas pela luz do luar. Mas, quando olho mais de perto, vejo que não é um abraço, é mais uma luta. O homem está em um traje de noite, e é impossível ver claramente a figura da mulher, mas vejo sua saia branca com avental de criada aparecendo.

— *Non, monsieur. S'il vous plait. Non!* — Suas palavras me fazem sentir um calafrio na espinha.

— Pare! Deixe-a em paz — eu grito e me arrependo de minhas palavras imediatamente.

A luta cessa. A cabeça do homem se vira rapidamente, e ele força o olhar no escuro na minha direção, enquanto a criada se livra de seu abraço. Ouço seus passos rápidos ecoarem e então desaparecerem.

— Quem está aí? — diz o homem.

Eu me encolho. Ele não pode ter me visto. Estou protegida pelas sombras. Fujo ao longo do corredor, de volta para a segurança de meu quarto. Tão logo entro, tranco a porta e apago a lamparina. Fico absolutamente imóvel, sem fazer nenhum ruído, com o coração saindo pela boca e a garganta seca. Espero

pelo barulho de passos no corredor. Aperto os olhos, mas não consigo esquecer o rosto na luz do luar olhando na minha direção. Lembro do baralho de cartas de Cécile explicando os títulos aristocráticos.

O dez de copas. Xavier de Rochefort.



A manhã já está avançada, após o desjejum, quando Isabelle e eu nos retiramos para a biblioteca do *château*. Os homens foram caçar, e as mulheres estão em alguma sala de estar, sem dúvida fofocando. Essa é a primeira chance que temos para conversar desde a noite passada, sem os outros hóspedes à nossa volta. Estou quase estourando para contar o que vi na escada dos fundos. Mas um empregado está mexendo com o fumeiro na lareira, e tenho de esperar até estarmos sozinhas. Tento me concentrar no romance em minhas mãos, mas não faz sentido — já li a mesma página quatro vezes.

Finalmente o empregado termina o que está fazendo, mas logo em seguida a condessa entra agitada na sala.

— Isabelle, tenho notícias importantes para discutir com você.

Impedida de compartilhar minha fofoca, eu me levanto para sair, para que elas possam ficar a sós.

— Maude, pode ficar — diz a condessa ansiosamente.

Ela se senta em uma das poltronas perto do fogo, mas se levanta quase imediatamente e começa a andar de um lado para o outro na frente da lareira. Achei que ela estaria quieta em seu aposento curando a ressaca, mas aqui está, pavoneando-se com uma energia impaciente. Tenho um sentimento de apreensão. Por que ela está agindo de maneira tão estranha? *Conspirando* é a primeira palavra que me ocorre quando olho para ela — aquela expressão de ânsia inquieta no olhar. Seguramente, ela não acha que vai conseguir separar o duque e sua noiva inglesa.

— Isabelle, querida. Tenho algo para lhe contar. — Seu tom muda de ansioso para grave, e juro que ela está gostando do drama.

— Sim, mãe. O papai está doente? O que há de errado? — pergunta Isabelle colocando o livro de lado, a preocupação tomando conta de seu rosto.

Eu estudo a condessa, pronta para desconfiar de qualquer coisa que ela esteja prestes a dizer. Ela para de andar de um lado para o outro e fica imóvel por um instante na frente da lareira.

— Querida, acabei de ficar sabendo de uma notícia chocante.

Meu primeiro pensamento é de que ela descobriu sobre Xavier de Rochefort, e sinto um alívio em não ser a única a saber disso. Ela segue em frente:

— O duque d'Avaray, nosso anfitrião e amigo... — E faz uma pausa, aumentando o suspense. — Ele está falido, arruinado! — Ela sussurra as palavras. — Descobri pelo *monsieur* de Rochefort, após o café, que ele andou pedindo dinheiro emprestado para os amigos nos últimos meses.

— O quê? — sussurro para mim mesma. Isso é ridículo.

A tora no fogo crepita e lança fagulhas.

— Falido? Parece uma fofoca inventada — diz Isabelle. — O que dizer disso tudo? — ela gesticula para o *château* onde estamos hospedadas.

— Os credores estão fechando o cerco, segundo Xavier de Rochefort. — A condessa parece preocupada, mas posso dizer que ela está vibrando com os detalhes. — Minha filha, como você tem sorte.

Isabelle parece confusa.

— Sorte? O que você quer dizer com isso?

A condessa balança a cabeça e suspira.

— Minha filha querida, você não sabe nada do mundo.

Ela está exagerando um pouco seu papel para o meu gosto.

— Toda a história é um escândalo. O pai dele o deixou endividado quando morreu, e o duque não conseguiu sair do buraco desde então. E não é só isso, ele tem apostado no *jogo* as propriedades que restaram.

Será que isso é verdade? Lembro a discussão que ouvi por acaso nos bastidores do teatro e o comentário que Xavier fez na noite passada. Ele sabia dos problemas do duque desde o início?

A condessa continua:

— Em uma viagem recente para Londres, ele conheceu lady Eleanor e ficou sabendo de sua *vasta* fortuna, razão pela qual eles estão noivos agora. Pense: poderia ter sido você casando com um duque falido!

Isabelle e eu estamos sem palavras. Tiros ecoam dos campos, rompendo o silêncio. A caça começou.

— Graças a Deus pelo *monsieur* de Rochefort! Que tato ele demonstra, e que consolo em uma época difícil como esta!

Meu estômago se revira. A menção de seu nome traz de volta a visão de seu rosto na luz do luar. A condessa se senta de novo e toma a mão da filha na sua.

— Mas tenho boas notícias também. — Ela dá um sorriso falso para Isabelle. — Ao conversar com Xavier, ele me disse que, por causa da ausência do irmão na Indochina, ele mesmo vai herdar o título da família. O irmão

mais velho está vivendo como um nativo, pelo visto, e se recusa a voltar para a França. Ele é a ovelha negra da família, segundo consta.

Isabelle olha para a mãe cautelosamente.

— O que o futuro dele tem a ver comigo? — e retira a mão do aperto dela.

A condessa olha de relance para mim e então atentamente para a filha.

— Isabelle, Xavier de Rochefort pediu sua mão em casamento.

Os tiros na rua rompem o silêncio. Vários disparos solitários começam a aumentar, e o volume cresce como uma salva de palmas. O mundo está aprovando o casamento. Devo dizer algo. Tenho de me manifestar, mas as palavras estão presas na minha garganta.

Isabelle tem uma expressão de choque e confusão no rosto, e a repulsa que sinto ao pensar em sua união brota como um suor frio que corre do alto da cabeça e desce pela nuca. A condessa continua:

— E isso não poderia chegar em momento melhor, porque desvia a atenção das fofocas da sociedade de sua ligação com o duque.

Os tiros continuam.

A expressão da condessa é de arrebatamento pela conquista de uma caça.

— O seu pai e eu estamos encantados.

Isabelle encontra sua voz.

— Não! — Ela soa feroz. — Mãe, isso é impossível. Eu mal o conheço. E por que, em nome de Deus, ele fez o pedido para você e para o papai antes de fazer para mim?

— Isabelle, acalme-se, *ma fille*. Você não precisa decidir já. — A condessa dá uma risadinha para aliviar o ambiente. Seus estratagemas são claros, e ela se recosta na cadeira. — Mas, é óbvio, essa pode ser a melhor oferta que você pode esperar conseguir. Talvez a única. — E segue em silêncio, para deixar que o significado de seu aviso seja compreendido.

Imagino os pássaros no campo. As armas devem soar como tiros de canhão.

Isabelle está quieta.

— Não vou ouvir nem mais uma palavra de você agora — diz a condessa, inclinando-se para frente e tocando o rosto da filha carinhosamente. — Vão dar um passeio, você e Maude. Não vou interferir.

A condessa se levanta e olha diretamente para mim.

Eu quero falar e contar para elas o que vi na noite passada, mas tenho muito medo da condessa. Seu olhar me transforma em pedra, e não digo nada.

Só quando a porta se fecha atrás dela eu começo a respirar de novo. Minha mente está a mil. O que devo fazer? Isabelle se levanta, devolve o livro para o lugar correto na prateleira e diz:

— Vamos dar uma caminhada. Pegue seu manto.



Encontramos uma luz pálida de inverno e o chão congelado em nosso passeio pela propriedade. Os tiros cessaram, e o grupo deve estar voltando para o *château* para almoçar.

Não falamos nada por algum tempo. Estou aliviada, porque não faço ideia do que dizer. De um lado, meu trabalho atual, meu futuro promissor e uma condessa poderosa. Do outro, uma amiga e um noivo apavorante. Para que destino estou jogando Isabelle se eu obedecer à vontade da condessa, empurrando-a para um “sim”? Isso se ela chegar a me ouvir. Se Isabelle aceitar, ficará como uma escrava em uma mansão, com um devasso bêbado que se aproveita de criadas. E que outras verdades se escondem por trás dessa fachada encantadora dele? Não consigo deixar de pensar na história de Marie-Josée sobre seus tempos de criada.

Isabelle é a primeira a quebrar o silêncio.

— *Monsieur* de Rochefort flerta com todo mundo. Eu não achei que ele seria estúpido a ponto de me escolher. — Ela enfia as mãos nos bolsos do casacão de pele. — Embora eu seja a filha de um conde, então imagino que ele só esteja sendo pragmático.

Ao terminarmos de percorrer os jardins, continuamos por um caminho em meio às árvores. As árvores secas formam um padrão treliçado contra o céu que me faz lembrar da Torre Eiffel.

— Que tipo de pessoa você acha que ele é? — pergunto a ela, mas tudo que consigo pensar é: *Sou uma covarde. Isso é o mais próximo que vou passar da verdade?*

— Suficientemente agradável, um pouco arrogante e facilmente entediado. — Ela chuta o chão duro. — Isso basta para dizer não? — Ri sem graça.

— Achei que sua resposta fosse um não definitivo.

Seus olhos encontram os meus.

— É claro que minha resposta é não. — Sua voz é estridente. — Foi isso o que eu disse para a minha mãe, não foi? É só... — Ela não termina seu pensamento e suspira. — Estive pensando sobre o que você disse na biblioteca ontem. Talvez eu *seja* ingênua de pensar que se eu passar em uma prova posso mudar o meu futuro.

Sinto um soco no estômago de culpa. Minhas palavras traidoras penetraram em sua mente e minaram sua confiança. Isabelle segue em frente.

— E se eu não passar? Como você disse, será que vou terminar como uma criança que mora na casa dos pais para sempre?

É como se ela fosse uma boneca, colocada em uma caixa para ser vendida. Suas decisões estão sendo tomadas por outras pessoas; seu futuro está nas mãos de outras pessoas. Olho para Isabelle e pela primeira vez vejo a mim mesma.

— Você realmente pensa na possibilidade de aceitar se casar com ele? — Estou pasma com o abalo de suas convicções e assombrada de saber que tive

influência nisso.

Ela balança a cabeça.

— Não acredito que estou considerando a hipótese. — Ela está começando a soar desesperada. — Você provavelmente acha que eu devia aceitar. — Isabelle sorri ligeiramente para mim. — Para uma pessoa com coração de artista, você pode ser terrivelmente prática às vezes.

Eu olho para o chão. A cada passo minhas botas rompem as camadas finas de gelo que cobrem folhas e galhos caídos. Penso em tudo que Isabelle me ensinou: as técnicas de fotografia, seu conhecimento de arquitetura, sua paixão e sua garra. Meu mundo se abriu por causa dela.

— Acho que é a coisa certa para uma garota como eu fazer — ela continua, resignada.

Não importa quanto isso custe para mim; se houver a menor chance de ela ir em frente com esse casamento, tenho que contar o que sei. Ela é minha amiga.

Paro de caminhar e me viro para ela.

— Você não pode se casar com ele — digo. Minha voz é clara, e estou determinada em minha decisão.

Ela parece surpresa, pois não estava esperando por isso.

— Descobri uma coisa sobre Xavier de Rochefort que você precisa saber.

Um corvo grasna na nossa direção do alto de uma árvore, e os olhos escuros de Isabelle se arregalam.

— Conte-me. — Ela espera que eu fale.

— Eu o vi agarrando uma criada à força.

Seu rosto se contorce de nojo.

— Quando?

— Na noite passada, depois que você foi dormir. Eu ouvi um barulho na escada dos empregados.

Isabelle absorve a notícia.

— Mas não estava escuro? Você tem certeza?

— Absoluta. Eu vi o rosto dele na luz do luar, claro como o dia. Eu não sei quem era a criada, porque ela escapou. Daquela vez, pelo menos.

Nossa respiração condensa à nossa volta no ar frio e continuamos caminhando.

— Por que você não nos contou na biblioteca?

Não consigo encará-la para responder a essa pergunta. Isabelle nos trouxe até o maior obstáculo: sua mãe.

— Eu não sabia como a sua mãe iria reagir e tive medo de me encrencar. Por que ela aceitaria a minha palavra contra a de alguém importante como Xavier de Rochefort? Tenho vergonha de dizer, mas eu estava preocupada comigo mesma.

— Bem, você me contou agora, então não importa. De certa maneira, só preciso disso para enfrentar minha mãe. Tenho certeza de que, na hora em que lhe contarmos isso, ela vai acabar com esse arranjo. E vai ficar furiosa, é claro. Afinal, é mais um plano frustrado.

Pilhas de folhas caídas bloqueiam nosso caminho e paramos.

— Até a próxima vez — digo. — Sua mãe vai encontrar outra pessoa para casar com você, e então o que vai acontecer? — Posso ouvir a desesperança em minha própria voz. — Esse será o segundo noivado que não deu certo. Ela pode ficar desesperada, e então quem vai saber que tipo de pessoa vai arranjar para ser o candidato número três?

Ela balança a cabeça.

— O que eu faço?

— Diga a ela o que você quer, conte sobre seus planos para a universidade.

— Agora? — ela pergunta. — Antes de saber se vou ser aceita?

Concordo com a cabeça, consciente de que estou indo contra meus interesses. Estou assinando minha demissão e acabando com o futuro que me haviam acenado no sul da França, é claro, mas não tenho escolha. Ainda que nossa amizade tenha começado com uma mentira, Isabelle se tornou uma amiga de verdade.

— Isabelle. — Eu a olho nos olhos. — Acredito em você e nos seus sonhos. Você pode estudar, construir uma carreira e se sustentar com o tempo. Eu sei que você pode.

Isabelle anui lentamente à medida que seu próximo passo vai se tornando claro.

— Enfrentar minha mãe e confessar tudo — ela reflete em voz alta, com os olhos brilhando intensamente. Então segura minha mão. — Você vem comigo?

Isabelle não faz ideia do que está me pedindo. Depois disso, posso imaginar a condessa me mandando passear assim que voltarmos a Paris e a porta da agência sendo batida na minha cara tão logo Durandeu fique sabendo de tudo. Posso ver meu futuro por um fio. Minha resolução vacila, e eu aperto a mão de Isabelle.

— É claro que sim.

Ela solta um grito de alegria, então me abraça apertado.

Voltamos de braços dados pelo caminho em meio às árvores. A temperatura vai caindo aos poucos, e o céu da tarde brilha fraco com a promessa de neve. Contra o branco, a sombra do *château* paira ao longe, e tento controlar o pânico crescente. Não consigo imaginar a reação da condessa à decisão de Isabelle.



Encontramos a condessa cochilando em seu quarto.

Sentada em uma poltrona, enrolada em um xale de casimira, ela abre os olhos, pisca por um momento, então estende os braços para Isabelle.

— Bem, querida. Você tomou uma decisão? Esse vai ser um dia emocionante para sua querida *maman*.

Nós ensaiamos o que Isabelle diria para a condessa voltando pelo caminho do jardim. Isabelle não se mexe na direção de sua mãe e mantém os braços presos ao longo do corpo enquanto recita sua resposta.

— Mãe, eu me recuso a me casar com Xavier de Rochefort. Ele arranjou isso com você como se estivesse discutindo um negócio.

A expressão da condessa é de perplexidade, e ela deixa cair os braços estendidos no colo.

— Ora, é mesmo? — ela diz, com o carinho se esvaziando na voz. Ela se vira para a mesinha ao lado e abre uma cigareira de prata.

— E não é só isso. Maude e eu descobrimos algumas informações perturbadoras sobre Xavier — diz Isabelle.

A condessa acende um cigarro e assopra a fumaça acima da cabeça.

Agora é minha vez. Minhas mãos estão tão fechadas que posso sentir as unhas cravando nas palmas.

— Condessa, se a senhora deixar esse casamento ir em frente, estará jogando sua filha para o pior tipo de homem: uma pessoa que agarra à força uma camareira indefesa.

— Que bobagem! — Ela me encara por um momento, surpresa com minha traição. — Do que você está falando, *mademoiselle* Pichon? — Sua expressão passa a ser de raiva, e faço o melhor para não me encolher.

Isabelle interfere.

— É verdade. Maude viu com seus próprios olhos.

A condessa ri.

— Vocês estão falando do futuro visconde de Rochefort. — Ela está tentando demonstrar indiferença, mas eu sei que está bastante irritada. Então se levanta e tira o xale, com o cigarro na mão. — Presumindo que seja verdade, você toma a palavra de uma *empregada* como o evangelho? — Ela me lança um olhar, e sei que quer dizer que *eu* sou a empregada.

Ela se senta à penteadeira.

— Não seja ingênua, Isabelle. Os homens são assim mesmo. E, além disso, ele não agarrou *você* à força. Isso seria imperdoável. Não creio que essa história tenha importância. O que é uma camareira para nós? — Ela dá uma última tragada no cigarro e o apaga no cinzeiro.

Isabelle e eu trocamos um olhar. O tom desdenhoso da condessa é odioso. Ela dá uma risadinha para si mesma.

— Pelo menos sabemos que ele não compartilha dos mesmos gostos que Montesquiou. Ele teria sido pego com um criado. — A condessa belisca as

faces para lhes dar alguma cor. — A garota provavelmente se sentiu sortuda por atrair alguém tão importante quanto o filho do visconde. Isso vai lhe dar algo para fofocar lá embaixo.

Ela abre um frasco de perfume e passa um pouco no pescoço e atrás das orelhas.

— O que me incomoda é que ela não tenha sido discreta. Pelo menos foi só a Maude que ficou sabendo.

É claro, eu penso. Afinal, quem eu sou? Uma pessoa sem nenhuma importância.

— A decisão já foi tomada, Isabelle. — Ela se vira para nos encarar, com a expressão séria. — Você vai se casar com *monsieur* de Rochefort.

— Não vou. — Isabelle não cede. — Você não pode me forçar a me casar. Eu tenho outros planos.

A condessa se levanta e caminha na nossa direção. Isabelle acendeu um fogo nos olhos da mãe.

— Outros planos? Existe um futuro para você, e ele já foi arquitetado.

Ela cheira a tabaco rançoso misturado com perfume. Tudo que consigo pensar é que *ela* é a *repoussoir*. Ela me causa repulsa.

Como se a condessa pudesse ler meus pensamentos, vira a atenção para mim.

— Agora, Maude, já que você está tão prestativa e cheia de revelações esta tarde, por que não conta a Isabelle quem você realmente é?

Uma onda de terror passa sobre mim.

— Vá em frente, eu não me importo; você serviu ao seu propósito, o pouco que fez. — Ela cruza os braços e me observa, deleitando-se com a maneira como o jogo virou. — Afinal de contas, o noivado vai acontecer.

Abro a boca para falar, mas não há nada que eu possa dizer. Suplico para ela em silêncio. Sim, estou disposta a sacrificar meu emprego se isso ajudar a

salvar Isabelle de um casamento desastroso. Eu esperava que a condessa fizesse picadinho de mim quando ficasse sozinha comigo, mas contar a Isabelle a verdade, revelar seu próprio jogo — eu jamais poderia prever tamanha crueldade.

— Mãe, do que você está falando? — Isabelle olha da mãe para mim, pasma.

A condessa inclina a cabeça para o lado divertidamente. Sua frieza me aterroriza. Ela tem tanto controle que sua ira não cresce furiosamente, mas queima com a intensidade de um atizador incandescente.

— Você não sabia que a sua amiguinha trabalha para mim?

Com isso, meu mundo acabou. Quero gritar. Não acredito que isso possa estar acontecendo.

A condessa se dirige a mim:

— O que você estava pensando? Que poderia me trair e encher a cabeça da minha filha de ideias perigosas? Você foi paga para fazer um trabalho.

Estou atordoada; é a mesma sensação de encarar uma ventania e sentir que ela está lhe roubando o fôlego. Isabelle a interrompe.

— Não compreendo. Do que você está falando? — ela pergunta, afastando-se de mim.

A condessa ignora a pergunta da filha.

— Francamente, no começo eu só queria uma garota sem graça para fazer minha filha se sobressair. Se você não tivesse se tornado uma confidente para ela, a oportunidade de se tornar minha informante não teria surgido. Você abriu o caminho para influenciar Isabelle e assumiu isso de maneira muito natural, me obedecendo sem nenhum esforço. Isso tudo é resultado das suas ações.

Ela sorri do mesmo jeito afetado e convencido que naquele primeiro dia de minha entrevista no salão.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? — pergunta Isabelle em voz alta.

A condessa olha para a filha.

— Isabelle, querida, Maude é o que chamamos de *repoussoir*, uma folheta, uma garota comum contratada para tornar você mais bonita. Achei que você precisava de toda a ajuda possível nesta temporada.

— O quê? — Isabelle suspira a palavra, mal dando para ouvi-la. Seu rosto se dissolve em perplexidade. Nada disso faz sentido para ela.

A condessa não se deixa afetar.

— Depois ela se tornou minha espiã. Você é tão reservada, e eu sou apenas uma mãe preocupada tentando ajudar a filha.

Sua irresponsabilidade com os sentimentos de Isabelle é o que finalmente faz com que minha raiva estoure.

— Por que você finge se importar com Isabelle? — minha voz sai aguda e trêmula. — Está realmente preocupada com o futuro dela? Ou o seu interesse na temporada dela é a chance de vivê-la novamente para si? — Dou um passo na direção da condessa. Minhas pernas estão moles e sinto uma fraqueza por dentro, mas me forço a dizer o que penso. — Você inveja a sua filha. Ela tem juventude, beleza e toda uma vida para viver. Você já fez suas escolhas e se sente miserável com isso.

Chegar a esse ponto de raiva me dá vontade de chorar, mas eu me seguro. A condessa ri, zombando de mim.

— Você não passa de sujeira das ruas, desesperada por um bocado do que eu tenho. Você é realmente uma criaturinha repelente.

Isabelle gagueja.

— Po-por quê? Por que você fez isso comigo?

Eu me viro para ela. Isabelle encara a mãe com horror e então olha para mim, com o rosto tenso de uma maneira que nunca vi antes.

A condessa responde calmamente:

— A sua primeira temporada é a única que importa. Outras garotas de sua idade ficam realmente doidas com a ideia de encontrar um marido. Eu não poderia deixar você jogar isso fora. Maude era para ser um acessório, como as joias da vovó ou um vestido novo. Algo para fazer você se sobressair e brilhar como uma Dubern. Então eu vi como vocês duas se deram bem e pareceu apenas uma questão de bom senso manter controle sobre você.

Meu coração se revira no peito com as palavras da condessa, como se ela tivesse conseguido enfiar suas garras dentro de mim e as fechado em meu coração. Ela alega que foi minha culpa, e talvez tenha sido. Ela descobriu minha fraqueza, minha necessidade de fazer amizade e ser aceita. Eu era a marionete dela, e me superei em ser manipulada e então manipular.

Isabelle olha para mim com o rosto magoado.

— Maude, diga que não é verdade!

Eu a olho nos olhos. A mentira está na ponta dos lábios, mas não consigo dizê-la.

— É verdade.



Fechada em meu quarto no *château*, olho para fora, para a neve caindo em flocos pesados, grossos e exuberantes como pétalas de peônia do céu. A neve tem caído assim há horas. Se eu sáísse na noite fria e olhasse para cima, talvez visse um monte de empregados inclinados para fora das janelas do andar de cima, espalhando punhados de pétalas de cestos, apenas para o nosso prazer. Após tudo o que eu vi dessa vida dourada, não me surpreenderia se os ricos pudessem controlar o tempo também.

A criada está arrumando o meu baú. Todas as minhas roupas e joias, incluindo o bracelete que ganhei, devem ser enviadas para o quarto da condessa. Ela coloca todos os vestidos sobre a cama e os dobra com capricho. Deveria ser perturbador ver meu precioso guarda-roupa ser tirado de mim, mas as roupas não parecem tão importantes agora que meu futuro é mais negro que a noite.

— Você sabe de alguma coisa? Elas falaram de mim lá embaixo? — pergunto à criada.

Ela ergue o olhar sem jeito; deve ter sido instruída a não dizer nada.

— Por favor — eu a pressiono. — Eu preciso saber.

— Bem... — ela suspira, alisando um vestido para noite de veludo azul sobre a cama. — A condessa disse que descobriu que você não era sobrinha da *madame Vary* no fim das contas. Ela está dizendo que você é uma farsante, uma golpista que tenta enganar pessoas ricas.

— É claro — eu digo, sentando-me na cama ao lado das pilhas de roupas. Ela quer me destruir completamente.

A criada para de arrumar o baú e olha para mim.

— A condessa disse que está abalada desde que descobriu isso. Ela alega que não queria aborrecer a filha.

Balanço a cabeça.

— Que teatro.

Ela está levando sua encenação ao extremo.

A criada continua:

— Disse que ela teve de agir quando suspeitou que você estava tentando envenenar *mademoiselle* Isabelle contra a família e arruinar as chances de casamento da senhorita.

Ela coloca as roupas entre camadas de papel de seda.

— Você acredita nela? — pergunto.

Ela dá uma risadinha.

— Na verdade, não. Ela pode dizer o que quiser contra você.

A criada está certa.

— Eu a ouvi dando instruções para os empregados que você deve ser posta para fora do *château* assim que nascer o sol. Você vai receber o uniforme de uma empregada para usar. Eles dizem que você roubou todas essas roupas finas das pessoas que vem enganando por aí.

Ela fecha o baú e olha para mim através dos cílios claros.

— Isso não é verdade, é, *mademoiselle*?

Eu não respondo. Sou uma fraude. Enganei Isabelle e tentei destruir seus sonhos.

— E Isabelle? — pergunto. Não consigo imaginar o que ela deve pensar de mim agora.

— Eles anunciaram o noivado dela com o *monsieur* de Rochefort hoje à noite no jantar. Agora mesmo eles estão lá embaixo celebrando. O laçao disse que *mademoiselle* Isabelle não parecia muito feliz, não como uma futura noiva tímida.

Balanço a cabeça. A condessa foi calculista em revelar minha identidade. Ela usou o choque de minha traição para derrubar as defesas de Isabelle. Se eu pudesse explicar para Isabelle que considerava nossa amizade verdadeira e que no fim só estava tentando protegê-la...

— Obrigada — digo. — Por compartilhar isso comigo. Eu sei que você não precisava.

Ela deixa o quarto e momentos mais tarde volta com um laçao corpulento. Eu observo enquanto eles carregam meus pertences. Tudo o que sobra é a camisola sobre as minhas costas. Alguns minutos depois, a criada volta.

— Desculpe, *mademoiselle* Pichon, mas fui instruída a trancá-la dentro do quarto esta noite. — Ela desvia o olhar, constrangida por ser a pessoa a dar essa notícia. — Alguém a soltará de manhã, e então acho que terá de se virar sozinha.

Eu anuo. É claro, não devo merecer a confiança de ninguém.

— Qual o seu nome? — pergunto a ela.

Ela olha para mim, surpresa pela pergunta.

— Sophie.

— *Merci*, Sophie — digo, com toda a bondade possível.

Antes de fechar a porta, ela atravessa o quarto apressada e me dá um rápido abraço.

— *Bonne chance, mademoiselle.*

Após ouvir a chave virar na fechadura e saber que estou sozinha, desabo a chorar.



Sou uma mancha suja em um cobertor branco.

A carruagem que deveria me levar até a estação de trem ficou presa na neve assim que deixou a parte do acesso ao castelo que havia sido limpa. A condessa não poderia ter planejado de maneira mais perfeita. Com as estradas intransitáveis, o cocheiro meramente deu de ombros. O que ele podia fazer, o que importava? — eu era uma criminosa, uma golpista aos olhos de todos. Tenho certeza de que ele se perguntou por que eu não estava sendo presa em vez de levada até a estação de trem com dinheiro suficiente para uma passagem para Paris. Fui forçada a descer da carruagem e ir embora do *château* a pé, valendo-me da alameda como única pista quanto à direção do longo caminho a seguir.

Não tenho bagagem, já que a condessa tomou o baú, e Sophie não estava mentindo sobre as roupas de empregada. Quando uma camareira abriu minha porta de manhã, trouxe para mim um uniforme de copeira: um vestido de

algodão fino, meias de lã, botas grandes demais para mim e um manto de lã comido pelas traças.

Marie-Josée estava absolutamente certa: eles tiraram minhas roupas e me jogaram na rua, e em uma tempestade de neve ainda por cima. À medida que avanço com dificuldade pela neve, ocorre-me que, se as estradas estão bloqueadas, os trens não estarão funcionando também. Mas sigo em frente, apesar do frio cortante: para onde mais eu poderia ir?

Com tudo coberto de branco, os galhos escuros irregulares e os rastros quase imperceptíveis de animais são a única distração da monotonia. Sinto como se estivesse caminhando no vazio. Não tenho nada agora. Perdi uma amiga de verdade, Isabelle, e afastei outra, Marie-Josée. E Paul — como o tratei de forma errada. Por que eu não lhe contei a verdade?

Eu sigo caminhando. Meus pés estão ficando dormentes, e meu estômago está vazio. Finalmente, saio da alameda do *château* e entro na estrada principal para a cidade. A neve não está profunda aqui. Penso no que está me esperando em Paris. Eu serei demitida da agência em desgraça. Tenho algumas economias, mas não muito — o costume da boa vida com os Dubern me fez viver de um jeito que estava acima das minhas posses em meus dias de folga. Esbanjei os salários em roupas e outros presentes para mim. Meu futuro parece tão desolado quanto este campo coberto de neve.

O céu está clareando e o sol está tentando romper através da cortina de nuvens. Isso me faz pensar na brancura do papel de fotografia e na imagem de um rosto aparecendo. A revelação da fotografia ficou comigo. Aquilo foi real.

Um galho se quebra e tomo um susto, até que me dou conta de que é apenas um pássaro em uma árvore. Quando passo ao seu lado, ele alça voo. O bater de suas asas lembra lençóis ao vento em um varal.

“Nada como a sensação de lençóis limpos, Maude Madeleine”, disse-me certa vez minha mãe, em um dia ventoso em que ela estava pendurando as

roupas que tinha acabado de lavar. Eu colocava os prendedores enquanto ela lutava com os lençóis e toalhas. Suas mãos estavam frias e vermelhas por causa da escovação. Ela abriu um largo sorriso para mim. “É como estar embrulhada pela primavera.” Os lençóis tremulavam em torno dela como velas, bloqueando o raio de sol em seu rosto.

Sua imagem desaparece no branco.

Levo aproximadamente uma hora, congelada até os ossos e com as roupas úmidas, para chegar ao que imagino ser a parede de pedra da estação ferroviária. Paro na entrada e forço o portão de ferro batido preso em um monte de neve. O pequeno chalé do chefe da estação parece fechado, mas uma lufada de fumaça na chaminé me diz que ele está lá dentro. Bato na porta e espero até ele finalmente aparecer, confuso, pois não esperava ninguém nesta nevasca. Ele me vende um bilhete para Paris e me deixa na sala de espera, onde sou a única passageira. Levará várias horas até que a neve derreta dos trilhos e os trens comecem a andar novamente. É um longo tempo para refletir sobre os erros que cometi e contemplar um futuro incerto.



Cheguei de volta a Paris no sábado já bem à noite. Hoje é domingo, portanto não preciso enfrentar Durandeu e o resto da agência até amanhã. Eu me tranco no meu quarto no sótão e fecho as cortinas, sem vontade alguma de sair na rua. Fico na cama, da maneira mais imóvel possível, sem querer me mexer ou sentir, com uma sensação de vazio por dentro. Eu poderia desabar dentro de mim. Não estou doente, não estou nas últimas, mas fico o mais imóvel que consigo para ver como a morte se pareceria, como seria me tornar invisível e sumir. Não quero ocupar espaço ou um lugar no mundo; quero desaparecer tranquilamente.

A moldura podre da janela deixa passar uma corrente de ar que empurra as cortinas, fazendo-as tremer na brisa. A luz do sol forma desenhos que se movimentam e depois desaparecem na parede, perto da cama — um jogo de sombras. Será que eu poderia capturar isso com minha câmera? Com outra onda de tristeza, percebo que não faz sentido mexer com fotografias agora. Vou precisar de cada franco para morar e comer. Portanto, nada de chapas e produtos químicos. Fecho os olhos para a beleza e caio em um sono agitado.



Quando acordo na segunda-feira, sei que preciso retornar à agência, apesar de cada célula do meu corpo recuar a esse simples pensamento. Minhas roupas ainda estão no quarto de vestir da agência, sem mencionar o pagamento da semana passada, que é o mais importante para mim agora.

Reúno forças e me apronto, sentindo o tempo inteiro como se estivesse indo para um funeral. A rota para o trabalho é familiar: o bonde sobre o rio, depois uma caminhada pela Avenue de L'Opéra. Mas dessa vez parece pior que meu primeiro dia de trabalho, pior que o primeiro dia em que encontrei Isabelle. Caminhando pelo longo corredor até o quarto de vestir, arrependo-me de todas as vezes que escolhi manter o guarda-roupa Dubern e me exibir pelas salas da agência para que todos me vissem. Eu gostava de me sentir melhor que as outras garotas. Agora dei uma reviravolta. Quero voltar a ser a garota sem graça, anônima, com a bainha encardida, que chegou para a entrevista meses atrás.

Todas devem ter ficado sabendo do meu fracasso esmagador com os Dubern. Certamente a condessa já enviou uma comunicação para Durandeu explicando o término do contrato, assim como sua fúria e seu desejo de ter o resto das roupas devolvidas. A cliente favorita de Durandeu, sua entrada na

aristocracia. Essas palavras não me saem da cabeça até que finalmente me vejo diante da pergunta que venho tentando evitar: como ele vai me punir?

Abro a porta do quarto de vestir. Por um momento, quando sou recebida pela cena familiar e pelos rostos amigáveis, sinto uma onda de alívio, mas dura pouco. Entro no quarto, vou até minha penteadeira, e, uma a uma, as garotas param de conversar e simplesmente me encaram. É quando eu sei que a notícia de minha demissão chegou aos ouvidos de todas elas.

E lá está Cécile, parada triunfantemente no centro do palco. O resto da companhia de *repoussoirs*, incluindo Marie-Josée, está ali presente, esperando que eu fale. Tiro o chapéu e me sento à penteadeira. Vou poupar Cécile do trabalho de perguntar.

— A condessa me despediu — digo, olhando direto para meu reflexo no espelho, sem me virar.

— Nós sabemos disso, Maude. Mas por quê? — Eu vejo Cécile no espelho, apressando-se na minha direção, alegre e faminta por detalhes.

— Eu não fiz o que me pediram para fazer — respondo simplesmente. — Isso basicamente pôs fim ao meu contrato.

Cécile não estava esperando uma resposta tão vaga.

— Isso é tudo? Mas o que você fez?

Penso em Marie-Josée me persuadindo a compartilhar os detalhes com as garotas sobre minhas experiências com a aristocracia. “Dê alguma atenção a essas garotas”, ela disse.

Hoje não, penso. Deixe que elas inventem as piores histórias a meu respeito. Não me importo.

Eu me viro para olhar para elas e examino cada rosto: minhas colegas estão me julgando. Algumas demonstram pena, outras desdém. Não me importo com nenhuma delas, apenas com Marie-Josée. Encontro seu rosto corado e tento cruzar o olhar com o seu, mas ela responde ao meu pedido de amizade

com uma expressão vazia. Não há a antiga centelha familiar nem o carinho. Não a culpo. Eu a tratei de maneira imperdoável.

Alguém bate à porta e surge o belo rosto de Laurent, mas hoje ele parece sério, para variar.

Eu sei por que ele está aqui.

— Me deixe adivinhar — eu digo. — *Monsieur* Durandeu gostaria de me ver em seu gabinete?

Laurent concorda com a cabeça.



Para minha surpresa, ainda sou empregada da Agência Durandeu. Fevereiro, frio e nublado, passou voando. Agora é março, marcado por chuvas fortes e um sol ocasional. A primavera está chegando, mas meu humor ainda está no inverno. Estou deprimida e indiferente. Procuo refúgio no quarto e observo a luz do sol bruxulear através de uma vidraça encharcada. Às vezes passeio pelas ruas e termino às margens do Sena, que é o mais próximo que chego de uma experiência na praia dentro da cidade.

Enquanto estou parada com minhas colegas no salão para a seleção de uma cliente, lembro a longa e irada diatribe de Durandeu.

— Eu sabia que você me traria problemas quando apareceu para a entrevista. Recusando o trabalho em primeiro lugar, então voltando semanas mais tarde com o rabo entre as pernas. Sua miserável abandonada, você não seria nada sem esta agência.

Durandeu costumava me intimidar, mas, depois da condessa, eu sabia que havia enfrentado meus piores temores. Ele podia gritar e me chamar do que

quisesse, que eu continuaria indiferente.

— Sua garota vil, tratando o apoio da condessa com tamanha desonestidade. Nossa cliente mais importante, e tudo o que você precisava fazer era obedecer às suas instruções.

Ele pontuava isso acenando uma carta da condessa no meu rosto, que continha um relato exagerado e enganador dos meus pecados. Eu me sentia anestesiada e não disse nada, pois sabia que qualquer pronunciamento de minha parte seria contra-atacado e só prolongaria a dura repreensão. Quando ele chegaria logo ao ponto e me despediria?

— Você sabe quanto custou à agência em comissões perdidas? Quando você fechou o contrato Dubern, eu fiz uma estimativa de quanto dinheiro esperar. Agora, por causa de sua demissão prematura, a agência teve uma perda de centenas de francos.

É agora.

— *Mademoiselle* Pichon, por mais que isso me deixe doente, vou mantê-la na agência para recuperar o prejuízo.

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Sua ganância havia vencido a ira. Como uma *repoussoir* altamente treinada, eu ainda era capaz de fazer dinheiro para a agência em uma época que os negócios estavam em alta.

— É claro, você só poderá trabalhar com clientes menos importantes, nenhuma aristocrata. Com sua má-educação e seus modos ordinários, você deixou claro que não serve para esse tipo de companhia.



Então aqui estou, parada mais uma vez com as outras, congelada como uma estátua enquanto uma cliente olha o estoque. Agora mantenho distância das

outras garotas; não as procuro para jogar conversa fora como costumava fazer. Cécile está absolutamente exultante sempre que nos cruzamos.

Mas Marie-Josée está sofrendo com nosso desentendimento, eu sinto isso. Tenho certeza de que, se eu me aproximasse dela com uma desculpa, sua dureza atípica se desfaria, mas sinto tanta vergonha de mim mesma que não tenho coragem de falar com ela. Sinto que ser excluída por toda a agência é o que eu mereço. Quando as garotas se reúnem no quarto de vestir, tomo meu chá no canto e fico em silêncio — segurar uma xícara fumegante com as duas mãos é o mais perto que chego do calor e do bem-estar ultimamente.

Após a seleção da cliente, é hora do almoço. Evito a sala de jantar e almoço longe da agência. Enquanto caminho pela Avenue de L'Opéra, me pergunto quanto tempo eu conseguiria me sustentar se fosse despedida, uma ameaça que paira sobre mim como uma nuvem. Não sei quando Durandeu vai considerar minha dívida com a agência completamente paga. Após separar algum dinheiro para a passagem de trem para casa, o resto das minhas economias não me manteria aqui além do verão. Qualquer dia na agência parece o último. Vivo com medo e, em segredo, espero o pior. Pelo menos se eu for despedida, a experiência de viver em Paris estará concluída. Será que meu pai me aceitará de volta? Será que a cidade inteira vai saber que eu fracassei tão espetacularmente com meus grandes sonhos?

Durante os dias iniciais de trabalho para os Dubern, imaginei que deixaria a agência por livre e espontânea vontade e encontraria trabalho no setor de serviços, como criada, ou talvez uma dessas lojas finas me contratasse, se eu me apresentasse como uma garota bem-vestida com carta de referência.

Mas, agora, presumo que eu seja infame por toda Paris como uma golpista ou uma ladra qualquer, cortesia da condessa e do seu círculo. Eu temia que pudesse haver até uma denúncia na polícia a meu respeito se a condessa decidisse levar sua encenação adiante. Não me surpreenderia. Não tenho como

escapar da realidade — se eu for dispensada da agência, não terei escolha a não ser voltar para a casa de meu pai.



Tenho chegado para trabalhar cedo ultimamente. São oito e pouco da manhã quando entro no quarto de vestir. Sou a única aqui. Eu gosto de me trocar rapidamente e encontrar um espaço tranquilo para ficar sozinha antes que o dia de trabalho comece. Voltei a usar os trajés tradicionais da agência, tendo meu belo guarda-roupa há muito sido empacotado e enviado de volta para a condessa. Leroux ficou encantada com a reviravolta ocorrida. Hoje finalmente eu trouxe de volta o manto de pele que roubei; não há dúvida de que terei mais problemas ainda quando contar a Girard o que fiz. Pensei em vendê-la e ficar com o dinheiro, mas não consegui suportar a ideia de lucrar com qualquer coisa ligada à condessa Dubern. Eu o penduro ao lado de meu casaco, e agora, quando toco a pele suave, só consigo pensar no pobre animal sacrificado.

Estou colocando o vestido da agência quando ouço passos no corredor. Eu me viro e vejo Marie-Josée chegando. Sinto um aperto no peito. Não quero ter de falar com ela. Marie-Josée larga sua habitual caixa de guloseimas da padaria e tira o casaco e o chapéu. Eu me concentro em abotoar o vestido para não precisar olhar para frente.

Ouçó a caixa sendo aberta e sinto o cheiro dos folhados. Olho de canto para ver qual delícia ela trouxe hoje — *pain au chocolat* fresquinho. Marie-Josée me pega olhando.

— Quer um?

Cruzo com seu olhar pelo que parece ser a primeira vez em semanas. Quero dizer que sinto muito, que me sinto terrível, que gostaria de poder

voltar atrás e corrigir meu comportamento condenável. Ela foi minha primeira amiga em Paris — uma boa amiga. E eu a abandonei sem nenhum arrependimento. Ela estende as guloseimas num sinal de paz.

— *Merci*, Marie-Josée. — Obrigada por ser uma verdadeira amiga para mim, é o que quero dizer; obrigada por me avisar sobre os Dubern, por tentar me impedir de me aproximar demais de uma cliente. Eu me sento e dou uma pequena mordida no folheado, mas então largo o prato. Eu preciso falar. — Você estava certa, Marie-Josée.

Ela olha para meu rosto envergonhado com um ar generoso, e eu sigo em frente.

— Você me avisou e eu não ouvi.

Ela se aproxima lentamente e se senta pesadamente em uma cadeira ao meu lado. Então coloca a mão sobre a minha e dá um aperto de leve.

— Imagino que tenha sido fácil ser atraída por todo aquele brilho.

Ela perdoa facilmente, e isso abre a cancela para as lágrimas que brotam por trás de meus olhos.

— Sobreviver em Paris é mais difícil do que eu imaginava. A impressão que tenho é que parece menos uma fantasia e mais um pesadelo. Então, com os Dubern, primeiro eu fiquei com medo e intimidada, mas Isabelle tornou as coisas divertidas e eu gostava do meu tempo livre com ela. Eu vi e experimentei coisas que nem sequer poderia ter sonhado quando descii pela primeira vez do trem na Estação Montparnasse. Eu fui seduzida por tudo aquilo e parei de pensar por mim mesma.

— O que deu errado? — ela pergunta ternamente.

— Eu traí a condessa. Eu não queria ver Isabelle casada com um cafajeste. Falei o que pensava, porque achei que era isso que uma verdadeira amiga devia fazer. Eu não queria ser a *repoussoir* dela; queria ser amiga dela.

— E, depois de você ter feito isso, a bruxa decidiu puni-la contando toda a verdade? — ela pergunta com desprezo.

— É mais ou menos isso. — Eu não sinto vontade de entrar em detalhes ou vou começar a chorar de novo.

— E como a garota reagiu? — pergunta Marie-Josée. — Ela não ficou espantada com a mãe? Ela não viu que nada disso era culpa sua? Foi a mãe dela quem contratou você.

— Não me deixaram explicar. Eu fui praticamente separada de Isabelle e jogada para fora do *château* logo depois. — Aquela caminhada na neve foi um dos momentos mais solitários de minha vida. Ao lembrar disso, meus olhos ficam cheios de lágrimas de novo, mas resisto.

Marie-Josée balança a cabeça.

— Se você quer saber, de todos eles, você é a única que presta. E isso vale até para a filha.

Eu suspiro.

— Eu sei que você não aprova, Marie-Josée, mas Isabelle foi uma verdadeira amiga para mim.

Ela aperta minha mão.

— Espero que sejamos amigas de novo, Maude.

— Eu disse coisas terríveis para você, e estou verdadeiramente envergonhada — digo, olhando-a nos olhos e sentindo um poço de arrependimento que jamais vou conseguir preencher. — Onde eu estaria sem você?

Ela se inclina para frente e me beija no rosto.

— As pessoas já me disseram coisas piores.

É doloroso ouvi-la dizer isso. Como alguém poderia tratá-la mal? Então olho para baixo, para os cadarços das minhas botas, sabendo que eu fiz isso.

— Ora, ora, Durandeu está pagando você muito bem.

Eu me viro e a vejo olhando para o manto pendurado ao lado do meu casaco.

— Ele pertencia ao guarda-roupa da bruxa — digo, aliviada por ter um assunto mais fácil para conversar.

Marie-Josée me lança um olhar cúmplice.

— Aconteceu de ele se misturar com as suas roupas, não é? — Ela ri. — Bem, deixe-me experimentar. — E dá uma piscadela.

— Por favor — eu digo, agradecida por sermos amigas de novo.

Marie-Josée lança o manto sobre os ombros e se pavoneia pelo quarto de vestir.

— Muito bonito mesmo. Falando sério, pensei em pedir emprestado para sair uma noite dessas.

Eu faria qualquer coisa por Marie-Josée neste momento.

— Vá em frente. Fique com ele, não me importo. Faz um bom tempo que Leroux mandou meu guarda-roupa de volta para os Dubern e ninguém deu falta dele.

Marie-Josée joga o quadril para frente em uma pose.

— Não esqueça a cabeça se eu fizer isso.

O relógio na parede bate as horas. Como um sinal, a porta se abre e uma leva de garotas chega para o trabalho.

A conversa cresce enquanto tomamos o café da manhã. Eu me sento ao lado de Marie-Josée, e, quando as outras garotas notam a mudança em meu status, meu rótulo de excluída desaparece. Marie-Josée tira o casaco de pele e se abana com as mãos.

— Está abafado aqui dentro. Por favor, alguém abra a janela.

Eu vou até a janela de guilhotina, solto a tranca de metal e a escorrego para cima, deixando o ar fresco soprar para dentro.

— Talvez o inverno tenha finalmente ido embora por mais um ano, não é?
— diz Marie-Josée.

Eu me inclino contra a moldura da janela e espio lá fora, para o beco dos fundos e os telhados das casas. A brisa bate em meu rosto como um carinho e viro a cabeça para sua mão confortante. Fecho os olhos e inspiro profundamente. Ela está certa: a primavera chegou.

Laurent bate à porta do quarto de vestir e diz em voz alta:

— Nova cliente em dez minutos. Apressem-se, garotas. — Os momentos ociosos de conversa no quarto terminaram.

Enquanto saímos lentamente da saleta e entramos no salão, assumo meu lugar ao lado de Marie-Josée. Ficamos paradas juntas, resignadas e morrendo de tédio. As outras garotas estão indiferentes. Com a promessa de tempo quente, ninguém quer ficar trancada no salão da agência para uma cliente. E então, assim que Durandeu aparece, deixo escapar um grito sufocado. Eu jamais teria previsto quem estaria ao seu lado. Cutuco Marie-Josée com o cotovelo.

— O quê? — ela sussurra.

— É ela! — eu digo. — É Isabelle Dubern.



Posso sentir Marie-Josée se arrepiar com o nome.

Isabelle está parada ao lado de Durandeu na frente da lareira. Ela examina a sala até nossos olhares se cruzarem. Imediatamente estou de volta ao *château*, observando suas forças sumirem enquanto a condessa vocifera todas as revelações de nossa combinação e minha impotência para pará-la. Por que ela veio até aqui?

Durandeu a trata como outra cliente qualquer, e só posso acreditar que ele não faz ideia de quem ela seja. Isabelle perambula em meio às estátuas de *repoussoirs*, mas o tempo inteiro seus olhos estão fixos em mim. Eu sei para qual direção ela está indo e prendo a respiração, sem saber o que ela vai dizer. Durandeu faz suas sugestões detestáveis de sempre sobre qual de nós será mais adequada para ela. Isabelle o ignora e continua caminhando na minha direção.

— Eu não guardei o seu nome, *mademoiselle*... — diz Durandeu, caminhando apressado atrás dela.

— Eu não lhe dei — diz Isabelle. — Eu gosto de discrição.

Não consigo evitar um breve sorriso diante de sua compostura. Durandeu está notavelmente incomodado.

— Ora, é claro. Naturalmente — ele diz, mas eu sei que ele gosta de poder classificar com quem está falando.

Ela para diante de Marie-Josée e de mim. Durandeu imediatamente deita as garras sobre Marie-Josée.

— Sim, é uma boa escolha. Esta figura grotesca destacaria seus traços delicados.

Isabelle me encara e tento me comunicar silenciosamente com ela. *Não foi culpa minha. O que você está fazendo aqui?*

Ela ignora a sugestão de Durandeu.

— Eu quero esta aqui — diz, apontando para mim.

Durandeu tenta esconder a surpresa.

— Muito bem, *mademoiselle*. Faremos o possível para atendê-la.

— Ela está disponível agora? Eu gostaria dela por uma hora ou duas.

Isabelle é lacônica, como se Durandeu estivesse ali meramente para servir aos seus desejos. As narinas dele se dilatam ligeiramente.

— Ora, sim, isso pode ser arranjado. São cinco francos por hora, como eu disse.

Isabelle tira uma bolsa de couro de dinheiro.

— Vou acertar a conta imediatamente.

O queixo de Durandeu treme de entusiasmo. Dinheiro sempre o acalma.

— Excelente.

Ele toma os francos de Isabelle e então se vira para mim.

— Maude, pegue o casaco e o chapéu. Vá! — E me cutuca com o dedo gordo. — Não fique aí parada, corra!

Eu obedeço e saio apressada do salão. Quando volto do quarto de vestir, Durandeu e Isabelle estão parados no corredor.

— Posso dizer que *mademoiselle* tem um gosto refinado — ele diz para ela, tirando um cartão do bolso do paletó. — Eu adoraria servir às suas necessidades de uma *repoussoir* novamente, e, se *mademoiselle* quiser indicar nossos serviços para uma amiga...

— *Merci* — Isabelle o interrompe e se vira sem aceitar o cartão. Eu a sigo na direção da escada, deixando Durandeu parado no corredor, perplexo.



Desde que a condessa contou a Isabelle quem eu realmente sou, anseio por uma chance de explicar minha história a ela. Um cenário “e se” passou várias vezes pela minha cabeça, no qual a encontrava por acaso na rua ou em uma loja. Mas, após o choque de vê-la na agência e agora caminhar ao seu lado pela Avenue de L’Opéra, minha mente fica vazia.

— E então, como isso funciona? — ela pergunta. — Como faço para exibir meu complemento feio da melhor maneira possível? Quero fazer valer o meu dinheiro — ela diz com um tom ríspido.

Respiro fundo. Não posso realmente culpá-la por querer se vingar um pouco. Tento manter a voz equilibrada e sob controle.

— É um pouco cedo para os compromissos da alta sociedade. Vamos a um café ou algo do gênero?

Ela dá de ombros.

— Está bem, desde que eu possa exibi-la. Quero aparecer em minha melhor forma.

Entramos em um café na esquina, e Isabelle escolhe uma mesa perto da janela. Pedimos uma tisana e bebemos nosso chá em silêncio. Eu me sinto oprimida por todas as coisas que queria contar a ela desde que fui desmascarada por sua mãe, mas não sei por onde começar. Isabelle decide romper o silêncio.

— Isso é tudo? Você simplesmente fica parada aí e me faz parecer bonita?
Olho para as folhas de chá soltas girando na xícara.

— O que você esperava?

Ela bate com a xícara na mesa, e levo um susto.

— Achei que eu teria um show, uma representação. Algumas histórias inventadas de minha macaca de circo, talvez. — Ela está pronta para brigar.

— É por isso que você veio à agência, Isabelle? Para me humilhar?

— Por que você não me contou? — ela pergunta. Agora há mágoa por trás de sua cólera. — Como pôde mentir para mim por tanto tempo?

Não estou acostumada a ver Isabelle vulnerável, e isso só faz com que eu me sinta pior.

— Desculpe — eu digo. — Não tive escolha.

— Todo mundo tem escolha, Maude. — Seu rosto está cinzento, e seus olhos de cereja preta perderam o brilho. — Eu confiei em você. Nós éramos amigas, e o tempo inteiro você estava trabalhando para minha mãe?

Minha culpa parece um espartilho de ferro a me esmagar até a morte.

— Lamento por não ter contado a você desde o começo, mas eu precisava desesperadamente do trabalho. — Minha explicação soa patética.

— Foi tudo uma atuação? Nossa amizade? Todas as nossas conversas e opiniões? — Sua voz parece controlada, mas suas mãos estão tremendo. — Você inventou uma personalidade de que eu pudesse gostar?

Estou horrorizada que ela possa pensar que eu chegaria a esse ponto.

— Não, é claro que não. Eu fui sincera com você. Não estava fingindo. — Estendo a mão para tocar a dela. — Você é minha amiga, e eu não queria que fosse vendida para aquele porco de homem. Eu podia ter tentado convencê-la a dizer sim para Xavier, mas não consegui. Eu desafiei a sua mãe, e a punição dela foi contar tudo para você.

O silêncio cai sobre nós novamente, e eu me pergunto se o casamento dela continua de pé.

— Isso é ridículo, essa agência — diz Isabelle finalmente. Sua expressão é absolutamente séria. — Explique para mim.

Respiro com calma. Falar a respeito disso não deveria ser um incômodo para mim. Eu já deveria estar acostumada.

— Durandeu nos chama de folhetas, como a fina chapa de metal que é colocada por baixo de uma joia para fazê-la brilhar mais. Ou você pode nos ver como meias-irmãs feias para uma cliente que quer ser a Cinderela por um dia.

— Eu não compreendo. — Isabelle olha para mim atentamente, com o cenho franzido, como quando está estudando.

— É a regra das comparações — digo, impaciente. — A minha ausência de beleza aumenta a sua beleza. Isso não faz sentido para o seu cérebro científico?

— É um absurdo. — Ela cruza os braços e se recosta na cadeira, como se não aceitasse a minha explicação.

Isabelle está brava comigo ou com o conceito? Não sei dizer.

— Você faz ideia de quanto as mulheres estão dispostas a gastar com beleza? — pergunto. — A Mãe Natureza não é democrática. Olhe para a orquídea comparada com o dente-de-leão: uma é exótica e rara, e a outra, uma planta comum. — Minha garganta está seca e faço uma pausa para tomar um pequeno gole de chá. — E assim é com a beleza — continuo. — Algumas pessoas têm uma vantagem, outras uma cruz para carregar. Algumas simplesmente ficam em segundo plano, feias e sem brilho para sempre. Invisíveis e sem importância.

— Como você? — pergunta Isabelle.

Por que eu deveria explicar o óbvio? É doloroso.

— Sim, como eu — sussurro.

Ela pega o chá e mexe a infusão.

— Não acredito nisso. Não há uma escala empírica para a beleza. Seres humanos são mais complexos que isso. De acordo com a sua avaliação, há uma fórmula de elementos numerada como uma tabela periódica, mas há outros atributos a serem medidos, além da aparência física, que podem tornar uma pessoa mais ou menos atraente do que outra.

Como ela pode ser tão cabeça-dura? Não consigo acreditar que tenho de argumentar a respeito de um ponto que todas as outras pessoas no mundo aceitam.

— Como o quê? — pergunto irritada. — Nesta cidade, a beleza física é tudo.

— Inteligência, bondade, humor. Resumindo, o tipo de pessoa que você é. E há outro fator que você não mencionou: o olhar de quem observa. Mais uma complexidade humana.

Ela larga a xícara no pires firmemente, pontuando o fim de seu discurso. Há um indício de triunfo em seus olhos.

Balanço a cabeça.

— É fácil para você defender sua opinião — eu digo. — Você é bonita, eu não sou. Você pode se dar ao luxo de ser generosa em seu argumento. É como uma pessoa rica que diz que dinheiro não é tudo.

Isabelle não cede, pois esse é o tipo de desafio mental que ela aprecia.

— Eu não estou simplesmente defendendo as *repoussoirs* — ela diz, inclinando-se na minha direção. — Estou colocando o argumento para mim mesma. Aos olhos de minha mãe, eu nunca fui bela ou boa o suficiente. Não sou uma cópia dela, não sou bonita ou feminina o bastante para garantir o marido certo. Você não percebe, Maude? A regra das comparações é um ciclo interminável, pois sempre haverá pessoas acima ou abaixo de você.

Seu argumento me silencia. Ela está certa, e continua:

— Se a minha mãe ao menos pudesse ver que há muito mais a meu respeito como pessoa do que a distância que separa meus traços físicos da perfeição... Eu penso, tenho opiniões, sentimentos e compaixão pelos outros. E tenho também um coração onde ela tem um bloco de gelo.

O garçom se aproxima.

— *Quelque chose d'autre, mesdemoiselles?*

Mas nossa expressão séria o faz se afastar.

Então Isabelle continua:

— Quando você e eu nos tornamos amigas, eu fiquei mais confiante. Eu me senti estimulada por sua fé no que eu podia fazer. Realmente acreditei no meu sonho de entrar na Sorbonne. Mas, quando descobri a verdade... — ela deixa a frase inacabada e balança a cabeça. — Eu senti que o mundo inteiro estava contra mim.

Saber das consequências de minha traição é pior do que imaginá-las.

— E esse trabalho ridículo? — ela pergunta. — Você vai continuar nessa agência degradante? Se dependesse de mim, eu acabava com o negócio desse gordo nojento.

Eu rio.

— De que maneira você faria isso? Além do mais, não sou só eu que depende desse trabalho. A agência emprega um monte de garotas. — Meu chá está frio, e eu o empurro para o lado. — Achei que ia parar depois de ter poupado algum dinheiro. Mas acabei torrando meus salários tentando imitar uma debutante de verdade. Comprei roupas e sapatos novos. A verdade é que, se eu perder esse trabalho, corro o risco de ir parar na rua.

Isabelle não argumenta, apenas ouve.

— Você faz ideia de como eu vim trabalhar aqui em Paris? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

Conto a Isabelle a minha história. Conto a ela sobre meu pai e seus planos para mim com o açougueiro do vilarejo, sobre a empolgação de fugir, a procura extenuante por trabalho, meu quarto no sótão e a primeira visita humilhante à agência. Posso sentir meus olhos se encherem de lágrimas.

— Eu tive de voltar para a agência. Eu não tinha escolha.

Isabelle estende a mão e toca a minha.

— Isso não é certo, Maude — diz ternamente.

— Você não tem culpa de as pessoas serem fúteis e cruéis — murmuro.

Um casal jovem se senta à mesa ao nosso lado e tento me recompor secando as lágrimas.

Ficamos em silêncio por um tempo. Isabelle olha fixamente para sua xícara de chá, e então suspira.

— Preciso voltar logo para casa. Geneviève está esperando na carruagem. Minha mãe acha que fomos fazer compras para o meu enxoval. Por que ela acredita em mim, eu não sei.

Mesmo assim, ela não faz nenhum movimento para ir embora.

— Isso significa que ainda vai ter casamento? — pergunto. Odeio pensar na ideia.

Ela concorda com a cabeça.

— Em julho, supostamente.

— E a Sorbonne?

Isabelle dá de ombros.

— Esses sonhos não existem mais.

Ela soa anestesiada.

Isso me deixa mais triste que qualquer outra coisa. No fim das contas, a condessa venceu.

— Deve haver uma maneira — eu digo. — Não dá para fazer o exame de *baccalauréat* e ver o que acontece? Nem tudo está perdido, certamente.

— Os exames são no mês que vem. É tarde demais, Maude — ela diz resignada, empurrando a cadeira para trás.

Mas, antes de se levantar, ela hesita e sugere:

— Se você quiser, posso voltar para vê-la de novo. Durandeu não sabe quem eu sou, e tenho dinheiro para gastar.

Com essas palavras simples, um fio de esperança renasce em meu coração. Talvez haja uma chance de recuperar nossa amizade.

— Eu gostaria — digo, e ela assente.

— Muito bem, então. A Agência Durandeu tem uma nova cliente regular. Seu sorriso revela a Isabelle travessa que eu conheço.



A vida parece, pelo menos por fora, ter voltado ao normal. Tenho trabalhado em alguns encontros pouco exigentes com uma série de clientes de nível médio, assim como saído semanalmente com Isabelle. Eu a persuadi a fazer os exames de *baccalauréat* em maio, para provar para si mesma — ainda que para ninguém mais — que ela é capaz de frequentar a universidade.

Nossa amizade se fortalece um pouco mais cada vez que nos vemos, mas ambas tememos o futuro incerto: nossa vida está fora de controle. Enquanto isso, a condessa está satisfeita por Isabelle demonstrar um novo interesse em compras.

Penso em Paul a todo instante. Ele é a única pessoa com quem eu ainda tenho de conversar, para tentar fazer as pazes. Só não encontrei coragem. Ele está rondando meus pensamentos enquanto almoço na sala de jantar da agência com Marie-Josée.

— Você soube que Laurent está deixando a agência? — ela pergunta. — Ele vai gerenciar um hotel no sul.

— Deixando? É uma pena. — Empurro meu prato. O presunto cozido está duro e borrachento. — Acho que faz sentido, ele é bom com as pessoas. Mas não gosto da ideia da agência sem Laurent.

Marie-Josée concorda com um gesto de cabeça.

— Ele está aqui desde o início. Um rosto amigo a menos, não é?

— Você acha que isso é um sinal? — pergunto. — Laurent é inteligente. Você acha que ele está abandonando um navio prestes a afundar?

— É possível.

— Será que essa coisa de *repoussoirs* é só uma mania, uma moda passageira?

Girard subitamente aparece em nossa mesa.

— Maude, Marie-Josée, *monsieur* Durandeu gostaria de falar com vocês no escritório.

— Estamos quase terminando — diz Marie-Josée, indicando o almoço com a cabeça.

Girard bate na mesa com o dedo.

— Agora!

Troco um olhar com Marie-Josée enquanto empurramos a cadeira para trás e seguimos Girard pelo corredor até os aposentos privados de Durandeu. Desde que perdi o contrato Dubern e ele não me despediu, *monsieur* Durandeu me assusta menos. Neste instante, não sinto o mesmo temor que costumava sentir quando ele me chamava.

Quando chegamos ao escritório, ele está sentado atrás de sua mesa usando mais um terno novo e brincando com a rosa na lapela.

Na espreguiçadeira posicionada ao longo da parede perpendicular à sua mesa, meus olhos encontram uma visão curiosa: meus pertences — botas, chapéu e casaco —, assim como os de Marie-Josée, estão espalhados sobre ela.

Durandeu ergue o olhar, e paramos na frente da imensa mesa, tão vasta e vazia que revela quão pouco ele tem a fazer. Duvido que o tinteiro tenha sido

aberto nas últimas semanas. Girard fica atrás de Durandeu para ter uma boa visão da reprimenda que estamos prestes a receber.

— Vou colocar a questão de maneira simples — ele começa. — Uma de vocês cometeu um crime, e uma de vocês vai pegar seus pertences depois desta breve conversa e vai deixar a agência para nunca mais voltar.

Olho para Marie-Josée ao meu lado, tentando confirmar se ela está tão espantada quanto eu. Conforme enfrento o mau humor e as ameaças de Durandeu, o sentimento familiar de medo retorna e toma conta de meu peito. Ele se vira para sua segunda assistente.

— *Madame* Girard, por favor, apresente a prova.

Girard prontamente vai até a espreguiçadeira, e, de debaixo do xale de Marie-Josée, tira o manto de pele de zibelina da condessa e o exhibe o mais longe que seus braços conseguem. Olho de relance para Marie-Josée. Por que ela seria tão tola a ponto de trazê-lo de volta para o trabalho? Ela olha para mim se desculpando, e Durandeu prossegue:

— *Madame* Girard me informou um tempo atrás, após fazer um inventário completo do guarda-roupa da condessa Dubern, que este item estava faltando. Em vez de concluir apressadamente que foi culpa de *mademoiselle* Pichon, ela me encorajou a esperar até que tivéssemos uma prova.

Girard entra na conversa.

— Marie-Josée, descobri este objeto entre os seus pertences quando estava fazendo minha inspeção de rotina no quarto de vestir esta manhã. Você tem algo a dizer em sua defesa?

— Não é culpa dela — começo, mas Marie-Josée passa por cima de minha fala.

— Fui eu. Peguei o manto do guarda-roupa especial umas semanas atrás.

— Não — eu protesto. Meu coração começa a bater forte. — Pode me despedir, a culpa foi minha.

— *Mademoiselle* Pichon — diz Durandeu. — Você já tem problemas suficientes, tendo de trabalhar para pagar a sua dívida com a agência por ter acabado com o contrato Dubern. Não tenho dúvidas de que você teve participação nisso. Mas, para simplificar as coisas, Marie-Josée — ele aponta para ela —, você está dispensada a partir de agora. *Mademoiselle* Pichon, a sua dívida com a agência aumenta com essa segunda mancha em seu nome.

Olho com horror de Durandeu para Marie-Josée. Ela me sorri debilmente. Não há bravatas ou piadas. Ela não reage, pois está subitamente vulnerável. Só observo em silêncio enquanto Marie-Josée pega seus pertences e deixa a agência para sempre.



Há apreensão na agência desde que Marie-Josée foi despedida: lágrimas, acessos de raiva e discussões de modo geral. Eu não havia me dado conta até agora de que ela era o esteio que nos mantinha unidas. Sem sua influência maternal, o espírito *repoussoir* só pode ser fustigado até certo ponto antes que seja incapaz de se recuperar. Os rumores da saída de Laurent também foram confirmados. A questão que todas estão com medo de perguntar: Quem será a próxima a ir?

Ter contado a verdade sobre a agência para Isabelle me fez lembrar da humilhação e do desgosto que senti no dia de minha entrevista. E agora, com a saída de Marie-Josée, me sinto encorajada a agir. A semente de uma ideia surgiu em minha mente no dia em que ela foi despedida e amadureceu em um plano bem arquitetado. Mas primeiro preciso conversar com minhas colegas. O emprego de todas elas está em jogo, então não seguirei em frente a não ser que todas estejam de acordo.

Uma cliente adiou em uma hora sua visita marcada para uma seleção, e a maioria das garotas está reunida no quarto de vestir. *Agora é o momento*, penso.

— Quem aqui adora o seu trabalho? — Minha pergunta suscita olhares irônicos e risos desdenhosos. — Quem aqui tem verdadeiro orgulho de seu trabalho e se sente bem ao fim de cada semana com o dinheiro que ganhou? — Eu examino os rostos melancólicos que me olham de volta.

Silêncio.

— Ninguém?

Só estou começando, mas consigo perceber que minha pergunta chamou a atenção delas. As outras conversas morreram, e todas estão olhando para mim. Sinto vergonha, mas decido enfrentá-la. Quem sabe não levo adiante tudo que estou prestes a dizer?

— Alguém aqui tem uma maneira alternativa de ganhar a vida decentemente? — pergunto.

Há um momento de silêncio antes de Émilie dizer:

— Meu tio talvez me consiga um emprego em uma fábrica em Dijon.

Todas se viram para ela, o que a faz olhar para baixo, para o colo, e alisar o vestido nervosamente.

— Confesso que não acho que consigo fazer *isso* por mais uma temporada. — Ela olha para frente de novo e pisca, se sentindo culpada. Seus olhos grandes e escuros estão sérios depois de sua confissão.

— Mas o dinheiro é bom aqui. Como você vai fazer para ganhar a mesma coisa? — pergunta Cécile.

— Eu não me importo muito com o dinheiro, desde que consiga sobreviver. Terei minha autoestima. Não será tão difícil olhar para mim mesma no espelho todas as noites.

Murmúrios de surpresa ecoam pela sala.

— Meninas. — Chamo a atenção delas novamente, olhando fixamente para cada uma das minhas colegas, uma de cada vez. — Minha pergunta para todas vocês é: Quais são os seus sonhos?

Elas recebem essa pergunta com perplexidade, e eu continuo:

— Não sei a respeito de vocês, mas eu sinto que trabalhar aqui me faz pensar menos em mim e no que sou capaz de fazer.

Posso ver o brilho de reconhecimento quando digo essas palavras.

— Qual é o seu sonho, então, Maude? — pergunta Cécile, tentando me desafiar.

— Aprender a fotografar direito. — As palavras que escapam dos meus lábios são uma surpresa tão grande para mim quanto para qualquer outra pessoa. — Talvez eu consiga um emprego em um estúdio profissional de retratos. — Eu nunca admiti esse desejo secreto para mim mesma, muito menos para outra pessoa. — E quanto a vocês? Quais são os seus sonhos? — pergunto de novo, olhando em torno da sala para cada uma delas. Dessa vez, as garotas não conseguem se exprimir. — Vamos lá. Certamente vocês querem mais do que isso — insisto, gesticulando para o ambiente. — Ou vocês acham que só pessoas bonitas aproveitam a vida, vão atrás dos próprios sonhos e se apaixonam?

Seria possível ouvir um alfinete caindo, tal o silêncio que toma conta da sala. Mas há uma energia pulsando, posso senti-la. Para a surpresa de todas, Cécile responde primeiro:

— Eu quero ser atriz — ela diz, quase num sussurro.

Olho para as outras garotas, que ainda estão em silêncio.

— Émilie? Um emprego em uma fábrica é realmente o seu sonho na vida?

— Não. — Ela balança a cabeça. — Quero ser escritora. Eu gosto de observar as pessoas nos cafés e inventar histórias sobre elas.

Hortense entra na conversa.

— Pensem nas coisas que aprendemos: boas maneiras, vestuário, expressão. Nós podemos usar essas habilidades para outros trabalhos.

Cécile se levanta e se dirige às garotas.

— Faz duas temporadas que trabalho aqui, e Durandeu e as clientes só ficam piores a cada semana que passa. Não aguento mais. Sim, nós ganhamos um bom dinheiro, mas é hora de seguir em frente. — Ela levanta a mão. — Eu voto por cairmos fora.

O tagarelar aumenta à medida que as garotas falam com a colega ao lado.

— Se todas nós estivermos de acordo... — eu digo, lutando para ser ouvida.

— Vamos ouvir a Maude. — As garotas obedecem ao comando de Cécile e silenciam.

— Eu tenho um plano — digo a elas. — Vamos acabar com a agência.



Desde o recital de piano na véspera do Ano Novo, eu temia encontrar Paul, e agora, quando mais preciso falar com ele, não o encontro em lugar nenhum. Tentei o seu apartamento, o Café Chez Émile e alguns outros bares e cafés no bairro, mas é sexta-feira à noite e esses lugares estão lotados; não é fácil distinguir um jovem boêmio de outro. O último lugar que consigo pensar é a casa de espetáculos na Rue de Rennes.

Quando entro, a banda está tocando, e eu o vejo atrás do piano. Agora que o encontrei, sinto vontade de sair correndo, mas preciso falar com ele. Conforme abro caminho pelo amontoado de pessoas até o palco, fico cheia de dúvidas. Como ele vai reagir? Será que é uma boa ideia falar com ele aqui?

Eu me aperto entre duas bêbadas que balançam perto do palco. Fico grata por ele estar tocando; de outra maneira, eu temeria que ele fosse embora antes que eu tivesse a chance de dizer uma palavra. Tão logo Paul põe os olhos em mim, seu rosto fica tomado de surpresa. Ele rapidamente assume uma expressão dura de desprezo que não combina com ele.

— Paul, tenho algo para falar com você — deixo escapar acima da música.
Ele balança a cabeça para mim e grita:

— Estou trabalhando!

Após a primeira canção, ele imediatamente sinaliza para os outros músicos, e a banda começa a tocar outro número. Fico parada, esperando perto do palco. Todos na banda estão olhando para mim, exceto Paul. Então ele grita novamente:

— Mais histórias para me contar? Não quero ouvir mais mentiras.

— Não! — eu grito de volta, desesperada para fazê-lo me ouvir. — Eu gostaria de lhe contar a verdade. Estive procurando você por toda Montparnasse nas últimas quatro... nas últimas semanas, se você quer saber. Eu quero fazer as pazes, Paul. Você poderia ao menos ouvir o que eu tenho para dizer?

Ele não responde, mas, assim que a canção termina, se levanta do piano e diz para a banda:

— *Pause; dix minutes!*

Agora que ele concordou em me ouvir, eu me sinto nervosa em sua companhia. Caminhamos na direção do bar.

— Você quer uma bebida? — ele pergunta.

Balanço a cabeça.

— Podemos ir um pouco lá para fora? Está muito barulhento aqui.

Com dificuldade, conseguimos nos desvencilhar do tumulto de pessoas na entrada. Paul segura a porta aberta para mim e saímos para a rua escura. Abril tem uma temperatura amena durante o dia, mas à noite esfria. Eu saúdo o ar gelado, que clareia minhas ideias e me mantém focada. Perambulamos pelas ruas e pela festa interminável de nosso bairro artístico. É bom ter pessoas na rua; o ruído e as brincadeiras rompem o silêncio doloroso entre mim e Paul.

— O que você tem para me dizer? — ele pergunta asperamente, e olha para frente com as mãos nos bolsos, enquanto caminhamos lado a lado.

Fecho bem os olhos por um momento, então começo:

— Tem uma agência em Paris. Duvido que você tenha ouvido falar a respeito. Ela fornece um serviço único para suas clientes, que são mulheres ricas.

Vejo seus olhos se moverem rapidamente na minha direção. Minha história não começa como ele imaginava — não soa como a desculpa lastimosa que ele estava esperando. *Apenas conte da maneira mais direta e simples possível*, lembro a mim mesma. Continuo:

— A agência aluga mulheres feias para clientes abastadas, que as usam como um acessório para fazê-las parecer mais bonitas em comparação.

Paul reduz o passo enquanto me ouve.

Continue, digo a mim mesma. Eu ensaiei esse discurso mil vezes; sei cada palavra de cor.

— Do mesmo jeito que uma folheta de metal é colocada sob uma joia para fazê-la brilhar mais intensamente, uma mulher feia acentua a beleza de uma cliente atraente. Eu sou essa folheta.

Ele olha de relance para mim, e vejo sua expressão confusa ser traída por um ligeiro menear de cabeça.

Devo dar o crédito a Girard por essa sua definição prática. Ela provou ser útil quando tive de me explicar para todas as pessoas para quem eu menti. Como Paul não responde, termino meu discurso.

— Eu estava sem jeito e envergonhada de contar para você... Para qualquer pessoa, aliás, mas especialmente para você.

Ele para de caminhar e se vira para me encarar, olhando-me nos olhos.

— Que absurdo! — exclama. — Como você consegue inventar uma história assim? Você não é feia.

Sigo caminhando e ele fica atrás de mim. Lembro-me de minha entrevista com Durandeu e de como ele me descreveu para a condessa.

— Não sou bonita nem feia. A agência me acha perfeitamente sem graça — explico. — Eu sou um simples ornamento sem graça, muito adequado para uma debutante. Minha cliente era a garota que você viu comigo no recital. O tio dela e um pretendente eram os homens que estavam nos acompanhando. Não sou amante de ninguém. Talvez você tenha pensado...

Não consigo completar a frase, porque, se o fizer, o nó de vergonha em minha garganta vai se desfazer, e não quero chorar na frente de Paul.

Entramos em uma rua lateral mais calma, caminhando em silêncio até que encontramos um pequeno pátio com edifícios de apartamentos em volta. Apesar de estar frio demais na rua, nos sentamos em um banco, sob a luz amarela de um poste. Ramos de árvores tremem sob a luz da lâmpada e formam sombras de folhas primaveris sobre o casaco de Paul.

Ele me observa, confuso. Eu não esperava que ele achasse a minha história esquisita. Mais uma vez, ele balança a cabeça ironicamente, como se estivesse tentando encontrar as palavras certas.

— A feiura como uma mercadoria à venda? Que ideia abominável. Quem são essas clientes frias e indecentes?

— Ah, você ficaria surpreso — eu rio. — A nata da sociedade parisiense. Alugar uma *repoussoir* se tornou a moda desta temporada.

Ele fica em silêncio por alguns momentos, encarando-me atentamente.

— Mas eles entenderam tudo errado. — Ele estende o braço para o meu rosto e o segura com a palma da mão. — Você é mais adorável do que qualquer pessoa que eu tenha encontrado nesta Cidade Luz. Você é verdadeira, honesta, criativa e, sim, bela. E uma mulher rica, esbanjando joias e sedas, com lábios pintados e cabelos cacheados, é apenas uma folheta para sua pureza e sua força de caráter. *Ela* é a *repoussoir* para o seu encanto.

Paul mantém a mão em meu rosto e me traz para perto de si, beijando-me ternamente nos lábios. Eu fecho os olhos e sinto o estômago girar e o coração aos pulos. Então me inclino em sua direção e o beijo de volta.

Eu nunca havia sido beijada antes. Quando separamos os lábios, os olhos de Paul estudam meu rosto pelo que parece um longo tempo, e quero me esconder. Apesar de suas palavras carinhosas, não estou pronta para ser observada de tão perto. Ainda bem que ele me beija de novo e eu aprendo minha primeira lição sobre o assunto: é mais fácil ser beijada do que examinada — beijar significa que seus olhos estão fechados.

Caminhamos de volta para a casa de espetáculos de mãos dadas. Sinto como se tivesse despertado dos últimos meses. Percebo que nunca havia me visto como feia até me tornar uma *repoussoir*. Talvez agora eu possa me ver do jeito que Paul me vê, da maneira que eu costumava me enxergar, a velha conhecida, aquela amiga de verdade cuja presença eu não sentia há tanto tempo. Aperto a mão de Paul, com a esperança de que ele tenha me levado de volta para mim mesma.



Mais tarde, naquela noite, após Paul ter voltado para o trabalho, após ter ouvido poucas e boas de seus colegas de banda e do gerente, após ter terminado a apresentação e estarmos apreciando um drinque tranquilo, eu lhe mostro a fotografia.

Ele estuda o rosto de minhas colegas.

— Não são os rostos mais belos que já vi na vida — ele admite. Então sorri, e dou um tapa em seu braço.

— Você vai nos ajudar.

Ele tira os olhos da fotografia.

— Como?

— Entre em contato com Claude. Dê a ele a fotografia e diga que tenho uma história para o jornal dele. Uma história e tanto.



Estou sentada no terraço de um café próximo da Estação Montparnasse. Abro o jornal no colo para ler o último capítulo de “L’affaire Durandeu: l’agence des belles-soeurs”, como a imprensa o chamou. A agência se tornou o escândalo de Paris. O primeiro artigo de Claude apareceu em uma segunda-feira no *Le Figaro*. Causou sensação, com uma análise mordaz sobre Durandeu e sua operação. Foi seguido por outro, na mesma semana, que detonava toda a sociedade francesa por ajudar a criar demanda por um comércio tão detestável, declarando que a sociedade havia passado de superficial a imoral.

Ao fim daquela semana, as *repoussoirs* haviam se tornado famosas, e as clientes, infames. Muitas famílias ricas foram forçadas a combater a reputação danosa, tentando se distanciar de sua associação com a agência e seus serviços. Infelizmente para elas, as fontes do jornalista eram detalhadas e extremamente incriminadoras. Passei para Claude uma lista de clientes contendo nomes, endereços e detalhes das preferências físicas de cada cliente (todos os registros

da família Dubern foram removidos). As próprias *repoussoirs* foram procuradas para entrevistas, fotos e caricaturas, e muitas receberam ofertas de novos empregos que esperavam lucrar com sua fama. O público as vê como mártires heroicas, oprimidas por uma classe superior moralmente corrupta.

Com o primeiro artigo, uma ilustração foi publicada acima da legenda “Em Paris, tudo está à venda?”, feita com base na fotografia que eu havia tirado com relutância, usando a última chapa que Isabelle havia me dado. Ela me ajudou a reproduzir a cópia que dei para o jornal. Como fui eu a fotógrafa, é claro que não estava na foto, e estou feliz por ter sido capaz de escapar da atenção dos jornalistas e do público.

Dessa maneira, a reputação de Isabelle e de sua família permanece intacta. Apenas Isabelle, sua mãe e madame Vary sabem a verdade sobre meu papel na temporada de Paris naquele inverno.

— Desculpe, me atrasei. — Ergo o olhar para ver Isabelle sem fôlego, carregando uma pilha de livros. Ela os larga em cima da mesa, e minha xícara de café dança no pires.

— Você estava certa — ela diz. — Aquela livraria tem títulos incríveis.

Dobro o jornal.

— Quer tomar um café antes?

Ela balança a cabeça.

— Vamos acabar com isso de uma vez.

Pego a metade de cima da pilha de livros, e Isabelle apanha o resto. A carruagem Dubern está nos esperando logo virando a esquina, e o cocheiro nos ajuda com as compras de Isabelle. Assim que a porta da carruagem se fecha, ela olha para mim.

— Você está pronta para enfrentá-la?

— Tanto quanto você — digo sorrindo.

Não vi mais a condessa Dubern desde a noite antes de ser banida do *château* do duque. A carruagem passa pela estação na direção da margem direita.

— Este é o jornal de hoje? — pergunta Isabelle.

— Sim. Ainda é notícia de capa. Ouça. — E leio a manchete em voz alta para ela.

NOME DE DURANDEAU NA LAMA —
AGÊNCIA FECHADA E REPUTAÇÃO ARRUINADA

Ela sorri.

— Você conseguiu, então.

Devolvo o sorriso.

— Todas nós conseguimos.

Estamos com o teto da carruagem abaixado, e ao longe posso ver um trem saindo sinuosamente da Estação Montparnasse. O trem que peguei para Paris em setembro passado planou através do interior francês, levado por cavalos alados escondidos nos remoinhos de vapor do lado de fora de minha janela. Eu observo enquanto o trem desaparece em um túnel. Eu jamais voltarei para casa.

Quando chegamos à mansão creme dos Dubern, Isabelle coloca os livros sobre uma mesa no hall de entrada e subimos a escada curvilínea que leva à sala de estar privada de sua mãe. Repetidas vezes repassamos o que Isabelle vai dizer.

A condessa está tomando seu chá da tarde e lendo os boletins de moda quando irrompemos em sua sala. Ela congela com um chocolate na boca.

— “L'affaire Durandeu.” — Isabelle joga o jornal sobre a espreguiçadeira de sua mãe. — Você lê os jornais, não é, mãe?

— Como você ousa trazer essa *pessoa* para nossa casa, Isabelle? — diz a condessa, ajeitando-se no sofá e largando a caixa de chocolates.

Isabelle ignora o protesto da mãe e continua:

— Seria suicídio social para o nome da família se envolver em um escândalo desses. Há jornalistas correndo atrás de todas as pessoas que trabalharam na agência. Não é isso, Maude?

Meu pulso acelera, e concordo com a cabeça. Isabelle prossegue:

— Eles estão famintos por detalhes das classes privilegiadas.

A condessa cruza os braços e dilata as narinas. Ela compreende imediatamente o poder da posição de sua filha.

— O que ela quer para ficar em silêncio? — ela pergunta, olhando diretamente para Isabelle, como se eu não estivesse lá. — Dinheiro, joias?

Isabelle reflete por um momento, apreciando ter o controle da situação.

— Maude não quer nada de você. — Ela joga a cabeça ligeiramente para trás quando dá o ultimato para a mãe. — Mas eu vou romper meu noivado com *monsieur* de Rochefort. Você fará o anúncio ser publicado nas páginas da sociedade nesta semana.

A condessa ergue a sobrancelha.

— E... — continua Isabelle.

— E? — repete a condessa.

— Mãe, você ficará encantada em saber que passei no *baccalauréat* e me inscrevi para uma vaga na Sorbonne. Requisito o seu apoio, financeiro e no que mais eu venha a precisar, quando for aceita.

A condessa balança a cabeça. Seus olhos se estreitam e seus lábios desaparecem em uma carranca fechada.

— E então? — pergunta Isabelle. — Estamos de acordo?

Sua mãe dá de ombros e ergue a cabeça, com o nariz empinado.

— Se você quer arruinar o seu futuro e se tornar uma piada, creio não ter como detê-la.

Isabelle e eu trocamos um olhar de triunfo. Antes de virarmos para ir embora, disparo o tiro de misericórdia no tom mais ameaçador a que consigo chegar. Não tenho o ar de desafio de Isabelle. Ela é melhor do que eu nisso.

— Condessa, se a senhora tomar qualquer medida para contradizer o nosso acordo, não hesitarei em vender a minha história sobre os bastidores dos jogos matrimoniais dos Dubern para o jornalista que estiver disposto a pagar mais por isso.

O aviso tem o efeito desejado.

— Rua — ela rosna. — Vocês duas!

Deixamos a sala com um sorriso no rosto. A rainha foi destronada.



Na casa onde passei a infância, todo objeto comum tinha vida e personalidade inventadas por mim. Alguns eram amigos — a mesa da cozinha, o banco de madeira, a chaleira gorda — e alguns inimigos — a chapeleira, alta e ameaçadora, o guarda-roupa dos meus pais, com seus cantos marcados de madeira escura.

Escrevo uma carta de verdade para meu pai, a primeira comunicação que ele receberá de mim desde que deixei nossa casa, meses atrás. Enquanto o imagino na cozinha lendo essa carta, é pelos olhos de uma adulta que compreendo esses objetos que formam a trama de minha infância.

Reviso o que escrevi — apenas o essencial. Tenho um emprego em um estúdio de fotografia, gozo de boa saúde e espero o mesmo para ele. Não há sentido em compartilhar mais do que isso com meu pai. Um salário decente e uma posição respeitável é tudo com que ele se importa. Minhas experiências ou minha nova paixão por fotografia não entram nessa equação.

Coloco junto uma porção do dinheiro que lhe devo, que consegui juntar, e uma fotografia que tirei de uma cena de rua em Paris — não de um ponto turístico ou de uma paisagem, mas de pessoas assistindo a um garoto de rua fazer malabarismos. Não sei se ele vai gostar. Minha mãe gostaria. Ela teria apreciado olhar para as expressões da multidão enquanto esta observava as bolas voarem alto no ar; teria se perguntado sobre cada uma das pessoas e imaginado algo sobre a vida delas. Ela tinha essa curiosidade sobre o mundo.

Isso muda você, perder alguém tão importante quando se é criança. Eu não tinha um espelho de amor dizendo como eu era bonita ou especial e como eu podia conquistar qualquer coisa. Após a morte de minha mãe, esse espelho se foi. E vivi sem esse eco de amor e confiança até encontrá-lo de novo em Paris.

Em minha mente, caminho pela praia como costumava fazer. Meus prazeres simples e meus lugares secretos parecem imaturos e singulares aos meus olhos de Paris. Pois o que sei ser possível se ampliou demais para caber de volta no pequeno recanto do lar.



O que a aristocracia faz, a burguesia imita. Pessoas de posses trocaram o calor de Paris pela brisa do oceano ou pelas colinas ondulantes de casas de veraneio. Mas Paris não está vazia, pois milhares de turistas vieram para a Exposição Universal. Assim como muitos parisienses, Claude fugiu para escapar das multidões e do calor e emprestou a Paul sua elegante residência no décimo *arrondissement* durante o verão.

Meu trabalho no estúdio de fotografia é de meio período, por enquanto. Antes, eu só atendia os clientes e registrava as compras no caixa. Mas, desde que o dono descobriu que sei mais do que contar o troco e fazer pacotes, de vez em quando ele me deixa entrar na câmara escura para revelar as fotos dos clientes, assim como começou a permitir que eu o ajude nas sessões de fotos. Ganhar a sua confiança exige tempo, mas sei que estou provando meu valor. Tudo que ele me mostra eu anoto no caderno que Isabelle me deu, e à noite releio minhas anotações com uma sensação de prazer e determinação.

Visito Paul nos meus dias de folga. Normalmente o encontro comendo na sala de estar da casa de Claude, onde há um piano e espaço suficiente para ele andar de um lado para o outro. Seus fragmentos de composição, suas partituras de música repetida, interrompida e modificada, são a companhia para a minha própria criação.

Minhas manhãs na casa de Claude são passadas na estufa e no jardim, onde a luz é mais clara. Após o almoço, revelo as chapas no abrigo de carvão, na mais completa escuridão. Tatear na escuridão parece uma metáfora apropriada para a vida criativa. Você é compelida a fazer esse trabalho, mas não sabe o resultado; a verdade do momento que você capturou na chapa segue um mistério. Você tateia no escuro em busca da borda da bacia e da própria chapa. Eu adoro esse momento. A esperança que canalizo em cada esforço atinge o auge nesses momentos ocultos de mistério, quando o arco do invisível se conecta com a corda retesada de minha espinha e envia um arrepio ao longo de minhas costas, não de medo, mas de possibilidades. Dessa vez, talvez eu tenha conseguido. Dessa vez. Com essa fotografia.

Estive trabalhando fazendo impressões de minhas ex-colegas, cada uma delas vivendo uma vida nova, que documentei com um retrato. Marie-Josée e sua irmã abriram um café com as economias das entrevistas que deram depois de a história sair. Marie-Josée está muito feliz com o estabelecimento modesto e já trata pelo primeiro nome os clientes mais assíduos. Paul ajudou Cécile a arranjar um emprego no teatro. Ela não está atuando, está vendendo programas, mas, com sua força de caráter e sua ambição, acho que vai longe. E Émilie, com a ajuda de Claude, está trabalhando como secretária no jornal.

De tarde, quando o sol bate na sala de estar e incomoda Paul ao piano, ele se junta a mim no jardim. Ele se deita ao sol, e eu me sento à sombra. Às vezes conversamos sobre nossos projetos. Na maior parte do tempo pensamos, cada um perdido em seu empreendimento criativo.

Hoje o sol está dourado e o ar está pesado e perfumado enquanto descansamos no jardim após o almoço. Observo um pardal bicar as migalhas sobre as lajes quentes e tenho uma sensação de contentamento absoluto. Minha mente não consegue descansar nesse lugar por muito tempo; ela passa rapidamente para a última foto que tirei de Isabelle — parada na frente do prédio de ciências da Sorbonne. Foi o dia em que ela recebeu sua carta de aceitação e o direito a uma vaga, a única mulher de sua turma. Eu tenho uma cópia, e ela tem outra. Ao tirar aquela fotografia, compreendi algo que nunca vou esquecer: como eu gostaria de capturar toda a beleza que aparecesse à minha frente. Não a beleza clássica da simetria e das proporções exatas, ou a onda da moda, que está sempre mudando com as estações, mas a beleza de uma alma, aquela vida interior que se revela tão raramente, apenas por um instante e só se você olhar de perto e aprender a ver com o coração aberto.

Usando a câmera como ferramenta, espero encontrar aquela luz interior indefinível nos temas que fotografar, tanto em pessoas quanto em lugares, e realmente ver — ver a verdade e a beleza de um instante. O fato de eu mesma não ser considerada bonita é irrelevante. Ou talvez seja necessário que eu não seja objeto de adulação e veneração. Afinal, como eu teria a capacidade de observar e ver como artista, se chamasse atenção para mim mesma? Com a fotografia, assim como com qualquer arte, o dom da conexão é concedido quando você pode dizer para um estranho: “Veja! Tenho algo para lhe contar, tenho algo a dizer”.

Talvez um dia minha fotografia seja tirada, minha imagem seja pintada ou uma palavra seja escrita sobre mim por alguém que consiga ver minha alma e contar algo dela para você.

Olho para Paul da clareza da sombra.

— Vamos visitá-la hoje — digo a ele.

— Estou com preguiça, e está muito quente na rua. — Ele mantém os olhos fechados, então noto que o sol está deixando suas orelhas vermelhas.

Balanço a cabeça.

— Estará mais fresco no fim da tarde. Eu quero vê-la terminada.

A Torre Eiffel está completa. Seu corpo é elegante e forte. De dia uma girafa de ferro, orgulhosa, pairando alta acima de nós, e à noite um farol de luz. Quando a novidade passar, espero que ela siga de pé. Quero que sua beleza incomum perdure.

O sol está quase se pondo, quando Paul e eu estamos finalmente na fila para um dos elevadores escondidos dentro de cada uma das pernas de metal maciças. Sinto um frio no estômago quando disparamos para cima em meio ao aperto das pessoas. Há muitas atrações na Exposição Universal: o fonógrafo de Edison, a *galerie des machines* e uma exposição de um vilarejo egípcio. Mas é na Torre Eiffel que as pessoas fazem fila para visitar, inúmeras vezes.

Saímos do elevador para a plataforma do segundo andar. Subimos apenas metade do caminho e já temos uma visão panorâmica. O céu está marcado por tons pastel, e meu coração para quando aspiro o ar. Paris: minha cidade, com toda sua beleza e suas possibilidades, estendendo-se até onde os olhos alcançam.

Este é meu tempo, minha bela era, minha *belle époque*.

Nota da autora

Fui inspirada a escrever *Belle Époque* após ler um conto chamado “Les repoussoirs”, de Émile Zola (1840-1902). Publicada em 1866, a história de Zola descreve um empresário chamado Durandeu que abre uma agência ficcional de garotas feias com o intuito de chamar atenção para a beleza de suas clientes. Para mim, o conceito parecia tão relevante hoje quanto o era na época de Zola, e eu não consegui deixar de imaginar como seria a vida de uma dessas garotas. Sem poder tirar a ideia da cabeça, finalmente criei meus próprios personagens e uma história sobre uma garota em particular, Maude Pichon.

Escolhi ambientar a história mais de vinte anos após “Les repoussoirs” se passar, no período do outono de 1888 para o verão de 1889. Naquele momento histórico, a França era uma nova república e havia passado por um período de mudanças e levantes — a queda do Segundo Império, o cerco de Paris e uma revolta mortal. Em 1888, a cidade estava se preparando para

receber a Exposição Universal, que colocaria Paris de volta no mapa como centro cultural e tecnológico.

A Torre Eiffel foi determinante para o sucesso da exposição. Enquanto pesquisava a respeito de sua construção, fiquei intrigada pelo fato de que na época — e muitos anos depois — a Torre Eiffel fosse decididamente impopular entre muitos parisienses, incluindo alguns artistas e arquitetos famosos. É difícil acreditar hoje que eles a considerassem feia — uma monstruosidade até. A construção dessa torre controversa, hoje o símbolo mais reconhecível da cidade, tornou-se o evento histórico perfeito para ambientar *Belle Époque*.

A arte do período foi fundamental para criar a Paris de minha imaginação. Henri de Toulouse-Lautrec foi um artista contemporâneo de Zola. Retratando desde os espaços de bares e casas de espetáculos de Montmartre ao hipódromo e ao circo, Toulouse-Lautrec desenhava e pintava a vida popular, seus prazeres e seu lado sombrio. Há uma qualidade sincera em seu trabalho, uma proximidade que instantaneamente me transportou para a época. Descobri que em suas figuras exageradas, caricaturadas, eu podia reconhecer as próprias *repoussoirs*. Temas como beleza e feiura foram centrais em seu trabalho, provavelmente em virtude de suas próprias deformidades físicas — uma série de acidentes quando criança, combinados com uma condição genética, o deixaram aleijado. Em confissão a sua amiga e musa, a famosa cantora Yvette Guilbert, declara o artista: “Em todo tempo e lugar, a feiura tem seus aspectos de beleza; é emocionante descobri-los onde ninguém mais os notou”.

Os anos 1880 também foram um período empolgante para a fotografia. Novas técnicas e inovações tornaram possível para amadores explorarem o meio. E, apesar de ativa décadas mais tarde, a fotógrafa Julia Margaret Cameron influenciou o modo como eu senti que Maude se conectaria com essa forma de arte. “Eu desejava capturar toda a beleza que aparecesse à minha frente” é como Cameron descrevia sua paixão pela fotografia. Suas palavras

inspiraram diretamente uma frase no livro. Que ela preferisse capturar a beleza a ser considerada ela mesma uma beldade foi uma descoberta importante para minha personagem principal, a qual ajudou a moldar a sua história.

Isso me traz de volta ao tema da beleza, um atributo ambicionado na Paris dos anos 1880 como o é ainda hoje. O que é considerado bonito mudou desde aqueles dias, assim como os gostos atuais vão mudar. O que perdura transcende a moda. Pois em todas as épocas são os artistas que nos mostram, por seus atos de criação e descoberta, que a beleza vive verdadeiramente no coração.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

Epírafe

Agradecimentos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40

Nota da autora

Colofon